



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

Leitura e relações dialógicas em fóruns escolares de discussão

SÃO CARLOS
2018



Universidade Federal de São Carlos

Noara Pedrosa Lacerda

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

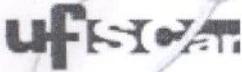
Leitura e relações dialógicas em fóruns escolares de discussão

Noara Pedrosa Lacerda
Bolsista: CAPES/ANP
Projeto aprovado - CAAE: 63762716.6.0000.5504

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Doutor em Linguística.

Orientador: Prof(a). Dr(a). Maria Isabel Moura

São Carlos - São Paulo - Brasil
2018

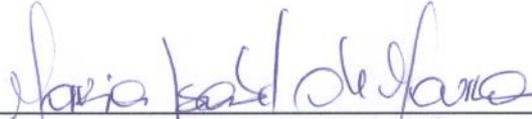


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

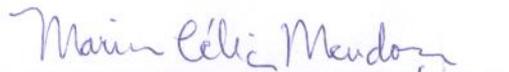
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

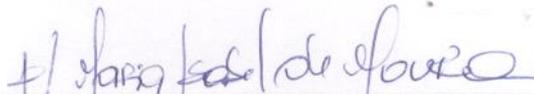
Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Tese de Doutorado da candidata Noara Pedrosa Lacerda, realizada em 09/04/2018:



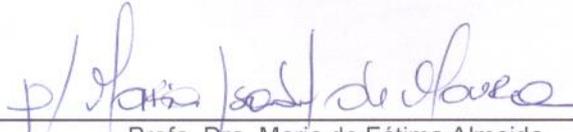
Profa. Dra. Maria Isabel de Moura
UFSCar



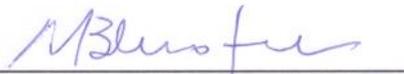
Profa. Dra. Marina Célia Mendonça
UNESP



Profa. Dra. Fabiana Giovani
UNIPAMPA

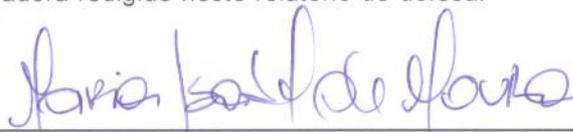


Profa. Dra. Maria de Fátima Almeida
UFPB



Profa. Dra. Marília Blundi Onofre
UFSCar

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Fabiana Giovani, Maria de Fátima Almeida e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ão) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.



Profa. Dra. Maria Isabel de Moura

Um agradecimento, uma oração.

Senhor Jesus, muito obrigada, louvo-te, pois reconheço tua graça a cada escrita deste trabalho, em cada momento de minha vida, capacitando-me e me constituindo espiritualmente e humanamente. Muito e a muitos tenho a agradecer, porém, prefiro colocar sob Tua proteção cada pessoa ligada a este trabalho, direta ou indiretamente. Agradeço também por cada situação vivida por intermédio deste projeto e os desafios que me proporcionaram crescimento e amadurecimento.

Sou grata pela alteridade de cada dia, por permitir que eu encontrasse no outro, um pouco de Ti e pudesse, enfim, compreender tua palavra quando diz: “ ame teu próximo como a ti mesmo”. Também te agradeço pela oportunidade do meu ato responsável no mundo, por me lembrar que não há choro nem vela, pois o Senhor nos presenteou com o livre arbítrio, portanto, não há álibe, o ato é meu e ninguém pode fazer o que eu faço e como eu faço. É minha a escolha, porém, quero fazer isso a partir da Tua misericórdia, compreender isso me levou mais a Ti, pois sei que sou quem sou porque o Senhor está em mim.

Agradeço aos meus alunos, cada um. São eles que me constituem professora e no processo de alteridade, comprovam que na verdade estou ali para também aprender, pois juntos, somos uma parte do processo de aprendizagem que perpassa qualquer material didático ou currículo. Entender isso requer um caminho de humildade e coragem.

Gratidão aos meus pais (Ilma e Noronho) que na simplicidade de suas vidas muito constituíram minha vontade de ir além do que era visto.

Grata a meus dois irmãos (Norono e Nomário), sinônimos de dedicação, honestidade e trabalho árduo.

Grata a meu esposo (Lauro Neto) que sempre, mesmo quando não estivemos juntos, apoiou este trabalho e acreditou mais em mim que eu mesma.

Aos funcionários do Comitê de Ética da UFSCAR, em especial Henrique e Priscila Hortência, meu agradecimento pelas orientações e paciência.

Grata a Maria Izabel Lorenzetti (bel), coordenadora escolar, por escutar a minha palavra, partilhar dos mesmos desejos de uma leitura libertadora, leitura de constituição.

Carinho e reconhecimento a você Bel (Orientadora), pela orientação, pelo carinho, pela confiança e por me mostrar o sentido da liberdade que cobra, que conduz ao ato responsável.

Ficam em mim fortemente marcados os benefícios do encontro com cada sujeito, com a palavra outra que tantas vezes possibilitou a minha palavra durante este percurso, inclusive na qualificação representada por Marina e Fabiana.

Amém.

Dedico este trabalho e o meu ser mãe, à Laura Júlia, amor imensurável, presente de Deus em minha vida, por ser o *outro* que me constitui todos os dias desde 2010, quando em mim foi gerada. De forma mútua e divina, na relação do eu-para-mim e do outro-para-mim nos constituímos mãe e filha para sempre.

"O correr da vida embrulha tudo,
a vida é assim: esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem.
O que Deus quer é ver a gente
aprendendo a ser capaz
de ficar alegre a mais,
no meio da alegria,
e inda mais alegre
ainda no meio da tristeza!
A vida inventa!
A gente principia as coisas,
no não saber por que,
e desde aí perde o poder de continuação
porque a vida é mutirão de todos,
por todos remexida e temperada.
O mais importante e bonito, do mundo, é isto:
que as pessoas não estão sempre iguais,
ainda não foram terminadas,
mas que elas vão sempre mudando.
Afinam ou desafinam. Verdade maior.
Viver é muito perigoso; e não é não.
Nem sei explicar estas coisas.
Um sentir é o do sentente, mas outro é do sentidor."

Fragmento

ROSA. J. G. Grande sertão: veredas.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

RESUMO

Esta pesquisa teve apoio financeiro da Capes, com a bolsa de estudo doutoral no próprio país, durante o período de setembro de 2014 a fevereiro de 2018. Leitura e relações dialógicas em fóruns escolares de discussão é um trabalho de reconhecimento de si e do outro no processo de leitura na sala de aula. Uma pesquisa que surgiu a partir da escuta das palavras de meus alunos sobre o ato de ler e sobre como esta prática poderia ser realizada na escola e fora dela. Sob tais pressupostos, determinou-se observar e compreender a constituição do sujeito leitor inserido em uma prática de ensino de leitura peculiar ao tempo e espaço de dizer contemporâneo, por isso, também é a percepção da prática leitora sob o viés do ato responsável e de um lugar de alteridade, de constituição. De modo mais específico, o estudo apresenta uma reflexão sobre a prática leitora, a partir de uma vivência de leitura com a obra "Amor em Tempos de Blog" de Vinícius Campos, em dois fóruns escolares de discussão, um referente ao projeto de leitura oficial da escola (Projeto Literário Leitura e Companhia) e outro (Sujeitos em construção) referente ao desejo de fazer diferente do próprio aluno, talvez um querer dizer transgressor e, acima de tudo, constitutivo de sentidos. Neste contexto, Bakhtin e as compreensões de seu círculo de estudo são resgatadas, não como um arsenal teórico, mas como uma leitura que permite diferentes olhares sobre o sujeito leitor e as práticas de ensino e leitura. Uma palavra que se abre a novos significados propostos pelo tom valorativo do estudo e relação de alteridade entre os sujeitos que, pela leitura, mutualmente se constituem nos fóruns. Portanto, o percurso seguido aqui aponta para constituição do sujeito leitor e para a compreensão da leitura evento através das relações dialógicas presentes nos dois fóruns de discussão. Para este fim, buscamos as concepções de ato responsável, sujeito, linguagem e exotopia presentes em Bakhtin (1986, 2010, 2011), as percepções sobre leitura e ensino presentes em Ponzio (2010, 2011), Petrilli (2013), Geraldi (2010,2012,2013,2015); além da ideia de bem simbólico levantada por (Bourdieu 2011). Outros estudiosos da linguagem foram devidamente referenciados no texto e igualmente contribuíram com a palavra lançada por este trabalho. Também nos reportamos aos documentos oficiais assinados ou não pelo MEC e sua inscrição no ensino de língua portuguesa e nas práticas genéricas de leitura no Brasil (PCN, LDB, SAEB). Para realizar a pesquisa, utilizamos o método de observação e análise das postagens dos leitores (alunos e professor), sujeitos nos fóruns de Leitura (oficial e paralelo), assim como dos manuais indicados ao professor e aos alunos para a realização das atividades propostas pelo Projeto Literário de Leitura. A partir das discussões nos fóruns e no processo de experiência com a leitura naquele espaço, algumas hipóteses foram construídas, outras desconstruída sobre o que deve ou não ser incorporado às aulas de leitura, sempre no sentido de tornar essa prática coerente às mudanças sócio-históricas e às necessidades comunicativas incorporadas no mundo "real" pelos jovens estudantes ou pelo próprio mercado de consumo: leitura é ato responsivo, é prática social, é interação, é possibilidade de alteridade, é acontecimento e como tal deve ser compreendida na singularidade essencial que lhe cabe. A constituição do sujeito leitor e a leitura, enquanto evento, nos mostraram o desejo de dizer presente em cada postagem e permitiram o caráter singular desta pesquisa, além de alargar tudo que se disse sobre leitura nas salas de aula

Palavras-chave: Dialogismo, Ato responsável, Sujeito, Alteridade e Leitura.

RÉSUMÉ

Cette recherche a eu aide financière du Capes, avec la bourse d'étude doutoral dans le pays lui-même, pendant la période de septembre 2014 à février 2018. La lecture et les relations dialogiques dans les forums de discussion scolaires sont un travail de reconnaissance de soi et de l'autre dans le processus de lecture en classe. Une recherche qui a été faite en écoutant les paroles de mes élèves sur l'acte de lire et sur la façon dont cette pratique pourrait être pratiquée à l'école et à l'extérieur. Sous tels présuppositions, il s'est déterminé observer et comprendra la constitution du sujet lecteur inséré dans une pratique d'enseignement de lecture particulière au temps et l'espace de dire contemporain, donc, aussi est la perception de la pratique lectrice sous la polarisation de l'acte responsable et d'une place de alteridade, de constitution. De manière plus spécifique, l'étude il présente une réflexion sur la pratique lectrice, à partir d'une expérience de lecture avec l'oeuvre « Amour dans des Temps de Blog » de Vinícius Champs, dans deux forums scolaires de discussion, d'afférent au projet de lecture officielle l'école (Projet Littéraire Lecture et Société) et autre (Sujets dans construction) afférent au désir de faire différent de l'élève lui-même, peut-être une envie dire transgresseur et, au-dessus de tout, constitutif de sens. Dans ce contexte, Bakhtin et les compréhensions de leur cercle d'étude sont sauvées, non comme un arsenal théorique, oui comme une lecture qui permet de différents regards sur le sujet lecteur et les pratiques d'enseignement et la lecture. Un mot qui s'ouvre à de nouvelles significations proposées par le ton de l'étude et une relation de alteridade entre les sujets qui, par la lecture, mutuellement se nous constituent forums. Donc, le parcours suivant ici indique pour constitution du sujet lecteur et pour la compréhension de la lecture événement à travers les relations dialógicas présentes nous deux forums de discussion. Pour cette fin, nous cherchons les conceptions d'acte responsable, le sujet, la langue et l'exotópia présents dans Bakhtin (1986, 2010, 2011), les perceptions sur lecture et enseigne des cadeaux dans Ponzio (2010, 2011), Petrilli (2013), Geraldi (2010.2012.2013.2015) ; outre l'idée de bien symbolique soulevée par (Bourdieu 2011). D'autres studieux de la langue dûment ont été faits référence dans le texte et ils également ont contribué avec le mot lancé par ce travail. Aussi nous reportons aux documents officiels signés ou non par MEC et leur enregistrement dans l'enseignement de langue portugaise et dans les pratiques génériques de lecture au Brésil (PCN, LDB, SAEB). Pour réaliser la recherche, nous utilisons la méthode de commentaire et d'analyse de postagens des lecteurs (élèves et enseignant), sujets nous forums de Lecture (officiel et parallèle), ainsi que des manuels indiqués à l'enseignant et aux élèves pour la réalisation des activités des propositions par Projeto Littéraire de Lecture. Les discussions nous des forums et la procédure d'expérience avec la lecture dans cet espace, nous a permis quelques hypothèses sur lesquelles il doit ou de ne pas être incorporés aux leçons de lecture, toujours dans le but de rendre cette pratique cohérente aux changements sócio-históricas et aux nécessités comunicativas incorporées dans le monde par jeunes étudiants ou par le marché lui-même de consommation : lecture est acte sensible, est pratique sociale, est interaction, est possibilité de alteridade, est événement et comme tel doit être compris dans la singularité essentielle qui lui contient. La constitution du sujet lecteur et la lecture, tant qu'événement, nous ont montré le désir de dire cadeau dans chaque postagem et ont permis le caractère singulier de cette recherche, outre élargir tout qui s'est dit sur lecture dans les salles de leçon.

Mots-Clé : Dialogisme, Acte responsable, Sujet et Leitura.

Lista de textos/imagens

Imagem 1 – Quadro de Abordagem Textual – COP- Português_Pueri Domus.....	40
Imagem 2 – Reprodução do quadro de indicação de leituras para 8º e 9º anos disposto pelo Projeto digital.....	110
Imagem 3 – Página inicial do Projeto Leitura e Companhia.....	111
Imagem 4 - Mensagem de apelo e rodapé na página inicial do projeto_leituraecompanhia.com.br/Projeto/Online.....	112
Imagem 5 – Apresentação Projeto Digital Pearson Brasil_leituraecompanhia.com.br/Portal	114
Imagem 6 – Capa da obra “Amor em tempos de blog	126
Imagem 7 – Avatar A	130
Imagem 8 – Avatar B	132
Imagem 9 – Avatar D	137
Imagem 10 – Avatar A.....	140
Imagem 11 – Avatar G	146
Imagem 12 – Avatar B	148
Imagem 13 – Avatar E	150
Imagem 14 – Avatar professora.....	152
Imagem 15 – Avatar A	153
Imagem 16 – Avatar D	153
Imagem 17 – Avatar A	154
Imagem 18 – Avatar C	154
Imagem 19 – Avatar F	155
Imagem 20 – Avatar D	155

SUMÁRIO

INICIANDO UM DIÁLOGO.....	14
DA ABORDAGEM TEÓRICA.....	28
OS PORQUÊS, UMA PESQUISA, UM OUTRO E UM MESMO OLHAR.....	29
CAPÍTULO 1: MATERIAL DIDÁTICO, ENSINO DE LITERATURA E OUTRAS LEITURAS.....	33
1.1. A cultura do material didático: reflexos	41
1.2. Crise na educação x Crise na leitura: caminhos.....	44
1.3. Currículo do Estado de São Paulo – Área Linguagens, Códigos e suas tecnologias.....	51
1.3.1. Proposta Curricular: o trato sobre a Literatura	53
1.3.2. Documentos Oficiais, Manual de Orientação ao Professor: orientações e controvérsias.....	56
1.4. Do Projeto Literário Digital ao fórum: sua concepção.....	59
1.4.1. O fórum: um instrumento didático.....	66
1.4.2. O Projeto – Quiz e Fórum, bens simbólicos.....	72
CAPÍTULO 2: LEITURA LITERÁRIA: O MESMO E O DIFERENTE	76
2.1. Leitura e práticas: Liberdade, fraternidade, igualdade.....	80
2.2. A leitura - processo de construção mútua de si e do outro.....	84
2.3. O ato responsável na leitura, na escola.....	88

CAPÍTULO 3: TEXTOS E CONTEXTOS	99
3.1. O caminho e a opção	102
3.2. Os fóruns: institucional e paralelo	109
3.3. Os Fóruns enquanto instrumento didático: Um modo de dizer e de pensar	116
3.4. Os enunciados nos fóruns à luz dos conceitos bakhtinianos: dialogismo, alteridade, linguagem/práticas de leitura.....	121
3.5. Cotejar: uma prática, um caminho!	145
CONSIDERAÇÕES: um olhar de dentro sobre a prática de leitura.....	160
A VIVÊNCIA: resultados diretos e concretos.....	171
REFERÊNCIAS.....	175
ANEXOS.....	182

INICIANDO UM DIÁLOGO

O que mais rege esta pesquisa é a magia de trabalhar com conceitos bakhtinianos para compreender a vida e agir nela de forma consciente e responsável. É poder utilizar-se da filosofia da linguagem para perceber na prática de ensino de leitura que os atos humanos e o contexto histórico imediato sempre determinarão a cena e seu sentido. Como o próprio Bakhtin afirma sobre a enunciação, esta nunca se repetirá, será sempre nova e diferente, será aquele e não outro sentido possível conforme o momento, a intenção e os sujeitos envolvidos.

Assim, na ânsia de compreender a constituição do sujeito leitor, observamos também a prática de leitura escolar de uma perspectiva particular e única. Com este intuito, olhamos para ela, sem dela dissociar o sujeito envolvido na ação e, dessa forma, perceber mais concretamente as relações dialógicas oriundas da alteridade, e de outras categorias bakhtinianas daquela indissociáveis e capazes de trazer à discussão uma leitura evento, ou seja, uma compreensão diferente sobre leitura geralmente difundida na e pela escola.

O interesse poderia nos possibilitar uma ótica diferente sobre a prática de leitura escolar, considerando os sujeitos leitores nela inscritos no tempo e no espaço de fóruns de discussão, além de colocar o professor como agente na leitura e não mero orientador.

Compreender a leitura e as relações dialógicas em fóruns escolares de discussão se mostrava como o percurso que abrangia também a constituição dos sujeitos leitores (professor e alunos) em dois diferentes fóruns de discussão sobre a leitura da obra literária “Amor nos Tempos de Blog”. Depreender o sujeito leitor de uma forma particular, no atual contexto tecnológico e sob o viés do fórum de discussão foi uma das faíscas que provocaram o sujeito professor/pesquisador neste trabalho.

Portanto, no espaço-tempo de transição entre as antigas e novas práticas de ensino, com enfoque às práticas de leitura e até sobre as concepções de leitura, surge a inquietação que embasa a pesquisa aqui apresentada. Especialmente no momento, últimos 20 anos, de fortes discussões sobre a importância da leitura enquanto ato inerente a uma formação

de qualidade e sucesso, questão bastante discutida em congressos pelo Brasil à fora¹, com enfoque para profissionais de escolas privadas, além de uma forte propensão dada pelo sistema de ensino em geral com foco para compreender uma educação ‘para a vida’, o ideal que marca a escola como a instituição com o dever de formar o cidadão de maneira integral².

É neste e não em outro contexto, que se insere o pesquisador e os sujeitos leitores neste trabalho envolvidos, num espaço e momento da educação que tem por função formar para a vida, de uma educação que sofre a influência do mercado de consumo e dos hábitos sociais dos jovens. Deste lugar surgem as inquietações de um sujeito (professora de Língua Portuguesa, amante da leitura e leitora de Bakhtin, constituída por outros sujeitos, objetos e realidades) que traz em si o desejo de escutar e falar usando a leitura como instrumento e evento, ou compreendendo-a a partir do conceito de linguagem na perspectiva da filosofia da linguagem, como signo linguístico, um percurso trans (formador) de sujeitos.

Refiro-me à leitura evento como transformadora e formadora, pois muitas são as atividades humanas que permitem o dialogismo, a relação com o outro que me constitui como e quem sou na singularidade do evento, todavia, falar sobre a experiência dialógica permitida pela leitura é algo que ganha valor sob a perspectiva do meu ser sujeito no mundo. Daí a escolha e, talvez, o tom aparentemente idealizador dado à leitura neste trabalho e, que fique claro, o seu caráter não idealizado, mas vivo, real e por assim ser, também é enfático e traduz o tom valorativo do sujeito que a expõe.

Embora já haja discussões sobre novas técnicas ou modos de tornar nossos estudantes competentes no que diz respeito à leitura e à escrita, poucos são os trabalhos e pesquisas que envolvem a leitura enquanto evento de linguagem realizada por sujeitos, ou seja, a leitura sob o viés do sujeito leitor. Resultado do esforço e intenção de trabalhar e conceber a leitura, foram elaborados inúmeros documentos, incluindo as Diretrizes Curriculares, com o objetivo de orientar, direcionar ou iluminar as práticas de ensino de língua portuguesa, com ênfase para leitura e escrita; todavia, as atividades e os materiais elaborados para direcionar o trabalho na sala de aula são paradoxais e propõem atividades

¹ Relato de experiência meu e de muitos outros pesquisadores-professores pelos trabalhos apresentados em congressos nacionais e internacionais, à exemplo de: ANPOLL, SEDiar, ABRALin, etc.

² Há entendimentos distorcidos quanto aos deveres da escola junto à formação do cidadão. Embora esta reflexão tenha incidência sobre os modos e posturas de ensino, é importante destacar que a escola tem o dever de formar e transformar conhecimentos e preparar o aluno para os desafios referentes a conteúdos. Mas, não me deterei a esta discussão para este trabalho.

que contemplam o aluno como destinatário final da leitura, condensando uma compreensão do texto e do ato de ler sem os aspectos sociais e subjetivos deste evento.

Portanto, olhar para a leitura, compreender o sujeito leitor e as relações dialógicas em fóruns escolares de discussão sobre leitura literária (ou qualquer outra leitura se fosse o caso) é o que torna singular este desejo de estudo, de compreender o mesmo e o diferente de um lugar único, e que, por uma visão bem particular poderá contribuir um pouco mais com relação às práticas e ensinamentos de leitura, posto o caráter ‘vivencial’ e real da pesquisa, uma vez que o pesquisador é também sujeito da pesquisa, e nela encontra-se inserido não somente por métodos de análise e coletas de dados, mas nas nuances da aula de leitura como acontecimento.

Pois bem, foi imersa neste contexto, por vezes contraditório e inovador, da educação do século XXI, que comecei a refletir sobre o poder da leitura na constituição dos sujeitos e a pensar a leitura como um ato, um evento que incorpora o sujeito e espaço de produção sentidos. É instigante perceber a leitura enquanto evento, ato responsável e responsivo, principalmente, na relação de alteridade que nos permite sujeitos diante de outros sujeitos, objetos ou situações. Uma reflexão que proporciona, além do exposto, uma postura responsiva sobre as mudanças no processo de ensino, resultantes das transformações sócio-históricas, além de nos permitir agentes no processo de leitura.

Para dar conta daquilo que se pretendia dizer nesta pesquisa, propusemo-nos a ler e observar com um olhar crítico o que preconizam os documentos elaborados para direcionar o ensino. A partir dos documentos oficiais observamos uma discussão sobre o que se deve compreender às aulas de Língua Portuguesa, no sentido de tornar as práticas de ensino coerentes quando se destacam as mudanças sociais e históricas e as necessidades comunicativas inseridas no mundo ‘real’ de jovens estudantes ou do próprio mercado de trabalho. Embora as orientações destes documentos não destaquem, o professor é um dos sujeitos envolvidos nestas práticas formadoras/transformadoras e, por isso, é infinitamente coerente e importante que este sujeito possa falar e refletir sobre o ensino a partir de suas práticas e de suas compreensões de um outro lugar, deslocado de suas da sala de aula, mas ao mesmo tempo a partir de sua prática naquele lugar.

Questionar, buscar compreender ou até levantar mais questões sobre as práticas de ensino de leitura a partir da ótica do professor-pesquisador e de seus alunos é algo singular, pois articula uma possível reflexão entre a academia e a sala de aula, um ângulo que congrega a teoria e a prática. Dessa forma, o professor lança compreensões outras, uma voz engajada e preenchida por um ato responsável e responsivo próprio do sujeito

professor-pesquisador, mas também resultado da alteridade com seus alunos. Como afirma Prado (1992), “as relações que estabelecemos em nossas vidas, as inúmeras ações que empreendemos nela, geram mudanças na nossa consciência, que, aprimorada, transforma nossas ações,[...]”. Este é o sentido que conduz à mudança das práticas de ensino.

De modo geral, este trabalho também se caracteriza como a busca de uma pesquisadora que se inquietou, e ainda se inquieta, com as práticas de ensino de leitura que a constituem professora e sujeito leitora, assim como a seus alunos. No percurso deste estudo, percebeu-se o quanto é inerente a trans(formação) possibilitada pela reflexão do sujeito singular professor-pesquisador sobre as práticas de leitura oportunizadas. Expor isso, é compartilhar e multiplicar sentidos que conduziram às transformações no ensino de leitura.

Na escola privada, de onde pude falar com propriedade devido ser o lugar em que as experiências ocorreram, os materiais didáticos – indicações literárias, apostilas e fóruns - utilizados, em grande parte, propõem atividades com leitura e interpretação e trazem como objetivo o desenvolvimento das habilidades e capacidades leitoras e escritoras dos estudantes, porém, nem sempre as atividades são coerentes com os objetivos apresentados nos materiais. Embora assuma os direcionamentos dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) no tocante ao ensino da Língua Materna, bem como atender às exigências das avaliações do Estado acerca do ensino – como é o caso do SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) e do ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio), as atividades de leitura nos materiais são encerradas muitas vezes na análise linguística. Os alunos da escola em questão não são submetidos, durante o processo do ensino fundamental, ao exame Prova Brasil, todavia, deve-se ressaltar que o modelo de ensino por apostilas adotado pela escola, segue as diretrizes postas pelos Sistemas de Avaliação Nacionais e pelos Parâmetros Curriculares do Estado – dados obtidos pela leitura dos documentos anexos ao trabalho³.

O SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) interessa diretamente a esta tese, pois se constitui como uma das referências para elaboração do Projeto Literário Leitura e Companhia, do qual faz parte o fórum de discussão oficial (parte das observações deste trabalho), tem como fundamento o objetivo de diagnosticar e, por consequência desenvolver as *competências e habilidades* de leitura e interpretação de

³ Todo Material Didático Livro Didático deve seguir as diretrizes estabelecidas pelos documentos oficiais à cerca do ensino em cada segmento e disciplina.

textos por meio de avaliações de múltipla escolha na educação básica. Os manuais de orientação para professores e alunos, assim como o documento de apresentação do referido projeto literário afirmam terem sido elaborados a partir das orientações do INEP (Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa) ⁴ e justificam a proposta com base na Matriz de Referência das Competências e Habilidades de Leitura do SAEB. Além disso, todas as atividades pelo projeto desenvolvidas são realizadas por meio digital e online, primeiro o QUIZ com perguntas objetivas e depois o fórum com produção escrita a partir de uma questão problema preestabelecida.

É importante ressaltar que as bases curriculares, o ensino de um modo geral, os projetos de leitura, todos estão, diretamente ou indiretamente, relacionados às mudanças ocorridas nas relações sociais (amplas e próximas) no mercado, na tecnologia e que, sem dúvida, fizeram que as práticas de ensino e as formas de pensar e fazer educação também fossem transformadas. A sociedade contemporânea vive o tempo da busca incessante pelo conhecimento acessível a todos e de forma rápida, e neste direcionamento é imprescindível a formação de sujeitos críticos, capazes de interagir no mundo de forma mais humana, criativa, competente e reflexiva, tais são os pressupostos. Neste contexto, a leitura entra como um dos meios, como percurso relevante, como instrumento de formação capaz de desenvolver alguns aspectos subjetivos, intelectuais e humanos, a partir da relação de alteridade própria do ato de ler.

Contudo, os paradigmas são outros, e a escola tem sido inserida numa tendência mercadológica⁵ evidente e crescente tanto no que concerne a produção de Material Didático como na reprodução de práticas pedagógicas resultantes do processo de globalização. Como consequência, as instituições de ensino buscam na tecnologia, meios didáticos que lancem para os sujeitos uma forma prática, sistemática de aprender, mas que também represente o imediatismo da sociedade contemporânea. Um exemplo disso, são os projetos e métodos de ensino na área de língua e linguagem, permeados pela promessa de desenvolver habilidades de leitura, isso de forma agradável e

⁴ “ Um sistema de informações pesquisa e estatísticas educacionais, que dá acesso à publicações e resultados de avaliações de ensino” - www.inep.gov.br.

⁵ O conceito de bens simbólicos e sua relação com a educação serão tratados no capítulo 1 deste trabalho, uma reflexão para as novas formas de elaboração e apresentação dos materiais didáticos e recursos na sala de aula como resultado do processo de globalização e das leis mercadológicas que envolvem a produção de material didático.

metodologicamente aceitável, ainda mais para um público que se diz não leitor ou não gostar de ler.

Diante deste quadro, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9394/96), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) possuem um desafio, que é nortear a ação pedagógica e a produção de Material Didático, através da construção de parâmetros e leis, isso diante da diversidade social e cultural brasileira. Esse conjunto de leis permite ao educador grande autonomia de ação, capaz de levar em conta, antes de tudo, as realidades de cada aluno, de sua escola e de sua região, esta mobilidade da prática pedagógica dada ao professor é ressaltada tanto nos PCNs quanto nas LDB e DCN⁶. Embora nem sempre a autonomia do professor seja considerada, de fato, na sala de aula, isso implica muitas vezes uma prática conduzida e determinada por fatores internos e externos à escola.

No ano de 2014, a escola na qual lecionava a disciplina de Língua Portuguesa, Redação para o ensino fundamental II e Literatura para o ensino médio recebeu uma proposta de projeto literário de leitura desenvolvido pela parceria entre a Editora Companhia das Letras e a Editora Pearson Brasil. Tal projeto já era utilizado por outras escolas dos Sistemas de ensino Pueri Domus, COC e Objetivo, assim como por escolas associadas. O projeto trazia em si a proposta inovadora de trabalhar a leitura de uma forma lúdica, interativa e condizente com a realidade tecnológica dos jovens de hoje. Os mantenedores e a coordenação apoiaram a ideia e adotaram o Projeto Leitura e Companhia como instrumento didático para aula de leitura e como recurso para parte da avaliação na disciplina de Língua Portuguesa.

No meio do ano de 2014 e decorrer do ano de 2015, a Escola Pueri Domus Araraquara estendeu o projeto aos eixos de ensino: Infantil, Fundamental I e Fundamental II. A fim de desenvolver um trabalho com leitura mais direto e inovador junto à disciplina de Língua Portuguesa, buscou na parceria entre duas grandes editoras nacional e internacional, uma possibilidade diferenciada de trabalho com leitura que, talvez, atendesse aos novos anseios tecnológicos do público composto por jovens leitores em potencial. Os argumentos estavam fundamentados na necessidade de um novo método de leitura que suprisse as necessidades do processo de ensino e os novos comportamentos e desejos do leitor jovem.

⁶ Constatação minha diante da própria proposta apresentada em todas as referidas leis e documentos citados e aqui anexados.

Dessa forma, o referido projeto de leitura foi adotado por todos os seguimentos citados, todavia, apenas o ensino fundamental II o utilizou como parte de avaliação na disciplina e de fato incentivou e acompanhou as atividades junto aos alunos, desde o QUIZ até o fórum de discussão. Importante ressaltar que apesar do trabalho ter sido igualmente realizado com todas as turmas do fundamental II, apenas a turma do 9º ano suscitou, naquele ano de 2015, a criação de um fórum de discussão elaborado por eles mesmos e, por isso, a abordagem deste grupo (9º ano) neste trabalho.⁷

O Projeto Literário trazia uma proposta inovadora e promissora para o trabalho com a leitura em sala de aula. Algo tão sistemático e fechado que, de início, causou desconforto, embora estivesse baseado em diretrizes e descritores muito estudados, aparentemente não deixava espaço à singularidade de cada leitor ou à participação do professor enquanto também leitor naquele processo. Toda esta perspectiva foi alterada com a possibilidade de leitura representada pelo fórum de discussão, levemente articulado ao projeto.

A atividade do QUIZ era muito articulada ao uso dos descritores para desenvolver as habilidades e capacidades leitoras dos alunos. Uma sequência de perguntas objetivas, com apenas uma alternativa “adequada” e que deveria ser realizada por comandos dados durante a leitura individual, através de ícones que avisavam quando o aluno deveria acessar a página do projeto e responder ao questionamento sobre aquela página lida. O aluno tinha um prazo, 30 dias, mas nestes estava livre para acessar no período mais conveniente. Outro aspecto importante a se ressaltar aqui é o fato de que as questões formuladas sempre estavam permeadas pelos descritores e desenvolveriam a partir deles uma habilidade leitora.

O fórum de discussão foi a parte do referido projeto que mais me chamou atenção, espaço onde alunos e professores poderiam participar de forma interativa a partir de uma questão preestabelecida no projeto. Mostrou-se ali um lugar onde os sujeitos teriam a oportunidade de usar de fato a escrita como reflexo de sua leitura ou como possibilidade de embate real sobre a leitura das obras. Esta atividade não exigia nota ou qualquer índice avaliativo, nem obrigatoriedade de participação, mas na verdade se mostrava com um potencial muito forte para um real trabalho com leitura e escrita, um espaço de construção

⁷ Após um mês do trabalho realizado, outras turmas ficaram sabendo e quiseram também ter o fórum. Todavia, devido ser a única professora, sem assistente, não tive como acompanhar as discussões em todos os fóruns, priorizando o fórum elaborado pelo nono ano e o fórum oficial, já que foram os iniciadores.

de si e do outro, no qual os sujeitos poderiam interagir e, na arquitetônica do eu-para-o-outro e outro-para-mim, constituírem-se sujeitos-leitores na vida.

Tudo que o fórum possibilitava se tornou uma luz para os meus olhos, mas não era tão simples como parecia, havia um currículo a ser cumprido, havia o QUIZ do projeto que automaticamente, em tese, já mostraria os resultados necessários para o trabalho com leitura⁸. A partir do fórum oficial, os alunos se inquietaram e mostraram outra possibilidade de dizer sobre suas leituras, assim, provocados, criaram um fórum de discussão paralelo. Todavia, foi naquele espaço que se apresentaram os sentidos para o presente estudo, mesmo com todas as controvérsias apresentadas e já possuindo material de pesquisa para meu doutorado. Tudo mudou, a partir dali, e vi naqueles fóruns a língua viva, as relações dialógicas evidenciadas pela leitura, vi o que Geraldini (2010) chamou de aula enquanto acontecimento.

O tipo de leitura que tem como objeto concreto o livro escrito aparece atualmente como ‘pouco coerente’ com os modos de leitura que os alunos contemporâneos estão interessados e habituados. A internet e suas infinitas possibilidades – redes sociais, blogs, sites, fóruns, homepages- vem modificar a atual condição e até o conceito e os moldes de leitura e de escrita fora e dentro da escola. O que justifica o surgimento de novas tentativas, novos projetos de leitura literária que buscam se enquadrar neste espaço-tempo para estes novos sujeitos leitores.

No entanto, já ciente da necessidade de um espaço diferente daquele oportunizado na sala de aula, no qual pudesse discutir, livre das regras, as obras propostas para leitura, criamos um fórum – Leitura: sujeitos em construção - em um site de hospedagem gratuita denominado Forumeiros. O objetivo maior e primeiro era exercitar o que Ponzio (2010) concebe como “escuta que fala”, assim talvez perceber-me leitora e perceber o aluno leitor de uma forma diferente daquela que a escola tentava moldar com suas atividades coletivas, que por vezes eliminam o singular e limitam as formas de acesso à leitura e suas possibilidades.

O fórum paralelo emergiu de uma proposta apresentada pelos próprios alunos do 9º ano em 2015, quando em contato com o fórum oficial do Projeto Leitura e Companhia desde 2014, enunciaram o desejo e a possibilidade de elaborarmos nosso próprio fórum, com a “cara” da turma. Segundo os alunos, na internet eles conheciam sites de hospedagens gratuitas que ofereciam estes espaços para elaboração de fóruns de

⁸ Proposta do projeto.

discussão. Afirmo que aquilo me deixou muito instigada e todas as filosofias da linguagem e todas as teorias de ensino e aprendizagem começaram a fluir na cabeça. E assim, começamos e, por isso, aqui estamos.

Antes mesmo disso, ao entrar em contato direto com o projeto oficial, imediatamente surgiu a inquietação sobre como se dava a leitura e as relações dialógicas, e se de fato se dava, no fórum trabalhado no projeto literário adotado pela escola e depois esta inquietação também se manteve no fórum paralelo desenvolvido pelos alunos e professora responsável, afinal era uma leitura que estava considerando o querer dizer dos alunos e hoje afirmo que envolvia acima de tudo o ato responsável daqueles alunos.

Portanto, observar o querer dizer e os modos de dizer dos sujeitos leitores nos dois fóruns (oficial e paralelo), este foi o caminho escolhido para cotejar nos enunciados dos e nos dois fóruns a constituição do sujeito leitor. Para tanto, havia de analisar, através dos enunciados presentes em fóruns de discussão, os aspectos dialógicos constitutivos da linguagem que apontavam para constituição do sujeito leitor, ou até identificar a constituição ou apagamento dos sujeitos presentes no contexto de discussão dos fóruns do projeto no ano 2015, fossem eles alunos ou o próprio educador/orientador.

Para dar conta do objetivo geral, observar a constituição dos sujeitos leitores, a partir da leitura e das relações dialógicas em fóruns escolares de discussão naquele espaço de dizer, determinamos que nosso trabalho precisaria revisitar algumas categorias decorrentes da teoria do Círculo de Bakhtin, de modo a propor uma perspectiva teórica, mas também contribuir substancialmente com as discussões sobre leitura e diretamente sobre as práticas de leitura em sala de aula. Para tanto, decidimos por organizar em capítulos que pudessem descrever o percurso realizado para as compreensões aqui apresentadas. Através das noções bakhtinianas de dialogismo e todos os demais conceitos a isso ligados (alteridade, exotopia e ato responsável) pretendeu-se observar a leitura e o sujeito leitor nos enunciados dos fóruns e, portanto, observar na arena de discussão criada nos fóruns, os sentidos provocados pelo ato de ler e produzidos ou reproduzidos pelos sujeitos naquele espaço e naquele tempo.

A partir disso, outras questões surgiram e se faziam importantes para a caminhada, como identificar se o projeto lançava um parâmetro ou padrão de leitor ideal e se o conceito de leitura presente no projeto contemplava o sujeito leitor em suas diferenças e alteridades sociais. Estas hipóteses e outras que surgiram antes serão apontadas com respostas nas considerações do trabalho.

Além do problema-chave, que era perceber se de fato o sujeito se constituía pela leitura, e dos desdobramentos que nortearam a pesquisa aqui apresentada, inúmeras foram as hipóteses que foram surgindo e, de certa forma, condicionando o trabalho. Evidenciavam-se as possibilidades de que a enunciação nos fóruns contribuía para o acabamento do sujeito leitor naquele contexto, e este determinava os modos de dizer de cada aluno, posto a relação de interlocução e o para que dizer naquele espaço de dizer. Também a professora/ pesquisadora passou a observar que os fóruns de discussão do projeto Literário Leitura e Companhia e o fórum Leitura: sujeitos em construção funcionavam como instrumentos didáticos contextualizados pelos aspectos sócio-culturais contemporâneos e para o contexto de uso daquela escola. Assim, também outras teorias do círculo de Bakhtin e de seus estudiosos se fizeram necessárias conforme os textos e contextos que se constituíam no decorrer da pesquisa, tais como a concepção de escuta e de fala apresentadas por Ponzio (2010), o mesmo e o diferente no que se refere a concepção de material didático de literatura.

Fazia-se cada vez mais relevante considerar que o projeto literário de leitura digital estava respondendo principalmente a uma urgência educacional no atual cenário tecnológico em escolas privadas, e que aquele era um dos vários processos de subjetivação que a própria educação propõe no tempo e no espaço e estava referenciando um ideário de desenvolvimento tecnológico estabelecido socialmente, a concretização de um bem simbólico e de seus consumidores como propõe Bourdieu (2007) em seus Escritos de educação.

Era muito interessante perceber que exatamente no momento de tanta discussão sobre os modos e os níveis de ameaças impostos pelos meios digitais nos processos de leitura e escrita, a escola adotava um projeto literário nestes moldes, mas que evidentemente constatava novas maneiras de enunciar na escola, além de representar questões comerciais inerentes ao mercado de leitura formatado pelas editoras e pelo contexto cultural brasileiro. De qualquer modo, o presente trabalho possibilitará ao professor situado em seu lugar e tempo, lançar um olhar exotópico sobre a prática de leitura na sala de aula. O professor dialoga com os textos, sua época, suas formulações para compreender o sujeito e suas práticas de leitura naqueles fóruns. Nesta perspectiva, a relação entre o eu e o outro, imediatamente situada no tempo e no espaço, certamente propiciará compreender e depreender a constituição daqueles sujeitos através da leitura literária no contexto dos fóruns de discussão dos projetos escolar e paralelo.

A constituição do sujeito permeado pela leitura literária nos fóruns de discussão oficial e paralelo pode nos mostrar um evento da atividade humana que representa o conceito de alteridade considerado por Bakhtin em seus estudos sobre a filosofia da linguagem. É na relação com a alteridade que os indivíduos se constituem, pela leitura das obras e pelas discussões nos fóruns, assim como em outras atividades humanas aqui não abordadas, porém não descartadas, o ser se reflete no outro e, também, refrata-se. Os leitores em relação nos fóruns, se consideram e são considerados, num movimento de embate e comunhão acerca da leitura realizada. Neste sentido, é importante ressaltar que a partir do momento em que o indivíduo se constitui, ele não se fecha e se altera, constantemente. E como afirma Bakhtin (2015), o processo de constituição e compreensão de si e do outro como uma relação constituinte é algo que se consolida socialmente, através das interações, das palavras, dos signos, aspectos sempre considerados no diálogo e no evento, aqui considerada a leitura evento nos fóruns.

Além disso, as discussões nos fóruns puderam fornecer subsídios que apresentam um outro ângulo sobre as práticas de leitura de um modo geral e a leitura literária na escola, e nesta perspectiva, a constituição do sujeito naquele espaço é relevante e necessária para compreensão da prática leitora. Esta não foi uma hipótese formulada no início do trabalho, mas foi uma constatação evidenciada ao fim do trabalho. Muitas vezes a leitura tarefa, a leitura realizada como uma atividade do aluno e para o aluno, um tipo de leitura literária prestigiada, estas são visões cristalizadas em muitos espaços escolares e, não atende ao singular modo de ler de cada sujeito.

A pesquisa ofereceu, na prática, um novo ângulo para as questões de leitura na sala de aula, colocando o professor no espaço de leitura, mas não como instrutor ou orientador, sim como leitor, como sujeito do ato no evento leitura. Estes apontamentos serão melhor destacados nas páginas consideradas conclusivas para este trabalho, no momento do esforço pelo acabamento da pesquisa.

Em *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (2015) indica-nos o modo como uma fortuita compreensão do texto literário requer um deslocamento fora da literatura, ou seja, um olhar exotópico, que pode ser orientado pelos mais variados horizontes. Podemos afirmar que este trabalho possibilitou o exercício de olhar o outro e olhar a si mesmo, a singularidade de cada leitor e o resultado da transformação de cada leitor a partir da leitura literária e da leitura dentro dos fóruns de discussão. Dialogia pura, alteridade inerente ao ato de ler e à relação entre os leitores naquele espaço de discussão, próprio do esforço de deslocamento, um exercício que encontra numa prática de leitura, um dos tentáculos que

constitui esses sujeitos nos fóruns e uma possibilidade diferente de compreensão acerca da leitura no caminho de uma necessária revisão nas práticas escolares e até no material didático propriamente dito, o que não é foco neste trabalho, mas que permite este olhar sobre as práticas escolares de leitura.

A pesquisa, portanto, traz a pretensão de responder alguns questionamentos, na verdade inquietações, que surgiram durante o trabalho com o Projeto Literário Leitura e Companhia e com a vivência de leitura nos dois fóruns.

Nos diálogos com Bakhtin e bakhtinianos, de repente percebi que aquela experiência que estava se dando, era um olhar para a vida no seu acontecimento, o meu trabalho e as conjunturas que o permeavam naquele momento foram os eventos que me permitiram refletir sobre a constituição do sujeito na prática de leitura. Aquele “ Estalo de Vieira” me fez desejar direcionar o meu trabalho de doutorado aos sujeitos e à leitura naquele contexto experimentado e dali surgiu o desejo de compreender este sujeito leitor em constituição pela leitura, no evento.

Quando faço referência à constituição do sujeito leitor, lanço a ideia do indivíduo na sua relação de alteridade, que se dá pelas várias e diferentes atividades humanas, mas que ali se deu pela leitura, pela palavra que lançadas ao livro ou nas discussões dos fóruns representaram o esforço de compreensão e interpretação, de constituição dos sujeitos naquela atividade humana. Palavras alheias que confrontadas coloca cada sujeito no mundo e os transforma através de pensamentos, ideias e reflexões.

As inquietações foram sendo respondidas ao longo do trabalho e outras foram surgindo, o esforço pela conclusão era um movimento de remar contra a maré, até se compreender que a experiência com os fóruns e com o projeto estavam enquadrados na singularidade daquele contexto e daqueles sujeitos. Toda tentativa de fechamento era inútil, posta a essência de evento encadeado aos infinitos eventos sobre leitura e sujeitos na educação. O que se possibilitou foi um esforço pelo acabamento dado pelos leitores para aquela experiência, um olhar sobre a leitura não como *corpus*, mas, a partir dos discursos e da experiência dos sujeitos leitores e, este foi o detalhe que tornou o trabalho original e verdadeiro.

Outro ponto que conduziu a presente pesquisa foi o fato do trabalho com leitura em nossas salas de aula, neste caso Projeto de leitura no âmbito da Educação Básica, sempre ter provocado incessantes discussões durante a história da educação, seja em busca de compreender o que é leitura, a evolução dos trabalhos com leitura, seja para

propiciar esta evolução com propostas que almejam resultados sempre positivos. Contudo, raramente encontramos trabalhos ou pesquisas que trouxessem essencialmente a leitura no evento, como prática realizada numa perspectiva dos próprios leitores, sem a pré-construção de um *corpus* para a análise ou constatação de dados. Com isso, materializou-se o imenso interesse por buscar respaldo teórico na perspectiva dialógica dos estudos sobre ensino de leitura, literatura e, a partir daí, outras concepções bakhtinianas como exotopia, ato responsável, alteridade, conceitos que nos possibilitaram olhar dialógico para a prática da leitura e para o sujeito leitor.

Sendo assim, o trabalho mostra uma possibilidade de reflexão sobre a leitura por outro ângulo – o sujeito leitor - sem dúvida um enriquecimento para processo de ensino de leitura em nossas salas de aula. A partir daí abre-se diferentes contribuições para o ensino de Português, especialmente as que norteiam as práticas de leitura literária.

Os enunciados observados e analisados nos fóruns escolhidos nos indicaram o modo de dizer, o querer dizer dos interlocutores nas discussões – alunos e professor mediador- delimitados e veiculados a uma situação concreta e única da interação verbal. Tudo isso, faz do *recorte* aqui apresentado um material rico, principalmente ao pensar os processos de produção de sentido, circulação e interpretação de textos literários e ressaltam que não correm de maneira linear e homogênea na sociedade, são históricos e partiram sempre de um já-dito, um texto retoma outro, sempre numa correlação infinita.

De acordo com Bakhtin (2003), inerente a cada texto está o sistema da linguagem e a esse sistema corresponde no texto ao que é repetido e reproduzido, mas em contraponto cada texto enquanto enunciado, é algo individual, único, singular e nisso reside todo seu sentido. É aquilo que no texto literário terá relação com a verdade, a bondade, com a beleza, com a história e, portanto, com os enunciados sobre e na vida a partir da leitura literária e nos fóruns de discussão.

O caminho metodológico para o desenvolvimento desta pesquisa se deu nas seguintes etapas: Elaboração do projeto, um trabalho conjunto entre orientadora e professora/pesquisadora, um momento surpreendentemente libertário, devido a postura da orientação que sempre deixou claro, que boa pesquisa é aquela que nos inquieta e nos leva a pensar de um lugar diferente sobre as práticas de leitura. Após este tempo da elaboração do projeto, a submissão ao Comitê de Ética da UFSCAR, assim como todo procedimento de apresentação do projeto de doutorado à coordenação da escola, aos alunos e aos pais dos alunos do nono ano do ensino fundamental do ano de 2015, para dessa forma obter o Termo de Livre Esclarecimento e Termo de Assentimento. No

decorrer, vieram as etapas de organizar e salvar as postagens dos dois fóruns em um pendrive, além de realizar todo o recorte de enunciados que fizessem menção aos envolvidos no projeto, evitando constrangimentos.

Ademais, no percurso do doutorado, houve a pesquisa bibliográfica; leitura das indicações de obras específicas para o projeto, seleção e organização dos fóruns seguindo a pergunta introdutória do fórum oficial e os temas desmembrados no fórum paralelo, e por fim, a análise e comprovação da tese de que a singularidade daquele evento leitura foi um lampejo da constituição do sujeito leitor no contexto escolar e na prática de leitura literária em fóruns de discussão. Não tivemos uma produção de texto pré-determinada para observar o sujeito leitor em sua alteridade, o que marcou este trabalho foi o acontecimento, o ato responsivo de cada aluno que percebeu a leitura como ato seu e desejou elaborar um fórum com as diretrizes e identidades de cada aluno, o seu espaço de dizer, para assim dizer do seu jeito, a sua contra-palavra sobre a leitura realizada e sobre a prática de leitura escolar.

Claramente, após a identificação do acontecimento naquele contexto de leitura do projeto, não pudemos perder de vista a arquitetônica do pensamento bakhtiniano e, para isso, nos valem das categorias desenvolvidas em seus estudos, o dialogismo como primeira classe, mas sempre dialogando com outras categorias correlativas e necessárias para compreensão do evento leitura, do sujeito e de seu ato.

O trabalho de escrita da tese propriamente dito foi organizado por introdução, contendo apresentação da pesquisa, com aporte teórico, metodologia, objetivos e, uma breve narrativa considerada relevante ao trabalho como pré-texto e voz de um sujeito socialmente contextualizado.

Em seguida o primeiro capítulo versa sobre o Material Didático (MD) e o Ensino de Literatura leitura de um modo geral, a cultura do material didático e seus reflexos no processo de aprendizagem escolar, assim como a crise que se mostra na educação e na prática de leitura sempre tratando sobre o que já se discute no Ministério da Educação sobre o Ensino Básico e pesquisas realizadas por especialistas referente a material didático e ensino de Leitura. Além disso, esta parte do trabalho também traz a concepção do fórum, sua articulação funcional na escola e a leitura e os projetos de leitura sob a perspectiva dos bens simbólicos.

O segundo capítulo trata da leitura literária, da leitura como evento e das práticas de ensino como ações libertadoras e ao mesmo tempo bem simbólico, assim como a

leitura como processo de construção mútua de si e do outro, da leitura enquanto ato responsável, mas também como produção de consumo.

Já o terceiro capítulo possibilitou uma apresentação dos textos e contextos envolvidos nesta pesquisa, a análise dos enunciados nos fóruns, o trabalho de cotejamento enquanto uma prática e um caminho para observar e refletir de um modo diferente sobre as práticas de leitura no contexto dos fóruns. Um percurso que também e, principalmente, oferece a possibilidade de reconhecer e conhecer o ato responsável de cada sujeito no processo de ensino de leitura nas mais diferentes salas de aula. O que está longe de ser um modelo ou uma receita para as práticas de ensino de leitura, mas uma reflexão que permita uma diferente forma de refletir as práticas de leitura, o ser sujeito leitor por parte de cada educador em suas mais distintas realidades de ensino. E dessa forma, talvez semear o desejo de cada professor por buscar o seu ato responsável dentro de sua sala de aula ou de ser ponte entre o aluno e seus atos responsáveis enquanto sujeitos leitores.

Por fim, compõem este trabalho as considerações sobre a caminhada, que não finaliza, mas tem por intenção abrir reflexões e não determinar uma ideia a partir das conclusões deste trabalho. Aqui, deve-se promover o repensar de cada professor sobre suas práticas de leitura e ensino de leitura nas suas salas de aula.

DA ABORDAGEM TEÓRICA

A abordagem teórica é constituída pela orientação dialógica da linguagem, pautada em Bakhtin (1986, 2010, 2011, 2015), Geraldi(2010,2012,2013,2015) quando traz reflexões sobre leitura e aula de português nas vivências de sala de aula. Além disso, foram buscadas teorias sobre bens simbólicos e educação presentes em Bourdieu (1989, 2005, 2007, 2011). Abordamos, também, a importante contribuição de Paulo Freire (1982b, 1996 e 2004) ao afirmar que o processo de compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura e simples da palavra ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se amplia na compreensão do mundo do leitor. A concepção dialógica de Bakhtin (1986) é a contribuição maior para as mudanças que se desenvolvem, atualmente, nos diversos domínios de estudo da linguagem. A posição desse autor contra os partidários das tendências linguístico-filosóficas coloca em evidência, também, o comportamento dos interlocutores na interação, por isso tão cara a esta pesquisa sobre constituição do sujeito leitor e leitura. Na visão dialógica, o locutor constrói seu

enunciado em função do interlocutor, que tem um papel ativo e constitutivo na formulação dos enunciados, além da alteridade estabelecida pelos sujeitos com outros sujeitos, objetos e palavras. Certamente, é o outro quem condiciona o que o *eu* diz e, desse modo, ambos são colocados no mesmo plano. A contribuição da perspectiva bakhtiniana para o ensino tem avançado e revelado a necessidade do trabalho com a linguagem na escola, e afirmo que ainda mais com o trabalho de leitura.

Fundamentamo-nos na concepção de linguagem de Bakhtin/Volochinov (1929/1986) e Bakhtin (1992) para conseguir mostrar que a linguagem é interação que só existe na reciprocidade do diálogo e, que se caracteriza pela diversidade de movimentos e modos de significar. A teoria dialógica da linguagem que fundamentará a análise das práticas leitoras postula que linguagem é fenômeno heterogêneo, vivo, variável e flexível, sempre situada num contexto sócio-histórico. A leitura é atividade humana peculiar, que se realiza pela interação do autor/leitor/texto ou autor/professor/aluno/texto, no contexto de sala de aula, e que também exige relação com os valores sociais inerentes a cada sujeito particular.

Nessa perspectiva, mostramos que a leitura é interação e compreensão responsiva, que a produção de sentido resulta das múltiplas formas de ver e de ser do sujeito leitor no mundo e não apenas dos modelos de leitura impostos nos descritores. Para tal consideramos que a prática de leitura no processo dialógico, exige que também consideremos o sujeito leitor, isso mostra possibilidades de minimizar as dificuldades do ensino e aprendizagem referentes aos desafios apontados sobre a leitura e decorrentes da exclusão dos sujeitos leitores compreendidos no processo de leitura.

Outro fator relevante é articular teoria e prática e possibilitar a integração do que se pesquisa ao pesquisador, ver a leitura a parir do sujeito, assim como visar a melhoria do ensino de leitura nas escolas sejam privadas ou públicas.

OS PORQUÊS, UMA PESQUISA, UM OUTRO E UM MESMO OLHAR

Era uma vez uma professora de português ainda muito jovem e imatura, morava no sítio de uma pequena cidade do sertão paraibano e acabara de concluir a graduação em Letras no ano de 2005 na Universidade Federal de Campina Grande – Campus de Cajazeiras. Todavia já lecionava desde antes, ministrava aulas de literatura para os três anos do Ensino Médio na maior escola estadual da pequena cidade, no período noturno,

e no período da tarde lecionava para o 4º ano do ensino fundamental I de uma Escola Estadual Rural, localizada no sítio de sua família. A professorinha, como era chamada, talvez pelo tamanho e idade, já se deparara com algumas peculiares realidades educacionais; e por mais contraditório que parecesse, alguma coisa naquela profissão a encantava, apesar das condições de ensino e salários demorados.

Em um certo momento, leu sobre especializações e mestrados, mas só poderia realizá-los em João Pessoa, a capital do estado. Ficou eufórica, mas se deparou com os cuidados excessivos de sua mãe que relutara muito em aceitar sua partida para viver sozinha e se manter em uma capital. Mesmo assim, arriscou-se e com coragem, entusiasmo e fé decidiu encarar o desconhecido, descobrir novos caminhos para sua realidade e foi morar em João Pessoa em 2006.

Sozinha, com medo dos prenúncios de sua mãe e com muita dúvida, foi até a Universidade Federal da Paraíba e buscou informações sobre o mestrado, descobriu que poderia se matricular como aluna especial e conhecer melhor as linhas de pesquisa e as áreas de concentração, assim fez e ficou durante um ano assim, até conseguir elaborar seu primeiro projeto de pesquisa e, enfim, se inscrever no processo seletivo da Pós-graduação em Linguística daquela universidade. Conseguiu êxito ao fim do processo de seleção e a sensação por ter conseguido foi inenarrável, algo mágico que nenhuma palavra conseguiria expressar. Sequer imaginava que muito e o melhor ainda estava por vir. Na sua primeira disciplina já como mestranda, foi apresentada a filosofia da linguagem e a um tal Bakhtin, que revirou (e ainda revira) sua vida, começando a preencher de sentido tudo que a professora sentia quando entrava na sala de aula, quando lia sobre educação, ensino e leitura.

Compreendeu que aquele algo aparentemente sem sentido, mas que lhe fazia bem ao entrar numa sala de aula, era a arquitetura do eu para mim e do outro para mim, que a constituía de fato no que ela realmente era – professorinha. Tentar ver no outro a imagem que ela sozinha não conseguia, o excedente, pois somente o movimento do poder ver-se pela ótica do outro é que de fato propiciaria o seu acabamento constante e infinito.

Durante o mestrado pesquisou sobre o enunciado e a enunciação em testemunhos de fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus, e ali, o sujeito bakhtiniano já gritava, mas por algum motivo ainda não era a hora. Ao finalizar esta etapa de sua vida acadêmica, estava com muito ardor no coração e imediatamente organizou um projeto para submeter ao doutorado em 2010 pela mesma universidade, porém outros projetos se sobrepuseram ao doutorado naquele momento. Iria ser mãe, e devido a logística familiar veio residir em

Araraquara_SP. Assim, por um tempo deixou de lado, mas não abandonado seu projeto de doutorado.

Em 2011, avisada de um concurso proporcionado pela UNICAMP para seleção de professores mestres e doutores, com a função de professores orientadores em um curso de especialização para professores de língua portuguesa do estado de São Paulo- uma parceria entre a UNICAMP e o Estado de São Paulo para formação dos professores da rede pública estadual. A professorinha vibrou e mais uma vez se sentiu desafiada, apesar de seu novo momento já ter se apresentado cheio de outros desafios. Mais uma vez estava se constituindo um outro sujeito diante da arquitetônica de sua vida, tentou e conseguiu êxito por graça de Deus e devido aos estudos dos conceitos bakktinianos apresentados ainda na UFPB.

Já na sua função de professora orientadora no REDEFOR/UNICAMP, aquele sujeito ressurgia com muita força, também nos fóruns de discussão do curso de especialização que versavam sobre práticas de ensino e trabalho com o texto na sala de aula.

Ao fim do ano de 2013, realizou o processo seletivo para o doutorado pela UFSCAR (Universidade Federal de São Carlos), já pensando no sujeito e na leitura. Conseguiu êxito e seguiu com seu trabalho e estudos para elaboração do projeto de pesquisa que, de início, já estava pré-estabelecido a partir de sua experiência REDEFOR/UNICAMP.

Alguns acontecimentos depois, foi convidada a exercer a função de professora de literatura no ensino médio e Língua portuguesa para o ensino Fundamental da escola Pueri Domus Araraquara, foi quando chamada pela coordenação escolar e coordenação de projetos da Pearson Brasil, foi apresentada ao projeto literário Leitura e Companhia. A escola havia recebido o projeto e desejava colocá-lo em prática como um dos instrumentos de avaliações da disciplina de Língua Portuguesa.

Após seis meses, no meio do ano de 2014, receberam os livros e as senhas de acesso ao projeto, foi quando ela o conheceu melhor e chamou sua atenção uma parte específica que contemplava o fórum de discussão, e que para ela parecia coisas do destino, mais uma vez ela se deparava com a oportunidade de observar aquele sujeito Bakhtiniano que inquietava a professora até então.

A partir de então, a constituição do sujeito concebido por Bakhtin estava em processo de reconhecimento pela e com a leitura. Muitas seriam as descobertas, autodescobertas e principalmente a possibilidade de tornar real a discussão sobre leitura

numa ótica singular do professor/ pesquisador, o que provocaria outras reflexões não menos importantes sobre a constituição do sujeito no atual contexto do ensino de leitura.

Capítulo 1

...”A leitura literária democratiza o ser humano porque elimina barreiras de tempo e de espaço, mostra que há tempos para além do nosso tempo, que há lugares, povos e culturas para além da nossa cultura, e assim nos torna menos pretensiosos, menos presunçosos – o sentido da relatividade e da pequenez de nosso tempo e lugar é condição essencial para a democracia cultural.” Magda Soares, 2004:32

1. Material Didático e Ensino de Literatura e outras Leituras

A presente pesquisa não almeja de forma alguma estabelecer uma cronologia, uma história sobre o material didático ou sobre o ensino de literatura na educação brasileira. Longe disso, deseja-se apenas compreender de um modo geral, ou de um outro lugar, as práticas de ensino de leitura e literatura em nossas escolas a partir dos anos 90. Período que, segundo Freire(2004), antecede a introdução dos meios tecnológicos de interação como possibilidade didática, o que está diretamente ligado aos objetivos e compreensões deste estudo.

No estudo “Retratos da leitura no Brasil”, mais precisamente no texto de introdução intitulado “ Os muitos retratos da leitura no Brasil, Galeno Amorim (2008, p.15) de acordo com algumas confirmações da pesquisa, reafirma o papel da escola como palco privilegiado para a formação de leitores. Isso não implica que seja designada à escola a solitária responsabilidade de tornar os sujeitos leitores competentes ou simplesmente leitores, fruto disso relato uma questão, muitas vezes apresentada a mim

em reuniões escolares: “ O que a escola deve fazer para desenvolver o hábito da leitura em nossos estudantes?”. Também resultado dos movimentos oriundos da nova compreensão dada sobre a leitura de um modo geral na sociedade, surge o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) orientando o processo de avaliação e seleção de obras didáticas, além de estabelecer uma série de normas e técnicas direcionadas à produção dos livros, dentre elas está a deliberação de que os manuais didáticos devem “favorecer a convivência do aluno com diferentes representações de linguagem, com diferentes modalidades de tipos e gêneros de textos, de épocas, regiões, funções, registros diversificados” (PNLD 2012, BRASIL, 2009, p. 23). Tais materiais devem ainda promover “uma abordagem interdisciplinar e global dos conteúdos e das habilidades exploradas” (BRASIL, 2009, p. 23), eis então a presença da leitura como percurso para o que designam como aprendizagem através dos diversos gêneros e linguagens.

É fato que o Livro Didático (LD), material utilizado muitas vezes como fonte única nas aulas de Língua portuguesa, principalmente no ensino Fundamental I e II, acaba por direcionar as práticas de leitura realizadas na sala de aula, seja por seu caráter orientador (manual) para as atividades realizadas, seja pela obrigatoriedade estabelecida pela escola ou pelo currículo, no sentido do cumprimento integral do conteúdo e das atividades propostos pelo Material Didático adotado pela instituição de ensino ou pelo governo, no caso do ensino público. De acordo com Orlandi (1996):

Atualmente, a leitura ideal do professor está amarrada àquilo que é fornecido pelo livro didático. Ou seja, o professor orienta-se por aquilo que é fornecido, pronto-a-mão, no livro de respostas do livro didático. A autoridade imediata, nesse caso, é o autor do livro didático adotado. (ORLANDI, 1996,p.43).

Não se pode de forma alguma afirmar que o dito por Orlandi sobre a concepção de leitura do professor seja uma verdade universal, nem destacar categoricamente a improdutividade do LD como roteiro norteador das muitas atividades produtivas no ensino de leitura/literatura. Todavia, há de se considerar que alguns -muitos de nossos professores - se colocam na cômoda e desastrosa posição de adotar o proposto sem observá-lo criticamente, ao menos com o objetivo de melhorar a qualidade do material e do ensino ou apresentar adaptações necessárias diante das diversas realidades que constituem as salas de aula Brasil a fora.

Ir além das orientações e atividades trazidas pelo LD, descobrir o que está no além fronteiras do ensino de leitura, fornecido pelo material adotado, é imprescindível para se conseguir êxito com as práticas, responder às deferentes realidades contidas nas salas de aula e, até mesmo estabelecer uma inter(ação) entre pesquisadores, especialistas e professores – primordialmente quando estes últimos estão limitados, por inúmeros motivos, às suas salas de aula. É necessário se fazer escutar a nossa voz, a nossa experiência, o que funciona e o que não funciona como prática de ensino nos materiais.

O livro didático tem seu lugar hegemônico na escola, seja ela pública ou privada, é uma espécie de “supremo” guia⁹ nas aulas, principalmente no que se refere à área de linguagens, códigos e suas tecnologias. Talvez por contemplar o critério da interdisciplinaridade de uma forma mais “concreta” e/ou por tratar o que os sistemas de avaliação oficiais têm exigido – diversidade de gêneros, compreensão e interpretação.

E não é este fato que se aponta aqui, porém a necessidade de um professor/leitor crítico e dono de um notável ato responsável capaz de permitir atuar com textos na íntegra, obras literárias ou outra leitura, não qualquer uma, nem todas ou aquelas ditas eruditas somente, mas as que se fizerem necessárias no contexto educacional (social e cultural) de seus alunos. Um ato que fosse além das noções estabelecidas no Material Didático, que pudesse explorar e de fato auxiliar a formação do sujeito leitor; como diz Ponzio (2010) permitindo a palavra outra intrínseca à palavra literária e acrescento que inerente a qualquer leitura.

Refletir e tentar compreender o modo como a literatura é trabalhada na escola, uma das reflexões necessárias para esta pesquisa, acaba por indicar uma outra discussão que concerne às estruturas e projetos pedagógicos do ensino de Língua Portuguesa no Brasil em diferentes momentos históricos. Entretanto, nos restringiremos aos últimos 20 anos, quando se discute muito a importância da leitura na sala de aula e se observam ideias, muitas vezes genéricas, sobre ensino de Língua Portuguesa, especificamente no tocante a leitura. Neste espaço e tempo estão situadas as contraditórias práticas de ensino e de leitura regidas pelos manuais didáticos. É expressiva a precariedade do sistema que de acordo com os resultados de sistemas de avaliação oficiais - ¹⁰SAEB, ¹¹INEP- mostram

⁹ s.f. 1. Ação ou efeito de guiar. 2. Documento que acompanha mercadoria e lhe confere trânsito livre[...] manual prático de instruções; roteiro. LUFT 1995

¹⁰ Sistema de Avaliação da Educação Básica.

¹¹ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

decadência e baixíssimos níveis de leitura e compreensão quando se trata de uma obra ou texto literário.

A escola busca Materiais Didáticos que proponham em suas atividades trabalhar a leitura e interpretação dos mais diversos textos, mas o que ocorre no Ensino Fundamental II é uma incorporação de fragmentos de textos das obras literárias ou poesias descontextualizadas de suas obras, como veremos a seguir diante de uma atividade de leitura com o trecho da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* do autor Machado de Assis. Essa demanda existe para responder ao que os renomados vestibulares do sudeste brasileiro têm exigido, além de atender as exigências dos editais de produção de Material Didático lançados pelo Estado em parceria com algumas instituições de ensino superior, como é o caso da UNICAMP e tantas outras ou órgãos governamentais como a CAPES que desenvolve o Programa de Apoio à Produção de Material Didático para a Educação Básica. Isso em parte é positivo, mas não nos impede as devidas e produtivas críticas ao modo como tais conteúdos são explorados; seu caráter de leitura obrigatória, fragmentada, descontextualizada, com uma única orientação de análise, como se fosse possível uma única leitura ou a constituição de um leitor ideal e único. O que torna o ato de ler desmotivador, enfadonho e sem sentido, conforme nossa experiência em sala de aula.¹²

O modelo de leitura, segundo Zilberman (1989) tem se constituído através da leitura de *trechos (grifo meu)* de textos literários que compõem os Livros Didáticos (LD), muitas vezes permeados por padrões literários e sociais definidos pela proposta pedagógica do Ministério da Educação ou da Instituição de ensino, e regem todas as atividades desenvolvidas dentro da disciplina. A questão aqui não está no Material Didático em si, mas na limitação da prática de ensino de leitura ao conteúdo trazido nele. Sabe-se que cada sala de aula Brasil a fora detém distintas realidades sócio-culturais, sendo assim, utilizar somente o LD se torna insuficiente para o desenvolvimento de uma prática de ensino de leitura competente.

Portanto, caberia à escola, no planejamento de seu projeto pedagógico, e ao professor observarem as leituras literárias ou não literárias relevantes para um trabalho que considere o contexto social, histórico e cultural do público—alvo daquela escola, e

¹² Para ilustrar as afirmações à cerca da leitura fragmentada de obras literárias, sem o caráter de leitura evento e sem considerar a singularidade inerente ao ato de ler e de seu leitor, trazemos anexo o Caderno de Orientação ao Professor de um Material Didático de Escola privada. Além das orientações ao professor, mostra-se uma atividade específica com o fragmento do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e sua atividade.

assim, possibilitar a leitura de fato e o gosto por ela, observando variantes como idade, grupo social, constituições ideológicas do grupo, habilidades leitores já desenvolvidas e a serem desenvolvidas.

Num percurso inverso, Zilberman (1989) nos diz que há uma indústria cultural que age fortemente no que se refere ao estabelecimento do que é literatura ou leitura literária e ainda estabelece uma leitura de prestígio. Há, portanto, uma indução mercadológica que determina o que é boa leitura ou o que é literatura, cristalizando um ideário de leitura adequada às escolas, por exemplo, e até ao público em geral. Este processo, na verdade, estabelece uma clara distinção de classes ou intelectual no que se refere à literatura, pois, determina o que cada grupo deve ler. Isso se reflete bem nas denominações mercadológicas dadas à literatura, que de forma geral corresponde às: *literatura de massa, literatura erudita, literatura moderna, literatura contemporânea, literatura popular, entre outras denominações.*

A escola também tem se deparado com a realidade de uma sociedade inquieta e ao mesmo tempo alienada, que conduz a um consumo em massa e de massa. Todos estes aspectos externos tendem a gerar forças transformadoras no sentido de como a escola organiza seus conteúdos ou desenvolve suas atividades. Os reflexos ideológicos e dialógicos próprios da linguagem, permeados pelas relações sociais, históricas e de mercado interferem, muitas vezes, na nossa liberdade para pensar, falar e ser, pois a todo instante se tenta determinar o que e como se deve pensar, o que não é diferente no que concerne à leitura no mundo, posto seu caráter formador.

A escola, neste contexto acima, é usada indiretamente (pelas forças mercadológicas e sociais) para desempenhar a função de formar sujeitos através de um ensino utilitarista, considerando os interesses sócio-econômicos dominantes, ou seja, o ensino organiza-se em torno da competência técnica e a escola, muitas vezes, reproduz as diferenças sociais, estabelecendo em seus materiais o conhecimento literário legítimo e de outro o conhecimento não-literário, ilegítimo, mesmo quando afirma trabalhar na perspectiva dos vários gêneros textuais. A instituição escolar deveria ou ao menos poderia ser o divisor de águas na formação dos alunos através de professores leitores que possibilitassem ao aluno a palavra outra, a possibilidade de se reconhecerem leitores, livres para por si, porém na relação com o outro, constituírem-se leitores e reconhecerem-se leitores.

Toda essa discussão desvela a leitura literária como objeto histórico e social. Como afirma Lajolo (1997) a literatura, assim como a leitura, também é um objeto

histórico e social. Portanto, quando relacionamos o ensino de leitura ou o ensino literário à elaboração de um Livro Didático (LD) de língua portuguesa para o Ensino Fundamental II, também se deve considerar os sujeitos sociais envolvidos na produção do LD, seja o editor e os interesses da editora, o distribuidor, os livreiros, as escolas destinadas e seu público-alvo, enfim, todos esses sujeitos se encontram envolvidos na produção de sentidos presentes nos livros escolares e tudo isso condiciona fortemente as práticas de ensino, principalmente se o professor não reconhecer o seu ¹³ato responsável no processo de aprendizagem de leitura.

Ponzio (2010) citando Bakhtin (1979) traz uma discussão sobre os gêneros discursivos e destaca que, somente a inter-relação entre os gêneros primários e secundários permitidos nos textos literários pode lançar luz sobre a verdadeira natureza dialógica da palavra. Ressalto que não somente nos textos literários, já que toda leitura é dialógica, mas enfatizo a literatura devido a experiência de leitura a partir da obra literária nos fóruns de discussão neste trabalho apresentados. Sendo assim, compreendemos por leitura, o evento que possibilita um ato responsável no processo de construção dos sentidos e dos sujeitos. Na mesma obra “Procurando uma Palavra Outra”, o autor ainda enfatiza a necessidade e a oportunidade de se levar em conta a dialogicidade peculiar que os gêneros literários conseguem produzir em sua configuração discursiva dos gêneros primários¹⁴. Também vem chamar de uma “linguística da escuta”, a oportunidade de através do encontro de palavras permitido pela leitura literária, estabelecer a alteridade, a singularidade de cada leitor no processo de leitura. É importante destacar que a inter-relação entre os gêneros primários e secundários pode ocorrer fora da literatura, todavia, neste trabalho há um certo destaque ao texto literário ou para a leitura literária devido ter sido o gênero que nos impulsionou às discussões nos fóruns, ou seja, o texto literário para esta pesquisa foi o aspecto instigador no processo.

É necessário compreender que o Material Didático de Língua Portuguesa elaborado para Ensino Fundamental II, como um dos elementos a serem utilizados na sala de aula, deve possibilitar que os textos literários sejam abordados a partir do que Ponzio (2010) denomina de uma perspectiva da palavra literária, a escuta da palavra literária.

¹³ Falaremos melhor sobre Ato responsável, a partir de Bakhtin (2010) em seu trabalho “Para filosofia do ato responsável”, nos próximos capítulos.

¹⁴ Essa configuração dos gêneros primários pode ser observada tanto no enredo da obra literária Amor em tempos de Blog e ainda é marcada nas discussões presentes nos fóruns sobre o texto literário lido e sobre o que concebem os alunos acerca de diálogo e formas de comunicação entre os protagonistas no enredo.

Não uma palavra fragmentada, descontextualizada e limitadora ou delimitadora da palavra.

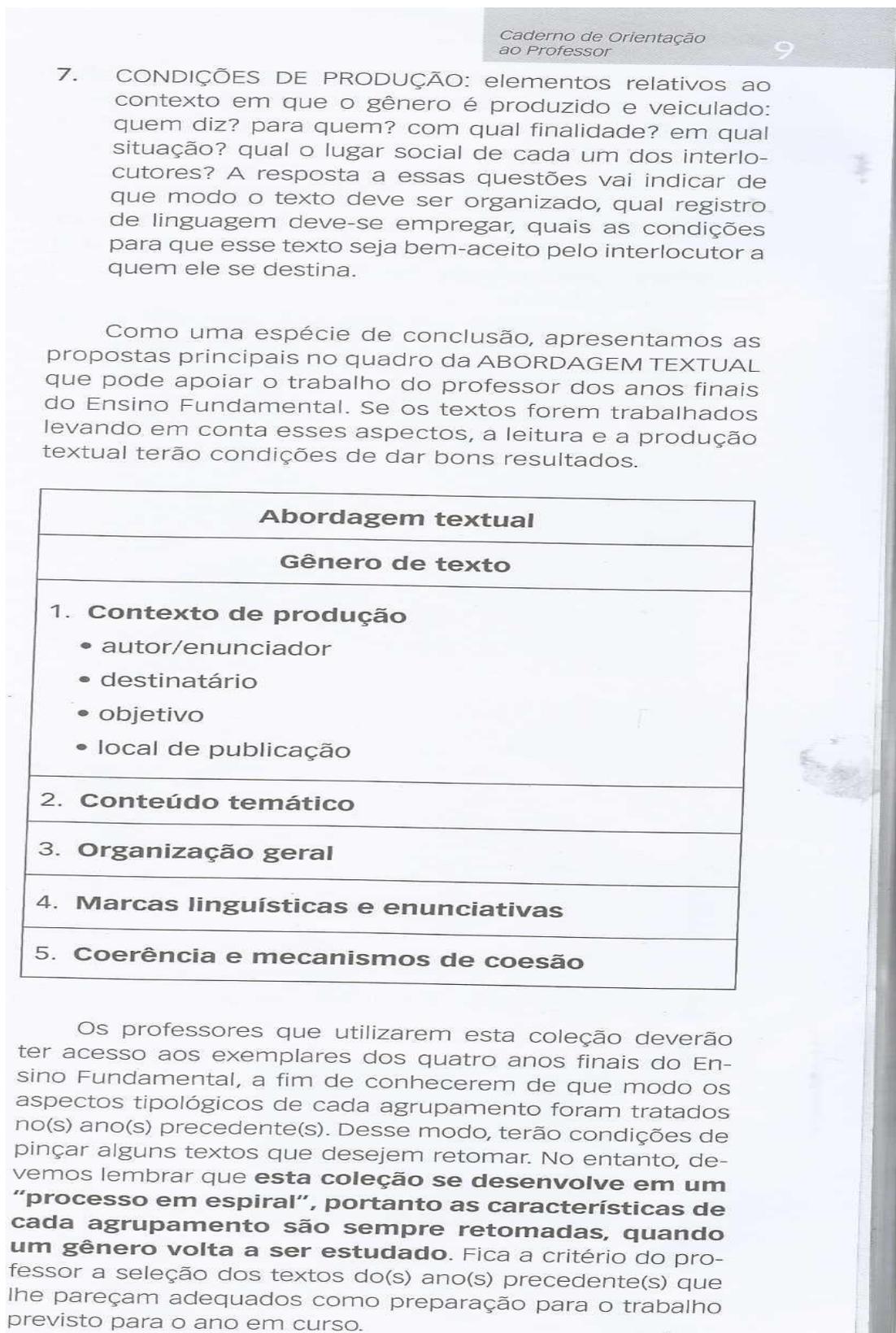
De um modo geral, considerando a experiência na sala de aula, principalmente quando referente à escolha do Material Didático Anual, o uso do LD e dos textos literários transcendeu a sala de aula, no sentido de que sua utilidade deixou de ser apenas educacional, mas também permeada por questões mercadológicas. Tornou-se uma fonte de renda, principalmente para autores e editoras, enfim, um comércio lucrativo. Nos últimos anos quando a Literatura se transformou em um frutuoso negócio, vista como mercadoria, transformou também o caráter pedagógico da leitura, conforme afirma Zilberman (1989, 29-30):

No espaço restrito do ensino de literatura, o esquema repete-se e as fórmulas repassadas aos alunos reforçam a ausência do sentido da história, através da transmissão de categorias estáticas de conteúdo. (...). O texto literário perdeu seu poder de influência sobre os processos de produção e recepção posteriores, neutralizando-se, pois, sua condição histórica. Por essas vias, o ensino de literatura contribui para a formação de mentalidades que não se devem renovar, mas aceitar passivamente os produtos que a indústria cultural oferece ao consumo.

Estabelece-se nos livros didáticos o que ler, como ler e até como compreender o texto literário. São verdadeiros manuais mecanicistas que da forma como são usados não permitem a leitura e a constituição do sujeito leitor pela alteridade de uma leitura emancipada e com caráter de evento. Perde-se a palavra outra, a possibilidade da escuta que fala e apreende, e depreende sentidos próprios da relação de alteridade, como afirma Ponzio (2010) que põe a palavra literária numa relação de sentido, que permite pela leitura a alteridade, a constituição do sujeito leitor no evento da leitura. O direcionamento dados para as compreensões do texto podem, muitas vezes, calar e impossibilitar a leitura singular do texto, além de impedir que o leitor seja seu próprio estrategista e orientador, veja bem um trecho de orientação no COP do Material didático de Língua Portuguesa abaixo:

A imagem a seguir foi retirada do COP-Caderno de Orientação ao Professor do Material Didático Pueri Domus-2015, destaca o modo de abordagem sobre o texto, além da ênfase dada ao condicionamento dos bons resultados a esse método de compreensão textual, como se a leitura permitisse fórmulas:

Imagem 1: Scan do Caderno de Orientação ao Professor, p.9, material aspiral Pueri Domus.



Fonte: COP-Caderno de Orientação ao Professor do Material Didático Pueri Domus-

1.1. A cultura do Material didático: reflexos

“Tão importante quanto o ensino dos conteúdos, é o testemunho ético do professor ao ensiná-los” (FREIRE, 1996).

A presença de suportes ou manuais com o propósito de “auxiliar” ou guiar o trabalho de professores nas escolas do Brasil aconteceu em meados de 1929, quando houve a criação de um órgão que legislaria sobre as políticas do Livro Didático, o INL (*Instituto Nacional do Livro*). Conforme artigos que versam sobre o panorama de acervos em bibliotecas públicas no país, o objetivo deste instituto era o de auxiliar no aumento da produção de livros didáticos nacionais, conseqüentemente houve a legitimação desses materiais. Conforme constatações históricas trazidas como justificativas pelo próprio INL, foi no Governo Vargas que o órgão recebeu suas primeiras atribuições como: “editar obras literárias para a formação cultural da população, elaborar uma enciclopédia e um dicionário nacionais e expandir o número de bibliotecas públicas”. (FREITAS, 1998, p. 135).

A partir de então os livros didáticos foram, e mais recentemente as atuais apostilas ou projetos digitais de ensino, reconhecidos como recursos educacionais legítimos, os quais tinham por objetivo ser a referência para o ensino aos alunos na escola. Conforme são observados os textos introdutórios dos materiais, estes são apresentados com os objetivos de simplificar, objetivar e otimizar o trabalho do educador na sala de aula. Sendo assim, os materiais didáticos se constituem historicamente como recurso utilizado para o ensino padronizado tanto em sistemas públicos como privados de ensino.

O sistema apostilado nas escolas brasileiras passou a ser adotado categoricamente a partir da década de 1950, no governo de Juscelino Kubitschek, dados apresentados pelo INL. Segundo Arruda; Kinjo; Barbosa (2008) prevaleceu a justificativa de que o sistema apostilado seria um material prático, moderno, barato e eficaz, isso incentivou a troca dos Livros Didáticos pelas apostilas, em especial nas redes particulares de ensino. Conceito que prevalece nos dias atuais com base na ideia de que as apostilas são sinônimo de praticidade e dinamismo. Ainda que o material apostilado traga suas controvérsias para alguns pesquisadores, conforme Arruda, Kinjo & Barbosa(2008):

As apostilas não possuem avaliação e muito menos a aprovação do MEC, restringem à liberdade do professor que tem prazo determinado para o cumprimento do conteúdo, passando a ser um mero aplicador de apostilas, custam em geral mais caro que os livros, são consumíveis, necessitando ser compradas todos os anos e possuem erros grosseiros (ARRUDA, KINJO & BARBOSA, 2008, p.13).

Enquanto professora que conhece e trabalhou durante anos com ensino apostilado de, ao menos, três sistemas de ensino diferentes, posso afirmar que as constatações trazidas por Arruda, Kinjo & Barbosa(2008) condizem com a realidade do ensino por apostila. São materiais que por sua estruturação podem limitar ou alienar o trabalho do professor, principalmente considerando a pressão imposta pelas diretrizes curriculares das escolas privadas e a comodidade de muitos professores que encerram seu trabalho na linha de direcionamento das atividades propostas pelo material, o que muitas vezes considera apenas os elementos característicos do grupo de alunos. A limitação do processo de ensino como um todo e da leitura em si ao uso somente do material didático e suas orientações pode descarrilhar para um ensino enfadonho e descontextualizado, além de desvalorizar aquilo que o próprio aluno traz como modo de leitura ou leituras.

O sistema apostilado, está consolidado com a justificativa de um ensino organizado, prático e eficaz, embora evidencie a fragmentação do conhecimento. Especificamente no ensino de Língua Portuguesa e Literatura, interfere no sentido da compreensão dos textos na forma integral, o que direciona sentidos e tendência a ideias prontas, sem reflexão. A este exemplo aponto nos anexos duas atividades de leitura fragmentada presentes na apostila de Língua Portuguesa do 9º _ 2015, nele há o trecho da obra Memórias Póstumas de Brás Cubas e todas as devidas orientações sobre leitura e análise do texto. As formulações direcionam um único modo de leitura e estudo do texto literário, fechando as possibilidades de olhar o mesmo texto pela ótica singular de cada leitor.

O Projeto Literário Leitura e Companhia, onde se encontra o fórum oficial, uma das fontes desta pesquisa, por si só não foge dos pontos positivos e negativos atribuídos ao elemento Material Didático apostilado, principalmente quando também for utilizado como fator alienante e limitador das práticas de leitura na sala de aula. A arquitetônica presente nos textos de apresentação e orientação ao aluno e ao professor no Projeto

Literário une e integra o material, a forma e o conteúdo, organizando e indicando o sentido naquele espaço e tempo. De uma forma geral tem a seguinte estrutura¹⁵ verificada:

- a) Definir os objetivos do processo de ensino aprendizagem de leitura e escrita por meio do material didático (livro literário e plataforma digital com atividade proposta e fórum de discussão).
- b) Estabelecer um público alvo ideal e os modos como estes podem ser auxiliados no processo de aprendizagem (desenvolvimento de capacidade e habilidades leitoras).
- c) Caracterizar o material como uma nova proposta, capaz de superar os desafios já elencados sobre leitura na sala de aula.
- d) Avaliar o aluno de modo a criar um perfil de leitura e, portanto, de leitor, já existente ou ideal.
- e) Produzir material adequado às necessidades do aluno contemporâneo, segundo seus pressupostos.
- f) Possibilitar ao professor uma precisa (quantitativa) análise das dificuldades e necessidades dos alunos para que possa contribuir mais e melhor fornecendo exatamente com o que o aluno necessita, quando considerados apenas os relatórios.
- g) Avaliar o processo de aprendizagem, considerando que o material está cumprindo com os objetivos para os quais foi criado, a partir da geração de relatórios que demonstrariam uma visão quantitativa do conhecimento adquirido.

Os itens elencados acima foram formulados por mim, a partir das diretrizes apresentadas nos textos de apresentação do projeto e de orientação ao professor, tais textos estão disponíveis nos anexos desta tese.

Há no Projeto Leitura e Companhia uma tendência para controlar o processo de leitura, mas este esforço é inútil se consideradas as devidas dimensões nas práticas de ensino de um ano letivo com toda a diversidade imposta pelos alunos e suas experiências singulares com a leitura. Todavia, ao considerar os fóruns, seja o oficial, seja o paralelo, podemos perceber que estas atividades puderam proporcionar, na valoração do espaço-

¹⁵ Tópicos formulados a partir dos documentos denominados manual do professor, manual de orientação para as habilidades e manual do aluno disponibilizados pelo Projeto Leitura e Companhia da Editora Pearson.

tempo, o movimento necessário a construção do sujeito na relação de alteridade pela leitura.

Portanto, há nos manuais de orientação ao professor um direcionamento para sua prática de ensino que desconsidera as relatividades e subjetividades próprias da relação entre os sujeitos no processo de ensino, principalmente quando são tratadas questões de leitura e produção de texto. Constrói-se, pois, um leitor ideal ou fórmulas que delimitam o ensino de leitura.

1.2. Crise na educação x Crise na leitura: Caminhos

“É desse cruzamento do mundo simbolizado pela palavra em estado de literatura com a realidade diária dos homens que a literatura assume seu extremo poder transformador.”
(ORLANDI 1997.)

A leitura tem uma função de suma importância em toda a sociedade, ela por si só apresenta um caráter trans(formador), alarga ideias, constrói e desconstrói conceitos, modos de pensar e ser na sociedade. Hoje é certo que a inserção dos indivíduos no mundo da leitura é atribuída à escola por excelência, mesmo não sendo este o único canal, é dele que a sociedade cobra esta ‘responsabilidade’ maior para estabelecer e manter a relação leitor–livro ou pode-se dizer também sujeito-leitura. De certo que a escola é uma instituição credenciada para esta função e apresenta meios didatizados (didáticos) para tal fim, o que se põe em discussão é o modo como esta instituição e seus profissionais têm historicamente pensado e realizado a função legítima da leitura para formação dos sujeitos alunos. À leitura têm sido atribuídos alguns modos que a descaracteriza de seu maior e melhor objetivo: Propiciar a escuta que leva ao outro e a si mesmo, ou seja, o seu caráter dialógico é desconsiderado em muitas atividades com o texto na sala de aula.

Quando faço referência ao texto literário, o faço devido este gênero ter constituído o ponto de partida para os fóruns, mas não determino a leitura de textos literários como únicos proporcionadores desta escuta que fala, do encontro de palavras, a leitura é o evento do texto seja ele qual for. Os enunciados nos fóruns também representam a palavra outra lançada a partir da leitura do texto literário em questão, também trazem a palavra literária, um alargamento da palavra do sujeito leitor na sua alteridade com o texto

literário. Nesta relação dada pela leitura (literária no caso), sujeitos leitores e texto lançam suas palavras, nesta alteridade o sujeito se constitui e constitui outros.

Há um conflito evidente entre o que se refere à educação e à prática de leitura na sala de aula. Muitos são os sistemas de avaliação criados pelo Ministério da Educação, seja com função diagnóstica (INEP e SAEB) ou, a partir destes, propostas que apontam para os possíveis caminhos, para soluções dos problemas relativos à leitura e ao ensino. No entanto, e apesar das mudanças, ainda perduram os fracassos diretamente relacionados à leitura e compreensão de textos, persistem nas pesquisas com educadores as mesmas vozes: “os alunos não sabem ou não querem ler.”, “Não há espaço e tempo para trabalhar leitura em sala de aula, pois temos que dar conta da apostila, do programa curricular.”, “Trabalhar leitura na sala de aula é utopia.”.¹⁶

É mais comum ainda escutar de colegas de disciplina, em sala de professores ou reuniões pedagógicas, às vezes até fomentadas por leituras ditas bakhtinianas ou freirianas, que uma coisa é a teoria e outra coisa é a prática, que é muito bonito e poético o que a academia escreve, mas que na realidade não funciona. Há uma descrença e uma falta de postura ativa, o já mencionado ato responsável bakhtiniano, para uma transformação efetiva; se há falta de diálogo entre academia e escola, deve-se estabelecê-lo. O professor, por excelência deve ser um observador e crítico ativo, deve fazer valer sua voz, suas experiências, suas práticas, caso não seja a solução, certamente é um promissor caminho.

De acordo com Pinheiro (2006), em seus estudos sobre as práticas de leitura literária na formação da comunidade leitora de pré-adolescentes em escolas públicas do Brasil e de Portugal, o leitor que a escola e a sociedade pretendem formar, traz o ideário de que se deve ler o que é permitido e determinado como boa leitura ou leitura adequada. Ainda para a autora, tais valores são instaurados, principalmente, por meio do Livro Didático, que comumente tem guiado as práticas de leitura realizadas na sala de aula. Principalmente pelo distanciamento entre a teoria para um ensino de leitura e as práticas de leitura no cotidiano de nossas escolas, e aqui consideramos toda diversidade sócio-econômica e cultural brasileira, hoje podemos afirmar que existe uma crise na educação e uma crise na leitura. A crise do desconhecimento e da falta de ação, dos paradoxos

¹⁶ Reprodução das vozes de professores da Rede Estadual de São Paulo e Campinas, projeto REDEFOR/UNICAMP 2012, experiência pessoal e profissional como professora orientadora em um fórum de discussão.

instaurados pelos livros e pelas práticas pedagógicas, mas principalmente pela falta de comunicação entre a teoria e a prática do ensino de leitura.

As peculiaridades cotidianas nas diferentes salas de aula, a utilização unívoca do LD de Língua Portuguesa como norteador; com seus textos literários fragmentados e suas atividades preestabelecidas e rigorosamente orientadas por um grupo de especialistas, que nem sempre cotejaram seus estudos com as práticas de ensino de leitura vivenciadas por professores em suas salas de aula, fomentam o que Giroux (sic 1987, p. 9) concebe como:

[...]divisão técnica e social do trabalho, o que, ou amarra o professor aos ditames de especialistas que foram removidos do contexto da sala de aula, ou serve para aumentar a distância política entre aqueles que trabalham no dia-a-dia, de fato, com os estudantes e com os currículos.

Atribuir responsabilidades definitivamente não é a intenção, nem o caso, mas abrir espaço para uma reflexão considerada importante posta pela contextualização e constituição do sujeito professor/pesquisador envolvido e a pesquisa realizada. Seria o que Petrilli (2013) denunciou no título de sua obra “Em outro lugar e de outro modo”, é poder pensar de um lugar único e singular, que sugere a demarcação do espaço de união entre o discurso da prática e o discurso da teoria. O professor é o pesquisador, e ainda mais, o professor compõe o acontecimento e fala de um lugar que algumas vezes lhe é negado pelo simples fato de ser o orientador na sala de aula, este lugar de leitor que o coloca ao lado do aluno, junto a ele no processo de ensino e de leitura.

Nesta perspectiva, o professor não estuda sobre uma prática de leitura realizada na aula para ser observada, ele realiza a leitura e consegue observar a sua prática com mais verdade e propriedade e, por isso, realizá-la de forma mais condizente com o ato responsivo de professor e leitor que é. Tão pouco o pesquisador necessitou pensar ou compor um *corpus* sobre leitura para poder estudá-la, foi o acontecimento que o direcionou à inquietação e à pesquisa. Isso é olhar para vida e lançar um lampejo de compreensão sobre ela.

O espaço da possibilidade veemente, das soluções reais, da leitura possível, parafraseando Geraldi, o lugar da leitura enquanto prática do acontecimento. De acordo com Moura e Miotello (2016) “a escola é o lugar de se trabalhar com os textos[...]Todos. Professores e alunos; pais e comunidade; fazendo circular a palavra”. Acrescento por minha conta e experiência, a academia e a escola não precisam ser espaços distintos,

devem ser espaços comuns, lugar de encontro de palavras, de vivências, de escuta que fala, o lugar onde o outro me constitui e eu constituo o outro por meio dos textos, dos enunciados, das pesquisas e das práticas. Isso é possível, real e não é difícil, pelo contrário; é mágico, é desbravador, inusitado e, principalmente esclarecedor.

Ler e interpretar texto, o “calcanhar de Aquiles” de professores e alunos. Esta afirmação é recorrente quando se discute o trabalho com a leitura seja uma conversa na sala dos professores, seja nas discussões da academia. Focar caminhos para solucionar esta questão é uma escolha que pode transformar os resultados e certamente fazer parte do processo de transformação do ensino, ser ativo e positivamente responsivo pode ser o diferencial quando o assunto é educação. Conceber e utilizar o texto como lugar de resposta para as dificuldades destacadas por professores e alunos no ensino de leitura pode ser um caminho frutuoso, pois não há fórmula para o desenvolvimento de práticas leitoras eficientes, mas há a experiência da prática de leitura em contextos diversos e a troca de vivências que trarão possibilidades reais e concretas do trabalho com a leitura.

Aqui trago a minha experiência que partiu do texto literário e teve desdobramentos em fóruns de discussão, mas não limitamos os dizeres e os benefícios da leitura à literatura, apenas reforço a potencialidade deste texto como um lugar que por excelência concentra a vida e a arte numa relação de sentido.

O que não pode continuar, se pudermos assim denominar, é essa responsividade com caráter neutro¹⁷, pois como reflete Bakhtin (2011) em seus estudos na obra *Estética da Criação Verbal*, ninguém pode ocupar uma posição neutra em relação a mim e ao outro, e ainda reforça que a diretriz axiológica necessita de que ocupemos uma posição singular no acontecimento único da existência. Todavia, a posição responsiva do professor, de um modo geral, deve apresentar a voz que indica o caminho através das práticas realmente realizadas; inclusive no que se refere as práticas de leitura em sala de aula. Murmúrios sem ações só potencializa o problema, mas críticas permeadas por vivências e tentativas podem apontar soluções.

O mundo mudou, a história é outra, assim como os sujeitos são outros no cenário da educação, sem sombra de dúvida isso deve ser considerado. As redes sociais, os blogs, os fóruns públicos e particulares de discussão, o whatsapp, com fácil acesso nos aparelhos modernos (computadores, tablets, notebooks, celulares) tornaram a leitura silenciosa da biblioteca uma dramática realidade. Neste contexto surge os modos de leitura (digital,

¹⁷ Responsividade com caráter neutro é uma proposta minha para definir a falta de posicionamento crítico ou positivamente ativo do professor que se diz limitado pelo material ou pelo currículo.

online) e as obras literárias, os textos nas representações digitais estão submetidos a inúmeras ações, afinal é uma ‘imaterialidade’ ou ‘materialidade imprecisa’ que permite recortes e comentários do próprio leitor e de outros leitores anteriores. Neves (2008, p.29) alerta para a necessidade de um cuidadoso trabalho que una o antigo e o novo nas atividades com leitura:

[...]o tipo de leitura proposto pela escola ainda tem como objeto concreto “o livro escrito”, o lugar para a prática da leitura é a biblioteca “silenciosa”, e a mesma deve ser feita, muitas vezes, individualmente, o que não é condizente com o mundo de leitura para o qual os alunos contemporâneos estão atentos: uma leitura rápida, dinâmica, veloz, até mesmo impressionista; uma escrita diluída, dissipada, em jornais, revistas, filmes, e principalmente, a leitura do texto eletrônico, feita através da tela do computador. Por isso é que a leitura proposta pela escola torna-se desinteressante para o aluno contemporâneo. É preciso, pois, conciliar os dois tipos de leitura, sem desmerecer qualquer uma delas, como costumam fazer certos intelectuais mais nostálgicos. (NEVES, 2008, p.29)

A leitura é, antes de qualquer definição, um ato e, por isso ser, pode articular-se de várias formas a depender da formação e desejo do sujeito disposto a realizar tal. Moacyr Scliar em seu texto “O valor simbólico da leitura” recorre ao dicionário Houaiss para conceituar a leitura, ao que de um modo geral chama de possibilidade de compreensão e interpretação do acontecimento no mundo. Neste mesmo texto Scliar aponta para a cristalização da leitura enquanto ato realizado utilizando o texto escrito. Vejamos:

Costumamos associar a palavra leitura a um texto escrito. Lemos um livro, lemos um jornal, lemos uma carta, lemos uma bula de remédio, e de fato, nas 13 acepções registradas no Dicionário Houaiss da língua portuguesa, a maioria tem este sentido, de ler textos. Mas, no sentido figurado, diz Houaiss, a palavra leitura quer dizer “maneira de compreender, de interpretar, um texto, uma mensagem, um acontecimento” (SCLIAR, 2008, p. 31)

Apesar de ainda ser fortemente e tradicionalmente considerada o ato de decodificar o texto escrito, a leitura é muito mais amplamente concebida e usufruída em suas variadas facetas. Há de se identificar as novas possibilidades de leitura e novas relações com a escrita para então conceber tal prática em nossas diversas salas de aula. Reconhecidos tais aspectos, Geraldi (2012) enfatiza a proposta arquitetônica da palavra em Bakhtin e apresenta uma metodologia de trabalho que tenha por sustentação a prática

de leitura como o lugar da escuta do outro na sala de aula, a prática da escrita como lugar de resposta à palavra do outro, e a prática da análise linguística como lugar da compreensão dos movimentos da linguagem nesse espaço da escuta que fala.

Sendo assim, são outras configurações para a leitura, mas ela continua sendo o percurso da aula como acontecimento que prevê a relação do eu-para-mim, do outro-para-mim e do eu-para-o-outro; e neste movimento dialógico, a constituição dos sujeitos pelo acontecimento da leitura é algo palpável e consideravelmente positivo para formação crítica do aluno.

As instituições de ensino já reconheceram a urgência de atender a demanda desse público exigente e aparentemente confuso dos adolescentes deste século, mas ainda parece não saber como lidar com a situação. Abandonam a materialidade dos livros e isolam suas bibliotecas por força do discurso de ultrapassado e enfadonho e aderem ao modelo de leitura digital fomentado por alguns projetos de leitura literária que tentam unir tecnologia e leitura como fórmula de reconhecimento por parte dos jovens leitores.

A questão é que um modelo não anula o outro, e não é através de modelos que as aulas de leitura acontecem, ela é naturalmente adequada às necessidades do conhecimento, das situações que a próprio conteúdo ou realidade escolar possibilitam ou se colocam.

Neste trabalho há de se observar a denominada estética do cotidiano, a estética que se lança de tal forma nas salas de aula que escapa dos contornos da estética oficial e se observa entrelaçada sob a nuance da ética. Ética e estética, na vida e na arte, na leitura e nos enunciados concretos da sala de aula, neste espaço se instaura o sentido, a leitura enquanto acontecimento que permeia a constituição os sujeitos. Candido (2011) considera o acesso à literatura um dever supremo da escola, um direito humano, uma necessidade à formação do sujeito, ainda para o autor, a leitura literária estimula, entre outras coisas, o exercício da reflexão, a boa disposição para com o próximo, a percepção da complexidade do mundo e dos seres; e acrescento que possibilita a palavra outra, a escuta da palavra literária que fala de lugares e tempos, além de colocar o leitor na perspectiva das personagens, uma arquitetônica que constitui o leitor na vida e pela arte.

Na Educação Básica – Ensino Fundamental II – as apostilas e os manuais de Língua Portuguesa, no ensino público e privado, tratam a leitura de acordo com o que preconizam os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacional) com algumas adequações às realidades regionais e sociais. Ou seja, nos Materiais Didáticos de LP (Língua Portuguesa) o foco é dado à leitura, priorizando a diversidade de textos no sentido do

conhecimento científico, artístico e literário¹⁸. A questão não é esta, mas a forma como tais textos são trabalhados, sempre na perspectiva da análise linguística¹⁹, muitas vezes desarticulada do singular processo de leitura realizado em sala de aula e da leitura enquanto ato individual e diferente para cada aluno.

O sujeito professora de Língua Portuguesa e Literatura, aqui também instaurado, não poderia deixar de relatar que tais materiais trazem algumas propostas interessantes, mas por uma questão de valores profissionais é dever apontar uma relativa inquietação referente ao trato fragmentado dado a literatura e à leitura de outros gêneros; e que muitas vezes, amarra o trabalho do professor na sala de aula, seja por comodismo dele mesmo, seja pela pressão causada pela obrigatoriedade de seguir e concluir o Material Didático proposto pela escola. Propostas de atividades indicadas como leitura, mas que para este ato deixam a desejar.

À exemplo disso observamos os gêneros propostos para o segmento do Fundamental II, sempre enfatizando a necessidade de um trabalho com a diversidade dos gêneros e dos textos contextualizados. Para tanto, os materiais direcionados ao ensino com textos propõem como objetivo para o aluno - narrar, relatar, argumentar, poetizar, expor e prescrever em cada ciclo do ano. Especificamente para o 9º ano do Fundamental II, com base nas apostilas de escolas privadas, são dispostos os gêneros diário, romance, teatro, editorial, poemas concretos, relatório, código e estatuto e expressão oral (debate). No entanto, não se vislumbra de fato um trabalho de leitura, mas de análise linguística como visto no anexo X deste trabalho.

A produção do Material Didático e das Orientações aos professores representam certamente um momento de transição ideológica, teórica e consequentemente das práticas para educação nos moldes que atendam às necessidades sociais, tecnológicas e mercadológicas que emergiram com rapidez e força desproporcional às transformações educacionais como um todo. É evidente quando observo as cartilhas de repetição que alfabetizaram meus pais no início dos anos 60 (ainda guardadas no quatinho do sítio onde moram), quando vejo os meus cadernos de cópias de textos que realizava na escola nos anos 80 e, para decorrer, quando escuto minha filha chegar da escola hoje aos seis anos de idade, com o livro da semana, retirado da biblioteca da escola, para que eu leia

¹⁸ Anexo os dois quadros de indicação dos gêneros a serem trabalhados no ano e na unidade e dos pressupostos teóricos daquela escolha no COP(Caderno de Orientação ao Professor do Material Didático Pueri Domus 2015).

¹⁹ Ver anexo do COP e da proposta de análise do texto no material didático de uma escola privada no ano de 2015.

com ela. Mais ainda percebo a transição, quando ela ansiosa para ler, me fala que eu só devo ajudá-la, pois ela é que irá ler.

A leitura efetiva e necessária foi surgindo nas aulas de português, primeiro como conceito, posteriormente como prática destinada aos alunos e hoje, fortemente compreendida como prática prioritária e comum a todos os envolvidos no processo de aprendizagem, principalmente para Educação Básica em diferentes áreas do conhecimento como preconizam as orientações expressas pelos Documentos Oficiais²⁰ e pontualmente destacado no Currículo do Estado de São Paulo:

Para desenvolvê-la (a leitura) é indispensável que seja objetivo de aprendizagem de todas as disciplinas do currículo, ao longo de toda a escolaridade básica. Por esse caráter essencial da competência de leitura e escrita para a aprendizagem dos conteúdos curriculares de todas as áreas e disciplinas, a responsabilidade por sua aprendizagem e avaliação cabe a todos os professores. (CURRÍCULO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2012, 13 p.)

Os tópicos posteriores neste capítulo tratarão com mais propriedade sobre o que propõem o currículo e os documentos oficiais no que concerne à leitura e suas práticas escolares. Cabe salientar o caráter pontual desta pesquisa, construir um percurso que culminasse na constatação ou não da constituição do sujeito leitor em fóruns de discussão sobre a leitura literária, no nono ano da Educação Básica.

1.3. Currículo do Estado de São Paulo – Área Linguagens, códigos e suas tecnologias

O documento que rege as ações e projetos pedagógicos das escolas públicas e privadas do Estado de São Paulo é a Proposta Curricular, um trabalho com orientações elaboradas a partir do levantamento de documentos anteriores sobre educação e pesquisas sobre as práticas docentes que deram certo nas escolas do Estado. Com o tempo, algumas

²⁰ PCN – Parâmetro Curricular Nacional, LDB – Lei de Diretrizes e Bases e SAEB – Sistema de Avaliação do Ensino Básico.

transformações foram se apresentando necessárias para o sistema de educação e, inclusive, em aspectos da própria LDB. Assim sendo, o conteúdo da Proposta Curricular paulista também remonta indicadores já previstos na LDB, todavia com princípios orientadores que, conforme o Currículo do Estado de São Paulo (2012), objetiva a construção de uma escola capaz de promover as competências indispensáveis ao enfrentamento dos desafios sociais, culturais e profissionais do mundo contemporâneo e considerando as peculiaridades e necessidades educacionais, como aparece explicitamente em itens colocados no documento:

Princípios para um currículo comprometido com o seu tempo; Uma escola que também aprende; O currículo como espaço de cultura; As competências como referência; Prioridade para a competência da leitura e da escrita; Articulação das competências para aprender; Articulação com o mundo do trabalho. (PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO DE S. PAULO, 2012, 12 p.)

O texto do documento propõe como prioridade a competência da leitura e da escrita, fruto da constatação de estudos, pesquisas e avaliações diagnósticas, conforme a própria proposta. Além dessa proposta apresentada, concebida como documento básico curricular, há outros textos com orientações expressas sobre a leitura para gestão do currículo na escola: o Caderno do Gestor, Caderno do Professor e Caderno do aluno; porém, estes são destinados exclusivamente para escola pública. No sistema apostilado tais orientações vêm nos chamados COP (Caderno de Orientação ao professor) e nos conhecidos textos “In box” nos materiais destinados aos alunos.

Além dos documentos oficiais, as inovações tecnológicas, através principalmente das redes sociais e meios similares (blogs, fóruns públicos, grupos de whatsapp) imprimem um ritmo sem precedentes no que diz respeito ao acúmulo de conhecimentos, mas refletem fortemente nos moldes de leitura até então alcançados e, aqui surgem aspectos negativos e positivos, em outro tópico apresentados e discutidos. Tais aspectos incidem diretamente na organização e produção dos materiais didáticos também.

O currículo já traz indicações e direcionamentos no sentido das transformações no âmbito tecnológico, assim, como a necessidade de um trabalho na escola que prepare os alunos para tal realidade. Neste contexto, os novos indicadores e conhecimentos deverão ser objeto de aprendizado por todos no espaço educacional, o que muda por consequência a concepção de ensino impressa pela educação até o momento:

Neste contexto (tecnologia) a capacidade de aprender terá de ser trabalhada não apenas nos alunos, mas na própria escola, enquanto instituição educativa: tanto as instituições como os docentes terão de aprender. Isso muda radicalmente nossa concepção da escola como instituição que ensina para posicioná-la como instituição que também **aprende a ensinar**. As interações entre os responsáveis pela aprendizagem dos alunos tem caráter de ações formadoras, mesmo que os envolvidos não se deem conta disso. Neste sentido, cabe lembrar a responsabilidade da equipe gestora como formadora de professores e a responsabilidade dos docentes, entre si e com o grupo gestor, na problematização e na significação dos conhecimentos sobre sua prática. (PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO DE S. PAULO, 2012, 22)

Quando trata das competências e habilidades, refere-se aos aspectos que devem ser considerados: o adolescente e as características de suas ações e pensamentos; o professor e suas características pessoais e profissionais e a qualidade de suas mediações; por fim os conteúdos das disciplinas e as metodologias para seu ensino e aprendizagem. Sendo assim, há um deslocamento de foco da concepção de ensino para o que a LDB (Lei 9394/1996) afirma ser uma filosofia não mais da escola que ensina, mas a do direito de aprender, todos têm e devem aprender no processo escolar, inclusive o professor.

Agora está colocado, ao menos em discussão ou tese, que a aprendizagem é um processo mútuo, contínuo e precisa do outro para se consolidar, na verdade, para acontecer. A ideia proposta modifica toda estrutura educacional e como professora, agarro-me esperançosa a elas, vislumbrando as devidas transformações, ainda necessárias, na postura de muitos educadores de Língua Portuguesa da Educação Básica e suas práticas de leitura na sala de aula.

1.3.1. Proposta Curricular: o trato sobre a Literatura

Dentre as novas formulações e propostas apresentadas pelos documentos oficiais à educação, a concepção das disciplinas e seus conteúdos por área do conhecimento é uma delas. No caso da Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna (LEM) e Arte, o domínio da linguagem nesta área é concebido como “objeto do conhecimento e meio para obtenção do conhecimento”, ou seja, desempenha dupla função. No documento as

disciplinas apresentadas para esta área são apresentadas com expressas orientações para seus objetivos e práticas de ensino/aprendizagem. Porém, o que inquieta o meu sujeito professor é o trato oferecido à Literatura, silenciada e reduzida à análise linguística de fragmentos descontextualizados de um projeto de leitura que coloque o aluno e o professor como agentes do ato.

Da Literatura vislumbrada no documento é apagado o caráter de leitura e de conhecimento da língua pela língua mencionado por CANDIDO (2011) em seu texto “O direito à Literatura”, quando apresenta a leitura literária como um importante estímulo à formação do sujeito na escola e na vida. De acordo com Currículo, a Literatura é manifestação cultural e ao lado da disciplina de Artes deve estar vinculada ao ensino reflexivo:

No ensino das diversas linguagens artísticas, é fundamental desenvolver o estudo dos eixos poético (da produção), estético (da recepção) e crítico (acadêmico e histórico).

A Literatura e a Arte são manifestações culturais. O estudo da Literatura não pode ser reduzido à mera exposição de listas de escolas literárias, autores e suas características. Por contigüidade, o estudo da Arte não pode equivaler apenas ao conhecimento histórico e à mera aquisição de repertório, e muito menos a um fazer por fazer, espontaneísta, desvinculado da reflexão e do tratamento da informação. (CURRÍCULO DE ESTADO DE SÃO PAULO, 30 p.)

Porém, esta é a única informação e reflexão proposta para Literatura no documento, enquanto que para as demais disciplinas que compõem a área, os objetivos e as atividades propensas são explicitadas e enfatizadas como relevantes para leitura e formação do sujeito.

O poder dialógico próprio da palavra literária, portanto da Literatura enquanto linguagem é silenciado e, assim perde-se a oportunidade de reconhecer devidamente o poder da leitura Literária- na íntegra e sem tarefas obrigatórias ou roteiros de leitura – no seu caráter formador que coloca o sujeito na posição constituinte na arquitetura do texto. Aproprio-me das palavras de Ponzio (2010) para tentar expressar os motivos de uma inquietação indignada:

A palavra literária se diferencia do discurso a serviço do discurso de objetivos informativos, científicos, propagandísticos, pedagógicos, políticos, etc.[...]. Por isso ela não se apresenta como “palavra própria”

de quem escreve e se desvia do horizonte da contemporaneidade.
(PONZIO, 2010, 71 p.)

A leitura literária pode transcender os limites deixados por muitas outras linguagens, é rica por excelência, sua utilização na sala de aula nas práticas de leitura abre fortemente as possibilidades de leitura, de formação de transformação dos sujeitos envolvidos nesta prática. O texto literário, assim como o artigo de opinião e tantos outros textos, traz um potencial trans (formador) para o ensino de leitura, o apontamento dado à Literatura é devido ao fato do trato fragmentado e técnico dado ao seu ensino desde as orientações nos documentos oficiais até a construção do LD. Sendo assim, abordar a Literatura como manifestação cultural e propor um trabalho descontextualizado, fragmentado, através de atividades pré- estabelecidas em LD com resultados acabados, é sem dúvida retirar o broto da terra fértil.

Ainda buscando melhores compreensões sobre a leitura, nas reflexões de Ponzio (2010, 67), trabalhar com a “ palavra literária” é recusar a presunção, a pretensão e a arrogância de um sujeito sempre pronto a justificá-la e esclarecê-la. Tudo que os LD oferecem em suas atividades com os textos fragmentados (poesias, romances, contos) são análises prontas e direcionadas. Por isso é compreensível quando escuta-se dos alunos “Não entendo nada de Literatura!” , e tantas vezes escutei esse discurso. De fato, isso não é leitura, é o calar da palavra literária pela leitura dirigida pelas atividades de análise.

A leitura, tão enfatizada nos discursos acadêmicos e utilizada como suporte das diferentes propostas curriculares, pedagógicas ou programas de educação, como sendo instrumento de ascensão social, cultural, pode sim, transformar as diferentes práticas na sala de aula, desde que permita, de fato, ao professor e ao aluno compreender as diferentes linguagens, como meios de organização da realidade na qual estão inseridos. Quando simplesmente realizada enquanto leitura e não tarefa, permite a cada sujeito, dela apropriado, por ela e nela, constituir sentidos e se constituir leitor, um processo dialógico e natural. Uma viagem entre textos e contextos, enunciados e vozes permite o encontro com o outro e por isso consigo mesmo, pois ler também é um processo de socialização.

A prática de leitura nesta perspectiva, naturalmente incorpora os princípios das tecnologias da comunicação e da informação já consolidados na sociedade e destacadas nos textos dos documentos oficiais. Na era da tecnologia, vive-se a cultura do livro (digital, online, e-books, kindows), mas não se compreende a simplória ideia de leitura

como possibilidade do outro em mim ou de si mesmo no outro. Certa vez, lendo as aventuras de um príncipezinho, vi em suas palavras o que representava o apagamento da leitura - literária ou não - em nossas salas de aula, ele traduziu melhor que qualquer currículo ou manual a sensação causada por uma leitura sem ato e com tarefas:

Vivi muito no meio de pessoas grandes. (...) Quando encontrava uma que me parecia um pouco lúcida, fazia com ela a experiência do meu desenho número 1, que sempre conservei comigo. Eu queria saber se ela era verdadeiramente compreensiva. Mas respondia sempre: “ É um chapéu”. Então eu não lhe falava nem de jibóias, nem de florestas virgens, nem de estrelas. Punha-me ao alcance dela. Falava-lhe de Bridget, de golfe, de política, de gravatas. E a pessoa grande ficava encantada de conhecer um homem tão razoável. (O PEQUENO PRÍNCIPE, SAINT-EXUPÉRY)

As práticas de leitura devem deixar de ser razoáveis, devem assumir o caráter de evento único, extraordinário, singular, capaz de dar sentido ao leitor, e assim constituí-lo como tal. Conduzir o leitor ao encontro da palavra outra e da palavra sua, a leitura literária é um caminho fortuito se apresentado como leitura ato e não como fragmento de texto para análise. Ressalto que o trabalho com a leitura deve estar preenchido pela variedade de gêneros existentes, principalmente aqueles que permeiam a realidade de cada grupo de alunos, porém isso já é realizado, de uma forma ainda em adequação, no LD e Apostilas. O próximo passo é apresentar a Literatura como mais uma área de leitura, não fragmentada, e parte importante do processo de formação dos alunos.

1.3.2. Documentos Oficiais, Manual de Orientação ao Professor: orientações e controvérsias

Todo sistema de educação brasileiro tem por base de orientação as Diretrizes Curriculares Nacionais, promulgada desde a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) , Lei Federal nº 9.394/96, esta foi uma indicação que deu autonomia para que as escolas definissem seus próprios projetos político pedagógicos. Um passo importante dentro do contínuo processo de mudanças e adaptações ocorrido na educação brasileira.

Segundo os PCNs (2006), a linguagem é a capacidade humana de articular significados coletivos em sistemas arbitrários de representação, que são compartilhados e que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade. Partimos desse pressuposto para destacar ainda mais a necessidade da reformulação em vista de um ensino de leitura em nossas escolas, não falamos de parâmetros de leitura ou de atividades de análise linguística com textos descontextualizados e fragmentados. Pelo contrário, falamos de um espaço no ensino de Língua Portuguesa dedicado ao ato de ler de forma singular e direcionada à prática da compreensão e interpretação dos textos a partir da arquitetônica dos sujeitos ali envolvidos.

A leitura acontecimento e produtora de sentidos, proporcionadora da alteridade dos sujeitos leitores, este seria o ensino de leitura e a língua em funcionamento. Nesta perspectiva da produção de sentidos, os estudos na área, agora denominada linguagens, códigos e suas tecnologias prevê o desenvolvimento do conhecimento linguístico, musical, corporal, gestual, das imagens, do espaço e das formas. Neste sentido, o Currículo (2012) propõe:

uma mudança na maneira como as disciplinas devem ser ensinadas, ou seja, o desenvolvimento do conhecimento do aluno sobre as linguagens por meio do estudo dos conteúdos, historicamente construídos, associados a atividades que lhe possibilitem a interação com a sociedade e também o aumento do seu poder como cidadão, implicando mais acesso às informações e melhor possibilidade de interpretação dessas informações nos contextos sociais em que são apresentadas. (PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO DE S. PAULO, 2012)

Os conceitos de dialogia, sujeito, alteridade e Ato responsável, tão destacados por Bakhtin começam a fazer sentido agora. A leitura passa a ser tratada como instrumento para desenvolver as capacidades e habilidades necessárias ao sujeito seja na escola, seja fora dela. É uma questão de ver o mesmo e o diferente no processo de aprendizagem, é compreender a leitura como evento comum e necessário à aprendizagem, pois coloca os sujeitos alunos no processo de conhecimento, é perceber-se professor-leitor em qualquer disciplina ou área do conhecimento.

Apesar de todos os aspectos diretivos dispostos nos documentos oficiais e nos manuais de orientação, à exemplo do Currículo do Estado, PCN e COP, o que transparece é uma incoerência na produção do material destinado aos alunos e professores e, mais ainda, é evidenciada a discrepância entre a teoria e a prática do ensino de linguagem.

O Currículo aponta para a necessidade de uma mudança na maneira como as disciplinas devem ser ensinadas, com objetivo de desenvolver o conhecimento do aluno sobre as linguagens por meio do estudo dos conteúdos, historicamente construídos, associados a atividades que lhe possibilitem a interação com a sociedade. Neste caminho, o Material Didático elaborado pelo Estado e mesmo os materiais apostilados elaborados pelo sistema particular trazem, em seus manuais destinados aos professores, um discurso bem elaborado que aparentemente atende a perspectiva proposta no Currículo:

[...]Ora a língua é vista como atividade mental, ora é considerada uma estrutura, ora uma atividade social. Esta última é a visão que priorizamos, sem deixar de observar as outras duas. Assim, consideramos a língua em sua diversidade de usos, em situações de comunicação, como um conjunto de funções socialmente definidas, levando em conta a variação e a mudança, no processo discursivo da comunicação (Castilho, 1994). [...] é preciso indicar os caminhos sugeridos para o ensino de língua pelo grupo de pesquisadores da assim chamada “Escola de Genebra”[...] (CADERNO DE ORIENTAÇÃO AO PROFESSOR_apostila de português_Pueri Domus, p. 3)

Porém, olhando do lugar de professora e pesquisadora, observo um trajeto oposto quanto ao conteúdo e trabalho sugerido no Material Didático. Uma condução que sugere uma prática de ensino de língua encaixotada nas análises linguísticas e na leitura de trechos de obras. Exatamente por estar nos dois espaços (Teoria e Prática) sinto como se algo se perdesse no percurso entre pesquisa e práticas de ensino. Nos manuais de três LD que já trabalhei há uma indicação superficial do uso da teoria bakhtiniana sobre gênero, mas o direcionamento pedagógico e as atividades são apresentadas numa espécie de contramão do discurso que embasa o material.

O COP do Material Didático utilizado na escola que fez uso do Projeto Literário Leitura e Companhia e que tem por produtor o mesmo sistema de ensino, traz a seguinte definição para gêneros discursivos:

Agrupam-se em função de características comuns que não se restringem ao que é dito, mas que remetem a características específicas, a um modo próprio de dizer. Esses gêneros fazem parte de agrupamentos. Por exemplo: textos prescritivos. Entre

eles: bulas, leis, códigos. (COP. Língua Portuguesa. Pueri Domus, p. 9)

Após tal explanação sobre os gêneros apresenta um quadro de abordagem textual e sugere que se os textos forem trabalhados considerando os aspectos apresentados no quadro, a leitura e a produção terão êxito, como afirma o quadro de abordagem textual exposto na página 38 deste mesmo capítulo

Além disso as orientações do mesmo material apontam para a seguinte correlação:

DISCURSO=TEXTO+CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO
 TEXTO=DISCURSO – CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

O trabalho direcionado à análise linguística e uma compreensão de leitura que esbarra na ideia de texto enquanto discurso isolado das condições de produção é o que marca as atividades e práticas de leitura no Material Didático, este fato também se mostra no Projeto digital, produzido pelo e para o mesmo sistema de ensino. O material aqui referenciado nos informa que o conceito de gênero apresentado é inspirado, dentre outros autores, em Bakhtin. Isso seria interessante, caso a forma de trabalhar o texto não se mostrasse oposta aos pressupostos bakhtinianos. Ou seja, embora haja uma tentativa de embasamento teórico do texto enquanto gênero, não mostra um trabalho com o texto na perspectiva da leitura enquanto ato responsivo. Há, na verdade, um fechamento direcionadas somente às análises linguísticas.

1.4. Do Projeto ao fórum – sua concepção

O termo Fórum possui diferentes definições, dentre elas: “reunião, congresso ou conferência para debate de um tema (Houaiss, 2009); e ainda, “ *s.m.* 1. (ant.) Praça pública na antiga Roma, onde se tratavam assuntos de interesse público. (LUFT(1995). Partindo dos limites do verbete de dicionário, mas não parando neles, fórum transita pela ideia do encontro público para discussão aberta. Mas, diante dos constatados avanços tecnológicos e as necessidades comunicativas impostas pelos novos campos da atividade humana foi

permitida a configuração deste espaço/instrumento de comunicação concebido pelo fórum virtual de discussão.

O fórum, como hoje é compreendido, está caracterizado como espaço virtual, mas também como campo social de discussão fortemente utilizado em ambientes de aprendizagem, antes na esfera acadêmica, atualmente em diversos outros espaços educacionais: bibliotecas públicas, bibliotecas online, escolas e, neste caso específico, como parte das atividades propostas por um projeto de leitura literário.

Em muitas pesquisas da área de linguística o fórum aparece com algumas denominações: Gênero textual digital, Gênero emergente, Gênero textual discursivo. Reconhecendo toda a importância das pesquisas já realizadas, este trabalho deseja por uma escolha conceitual proveniente da pesquisa realizada, denominar e conceber o fórum como instrumento de ensino-aprendizagem, justificado exatamente pelo campo de utilização, a atividade humana nele inserida. O que quero afirmar é, dados o respeito e a importância aos estudos do gênero fórum, desejamos compreendê-lo, no meu trabalho, como espaço de dizer sobre a leitura.

O fórum tem espaço concretizado nos meios acadêmicos, inclusive importante ferramenta de acompanhamento por parte de professores, tutores e técnicos na modalidade de ensino à distância (EAD) das universidades, especificamente em sistemas de Moodle e AVA²¹. Ainda é pouco explorado no âmbito da educação escolar, mas, tem ganhado seu espaço através de projetos pedagógicos ou iniciativa de professores mais ousados ou que buscam um maior acesso ao mundo de leitura delimitado pelo atual perfil dos jovens. A presente pesquisa traz exatamente um estudo sobre a utilização do fórum nestas duas últimas perspectivas, e com o caráter de recurso didático.

O Projeto Literário Leitura e Companhia apresenta, em seu manual de orientação ao aluno, uma concepção do fórum enquanto ambiente de participação, de opinião, e assim indica que o aluno:

[...]participe com sua opinião sobre a questão proposta pelo autor do livro. Nesse FÓRUM, você também poderá concordar ou discordar do posicionamento dos outros participantes do programa Leitura e Companhia. Procure ser objetivo ao se posicionar no FÓRUM, pois em cada participação você poderá digitar até 400 caracteres. (MANUAL DO ALUNO – Projeto Leitura e Companhia)

²¹ Ambientes virtuais de aprendizagem.

O teor sobre a participação crítica do aluno no fórum oficial e a assim o caráter de espaço de opinião é reforçado no manual do professor no projeto literário: “*Os alunos são convidados a participar de um Fórum que pretende estimular o seu posicionamento e compreensão da obra ...*” Mas o que se vê, na verdade, é mais um paradoxo à cerca daquilo que se preconiza e aquilo que se efetiva. Os manuais, embora suscitem, a participação do aluno, na prática encaixota as possibilidades de dizer dos alunos, tanto na determinação do tamanho da mensagem que pode ser exposta, como na estruturação do fórum que não permite a interação direta. Estes aspectos serão melhor explorados nos capítulos 2 e 3.

Já o fórum paralelo, proposto pelos alunos do 9º ano com a participação da professora pesquisadora, dispõe de um espaço para definição geral, uma apresentação do fórum que expressa a posição tanto da professora (Colocada pelos alunos como administradora do fórum) quanto dos alunos. Estes últimos sugeriram e participaram ativamente da elaboração do mesmo do espaço de discussão. Intitulado “Leitura: Sujeitos em construção” o espaço de discussão extra- curricular desejava um ambiente liberto das amarras de “atividades e roteiros de leitura” para se concretizar um lugar de escuta sobre as leituras realizadas, mesmo sendo as mesmas leituras exigidas pela escola, assim defenderam os seus elaboradores.

O fórum paralelo trazia por concepção um lugar de abertura aos diferentes modos de dizer e querer dizer dos alunos sobre as leituras realizadas, assim foi criado como resposta à dinâmica encaixotada e fixa do fórum no Projeto Leitura e Companhia. Constituiu-se como espaço de produção de sentidos e recurso para o fim da prática de uma leitura com a cara de cada sujeito ali envolvido, neste fórum, como na vida, os sujeitos se constituíam pela singularidade dos eventos discursivos oriundos da leitura singular de cada um, da experiência única de cada leitor.

O querer dizer dos alunos não era provocado no fórum oficial, pois sua estruturação e funcionamento limitava a palavra outra de alguma forma. Surgiu o desejo por um fórum que quebrasse as amarras das mensagens que não se articulavam no sentido encadeado da discussão, que não se limitava aos desígnios absolutos de uma pergunta, muitas vezes, desconectada das possibilidades de leitura ou pelo contexto existencial particular de cada leitor, como no caso do fórum de discussão sobre a obra *O conto da Ilha Desconhecida*, de José Saramago, quando os alunos se inquietaram pelo fato do pedido do súdito nunca chegar ao rei como ele havia suscitado inicialmente, mas a participação no fórum deveria responder a seguinte questão: “O que podemos depreender

dessa estrutura burocrática que faz com que um pedido ao rei seja respondido pela mulher da limpeza?”

Provocados pelo fórum oficial, os alunos dão vida ao fórum paralelo, este ganha identidade, um lugar concretizado pela vontade de dizer pela leitura evento, singular e que tinha as marcas daqueles leitores desde a estrutura até o funcionamento. Salientamos que o fórum paralelo, inicialmente apresentava a mesma questão presente no fórum oficial para discussão, porém, apenas como provocação inicial, pois, não funcionava como eixo fixador no decorrer das discussões.

“ *Espaço de discussão sobre obras literárias trabalhadas em nossa sala de aula. Da leitura escolar à leitura de mundo, um processo formador e transformador*”, está foi a apresentação do fórum paralelo suscitado e elaborado pelos alunos. Um trabalho deles e por eles que me permitiu a escuta que fala conceituada por Ponzio(2010) em seus inscritos, além de possibilitar a experiência, o vivenciar o outro pela leitura. Certamente, a experiência com o projeto foi além das diretrizes nele apresentadas, uma singularidade, um alargamento que identificou e constituiu todos os envolvidos no fórum; principalmente se considerarmos que todas as turmas daquela instituição participavam do mesmo projeto, além de mais cinco escolas da rede, com todas as suas turmas, todavia, foi aquele grupo de sujeitos alunos que apresentou sua palavra outra de forma concreta diante do vivido.

Costuma-se pensar a educação do ponto de vista da relação entre a ciência e a técnica ou, às vezes, do ponto de vista da relação entre teoria e prática. Se o par ciência/técnica remete a uma perspectiva positiva e retificadora, o par teoria/prática remete sobretudo a uma perspectiva política e crítica. De fato, somente nesta última perspectiva tem sentido a palavra “reflexão” e expressões como “reflexão crítica”, “reflexão sobre prática ou não prática”, “reflexão emancipadora” etc. Se na primeira alternativa as pessoas que trabalham em educação são concebidas como sujeitos técnicos que aplicam com maior ou menor eficácia as diversas tecnologias pedagógicas produzidas pelos cientistas, pelos técnicos e pelos especialistas, na segunda alternativa estas mesmas pessoas aparecem como sujeitos críticos que, armados de distintas estratégias reflexivas, se comprometem, com maior ou menor êxito, com práticas educativas concebidas na maioria das vezes sob uma perspectiva política. (LARROSA, 2002 p. 20)

Olhando para o Projeto Leitura e Companhia sob o viés da reflexão apresentada por Larrosa em seu artigo “ A experiência e o Saber de experiência”, percebemos a

propositura de um mecanismo de leitura que se apropria de tecnologias presentes e dominantes no universo dos alunos e da sociedade contemporânea como um todo. Por este ângulo, o projeto, segue a perspectiva da formação de um mercado de bens culturais e simbólicos (Bourdieu, 2005) e acaba reproduzindo e produzindo ideologicamente a sociedade capitalista. Além disso, torna o professor um “sujeito técnico” que aplica o método pedagógico já estudado e determinado, como se os alunos fossem todos sujeitos padronizados e o processo de leitura previsível e lógico. No manual de orientação apresentado ao professor pelo projeto, evidencia-se o apagamento do professor e do aluno enquanto sujeitos leitores e produtores de sentido na dinâmica da relação eu- outro presente no ato de ler. Assim como sistematiza o processo de leitura através de “fórmulas mágicas” validadas pelos descritores.

“**Prezado(a) Professor(a)**, [...] Para cada livro selecionado, questões específicas foram construídas de acordo com a matriz de referência do Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB, atendendo aos tópicos previstos no documento, desdobrados em descritores que associam os conteúdos curriculares às competências e habilidades da Língua Portuguesa. Essas questões constituem o grupo de habilidades específicas de cada livro. [...] Dessa forma, as habilidades são avaliadas de maneira agradável, pois ao longo da leitura, os alunos registram as respostas no *Quiz*, também interagindo no fórum, compartilhando sua compreensão com os colegas, demonstrando assim, o domínio da habilidade. [...] Relatórios de desempenho dos alunos são disponibilizados no portal para que você constate as habilidades desenvolvidas[...] Adotando essa estratégia, inovamos definitivamente a prática pedagógica e a avaliação das habilidades e competências leitoras.” (MANUAL DE ORIENTAÇÃO AO PROFESSOR_ Projeto Leitura e companhia. P. 01– Anexo)

Dessa forma, no texto de orientação ao professor, contido no projeto, fica fortemente expresso o esforço para o silenciamento do sujeito crítico/professor, posta a evidência dada ao sujeito técnico, com todos os direcionamentos para que o professor aplique com êxito as diferentes tecnologias pedagógicas contidas nas atividades do QUIZ e assim a prática pedagógica será inovadora e positiva: “ *Para que você e seus alunos tenham sucesso, sugerimos que atenda os passos a seguir:[...]*”(trecho no Manual de Orientação ao Professor).

Nos anexos deste trabalho destacamos dois textos de **Orientação aos professores**. No primeiro há as orientações gerais referentes ao uso dos descritores no projeto de leitura

de um modo geral e para isso mostra-se os vários gêneros em diferentes anos de ensino, assim como os modos de compreensão textual a partir dos descritores. No segundo texto de orientação ao professor, especificamente, há a indicação de resposta e compreensão dada a cada questão imposta no QUIZ sobre a obra referenciada para os fóruns analisados para esta pesquisa. Nele estão referidos os moldes das questões propostas e direcionamentos a serem seguidos para observar o relatório de desenvolvimento, no projeto considerado capaz de desenvolver as habilidades leitoras. Sempre na perspectiva do professor que desenvolve seu trabalho com a leitura de maneira modular e técnica.

As atividades presentes no QUIZ atendem o imediatismo característico nas ações e posturas dos jovens “antenados” acostumados ou condicionados pelas mídias e redes sociais, quando é direcionado ao ambiente virtual sempre que aparecer o ícone , portanto, isso indica que naquela página há uma questão sobre a leitura. Tudo revestido ou permeado pelos descritores previstos na Matriz do SAEB, com a promessa de desenvolver as habilidades leitoras com êxito.

Embora todos os elementos acima levantados conduzam ao engessamento da prática docente ou da relação dos sujeitos leitores (professor/aluno) na produção de sentidos, o ato responsável está para provocar reflexões e ações sobre o projeto e sobre o ato de ler em nossas salas de aula. Há, sem dúvida, um pré-concebido à cerca da prática e dos instrumentos pedagógicos no projeto, todavia, também há possibilidade de, no fórum, concretizar a leitura como um meio dialógico de ensino e de aprendizagem. Foi este potencial que nos permitiu a palavra outra, a responsividade do sujeito leitor sobre a leitura e seus modos de dizer na escola e na sociedade.

Toda essa efervescência e lutas na arena da educação sobre as práticas de leitura é esperada, já que nas últimas décadas o campo pedagógico tem apresentado a separação entre os chamados técnicos e os chamados críticos, entre os partidários da educação como ciência aplicada e os partidários da educação como práxis política, assim se coloca Larrosa(2012) para discutir sua tese sobre a experiência e o saber de experiência. Eu, na outra ponta do diálogo, aproprio-me nas suas colocações para refletir criticamente à cerca do “modus operandi” evidenciado no *Leitura e Companhia* e destinado ao professor, aplicador das técnicas no projeto, como pré-requisito para o sucesso do trabalho com leitura em sala de aula.

Dessa forma, pensar a leitura a partir de um conjunto de técnicas, mesmo que estudadas e testadas, é evacuar dela o que há de mais rico, a oportunidade da relação com

o outro e suas infinitas possibilidades de construção e desconstrução de sentidos, e portanto, também desconsidera a relação tempo e espaço nas formas mais elementares de cronotopia apresentadas por Bakhtin em seu estudo “Forms of time and of the chronotope in the novel”. O ato de ler é precisamente cronotópico, há sempre uma relação histórica no espaço e no tempo que envolve sujeitos ali localizados e produtores de sentidos. Portanto, não há como não pensar o par experiência/sentido no ato de ler, posto seu caráter singular e produtor de sentidos por sujeitos que por ela agem.

Por isso, a leitura me provoca, traz desdobramentos de olhares sobre o mundo a partir de outros lugares e tempos distintos do meu, espaços fora de mim, aqueles que sou incapaz de vislumbrar do meu lugar ou sozinha. A leitura me permite uma visão distinta sobre mim mesma, a visão que o outro presente no texto tem sobre mim, enquanto sujeito leitor, ou das situações no mundo nunca será igual à visão que tenho de mim mesma ou de como vejo o mundo, daí o excedente que nos permite a expressão “acabamento provisório” defendida por Geraldí(2013) e possível através da leitura. Um acabamento que se esforça para compreender o texto e dar um tom àquela leitura, mas que se torna um exercício que sempre se abrirá às novas leituras e, portanto, outras compreensões.

É fato que os sujeitos se constituem na vida, nas diversas e diferentes relações com outro, no embate diário com outros sujeitos. Todavia, este trabalho quer apontar um evento da vida que é a leitura escolar, pelo fato de ter sido a experiência que provocou o sujeito pesquisador a pensar na constituição do sujeito leitor no espaço e no tempo da escola, sob o viés dos fóruns e da vontade de ser e agir dos alunos ao pensarem e solicitarem um fórum idealizado por eles mesmos a partir de outro. A situação de pesquisa que se colocou no decorrer do Projeto Leitura e Companhia, foi a faísca que permitiu a compreensão dialógica do ato de ler de forma mais concreta, como parte de um vivido e experimentado, o movimento exotópico e, assim, a constituição do sujeito.

O excedente de visão oferecido pelo texto, me constitui quem sou no momento da leitura, o sujeito ao ler se desloca de si mesmo em direção ao outro, um movimento de expansão que singulariza o sujeito neste ato e por este ato. Porém, nesta pesquisa, a situação de constituição do sujeito pela leitura extrapola o ato de ler em si, um cronotopo que está na base da relação entre a leitura e a história. Os alunos inseridos no espaço escolar e num projeto de leitura que traz referências de seus hábitos tecnológicos cotidianos, se mostram provocados, a partir daquela situação de leitura, a dar o seu ato responsivo criando um espaço próprio para suas discussões sobre as leituras escolares e outras leituras. O mesmo e o diferente se dão para constituir o sujeito, assim se dá com a

leitura, o deslocamento de si em direção ao outro com visões únicas, complementares ou antagônicas, mas sempre constitutivas. Neste sentido, dialoguemos com Larrosa (2002), ou melhor, desloquemo-nos em direção ao pensamento dele:

[...]a partir da convicção de que as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. (LARROSA, 2002.p. 21)

E ler, segundo as discussões propostas neste trabalho, não é somente “reproduzir palavras” ou “uma técnica” ou “um hábito”, como nos tem sido ensinado muitas vezes na escola ou em casa, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. Ler é compreender e dar compreensão, é, portanto, pelas palavras que nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos, seja aceitando, discordando ou transformando. Ainda com Larrosa (2002)“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” p.21, por isso o nosso ato responsivo e ativo na leitura e sempre diferente, em detrimento do movimento dialógico intrínseco ao processo que nos coloca em relação ao outro e na relação com o outro. É a experiência da relação, do diálogo, da escuta que fala, do Projeto Leitura e Companhia que provocou o fórum Sujeitos Leitores.

1.4.1. O fórum – um instrumento didático

A aula como possibilidade do acontecimento como referencia Geraldi (2010), é o encontro de palavras que constitui e promove outras palavras como Ponzio (2010, 2013) tem levantado discussões em seus textos. A leitura evento único pode ser possibilitada no espaço do fórum como o instrumento didático no projeto literário em questão. Durante a pesquisa levantou-se uma questão não pensada de início, mas interessante para a compreensão do espaço na arquitetura dos sujeitos leitores ali envolvidos: o fórum no

projeto, e em si mesmo naquele evento, adquiriria diagramação de instrumento didático, visto seu tema, estilo e estrutura composicional?

Nós professores de Língua Portuguesa e Literatura, ou até os professores de um modo geral, dispúnhamos das aulas e nestas de espaços de escuta, a escuta que fala muito sobre o que precisamos trabalhar com os alunos, o que é necessário para uma formação que privilegie o desenvolvimento das tão referenciadas competências e habilidades leitoras, que possa levar cada aluno e cada professor a se perceberem parte de um amplo processo de aprendizagem. O fórum nesta visão do instrumento didático pôde ser bem utilizado com o propósito de encontro de palavras outras, mesmo sem uma ideia pronta ou precisa, observamos no espaço tempo das discussões a palavra capaz de propiciar uma compreensão que desencadearia um investimento intelectual repleto de sentido e de palavras outras. Afinal os alunos se fizeram ouvir através da ideia do fórum e mesmo que as participações fossem consideradas moderadas, em vista dos acessos relativos ao 9º ano somente (uma turma pequena), ainda sim, aquele espaço foi constituído a partir da palavra outra que aqueles leitores deram ao fórum oficial.

O fórum do projeto era uma atividade com proposta de discussão para um questionamento levantado a partir da obra literária lida ou em leitura para aquele momento e ano (série), aquilo de certa forma limitava o campo de discussão daquele grupo, que muitas vezes acessavam o fórum somente para responder a questão proposta e não estabelecia uma discussão efetiva com os demais leitores. É sob o viés do diferente e não do igual, é na peculiaridade, na singularidade, marcadas em cada possível enunciado nos fóruns e que podem apresentar sentidos que não se limitam às respostas esperadas para a questão proposta ou ao que se espera de um aluno para atividade de leitura obrigatória. O lampejo do sentido na palavra do outro e nas palavras outras capazes de construir o que de capacidades e habilidades leitoras, assim como constituir cada sujeito-leitor ali envolvido.

Pensar um espaço e tempo do fórum, mesmo ligado à escola, que se constituiria em um lugar de descobertas de si e do outro permeado pela leitura literária, seja escolar ou não, é o ‘outro’ olhar sobre a atividade do fórum. Talvez o mesmo e o diferente, a leitura libertadora no espaço dos fóruns, nos tornasse aptos a tratar sobre leitura como evento da singularidade, como uma prática espontânea de dizer algo através da leitura, do querer ser leitor. Se existe algo mais libertador e trans(formador) que uma leitura enquanto proposta de autoconhecimento de si enquanto leitor, desconheço. O aluno-leitor deve no evento da leitura tecer suas considerações sobre a obra, decidindo seus aspectos

positivos e negativos, abandonando-a ou insistindo a seu maior ou menor link com o texto desbravado. Infelizmente os roteiros e tarefas de leitura desmerecem esse caráter da leitura.

Observar o fórum como instrumento didático, como possibilidade de um espaço para reflexão sobre a obra e sobre a prática leitora não tem nada de inovador e revolucionário, todavia é um viés que transforma completamente a concepção do trabalho de leitura realizado, seja na escola, seja no projeto literário aqui citado. Todavia, é uma percepção diferente, conceber a leitura sob uma nova logística, sob o viés do sujeito dono da ação em sua alteridade com a palavra literária e os outros sujeitos leitores. Talvez Manuel de Barros possa poeticamente descrever o que aqui se tenta refletir:

Eu queria usar palavras de ave para escrever.

Onde a gente morava era um lugar imensamente e sem nomeação. Ali a gente brincava de brincar com palavras tipo assim: Hoje eu vi uma formiga ajoelhada na pedra!

A Mãe que ouvira a brincadeira falou: Já vem você com suas visões!

Porque formigas nem tem joelhos joelháveis e nem há pedras de sacristias por aqui. Isso é traquinagem da sua imaginação. (BARROS, 2010, p. 9).

Uma outra possibilidade de exercer a palavra, embora óbvia, diante do que se compreende por gêneros emergentes ou das novas práticas de leitura que se apresentam aos jovens (já há um bom tempo), mas que no espaço escolar se torna inusitadamente um diferencial. O fórum se mostra um desafio fecundo às práticas de leitura na escola e pode ser o caminho para desenvolver as denominadas competências e habilidades leitoras fortemente almejadas nas propostas dos documentos oficiais de modo geral; assim como buscadas pelos professores que se inquietam com a leitura e sua recepção nas aulas de português.

Um importante aspecto sobre os fóruns como instrumento didático é o fato deles permitirem, pelo enunciado e os sentidos circulantes, vislumbrar a atuação do professor enquanto mediador e também leitor. E não se está levantando a possibilidade de analisar metodologias ou posturas do professor ou do aluno, é outra a perspectiva, é como Barros (2010) coloca quando descreve o pensamento do pai diante do menino e seus modos de escrever “...queria desver o mundo para encontrar nas palavras novas coisas de ver...”. Ou seja, é, no espaço-tempo dos fóruns, colher os lampejos de sentido que compõem a

rede do evento leitura e neste formar o todo da aprendizagem. Cada sujeito no seu ato responsável e responsivo diante do aprendizado pela e com a leitura.

O ato de ler tomado como instrumento de trans(formação) nos fóruns escolar(oficial) ou paralelo, sempre compreendendo o professor como também leitor naquele espaço-tempo, reforça o sentido cultural, social e portanto ético, da aprendizagem. Seria a construção ética sobre a estética das leituras literárias ou não, numa postura de aprendizagem mútua (professores e alunos e até a família).

Divago mais uma vez pelos dizeres do menino de Barros (2010) quando poeticamente relata seus prazeres inocentes com a leitura e a escrita “*A gente gostava das palavras quando elas perturbavam o sentido normal das ideias*”; e neste sentido o professor não se limita a preencher as atividades de análise sobre a obra, para de algum modo também preencher o aluno de saberes pré-determinados, mas se tornar parceiro do aluno na concretização da aprendizagem, entra na relação de alteridade e também se constitui sujeito leitor. Assim sendo, o professor pode se destacar da perspectiva da leitura como o promotor de diversas formas do desejo de aprender, de ler.

A ideia aqui disseminada não é uma reflexão solitariamente realizada na perspectiva dos conteúdos das disciplinas de português e literatura. Muitíssimo pelo contrário, é uma projeção que ultrapassa as nuances das áreas do conhecimento, é neste aspecto indissociável de todos os conteúdos e disciplinas, ou seja, é inerente ao processo de aprendizagem como um todo. O caráter essencial da competência leitora é uma questão de ato responsável para todos os que compõem o processo de escolarização dos sujeitos. Aqui se fala de um trabalho que oportunize alunos e professores reconhecer o uso fluente da Língua materna em qualquer espaço ou área de uso.

Destacada a importância do ‘evento leitura’ para todas as disciplinas e os variados gêneros textuais que compõem o processo de aprendizagem escolar, este trabalho acolhe para suas reflexões a leitura literária enquanto conjunto de conceitos, posturas ideológicas, valores sociais cotidianos que são trazidos à superfície palpável do dia a dia escolar e muitas das vezes colocadas em reflexão pelos leitores, é neste movimento ético-estético que cada sujeito leitor na escola ou fora dela poderá se constituir pela leitura que trans(forma), pelo singelo ato de ler naturalmente e, sem as amarras dos roteiros. Pensar sobre o que e como leu; conduzidos por suas experiências de vida, valores sociais e familiares, também transformados pela leitura²².

²² Minhas memórias leitoras recordam o quanto a imagem da mulher apresentada por Alencar em “Lucíola” me provocou e veio confratar a ideia de mulher sustentada por minha família e por mim mesma

De maneira inversa, o ritmo acelerado imposto pela sociedade capitalista e sua estrutura tecnológica, com as diversas mídias e redes sociais, nos tem estabelecido como pressuposto de conhecimento e socialização um volume inimaginável de informação e conforme Larrosa(2002), isso interfere na experiência, à medida que somos seres extremamente informados, somos não formados e a experiência é cada vez mais rara, não há reflexão sobre a informação que potencializa o saber . Do meu lugar de professora, pesquisadora e leitora, afirmo que a escola, de um modo geral, tem sofrido com essa tendência à informação excessiva, sem provar do saber pela experiência, a construção do conhecimento pelo sentir, ter contato com o que se estuda e pensa. De certa forma, o Projeto Digital Leitura e Companhia reforça a tendência da informação, quando à escola é apresentada uma fórmula para desenvolver as capacidades e habilidades leitoras – como se isso fosse possível – e aos leitores é mostrada uma forma de leitura totalmente estruturada naquilo que “acreditam” ser atrativo, seguindo os moldes das redes sociais e as suas “facilidades” para opinar sobre algo.

Todavia, acredito que posso confirmar o fórum “ Sujeitos leitores” como uma experiência que se deu pela escuta daqueles que são parte importante na construção do saber e, por isso, relevantes também quando pensamos e realizamos nossas práticas de ensino nas aulas de leitura. No fórum nos constituímos sujeitos porque a ação de ler é única, no espaço e tempo a cada vez realizada é singular e mostra o efeito de sentido provocado diante da proposição dos alunos para elaborar aquele fórum.

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna (LARROSA, 2002, p. 27).

na adolescência. Foi atravessada pela leitura literária que, na época, foi provocada a refletir sobre a mulher e seu papel, questão antes pré-determinada pelos valores machistas característicos da sociedade e, fortemente, abarcada pela minha família.

O saber de experiência é singular e somente se dará pela abertura dos sujeitos da experiência, e se dará de uma forma singular para cada um que experimenta. Isso aconteceu com os alunos que pensaram, sugeriram e idealizaram o fórum Sujeitos em Construção e por mim como parte neste processo de descoberta da leitura em seu aspecto dialógico. A arquitetônica presente na relação eu-outro projetou, concretamente, os alunos na perspectiva da responsividade intrínseca aos sujeitos. O olhar único daqueles sujeitos leitores, naquele espaço e tempo me provocou também a perceber-me sujeito leitor naquele evento. Não eu, mas, eles tiveram o olhar dialógico sobre a atividade no fórum. Apesar de meu lugar de professora, muitas vezes concebido como detentor do saber ou orientador da aprendizagem, partiu deles o esforço para oferecer um sentido à prática de leitura em sala de aula naquele momento e diante daquele contexto.

Os diálogos sempre são bordados por palavras numa tentativa, num esforço de compreensão e de se fazer compreender na relação com outro. É sempre na relação, no encontro que se lança, no tempo e no espaço, a possibilidade de constituição dos sentidos e de cada sujeito. A constituição de cada sujeito na relação é natural, contínua e, por isso inacabada. O que há de singular neste projeto está exatamente na constituição dos sujeitos leitores, na forma como tais se constituíram naquele espaço e tempo. Um projeto que envolvia inúmeros outros alunos da mesma e de outras escolas, mas foram eles que expressaram o querer dizer de um outro modo, provocados sim pela palavra outra do fórum oficial. Quando muitos apenas cumpriam mecanicamente as tarefas no QUIZ e, em alguns casos, sequer participavam no fórum de discussão, aqueles sujeitos se lançaram a uma nova proposta.

A reflexão diante dos fatos foi inevitável, o sujeito professor e pesquisador em êxtase diante daquela situação compreendia o cronotopo bakhtiniano. O sujeito por si não existe, ele necessita se lançar para o outro e neste movimento vislumbra-se. É no outro e através do outro que eu me vejo, constituo minha singularidade mutante no espaço e no tempo. O que sou agora é o lampejo da minha relação com outro ou outros no espaço e no tempo. Ali eu me percebi, de forma mais concreta, em constituição. Foi na relação com os alunos, naquele espaço e tempo, na arquitetônica que se deu naquela sala de aula que o sujeito pesquisador refletiu sobre suas experiências, suas práticas e sobre a possibilidade de fazer algo diferente e que atendia a uma urgência dos alunos envolvidos no processo de leitura.

Franchi (2002) reconhece que a linguagem é um instrumento de comunicação, de interação, de influência sobre os outros, mas a função de comunicação pressupõe muito mais do que a simples troca de informações. É, assim, um sistema aberto, disponível para o entendimento de todas as necessidades de comunicação. Além disso, a linguagem não é somente reflexo da realidade, ela constrói a realidade e nela se transforma num processo de constituição contínuo e infinito. Para o referido autor “ a linguagem tem um papel ativo na construção dos sistemas de referência por meio dos quais o homem age no mundo”, e por assim dizer o sujeito é constituído pela linguagem, assim como compreende e trans/forma o mundo pela linguagem. Esta ideia fez todo o sentido sobre o manto da experiência com a leitura através destes fóruns. O agir no mundo é o ato responsável que faz toda diferença, principalmente quando se tem conhecimento dele. Fazer o mesmo e o diferente, foi algo que possibilitou o saber experiência pela leitura no ano de 2015 para mim e para os alunos que me constituíram.

1.4.2. O projeto: Quiz e fórum –bens simbólicos

Além da leitura evento e ato, observamos através do projeto, e nos fóruns, o desenvolvimento de um sistema de bens simbólicos, uma tendência mercantil que tem permeado cada vez mais a educação conforme aponta Bourdieu em seu trabalho “ Escritos de Educação”. Nesta obra ele levanta discussões e questões que nos conduzem a uma reflexão sobre a função e o funcionamento do ensino nas sociedades contemporâneas, a partir de sua experiência de pesquisa no sistema de ensino francês. O mais importante para esta pesquisa e para a compreensão do sujeito leitor no fórum é o que Bourdieu & Pesseron (2011) indica como as diferentes relações que os grupos sociais mantêm com a escola e com o saber. Conforme a posição do autor, na verdade, há um reflexo do processo de globalização que influencia a concepção do que se compreende por escola e saber. Também outro conceito do autor é muito rico para o querer dizer deste trabalho, a ideia que constrói sobre o poder simbólico que, segundo Pierre Bourdieu (2007), se caracteriza quando a um objeto ou ação é atribuído valor mercadológico e, assim, métodos, materiais, objetos, tendências e até pensamentos ganham status de mercadoria, e para tais é criado um grupo consumidor e outro produtor desses bens simbólicos. Sendo assim, os bens

simbólicos sempre irão refletir e refratar os desejos, as necessidades, as opiniões de grupos sociais.

Desde a popularização da internet no Brasil, nos anos 90, houve o acesso acentuado de jovens aos meios de comunicação ofertados por esta via. Segundo um estudo feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2013, naquele período no Brasil, cerca de 32,1 milhões de brasileiros, dentre os quais 21,9% da população acima dos 10 anos de idade, já utilizavam a rede mundial de computadores. Isso se torna ainda mais abrangente quando sabemos que o celular, nos últimos três anos, tem sido considerado o meio mais comum de acesso à internet²³ e também é um item popularizado. Os dados e a realidade imediata revelam a tendência de um mercado consumidor forte e emergente que tem atingido os processos escolares e a produção de materiais didáticos e instrumentos didáticos diversos. Portanto, a criação de plataformas online para depósito de atividades, os cursos EAD e até os denominados projetos de leitura têm demonstrado esta produção dos bens simbólicos no sistema de educação. As próprias editoras com salas de discussão sobre leituras literárias – os clubes de leitura-, fóruns de discussão e agora os projetos digitais de leitura, como resultado dessa tendência e da adesão do mercado editorial nacional e internacional²⁴.

[...]o sistema de produção e circulação de bens culturais e simbólicos define-se como o sistema de relações objetivas entre diferentes instâncias definidas pela função que cumprem na divisão do trabalho de produção, de reprodução e de difusão de bens simbólicos (BOURDIEU, 2005, p. 105)

Conforme Bourdieu(2005), tudo se passa como se os sistemas simbólicos estivessem destinados pela lógica de sociação e dissociação, ou seja, uma conjuntura definida pela estrutura social e ao mesmo tempo difundida por ela e para ela. Um processo no qual a sociedade, com seu sistema de significações, expressa os elementos constitutivos desta estrutura, grupos ou indivíduos e, dessa forma, estabelece os bens simbólicos. Pela apreciação do sociólogo em “A economia das trocas simbólicas”, houve uma formação histórica do mercado de bens culturais e simbólicos e tais formulações agregam bastante à compreensão sobre a constituição destes novos sujeitos leitores,

²³ Dados da ANATEL(Agência Nacional de Telecomunicações) em 2015

²⁴ Com a globalização do mercado editorial, tem-se estabelecido relações mercadológicas representativas do que Bourdieu chama de bens simbólicos, à exemplo da união entre as editoras Companhia das Letras e Pearson para a divulgação e representação do Projeto Digital Leitura e Companhia.

principalmente, quando se observa o projeto de leitura sob a ótica dos bens simbólicos. Também é interessante estabelecer uma relação entre a produção destes produtos (projetos digitais de leitura) e o sistema de ensino que acaba reproduzindo determinados comportamentos que, de alguma forma, estão ligadas ao mercado de bens simbólicos em detrimento de toda a conjuntura da sociedade contemporânea.

Resgatando ainda Bourdieu (2007, p.17-18), a linguagem e as roupas, ou melhor, certas maneiras de tratar a linguagem e as roupas, introduzem ou exprimem desvios diferenciais no interior da sociedade, sob forma de signos ou insígnias da condição ou da função das coisas. De maneira análoga isso também ocorre com a produção de Materiais Didáticos e de instrumentos didáticos, estes últimos aqui representados pelos projetos de leitura ou lousas digitais com acesso à rede, dentre outros recursos de um modo geral. Estes instrumentos constituem maneiras de tratar a linguagem e a leitura em nossas salas de aula, de forma concreta exprimem nuances presentes na sociedade e, sob forma de signos ou insígnias, constituem o bem simbólico na educação e no mercado editorial.

O Projeto Literário Leitura e Companhia, assim como o Fórum sujeitos Leitores são bens simbólicos que emergiram ora das necessidades de uma sociedade tecnológica e midiática, ora das imposições mercadológicas no campo da educação e da produção de livros (editoras), especificamente, relativas às práticas de ensino e aos modos de consumo social. Dessa forma, as estruturas sociais e mercadológicas que foram se consolidando cada vez mais no Brasil e no mundo moldaram-se à luz das novas tecnologias da comunicação e ganharam propulsão sob a justificativa do desenvolvimento das habilidades leitoras, com o pressuposto de atender os sistemas de avaliação oficiais, como foi o caso do projeto de leitura.

Bourdieu & Passeron (2011) desenvolveram uma análise daquilo que denominaram de ‘habitus’²⁵ de classe, o capital cultural e social, daí lançaram à discussão e contribuíram para uma compreensão destas relações sociais e das consequências para o campo educacional. Para os estudiosos, este ‘habitus’ está ligado às práticas dos

²⁵ Conforte os pesquisadores, o conceito de habitus é utilizado como uma possibilidade de caracterizar a relação do sujeito com a família em um primeiro momento e posteriormente com a escola, pois o indivíduo acaba reproduzindo o habitus familiar, geralmente filhos de famílias das classes média e alta tendem a ser mais estudiosos do que filhos de famílias de classe desfavorecida (não é via de regra), pois na perspectiva de Bourdieu, os sujeitos referidos no primeiro caso têm a possibilidade de acumular maior capital cultural ao longo de sua vida, este acúmulo de capital cultural está ligado ao habitus de classe e da família, como por exemplo, o gosto pela arte, conhecimento científico, literatura, leituras diversas, etc, e isto está ligado ao conceito de habitus.

indivíduos na família e na escola que é onde o sujeito aprende a produzir e reproduzir a valores, ideias e práticas.

“O habitus como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um haver, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o habitus, a hexis, indica a disposição incorporada, quase postural -, mas sim o de um agente em ação: tratava-se de chamar a atenção para o “primado da razão prática” (BOURDIEU, 2007, p. 61)

Assim compreendido, o habitus é formado historicamente e diz respeito ao acúmulo de informação (conhecimento) nos seus diversos aspectos, social, artístico, político, literário etc., e acompanha a vida tanto do indivíduo como do grupo no qual ele pertence. Em *O Poder Simbólico*, Bourdieu (2011) realiza alguns apontamentos sobre a educação e que são importantes para conduzir-nos à compreensão do projeto e do fórum como um bem simbólico. Na citada obra, a educação é afirmada como instrumento fundamental da continuidade histórica e, por isso, consolida certos comportamentos e culturas. Sendo assim, considerada:

como processo através do qual se opera no tempo a reprodução do arbitrário cultural, pela mediação da produção do hábito produtor de práticas de acordo com o arbitrário cultural (isto é, pela transmissão da formação como informação capaz de “informar” duravelmente os receptores. (BOURDIEU, 2011, p. 54)

Partindo da leitura bourdieudiana, é preciso salientar um ponto crucial sobre a questão dos bens simbólicos, há de se perceber uma linha tênue entre a produção e o consumo desses bens. Os campos de produção são muitos – tecnológico, midiático, religioso, educacional, etc – e seus bens simbólicos são infinitos também (literatura, práticas leitoras, música, teatro, cinema, etc.), nestes espaços produção e consumo funcionam intimamente. O que se quer destacar é o fato da escola produzir seus bens simbólicos a partir dos comportamentos sociais vigentes, pois aquela acaba reproduzindo determinadas relações sociais próprias da sociedade capitalista, além de produzir bens simbólicos específicos desta relação social, como a inserção da tecnologia na produção de instrumentos de aprendizagem escolar.

Os livros digitais, as lousas eletrônicas, os diários online, as plataformas online de atividades, dentre tantos outros recursos que foram incorporados à educação e que tiveram origem nos comportamentos sociais predominantes, representam agora os bens simbólicos e a intrínseca relação entre produção e consumo destes bens.

Capítulo 2

“ [...]até Deus precisou encarnar-se para amar, sofrer e perdoar, teve, por assim dizer, de abandonar o ponto de vista abstrato sobre a justiça” Bakhtin (2011)

2. Leitura literária: o mesmo e o diferente

Conforme Bakhtin (2011) todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Nesta perspectiva, o ensino é uma atividade de linguagem especialmente por lidar efetiva e declaradamente com a palavra, com os sujeitos e textos, este último em suas mais variadas formas, em todas as áreas do conhecimento escolarizado. Portanto, mais ainda na atividade humana do ensino (educação), o uso da linguagem tem seu caráter naturalmente supremo e deve ser assim tratado, reconhecido, concebido e trabalhado, sempre na direção do aprendizado que compreende os sujeitos na sua alteridade e singularidade. Salienta-se que a discussão aqui proposta refletirá sobre a linguagem no âmbito das práticas de leitura, mais enfaticamente no ensino de língua portuguesa e Literatura.

O texto literário, seja ele uma poesia, um conto, uma crônica ou um romance, possibilita, pela prática da leitura emancipada, o elo entre o ético e o estético na vida de cada leitor. O ato responsável e responsivo inerente ao evento leitura permite ao leitor

estabelecer as relações devidas pelo encontro de palavras ou pela escuta da palavra outra no texto literário. É no texto e pelo texto que a leitura efetiva produz e reproduz enunciados únicos na cadeia infinita da comunicação humana. O texto é o objeto de alteridade posto em relação ao sujeito leitor, uma vez estabelecido elo na cadeia da comunicação humana, leitor e texto traçam fios de sentido e jogam suas palavras ao embate e constituem-se sujeito e texto, numa relação singularizada pelo evento da leitura.

A prática de leitura como possibilidade de um ato responsável do leitor (professor e aluno) proporciona o que Bakhtin (2001) apontou como um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados. Um caminho representado pela possibilidade do trabalho com a leitura, ato comum aos alunos e ao professor. Uma prática caracterizada pelo RE (conhecimento) do texto pelo sujeito leitor, num processo que evidencie o ato responsivo e subjetivo de ler e, para isso, a leitura deve compreender as obras e textos diversos que já compõem o universo cultural e social do leitor. Nesta perspectiva, não cabem os exercícios pré-estabelecidos, os roteiros que orientam as leituras e os resumos ao fim das tarefas sobre o texto fragmentado ou a análise linguística dos elementos textuais. Abrir-se a uma nova proposta e dar espaço à leitura do texto, seja a obra literária como pretexto para leitura de mundo (como nos fóruns), sejam os diferentes gêneros que compõem o universo cultural hoje.

É o mesmo e o diferente no evento único da leitura enquanto possibilidade de si e do outro. É o texto, muitas vezes o mesmo texto, tantas vezes lido, trabalhado com tarefas diferentes análises ou leituras, todavia, é um texto novo, sempre diferente e capaz de atingir de forma singular cada leitor ou o mesmo leitor (de maneira e sentidos diferentes) naquele momento único de leitura. Transpor as amarras fatigantes da tarefa e permitir que a leitura determine o sentido e seu acontecimento, será um virtuoso percurso para a constituição do sujeito leitor no evento singular de encontrar o outro através da palavra, da leitura literária – recanto de valores sociais, ideológicos e de vida por excelência, ou de outros gêneros que se fizerem necessários ao evento na sala de aula.

A leitura de cada um, e de todos, na sala de aula, repercute sentidos únicos que ressoarão no processo de aprendizagem e nas diferentes áreas do conhecimento. Essa ideia encontra-se nas já efetivas discussões ou reflexões proposta por vários estudiosos da linguagem, inclusive nos ‘norteadores’ documentos oficiais. A leitura evento, o ato responsável de ler não se restringe a uma proposta de ensino, a uma parte de um projeto educacional, é ainda uma perspectiva que abre caminhos para outras possibilidades de trabalho nas salas de aula e, sem dúvida, outros resultados.

Fala-se muito das capacidades e habilidades leitoras e escritoras desenvolvidas a partir da diversidade de gêneros, aspecto este importante e salutar para o domínio dos variados enunciados constituídos pelas também variadas atividades humanas, todavia, este trabalho dá um enfoque ao texto literário, por aqui se está ressaltando a perspectiva da leitura literária enquanto fonte inesgotável de enunciados que portam a palavra outra, que vem ao encontro de outras palavras repletas, mas não saciadas, de sentido. Tal apontamento à leitura literária também se dá pelo fato, aqui já ressaltado, das discussões nos fóruns tratados como espaço de dizer sobre a leitura estarem permeados pela leitura literária.

O texto literário, mais que qualquer outro, permite o encontro entre as palavras outras e as minhas, palavras emprenhadas de sentido, que dão à luz e já saem grávidas de sentidos outros. O encontro pela leitura, nos moldes aqui refletidos, com o texto literário é capaz da construção ética através da estética. Este é o momento de, resguardadas as peculiaridades, encontrar no mesmo aquilo que o identifica, que o difere dos demais; encontrar pela e na leitura, as possibilidades de produzir sentidos, conhecimentos, ou mesmo de questioná-los, ofertando-lhes outros sentidos. O mesmo texto, novas possibilidades de sentido, temporariamente estabelecidos pela alteridade com o leitor no ato de ler, no evento de leitura.

Trata-se, também, de ultrapassar as barreiras impostas por uma didática do que é cômodo ensinar nas aulas de Português e Literatura ou somente nas aulas de Português. É depreender leitura como um evento singular e inerente a cada disciplina, nas diferentes estruturas, nos diferentes conteúdos; e por isso, diferentes formas de leitura que permitam, aos sujeitos leitores, a compreensão do mundo e a transformação deste. Podemos idealizar o momento em que o professor de história lerá com seus alunos uma obra literária que trata sobre a Segunda Guerra Mundial, articulando o conteúdo e proporcionando ao aluno uma visão do mundo através das personagens e do enredo. Ou ainda que a matemática seja trabalhada a partir de dados levantados pela leitura de reportagens por exemplo.

Lendo Geraldi (2015) encontrei a palavra outra que veio ao encontro de minhas palavras e, enfim, percebi que quando compreendemos a vida como acontecimento ético aberto, não admitimos acabamento, no sentido de finalização, mas diálogos infinitos. Sendo assim, não há motivos justificáveis para determinar a forma, o modo e o tipo de leitura ideal para a aprendizagem escolarizada, o que comumente está pré-estabelecido nos manuais destinados ao professor com fórmulas e promessas para bons resultados no trabalho com leitura e escrita. Pelo contrário, a leitura na sala de aula pode e deve ser um

ato responsivo que permita ao aluno e ao professor, enquanto leitores, estabelecerem os modos de leitura que estejam adequados às necessidades de comunicação naquele contexto de discussão, sempre resultado da escuta da palavra outra inerente ao texto e, que está ali para, na relação, no encontro de palavras do texto com as palavras do leitor (vice-versa), estabelecer o sentido sempre único e diferente.

O sujeito leitor, como qualquer sujeito situado no tempo e no espaço, caracteriza-se pela necessidade da relação com outros sujeitos para constituir-se como tal, sempre na relação, para através do contato com o outro encontrar a si mesmo. Eis o sentido da vida, buscar o que nos completa sempre, apesar de nunca estabelecermos a completude absoluta, por isso, o caráter provisório dado ao que muitos chamam de acabamento. Eticamente somos sujeitos em busca do outro para uma possibilidade de acabamento, que não se estabelece pelo fim absoluto, mas por uma completude provisória de sentido, movimento resultado da necessária relação com o outro. Este movimento ético só permite expansão que gera mais necessidade do outro para completar o Eu. Eterna relação do eu-para-mim, eu-para-o-outro e o outro-para-mim²⁶.

A leitura literária, existente como evento leitura na aula, media e mediou, no caso do fórum, as contínuas interações com o outro e permitiu a alteridade. Um ato que constitui e evidencia a singularidade de cada sujeito leitor envolvido no ato responsável de leitura. Acredita-se que foi neste instante do encontro de palavras, entre leitor e obra literária, que se instaurou o querer dizer pela leitura, a satisfação de descobrir-se leitor. Algo que somente aquele sujeito, naquele momento, na relação eu-para-mim, eu-para-o-outro e o outro-para-mim poderia dar sentido; que não é qualquer sentido, mas o resultado do encontro de palavras no ato responsável.

Na leitura, os sentidos não são amarrados, embora também não estejam soltos, estão entrelaçados aos diferentes contextos de produção e/ ou de recepção. Daí o X da questão, quando se tenta desenvolver as habilidades leitoras através de roteiros e atividades com repostas estabelecidas, pois são desconsiderados elementos importantes e relativos ao ato singular de ler daquele sujeito leitor, naquele espaço-tempo de leitura. O encontro de palavras defendido por Ponzio (2010) somente se dará se a prática de leitura realizada permitir que os sentidos sejam enriquecidos no movimento recíproco da palavra sem neutralidade do leitor e do texto, digo ainda que também dos sentidos que permeiam e estabelecem direcionamentos de compreensão em muitas atividades de análise de texto.

²⁶ Arquitetônica bakhtiniana muito ressaltada por Ponzio (2010) e Petrilli(2013) para apresentar a categoria da dialogicidade e a ideia da constituição do sujeito pela relação eu-outro dada pela leitura.

Ponzio (2010:14) na obra “Encontros de Palavras: o outro no discurso” cita Derrida em (Escritura e Diferença, 1967:124), e para minha felicidade, a metáfora retomada traduz o que é a prática de leitura libertadora e enriquecedora, será sempre aquela “ que se desdobra como uma insistência infinita das águas contra a praia: o retorno e a repetição todos os dias, sempre, a mesma onda contra a mesma costa, contudo condensando de modo a renovar e a enriquecer o banco de areia infinitamente.” É o mesmo e o diferente pela e com a leitura literária, contemplação ética e estética nas práticas de leitura.

2.1. Leitura e suas práticas: Liberdade, fraternidade, igualdade

“A linguagem, pois, não é um dado ou um resultado; mas um trabalho que dá forma ao conteúdo de nossas experiências, trabalho de construção de retificação do “ vivido” que ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade e constitui a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo” (CARLOS FRANCHI, 1997:22)

Bakhtin, a partir de seus fundamentos, tem muito a contribuir sobre as práticas de leitura na sala de aula. Partamos, portanto, do seu horizonte mais concreto que é a relação constitutiva entre o eu e o outro – a alteridade - o lugar da constituição das particularidades, do acabamento temporário ou relativo. Compreendamos a leitura como sendo este lugar, dentre outros possíveis, onde se dá a arquitetura bakhtiniana, a constituição do sujeito singular, diferente do sujeito anterior à leitura, inserido no campo das práticas de leitura.

Com Bakhtin, em suas reflexões sobre linguagem, compreendemos que esta estabelece íntima relação com as diferentes esferas sociais e culturais e, que por ela nos constituímos socialmente e historicamente. Tal constituição não se dá de maneira linear e similar para todos os sujeitos, sequer para aqueles que vivem no mesmo espaço-tempo, pois serão sempre sujeitos diferentes numa relação única com a palavra outra, com entoações também únicas. De acordo com Geraldi (2013), somos a alteridade que nos constitui, mas não somos reprodução dessa alteridade porque somos agentes por nossas contrapalavras.

Reforça ainda Geraldi (2013) que na escrita há uma relação necessária com o leitor, assim como também há alteridade no interior das obras, entre personagens, autor, narrador. Ao refletir a prática de leitura à luz das ideias geraldianas sobre obra, leitor e alteridade, conseguimos vislumbrar a constituição do sujeito leitor singular pela leitura literária, como também por tantas outras leituras, de fato libertadoras e transformadoras, pois percebem e consideram o sujeito e o evento. Nos constituímos pela linguagem, logo somos sujeitos de linguagem. A alteridade que o outro me permite está permeada pela linguagem e, conseqüentemente pelos sentidos que preenchem estes vazios e ângulos entre o eu e o outro.

Das diversas atividades humanas, a aula de leitura deveria ser compreendida como o campo da linguagem por excelência, quando leitor e leitura são colocados na arena e se confrontam numa relação mútua de construção e desconstrução de sentidos. Ressalta Bakhtin /Volochinov(1988) que a palavra é capaz de registrar as fases mais transitórias, mais efêmeras, mais íntimas das mudanças sociais; e eu acrescento que a palavra tem o poder de nos registrar, nos fazer marcas no tempo e no espaço.

[...] Existem até mesmo linguagens dos dias: com efeito, o dia sociológico e político de “ontem” e o de hoje não têm a mesma linguagem comum; cada dia tem a sua conjuntura socioideológica e semântica, seu vocabulário, seu sistema de acentos, seu slogan, seus insultos e suas lisonjas. A poesia despersonaliza os dias na sua linguagem, já a prosa [...] desarticula-os frequentemente e propositadamente, dá-lhes representantes em carne e osso e confronta-os dialogicamente em diálogos romanescos irreversíveis. (BAKHTIN, 1998, p.98)

Há uma dimensão concreta que incide sobre a leitura enquanto prática inserida no campo da atividade humana denominada aula de português (ou como gostaria que fosse chamada, aula de leitura): alunos, professor e suas peculiaridades (idade, conhecimentos prévios, valores ideológicos, contexto sócio-histórico, entonações), além do tom valorativo e do projeto de leitura proposto; aspectos que influenciam e alteram a leitura enquanto esforço de compreensão e interpretação. Todos esses aspectos transformam a linguagem, a leitura e, portanto, a constituição dos sujeitos e, por isso mesmo, não podem ser desconsiderados.

A arquitetura estabelecida pela leitura me permite o acabamento que o outro me dá, e que só é possível pela interposição que o outro da leitura ocupa em relação a mim, é uma conferência de valores que me completam e me são inacessíveis e transgredientes,

possíveis a mim pela leitura que me possibilita o outro. Como vivemos em sociedade, com outros, o acabamento da relação eu-para-o-outro é acabado até o encontro com outra alteridade, e a leitura me permite outra alteridade a cada ato de ler, a cada encontro de palavras dado pela prática de leitura.

Estabelecendo uma relação ideológica e dialógica com os ideais da revolução francesa, compreende-se o sujeito leitor com todas as suas individualidades e singularidades, mas que faz parte de um processo único de construção do corpo social, não de qualquer campo social; porém uma sociedade inevitavelmente responsiva. Para uma concepção de leitura como caminho de constituição de sujeitos singulares, há também a emergência de práticas de leitura que proporcionem e sejam proporcionadas pelos ideais de liberdade, fraternidade e igualdade, embora, nenhum destes aspectos determine ou encaixote métodos de leitura, só permite o encontro. Tomo para este contexto o lema da Revolução Francesa no sentido de possibilidade do outro e da abertura aos sentidos que a leitura proporciona, a alteridade de cada página lida e cada sujeito nela constituído e lançado a mim como reflexo da alma e para a minha alma (professor ou aluno).

A leitura evento comporta a dimensão de um ato liberto de roteiros ou direcionamentos de leitura, propicia o encontro de palavras e o acabamento provisório na arquitetura do eu e do outro. Conduz à compreensão dos sujeitos como seres em constante construção, o que nos torna todos iguais, seja professor, seja aluno, naquele evento da leitura contribuem para igualdade irrestrita do processo de construção do ser leitor; isso torna o sujeito mais fraterno, no sentido de melhor estabelecer a compreensão do outro como uma reflexão de si.

O ato de ler é responsável, é responsivo e nos remete às ideias de liberdade, igualdade e fraternidade, conduz à instauração do princípio da alteridade como processo humanizador, seja por compreender o outro como o estalão (a medida) de nossos atos, seja por conceber que todo sujeito é um ser em construção, inconcluso por excelência. Bakhtin, em seus estudos, sempre nos provoca a pensar o outro como ser falante, que tem seu ato responsável no mundo real. Esta é a mesma dimensão dada ao sujeito leitor (aluno ou professor), somente haverá leitura dentro da relação entre o eu e o outro.

Ao tecer a analogia entre o sujeito bakhtiniano (o eu e o outro) e o evento leitura, rememorei uma das aulas discutidas²⁷ pelo professor Miotello, quando surgiu no grupo de estudos, a questão sobre o que era texto. Após inúmeros devaneios, encontros e desencontros de palavras, chegou-se a um “instante” comum de que o texto assim se constituía quando de fato lido, ou seja, quando pela leitura estabelece a relação entre o eu e o outro; para assim dizer o que Bakhtin(2015, 307) já tinha dito em *Estética da Criação Verbal* “ [...] O texto é a realidade imediata (realidade do pensamento e das vivências), a única da qual podem provir essas disciplinas e esse pensamento.[...]”.

O texto como enunciado concreto, no evento leitura, propicia a constituição do sujeito (o eu e o outro), a relação de alteridade com a leitura é possível, real e produtora de sentidos. Vê-se, portanto, a leitura como caminho de aproximação entre o eu e o outro, processo estruturante da alteridade, uma prática de construção de sujeitos. De tudo isso, depreende-se a leitura literária como uma visão do mundo reproduzindo esteticamente, nela habita a palavra carregada pela voz do outro, dialogismo puro; assim a relação valorativa do eu com o outro. Cada leitura, em cada evento leitura, constituirá os sujeitos leitores de maneira única e diferente sempre. Conforme Bakhtin (2012):

O princípio arquitetônico do mundo real do ato é contraposição concreta, arquitetonicamente válida, entre o eu e o outro. A vida conhece dois centros de valores, diferentes por princípio, mas correlatos entre si: o eu e o outro, e em torno destes centros se distribuem e se dispõem todos os momentos concretos do existir. Um mesmo objeto, idêntico por conteúdo, é um momento do existir que apresenta um aspecto valorativo diferente, quando correlacionado comigo ou com o outro; e o mundo inteiro, conteudisticamente uno, correlacionado comigo e com o outro, é permeado de um tom emotivo-volitivo diferente, é dotado, no seu sentido mais vivo e mais essencial, de uma validade diferente sobre o plano do valor. Isto não compromete a unicidade de sentido do mundo, mas a eleva ao grau de unicidade própria do evento. (BAKHTIN, 2012, 142)

Apropriando-me destas palavras e as deslocando para outro centro de valor, enfatizo a unicidade própria do evento leitura, seja ela literária como concretizada em nossa vivência, ou qualquer outra; promoverá a constituição do sujeito leitor sempre no movimento do acabamento provisório. O ato vivo e experiencial da leitura como percurso de si e do outro, numa relação de construção mútua e contínua, pois ao ler eu me confronto

²⁷ Aulas discutidas - denomino assim, pois as aulas coordenadas pelo citado professor, sempre nos conduzia a exercer o ato responsável e nos envolvia profundamente nas discussões propostas pelas leituras bakhtinianas.

com o outro esteticamente elaborado na obra literária, por exemplo, ou até o outro projetado no texto pelo mundo real, pelos discursos socialmente vigentes.

2.2. A leitura - processo de construção mútua de si e do outro

Geraldi(2013), nos conduz pelo livre arbítrio do encontro de palavras quando faz reflexão sobre a aula de português e sobre a leitura enquanto prática na aula, nos alerta sobre a necessidade de pensar sobre o ensino de Língua Portuguesa à luz da linguagem, mas sem excluir deste percurso os desafios inerentes e evidentes. Dos riscos, o maior destaque é dado para a construção de alternativas de ação na escola que temos, sem esquecer a escola que queremos quando falamos em ensino de Língua Portuguesa com foco na linguagem. A leitura seria o alugar privilegiado, citado por Geraldi, posto ser espaço de produção de linguagem, de interlocução e, portanto, compreendido também como espaço de constituição de sujeitos.

A leitura instaura-se como evento na linha do tempo e se torna concreta na singularidade do momento em que se enuncia. É esta relação com a singularidade que faz parte indissociável do processo constitutivo da leitura, da linguagem e dos sujeitos leitores. Destacar a leitura a partir da interlocução, da relação indiscutível com o outro é olhar para este ato sob a perspectiva da singularidade dos sujeitos leitores em constante constituição no tempo e no espaço, ou seja, pensar a leitura como interação verbal, como o lugar de produção de linguagem e, portanto, dos sujeitos, que neste processo se constituem pela linguagem. Assim diz Geraldi(2013:6)

b) que os sujeitos se constituem como tais à medida que interagem com os outros, sua consciência e seu conhecimento de mundo resultam como “produto” deste mesmo processo. Neste sentido, o sujeito é social já que a linguagem não é trabalho de um artesão, mas o trabalho social e histórico seu e dos outros e é para os outros e com os outros que se constitui. Também não há sujeito dado, pronto, que entra na interação, mas um sujeito se completando e se construindo nas suas falas;

c) que as interações não se dão fora de um contexto social e histórico mais amplo; na verdade, elas se tornam possíveis enquanto acontecimentos singulares, no interior e nos limites de uma determinada formação social, sofrendo as interferências, os controles e as seleções

impostas por esta. Também não são, em relação a estas condições, inocentes. São produtivas e históricas e como tais, acontecendo no interior e nos limites do social, constroem por sua vez limites novos.

Parece óbvia a transformação das práticas de leitura em cada sala de aula do Brasil, são concretas as novas perspectivas dadas para esta prática, segundo dados apontados em pesquisas para o trabalho Retratos da Leitura no Brasil (ano base 2015), os jovens brasileiros leem muito e isso têm reflexo no trabalho da educação também. Todavia, ainda é preciso pensar a leitura como interação verbal e instauradora da alteridade necessária aos sujeitos do processo.

Por isso, inúmeras vezes, enquanto sujeito professora e enquanto pesquisadora, busquei consolo em dizeres geraldianos, para mim signos que indicavam um caminho de auto-reflexão, posso afirmar que aquelas leituras transformavam o sujeito professor que adentrava na sala de aula para também aprender através das leituras que ali eram oportunizadas. Era de fato um sujeito que se constituía pela leitura e pela interlocução dada pelas práticas de leitura e pelos alunos, um movimento contínuo e infinitivo de construção de si e do outro como já afirmado.

A vida é uma relação de constantes interações, de encontros, de conversas, falas, discussões; e é na relação que o Eu se constitui pelo Outro e vice-versa. Somos seres únicos e singulares, insubstituíveis e peculiares na vida e na relação com outros sujeitos também singulares, peculiares. Isso não significa que nos encerramos em nós mesmos, pensando que pelo fato de sermos únicos e que ninguém vai fazer o que e como eu faço; assim me basto, uma autosuficiência ingênua e inexistente.

O que se deseja colocar em discussão é o fato de apenas desse lugar único que cada sujeito ocupa é possível reconhecer que o outro também é singular e ocupa um espaço jamais ocupado pelo 'eu', sendo assim contemplará visões caracteristicamente singulares e necessárias para construção do sujeito social distinto do dele e que o complementarará com o excedente de visão impossível para o eu de seu lugar. A leitura funciona como o momento-espaço da arquitetônica do eu-para-mim, eu-para-o-outro e o outro-para-mim, ali alunos e professores se constituem sujeitos leitores.

Enquanto seres humanos e sujeitos sociais, cada um assume responsabilidades, tem um ponto de vista, uma religião, uma filosofia, toma decisões que só podem ser tomadas daquele contexto ocupado pelo sujeito naquele exato momento. Mas, não se pode deixar isolar e acreditar que o "eu" é alto-suficiente, existe por si e para si. Escuta-se

muito que vivemos em uma sociedade que parece necessitar de amor ao próximo, mas acredito que a sociedade necessita ainda mais do reconhecimento do próximo, pois está cada vez mais centrada no individualismo egocêntrico, parece tentar estabelecer o caos da incompletude e do vazio existencial – eu me basto, uma visão falaciosa e falsa.

Em contrapartida, fala-se também e muito em integração, aceitação do diferente, do novo, mas há um distanciamento disso na prática. Ao ler Bakhtin, estabelece-se o encontro com a alteridade, um conceito que direciona uma reflexão sobre o evento da interação e que somente através dele cada sujeito se constitui em suas singularidades, é o diferente e o mesmo num processo só. A alteridade não está apenas nas relações amigáveis, onde concordo com tudo que é dito, também está na escuta, no silêncio, na discordância. Os sujeitos são constituídos constantemente na relação com o outro e, é nesta perspectiva que a leitura encontra seu caráter de evento propiciador da construção de sujeitos sociais, na inter-relação deste ‘espaço-momento’ de diálogo e de escuta que fala através da leitura, da literatura enquanto tal.

Para uma filosofia do ato responsável (BAKHTIN, 2012) nos oferece um interessante ângulo para melhor figurar o evento leitura à luz do texto literário e, porque não, sobre as práticas educacionais familiares e escolares. Partindo das premissas sugeridas a partir desse ato responsável, o ato que é inerente a cada ser humano em seus mais diferentes campos de atuação e existência. No referido texto, Bakhtin lança diversas reflexões filosóficas que permitem compreender os atos humanos, e nessa perspectiva, compreender o lugar singular de cada sujeito no processo educacional de outros sujeitos. Sempre resultante e resultado de um ato responsável em uma dada esfera da atividade humana, a aula de leitura possibilita um sujeito que constitui e é constituído numa relação dialógica e contínua, numa relação ética e estética.

Nesta perspectiva e sob este viés, entende-se que o sujeito ocupa esse lugar único na existência, mas é na relação com o outro na vida e na arte - poderia dizer também na leitura- que se determina esse ato responsável/responsivo, quando há uma “ compreensão responsiva que salienta a conexão entre compreensão e escuta, escuta que fala, que responde, mesmo que não imediata e diretamente; por meio da compreensão e ‘pensamento participante’. ” (PONZIO, 2012, p. 11)

Nos fóruns, é na relação com o outro, através da palavra (leitura) que o eu ganha forma; e nesta alteridade, constitui-se único. Ambos, o eu e o outro, se trans (formam) e neste instante com o excedente de visão propiciado pelo olhar único de cada um na

chamada arquitetônica bakhtiniana, no embate pela palavra outra da leitura, o leitor se constitui e constitui o outro, reflete e refrata sentidos.

A leitura evento, como venho denominando, é a leitura que permite o leitor (professor e aluno) transitar livremente pelos caminhos frutuosos do ato de ler, é uma perspectiva de também poder-se ver sob a ótica do autor da obra, ou da palavra outra constituinte da obra. Quando a palavra do leitor embate com a palavra na obra, novas possibilidades de sentido e de palavras outras se abrem; a obra recebe o seu *acabamento provisório*²⁸, assim como o leitor que ali se constitui como tal, exatamente por se perceber refletido de alguma maneira no texto, pelas palavras outras ali instauradas.

Ler é o ato que oportuniza o encontro de si mesmo na palavra alheia, que naquele ato agora se torna palavra sua. É buscar o acabamento do seu ser sujeito na palavra outra, que já se tornou sua, numa contribuição mútua e constante do evento. A leitura é uma negociação e como tal pressupõe dois lados com propostas próprias para seus benefícios ideológicos, mas que sempre permitirá e até necessitará da flexibilidade do eu e do outro na conexão estabelecida.

Um ato essencialmente dialógico e responsivo, por assim ser é encontro de palavras minhas e palavras alheias, é momento de interação, ler é diálogo intenso e produtivo de palavras, de sentidos. Segundo Geraldi(2012):

[...] O diálogo é a maneira criativa e produtiva do eu se aproximar com suas palavras às palavras do outro, construindo uma compreensão que, por não ser mero reconhecimento dos signos usados, é sempre uma proposta, uma oferta, uma resposta aberta a negociações e a novas construções. Os sentidos jamais se fecham e jamais estão sozinhos: eles vêm acompanhados da entonação avaliativa, e esta é o modo de marcar materialmente posições socioideológicas. Se não há signo sem ideologia, não há diálogo efetivo sem os necessários deslocamentos, ainda que mínimos, de uma posição para compreender a outra posição, e dela retornar para a sua posição, enriquecido pelo embate produtivo do encontro de consciências equipolentes, [...], mas não independentes das condições sócio-históricas de suas constituições. [...] (GERALDI, 2012, 15-16)

Portanto, sendo a leitura dialógica em si, não há como neste ato responsável e responsivo, os sujeitos envolvidos não se constituírem. Há no embate proporcionado pela

²⁸ Palavras geraldianas que tomo para melhor dizer o que quero neste espaço-tempo.

relação entre a palavra minha e a palavra outra, os necessários descolamentos, os movimentos de sentidos únicos para cada leitor naquele espaço-tempo, que conseqüentemente refletirão na construção do sujeito. Na relação com outro, mediado pela leitura literária e pelo embate com os dizeres de outros sujeitos sobre a mesma leitura, os sujeitos dialogicamente aproximados, constituem-se mutualmente, um apresenta ao outro o excedente de visão proporcionado pelo deslocamento próprio do ato responsável fundante na leitura literária. Ética e estética juntas e desencadeando a constituição dos sujeitos leitores.

Concretamente, movendo esses conceitos de deslocamento, de excedente de visão para a ideia da leitura evento, imediatamente surgem dois aspectos importantes e que colaboram para relação eu e outro estabelecida na e pela leitura: o excedente de visão do professor na dimensão dos elementos da leitura no processo de aprendizagem – os objetivos sobre o conteúdo trabalhado, a necessidade ou não da contextualização histórica da obra enquanto texto e gênero, as finalidades daquela leitura enquanto aprendizagem e da outra margem, o aluno com seu conhecimento prévio e seu excedente de visão (outra visão) sobre a leitura. Dessa forma, professores e alunos com suas alteridades, flexibilizam-se e lançam-se aos deslocamentos possíveis e cabíveis para constituir um novo sentido e se constituírem outros sujeitos.

A leitura à luz dos conceitos bakhtinianos, não traz como cristalizado pela educação escolar os roteiros de leitura, os resumos infecundos sobre a obra literária, nem a descontextualizada caracterização das personagens montadas nos fragmentos de obras trabalhados. O único compromisso nesta perspectiva é buscar nas práticas de leitura a liberdade do encontro da palavra que escuta o passado, mas não o reproduz simplesmente, estabelece novos e diferentes sentidos; e projeta novos enlaces para o futuro, além de abrir possibilidades às DES (construções) de sentidos e práticas, sempre provisórias.

2.3. O ato responsável na leitura, na escola

A ideia de responsabilidade pensada por Bakhtin (2010) carrega o ato ético e se instaura na correlação do mundo real, da vida com o mundo da arte, da cultura. Assim vai

apresentando, em seu trabalho sobre o Ato responsável, que cada sujeito inserido no mundo comporta um ato diante da vida, diante do outro que reflete e refrata a alteridade.

Pensar a leitura literária enquanto evento, e neste apropriar-se do conceito de ato responsável, conduz à reflexão de um tempo-espaço único da escola como oportuno para compreender o sujeito sob a ótica da ética e da estética, seu processo de constituição e de não-álíbe na sua existência.

O mundo em que o ato realmente se desenvolve é um mundo unitário e singular concretamente vivido: é um mundo visível, audível, tangível, pensável, inteiramente permeado pelos tons emotivo-volitivos da validade de valores assumidos como tais. É isso que garante a realidade da singularidade unitária deste mundo – a singularidade não relativa ao conteúdo-sentido, mas a singularidade emotivo-volitiva, necessária e de peso – é o reconhecer-me insubstituível na minha participação, é o meu não-álíbe em tal mundo. [...] esta participação transforma cada manifestação minha – sentimentos, desejos, estado de ânimo, pensamentos – em um ato meu ativamente responsável.” (BAKHTIN, 2010, p.117-118)

A leitura tem, essencialmente, o caráter trans(formador) e a escola representa um espaço-tempo do conhecimento por excelência. Sendo assim, é interessante apropriar-se da leitura evento como momento do ato da des (construção) do sujeito leitor, espaço-tempo da constante e inefável busca da completude de si e do outro. O ato responsável do sujeito leitor se dá no processo de leitura, aquele que o possibilita leitor, não outro processo que o reduz a mero reproduzidor de sentidos pré-estabelecidos nas tarefas. O ato responsável, pensado à partir da leitura evento, é uma construção de sentido, um processo de re(conhecimento) de si e do outro na relação. Retomando Geraldí (2012) “ Nossa responsabilidade é precisamente com algo aberto, algo a ser alcançado, a ser realizado e a “definição” desse algo é histórica, temporal, local: uma construção e não um construto; um processo, e não um produto.”. Assim, leitura é produção de sentido.

Com o passar da história na sociedade, transformam-se os espaços, e a concretude destes traz consigo a marca do tempo; também na leitura é assim, o que antes era inovador, futurístico, hoje é ultrapassado, sem graça. Porém é naquilo que já foi ultrapassado que se alicerça o presente e uma perspectiva do futuro, as práticas de leitura têm esse caráter temporal e espacial também.

Antes materializados somente em livros nas bibliotecas e escolas (ou de maneira mais restrita, em acervos particulares de intelectuais), agora a leitura adquiriu outras materialidades, por isso novos nomes, é a leitura digital (E-books, kindle, plataformas de leitura, fóruns de leitura e discussão), são na verdade diferentes materialidades e formas de proporcionar a leitura que refletem e são refletidas pelas necessidades tecnológicas e comunicativas contemporâneas. Talvez também expressem a busca por tornar a leitura algo atrativo aos olhos e à mente – luta constante e bandeira de toda proposta pedagógica ou documento oficial da educação e, agora, luta das editoras – todavia, certamente, representa a busca no passando de elementos, agora renovados, transformados a partir deste passado avaliado neste momento como improdutivo, para dar vida nova à leitura e suas práticas.

A experiência da prática de leitura como evento carrega consigo a sua indispensável unicidade real (legítima) em uma realização única e singular. Todavia, esta leitura aqui pensada adquire vida somente revestida da percepção do sujeito neste existir, no traço que a leitura também é elemento de alteridade. O contexto de valor do qual a leitura é evento, é prática libertadora, também é o contexto do existir do sujeito-leitor singular – a leitura evento é valorativamente afirmada pelo sujeito-leitor no processo de constituição. O contraponto pode igualmente acontecer, o contexto valorativo no qual a leitura não é evento, pode ser compreendido como lugar de estranhamento e repulsa para o sujeito no seu processo de constituição.

O que está para reflexão é o fato de que o componente valorativo é, aqui, condicionado pelo lugar único ocupado pelo objeto ou sujeito na arquitetônica concreta do evento leitura, é o ponto de vista singular do participante no evento. Mesmo na relação imanente com o outro, eu é que respondo pelos meus atos, aquele foi o meu excedente, trouxe apenas aquilo que já era meu, mas eu-para-mim sozinho não consegue resgatar.

Se passarmos agora à arquitetônica real do mundo vivido da vida, do mundo da consciência que age de modo participante, notaremos antes de tudo uma diferença arquitetônica de princípio entre a minha singularidade única e a singularidade de cada outro ser humano, seja estética ou real, entre a concreta experiência vivida por si mesmo e a experiência vivida pelo outro. O valor concretamente afirmado de um ser humano e o meu valor-para-mim-mesmo são radicalmente diferentes. (BAKHTIN ,2010, p.141)

As diferenças aqui ressaltadas não implicam negação ou distanciamento entre os sujeitos, entre o eu e o outro, trata-se sim de relação de completude, de deslocamento que constrói e tras(forma). Ainda nas palavras outras de Bakhtin (2010) a divisão arquitetônica entre o mundo do eu e todos aqueles mundos de outros não é negativa, nem excludente, é antes deslocamento que constrói, que completa.

Com relação à leitura evento, podemos buscar respaldo na ideia de cronotopo com a qual Bakhtin observou a literatura para vitalizar o que se concebe sobre práticas de leitura passadas e atuais. Os projetos e os modelos de leitura produzidos no passado ganham novo vigor, novas propostas, sempre lançando nuances para um futuro promissor e superativo – passado, presente e futuro não se anulam ou se contrapõem, mas nos mostram reflexos de diferentes olhares, em diferentes espaços e tempos, que precisam substancialmente conversar, estabelecer um diálogo dialogizante para existirem.

A leitura tem em si o caráter polifônico, por mais que se deseje estabelecer sentidos próprios aos textos literários ou fixar direcionamentos com modos próprios de análise de textos literários, todo esforço será vão, será inútil. Nos estudos literários, o cruzamento de vozes, a palavra polifônica é uma realidade fundante, pois toda vez que a palavra é tomada e retomada através da leitura, ali são temporariamente instaurados sentidos próprios àquele instante e lugar, as palavras são, como diz Geraldi (2012), “carregadas de entonações emotivo-volitivas, e ainda que sobrecarregadas estão sempre abertas a novas entonações”.

Bakhtin na obra “Questões de literatura e estética” trata sobre os procedimentos ou características do ensino da palavra do outro; e que agora será direcionada à ideia de leitura, enquanto processo de trabalho com a palavra do outro.

O ensino das disciplinas verbais conhece duas modalidades básicas escolares da transmissão que assimila o de outrem (do texto, das regras, dos exemplos): “de cor” e “com suas próprias palavras”. Esta última modalidade coloca em pequena escala um problema puramente estilístico para prosa literária: relatar um texto com nossas próprias palavras é, até certo ponto, fazer um relato bivocal das palavras de outrem; pois as “nossas palavras” não devem dissolver completamente a originalidade das palavras alheias, o relato com nossas próprias palavras deve trazer um caráter misto, reproduzir nos lugares necessários o estilo e as expressões do texto transmitido. (BAKHTIN, 2010, p.142)

Acreditar que qualquer que seja a atividade de leitura encaixotada por tarefas poderá fixar sentidos ao texto enquanto palavra outra é pura ilusão. ‘Destituir’ as palavras de seus sentidos adquiridos por direito de uso na infinita cadeia da comunicação humana é impossível e empobrecedor, pois há um esforço no sentido de impedir que tais palavras surjam com novos sentidos.

A leitura evento permite ‘dizer de novo’ e ser diferente a cada dizer, a palavra renovada, rejuvenescida, incorporada de outros sentidos que, apesar de novos, não abandonaram os sentidos passados, posto que ainda os reflete agora. A mesma palavra que não é a mesma, a mesma leitura com diferentes dizeres – é o igual e o diferente juntos. A leitura segundo os preceitos de uma atividade estética, porém, realizada eticamente, a partir do ato responsável do leitor em suas compreensões e relação com o texto literário.

Ler como ato responsável, como resposta à palavra outra no texto literário, ressuscita a cada ato pelo leitor realizado com abertura para o substancial encontro de palavras que reclama pela singularidade de cada leitura evento, de cada movimento que desloca o sujeito em busca de constituir-se na e pela leitura.

De um modo geral, Bakhtin, em seus estudos, expressa uma singular atenção ao texto literário, e para este denuncia a necessidade de compreendê-lo, e para isso o indispensável deslocamento, o movimento para fora da literatura é relevante. Portanto, a devida compreensão do texto literário requer imprescindivelmente um processo de exotopia, um olhar de fora dos elementos literários para assim, compreendê-los com propriedade. Talvez este movimento de ‘deslocar-se’ do ambiente literário, do mundo estético da literatura, seja o buscar pelo excedente de visão que implica a alteridade.

A exotopia ou extralocalização de espaço, tempo, valor e sentido implica em uma alteridade que não serve à constituição da totalidade, da identidade, que não é complementar à realização da consciência individual, que não é funcional à esfera do Mesmo. Na atividade artística, exprime-se uma relação particular com o outro, uma relação extralocalizada e detotalizada na qual ressoam uma multiplicidade de vozes diferentes sem a pretensão de recomposição na totalidade monológica. [...] A exotopia é a condição determinante da palavra literária, como o é a participação na vida, nos conteúdos e nos valores da vida social. (PETRILLI, 2013, p. 30)

O deslocamento tratado por Bakhtin, e resgatado por Petrilli, oferece maior consistência ao evento da leitura na sala de aula. O movimento exotópico próprio da

leitura possibilita que professor e aluno constituam-se, encontrem o acabamento provisório que os conduz a compreensão do texto e de si mesmos na dialogia do ato responsável e responsivo de ler. Para melhor lançar uma faísca de entendimento ao que tento dizer neste instante sobre a leitura literária e seu caráter inerente à constituição dos sujeitos leitores, recorro a Bakhtin (2011/2015) e ele, como sendo meu outro neste instante, responde-me: “ No objeto estético estão presentes todos os valores do mundo [...] A posição do autor e sua tarefa artística devem ser entendidas no mundo em relação a todos esses valores.”

A vida entra na arte e a arte responde à vida em uma relação dialógica de recíproca significação, Petrilli (2013), tal pensamento envolve inevitavelmente a leitura literária e a constituição do sujeito no processo de aprendizagem escolar, especificamente aqui tratado – a leitura e suas práticas na sala de aula. No espaço e no tempo que professores e alunos, envoltos pela leitura literária, mediados pela palavra, realizam o percurso do centro de valor do eu ao centro de valor do outro, fundam a alteridade e, assim, se constituem.

Bakhtin considera, em seus textos, inseparável a relação entre a vida e a literatura; esta ideia se faz presente em muitos, se não todos os seus textos. A partir disso, pode-se aventurar dizer que o ensino de literatura, na perspectiva do evento leitura, abrange a dimensão estética e a ética e, portanto, a constituição do sujeito ético responsável, ativo e responsivo no seu meio social, histórico e cultural.

Os sujeitos – aqui menciono professor e aluno – estão inseridos em um mundo e por isso imersos em seus valores, códigos morais, cultura, contexto histórico, ou seja, o sujeito está em um mundo já constituído, e com tudo isso se confronta para então contribuir e participar com seu tom, sua marca singular – a alteridade. Não há passividade nesta relação, ao contrário, há reflexão de valores que expandem ainda mais, abrindo-se a outros sentidos. Com a leitura do texto literário ou outros gêneros é o mesmo percurso de entendimento, cada palavra, cada obra, enquanto enunciado, é sempre resultado da relação dialógica, do conglomerado de vozes que lhe foram atribuídos por outros sujeitos em outros espaços e tempos – um movimento contínuo e nunca de limitação, sempre de abertura, de possibilidades novas.

De acordo com Petrilli (2013, 41), a palavra é sempre a expressão do encontro de alteridades. A palavra, o enunciado, a consciência são produtos da interação social e, nesse sentido, dialógicas:

Cada membro do coletivo falante nunca encontra a palavra como palavra neutra na língua, livre de intenções, não habitada por vozes do outro. Não, ele recebe a palavra da voz do outro e cheia da voz do outro, No seu contexto, palavra chega de um outro contexto, penetrada por intenções do outro. A sua própria intenção encontra a palavra já habitada. É por isso que a orientação da palavra entre as palavras, os diferentes modos de ouvir a palavra do outro e os diferentes modos de reagir a ela são talvez os problemas mais essenciais do estudo metalinguístico de cada palavra, inclusive da palavra artística. Em cada corrente de dada época é peculiar um sentimento da palavra e uma gama de possibilidades de exercício da palavra. (BAKHTIN , 1963, apud PETRILLI, 2013)

Cada sujeito (professor, aluno, pais, amigos), inclusive a proposta pedagógica da escola e as vozes que a compõe enquanto enunciado, estão intimamente ligados a construção dos sentidos no evento leitura na sala de aula. Além disso, a dialogicidade é uma dimensão constitutiva dos sujeitos envolvidos nas práticas de leitura, assim como no processo de ensino.

As concepções bakhtinianas sobre dialogismo e alteridade são fundamentais para o caminho trilhado nesta pesquisa – entre os percursos, a compreensão de uma leitura evento -, perceber as conexões estabelecidas entre os enunciados (textos literários) e a constituição dos sujeitos pela leitura, é de fato a pedra angular desta pesquisa. Petrilli (2013) retoma Bakhtin quando aponta que para ler um texto é necessário um outro, a leitura somente é possível à luz de um outro texto, e a autora depois ressalta não se tratar de fontes textuais, mas abre o texto à alteridade, à intrínseca relação dialógica entre texto e leitor estabelecido num tempo e num espaço:

[...]o con-texto posterior representado pelo leitor(que desenvolve um papel de central importância na interpretação de um texto, acima de tudo, quando se trata da interpretação realizada em termos de compreensão responsiva, ou seja, a outros graus de alteridade). (PETRILLI, 2013, p.46)

A leitura é dialógica não somente pelo fato de naturalmente exigir a compreensão responsiva da parte do leitor, mas por estabelecer em si a alteridade quando refletida pelas outras leituras já realizadas sob outras perspectivas – é a palavra em relação à palavra

outra. Esta percepção de leitura desloca, abre dimensões para que a palavra viva seja descoberta. Segundo Ponzio (2003c:190, Apud, PETRILLI, 2013, p.47):

Colocada como é dentro do próprio eu, ela [a relação com o outro] produz: no plano linguístico a anterior dialogização da palavra, o seu não poder ser nunca palavra íntegra, mas palavra dividida, separada, dvugolosnoe, difônica; no plano linguístico-estético, a exotopia da escrita (a sua alteridade em relação à vida real, em relação ao escritor, em relação à “contemporaneidade”, sovremennost’, em relação à esfera da literatura, em relação ao texto interpretante); no plano moral, a inquietação, a obsessão pelo outro, a responsabilidade.[...]

Tanto a palavra literária quanto o leitor são dialógicos, pois estão imbrincados com a palavra outra, o eu no outro. Essa inter-relação é a condição de alteridade própria ao texto e ao leitor, é a antecipação da réplica do outro no texto – o leitor está para o texto, assim como este para o leitor. Na perspectiva bakhtiniana de dialogismo e alteridade, a leitura é proposta de deslocamentos de si mesmo e do outro no evento. É sempre encontrar outras palavras que convergem e divergem com as minhas palavras, mas que acima de tudo as transformam, que não serão jamais as mesmas, serão outras e abertas às novas intenções, entonações e, portanto, outros sentidos.

Considerando a noção de arquitetônica bakhtiniana aplicada à leitura, é pelo ato de ler que se estabelece a relação eu e outro como centros de valores distintos, porém correlacionados no existir e envoltos pelo tom avaliativo diferente no que tange este liame. Quando se argumenta sobre a filosofia do ato responsável, é considerada a aproximação com a palavra literária, e assim considera-se a necessidade da relação eu e outro, o movimento do estar fora para depreender o valor diferente do eu, mas que também o compõe e somente pode ser constituído a partir do excedente de visão propiciado pelo outro na relação com o eu.

Bakhtin elabora uma filosofia do ato responsável em estreita relação com a escritura literária com a intenção de apreender a unicidade do mundo centrado ao redor do eu, que não é uma questão diferente do problema estético de compreender a unidade orgânica e única do valor artístico. Em ambos os casos, é necessário um ponto de vista exterior, transgrediente, um excedente de valor, de sentido, uma extralocalização espaço-temporal em relação ao único e unitário evento da existência. É necessário um ponto de vista exterior que não seja aquele do eu, mas sim do outro. Além disso, é necessário traduzir verbalmente tanto a

experiência vivida quanto a posição de valor ocupada de forma única e irrepetível. (PETRILLI, 2013, p.81)

Ainda reforça Petrilli (2013) que Bakhtin, então, estabelece uma relação de implicação mútua entre a filosofia do ato e responsável a filosofia da linguagem do texto artístico, especificamente da palavra literária. Portanto, a leitura literária na escola, resultante da leitura evento considera as nuances da exotopia (movimento espaço-tempo na relação eu – outro), o excedente de visão, o ato responsável responsivo, o tom avaliativo e, por tudo isso, o diálogo infinito.

É pela leitura evento (como venho nomeando o ato de ler enquanto acontecimento), que se observa a dialogicidade da palavra, pela ética e pela estética a palavra se mostra viva e marcadora de sentidos. O deslocamento do eu para o outro é o percurso da alteridade expressa e impressa nos sujeitos leitores e na própria palavra literária que já vem “preencha” de outros sentidos dados pelos processos de interlocução já realizados e, mesmo assim, carregada de sentido ainda consegue estar aberta a outras significações.

Observar a leitura à luz das experiências com dois fóruns de discussão de leitura literária me fez rever conceitos, construir novos pressupostos, lançar diferentes sentidos em direção aos outros, constitui-me e, neste processo de alteridade transformei e fui transformada, assim como os outros sujeitos leitores. As considerações agora são outras e sei que ainda serão diferentes, mas jamais voltarão ao estágio anterior. Olhar para as práticas de leitura a partir dos enunciados nos fóruns e pensá-los apoiados sobre a filosofia da linguagem representou entrar no tecido dialógico da vida pela linguagem. Do texto literário aos enunciados dos fóruns foi, portanto, traçar um percurso e pensar a partir das categorias bakhtinianas, em seus próprios textos e nos textos de seus estudiosos – mais exclusivamente aqueles que pensam mais bakhtinicamente a literatura, o dialogismo, a alteridade e a leitura como acontecimento.

No texto *Para uma filosofia do ato responsável* (2010) aparece um percurso bastante importante para pensar a leitura como acontecimento que promove a alteridade e nos sujeitos como promotores da interlocução e instauradores de sentidos. As categorias bakhtinianas são pontos que se entrecruzam e dialogam na perspectiva da réplica, das vozes que se encontram contrapondo-se e concordando de forma recíproca.

Embora o foco deste trabalho esteja consolidado sob a constituição do sujeito a partir da leitura em um contexto singular, pensar a linguagem na literatura, como lugar

do ato responsável, do deslocamento que constitui, mas não limita, abre outras e novas possibilidades de atos, de respostas e de posições nada passivas. Como o próprio Bakhtin nos propõe por seus trajetos, compreender as noções de ato, de alteridade, de descolamento na perspectiva das formas de leitura e escritura sobre a palavra literária; e assim a constituição do sujeito leitor na prática de leitura expressa nos enunciados dos fóruns de discussão analisados.

No horizonte dos estudos de Bakhtin, Petrilli (2013, 87) afirma que cada expressão individual é composta de sentido, possui uma orientação, uma entonação, um valor – semântico, teórico, cognitivo, axiológico, estético, ético, etc. – é investida de sentidos pluridirecionais. Para dar destaque ao que diz, Petrilli traz Bakhtin para dizer a propósito da linguagem:

[...]E em todos esses momentos (palavra conceito e a entonação da palavra) a palavra cheia e única pode ser responsabilmente significativa: pode ser verdade e não somente algo de subjetivo e fortuito. Claro, não é necessário superestimar o poder da linguagem: o existir-evento irrepitível e único e a ação que participa disso são, fundamentalmente, exprimíveis, mas de fato trata-se de uma tarefa muito difícil, uma plana adequação é fora das possibilidades, ainda que permaneça sempre como fim. (BAKHTIN, 1920-24, trad.it.2009:84, Apud, PETRILLI, 2013, p.87)

Concernente aos fóruns de discussão (oficial e paralelo), a multiplicidade de vozes na palavra dos alunos e do professor, e ainda na palavra proposta nos enunciados de orientação e discussão próprios do projeto literário digital, oferecem a possibilidade de se observar na arquitetura os deslocamentos, os tons avaliativos e a alteridade inseridos na relação do eu-para-mim, eu-para-o-outro e outro-para-mim. E ao mesmo tempo, observar os sujeitos em construção no espaço-tempo de realização da leitura-evento, da realização da palavra literária (por excelência polifônica) ressoando no diálogo da leitura e das discussões nos fóruns.

Bakhtin (2010) faz uma distinção entre verdade (istina) compreendida como universal, abstrata e verdade (pravda) como a entonação do ato, no evento, no agir. Destinar um olhar para os enunciados nos fóruns através desta reflexão da verdade pravda, é pensar nos sujeitos leitores nos enunciados, pela perspectiva do evento leitura e do evento palavra única que cada um destinou nas suas interlocuções. Optei por aprofundar estas reflexões no próximo capítulo, exatamente por ser parte do processo de

análise e de colocação do meu tom avaliativo sobre uma pesquisa na qual o eu-professor foi parte no processo e, portanto, das análises, portanto esta verdade dissolvida no ato único do agir leitura e do agir no mundo pelas palavras colocadas no embate de sentidos com os outros leitores são muito importantes para compreensão do projeto de dizer do próprio pesquisador. Neste sentido Petrilli(2013) reforça o meu querer dizer enquanto professora e pesquisadora, sem deslocar o meu ser leitora na trajetória da pesquisa e das práticas de ensino em sala de aula:

O dever é uma categoria original do agir-ato (incluído o pensamento, o sentimento), é uma atitude da consciência. “Não existem normas morais determinadas e válidas em si, mas existe o sujeito moral com uma determinada estrutura (claro, não psicológica ou física), e nele é necessário confiar” (ivi: 47). O problema da verdade. “ A verdade (Pravda) do evento não um verdadeiro (istina), por conteúdo, identicamente igual a si mesmo; e, ao invés, a única justa posição de cada um participante, a verdade (pravda) do seu dever concreto” (ivi:105). Cada um tem razão do seu próprio lugar, não subjetivamente, mas responsavelmente. (PETRILLI, 2013, p.100)

A constituição dos sujeitos (professor e alunos) nos fóruns é inevitavelmente responsável, parte de um ato único, singular dentro de um sistema ético e estético e representa o momento do agir-existir desses sujeitos naquele espaço-tempo de leitura que escuta e escritura que muito diz sobre o tom apreciativo daqueles sujeitos à cerca da leitura e dos sentidos impressos por ela. De qualquer forma, somente nos enunciados e na relação com o outro, de fato, haverá constatação, sempre provisória. A leitura já é uma ação de reflexão sobre a linguagem e os nossos enunciados lançados ao embate dos enunciados lidos na obra literária em questão e dos enunciados dos outros praticados na interação dentro dos fóruns demandam mais reflexão, pois segundo Geraldi(2015:17) compreender a fala do outro e fazer-se compreender pelo outro tem a forma do diálogo: quando compreendemos o outro, fazemos responder à sua palavra uma série de palavras nossas.

Capítulo 3

*“Cuidado com o que fala, as palavras têm poder!”
Maria Ilma Pedrosa Lacerda - mainha.*

3. TEXTOS E CONTEXTOS

O texto não existe por si só, ele é o contínuo resultado de um processo de produção e reprodução de sentidos que emergem na cadeia da comunicação humana em diferentes contextos, espaços e tempos. Conseqüentemente, o texto também necessita do sujeito leitor para sua condição de existência, para ser palavra viva e palavra outra que potencializa sentidos e se abre aos outros sentidos lançados pelo leitor na interação verbal, compreensão do texto em si e dos sentidos refletidos e refratados pela conjuntura texto, leitor, leitura e mundo.

O contexto do texto, nesta pesquisa, poderia ser reduzido à sala de aula e validado pela instituição de ensino, a escola, posto que é um projeto sobre leitura na escola. Embora isso seja parte da verdade deste trabalho, quando foi proposto o enunciado – Textos e Contextos para este capítulo – desejava-se mesmo apresentar alguns elementos que se fizeram importantes para a compreensão sobre leitura num contexto próprio de realização e dos sujeitos leitores que perpassaram todo processo de leitura e escrita nos fóruns de discussão escolar.

Tudo que li e experimentei por este ato, na vida, foi de extrema importância para que chegasse ao momento do querer dizer algo sobre leitura de um lugar de leitura, a escola, numa função de leitora. Não falo de questões teóricas ou conceituais somente, falo do agir-existir bem usado pelos que buscam Bakhtin, do momento que o sujeito é

claramente obrigado a dar seu ato responsável diante da vida. Sendo assim, foi na vivência que encontrei elementos para ser quem sou e para pensar como penso até agora – posso pensar diferente em breve – a depender dos textos e contextos que vierem de agora em diante, e que de alguma forma, movimentam meu ser sujeito no embate da palavra que me alteram constantemente e inevitavelmente.

Em meio as reflexões e construções sobre este trabalho, retomo o enunciado que abre esse capítulo (Lema dos sermões de mainha), o que não ocorre por mero acaso, e nunca é por acaso, para trazer à tona os sentidos passados com os quais muito lutei na arena de discussões com a figura materna durante a adolescência; e que aquela voz, repleta de outras vozes, insistia em repetir aquele texto em determinados contextos, principalmente quando não conseguia ou não tinha mais paciência para argumentar com o revolucionário e impulsivo discurso adolescente. Agora numa outra arquitetônica, o dizer é ressignificado e se alarga, comprova que realmente a palavra tem poder e essa potencialidade se dá no embate de palavras entre sujeitos socialmente e historicamente constituídos. O que mainha não falou, ou sequer compreendia, é que não precisava ter cuidado e a palavra só tem poder na interação, no embate mesmo.

O texto, enquanto enunciado, é único, jamais repetível, sempre outro, e isso compreendi com Bakhtin, lá atrás nas primeiras leituras de Marxismo e Filosofia da Linguagem. Portanto, o enunciado verbalizado por minha mãe, agora resgatado, só parece aquele ainda, mas dado o contexto, a intenção, o tom emotivo-volitivo dado neste momento àquelas palavras, a constituição é outra; com possibilidade de outros sentidos singulares, somente possíveis pelo encontro de palavras ofertado pelos sujeitos nos seus atos responsáveis, seja pela leitura do texto, seja pela leitura de mundo; o encontro de palavras se dá na vida em todas as suas instâncias.

Enfim, o enunciado de mainha, certamente um texto que já estava carregado dos sentidos de suas vivências religiosas e sociais, dito muitas vezes sobre o terreno arenoso do embate de gerações e agora dito novamente, trazido pela memória e colocado sobre outro terreno, envolve outros sentidos, dizeres próprios deste espaço-tempo de discussão, deste contexto. Agora alarguei o compreendido por “as palavras têm poder” e isso necessitou do encontro de minhas palavras com aquelas palavras anteriores e com as palavras outras do momento:

Significado de Contexto

- 1 - Conjunto de circunstâncias à volta de um acontecimento ou de uma situação.
- 2 - Aquilo que envolve algo ou alguém.
- 3 - Conjunto de elementos linguísticos à volta de som, palavra, locução, construção, frase, parte de discurso, etc.
- 4 - Modo pelo qual as ideias estão encadeadas no discurso.
- 5 - Ligação entre as partes de um todo.
- 6 - Aquilo que envolve algo ou alguém.

www.dicionarioaurélio.com.br > acesso em 20 de janeiro 2017.

É no tempo das fortes discussões acadêmicas sobre a importância da leitura para formação dos sujeitos pela escola, é no tempo das contrapalavras de professores, de pais e mesmo de alunos que se afirmam não leitores ou não gostarem de ler, é no momento das discussões sobre o que de fato é leitura, que desejo ardentemente retomar o mesmo texto de minha mãe, e dizer diferente, que a palavra tem poder, mas não precisa ter cuidado, o importante é saber que a palavra tem poder e permitir que os encontro de sua palavra com a palavra outra potencialize ainda mais.

Devido aos avanços nos estudos sobre ensino, às reflexões apresentadas pelas pesquisas da Linguística do Texto e da Análise do Discurso, além das fortes discussões sobre os Gêneros Discursivos já permeando os Documentos Oficiais que amparam a educação no Brasil, é evidente a mudança de enfoque sobre o trabalho na disciplina de Língua Portuguesa, mais especificamente o trabalho com o texto, e por sua vez o modo de pensar a leitura e, também a forma de trabalhar leitura na sala de aula.

Toda transformação conceitual e as próprias mudanças nos parâmetros da sociedade têm, sem dúvida, influenciado nas transformações metodológicas sob a perspectiva da leitura, o que tem dado destaque a alguns aspectos importante para uma transformação:

1. A consciência de que ler é muito mais que decodificar;
2. Trabalhar com leitura está além das análises linguísticas ou qualquer atividade mecânica com objetivo de extrair do texto as informações sobre a obra lida;
3. Pensar o sujeito no ato de ler é imprescindível.

Considerações muito importantes e que trazem novos ângulos às reflexões sobre leitura e têm feito emergir outros conceitos ou noções que, apesar de já existirem, dificilmente são tratadas de modo intrínseco à leitura: o sujeito, o ato responsável e até mesmo a leitura enquanto ato, evento devem ser postos no jogo das discussões sobre leitura.

Para a escola e para muitos educadores de Língua Portuguesa, significa um avanço discutir e compreender a leitura como um processo formador, como um processo envolto numa atividade humana²⁹ que permeia a constituição do sujeito, na escola e fora dela. Compreender o ensino de leitura como resultado do processo que envolve todos os sujeitos nele inseridos (professor e aluno), é um fator que conduz o professor a repensar suas práticas, ao ponto de redefinir os seus objetivos educacionais e de se propor agente no processo de aprendizagem, e não a detentor ou promotor de conhecimentos. Muito mais do que colecionar informações, o aluno atualmente deve saber relacioná-las e tirar conclusões a partir delas, construindo o saber de experiência (Larrosa, 2002) e, para isso, a leitura mostra-se imprescindível, pois é o lugar do encontro de palavras que se abre a outros encontros numa correlação infinita de sentido e saberes experimentados pelo ato de ler.

A leitura é o espaço do ato que responde e que fala, faz emergir a palavra e seu efeito de sentido, faz vislumbrar a necessária relação entre texto, autor e leitor; e desta interação, deste encontro de palavras outras. Ela se faz trans(formadora) e constituidora dos sujeitos leitores. Ler como possibilidade de encontros que evidenciam a necessária relação com o outro na minha existência, na minha experiência de saber e na minha constituição.

3.1. O caminho e a opção

Compreender a prática de leitura e a constituição do sujeito leitor em fóruns de discussão escolar a partir da dialogia, do ato responsável, da alteridade e todas as outras categorias bakhtinianas correlacionadas foi perceber o acontecimento da língua. O caminho tomado para este trabalho passou antes de tudo pela experiência de observar o entorno da vida e se perceber sujeito em um dado lugar e tempo em relação a outros sujeitos também articulados em um tempo-espaço. Contanto, segui o que muitas vezes

²⁹ Faço referência à leitura como constituinte das esferas/campos da atividade humana. Para este trabalho destacamos a aula de leitura e o fórum de discussão para compreendermos estas esferas de atividade e, por isso, também de linguagem.

fez o filósofo da linguagem em seus estudos, desloquei o campo de observação para obter outros sentidos e, portanto, projetar o sujeito sobre a leitura e sob a leitura.

Os enunciados nos fóruns (oficial e paralelo) concretizam o acontecimento do evento leitura num determinado espaço-tempo e os sujeitos leitores localizados e colocados em relação naquela arquitetônica, constituem-se pela alteridade inerente ao evento e ao encontro de palavras condicionado. O sujeito, dono de um agir-existir, efetiva o elo na corrente comunicação, joga sua palavra que é única e, uma vez lançada não é mais sua, mas a retoma alterada pelo dizer do outro. O enunciado no fórum é a palavra que não é mais minha, nem sua, é a palavra única que entra na relação de sentido entre os sujeitos enredados pela linguagem (leitura) naquele contexto também singular.

Portanto, somente no evento, na relação com o outro (sujeito) é que se encontra a verdadeira constituição do 'eu' e de uma nova e singular visão sobre as práticas de leitura, seja nas salas de aula, seja em fóruns de discussão ou até nas redes sociais, dentre tantos campos da atividade humana. O fato de que o outro modifica o eu, não quer dizer que todos devem assumir a mesma postura ou mesmo que o outro obriga o eu a ser quem ele é, mas, na *arquitetônica bakhtiniana*, o que este outro diz ou faz, atinge o 'eu' alterando-o e permitindo-o ser exatamente e singularmente quem é.

O sujeito quando fala, não fala mais por si só; fala o 'eu' alterado pelo outro e vice-versa. O caminho proposto para as compreensões desta pesquisa (prefiro que se trata de um trabalho à cerca de um saber de experiência) trata de destacar a leitura como evento da interação verbal, como o lugar da produção da linguagem, da palavra e dos sujeitos e que, nesse processo, segundo Geraldi (2015) estes últimos se constituem pela atividade de linguagem (no nosso caso a leitura) e a cada vez se reconstruem pela palavra e pela interlocução inerente ao homem no mundo.

É de suma importância destacar que não há ato responsável quando se pensa um sujeito dominado pelo outro ou livre do outro, no sentido de indicar a responsabilidade do agir no mundo em qualquer esfera. O ato responsável pré-determina uma atitude de reconhecimento de si através do outro e de tudo que é singular ao lugar que só ele ocupa naquele espaço-tempo.

Segundo o pensamento bakhtiniano, o sujeito ocupa esse lugar único na existência, um lugar que nenhum outro ser pode ocupar, isso o determina como um sujeito sem 'álibi' (expressão bakhtiniana, muitas vezes retomada por Ponzio, na obra *Procurando uma palavra outra*) na sua existência, de um modo que somente ele pode responder pelos seus atos, se tornando ao mesmo tempo responsivo e responsável. Como

tal, cada um de seu tempo/espço, nas discussões no fórum, assumem seus atos e compreensões que são construídas e expressadas ao longo de sua existência, sempre na relação com outro e sem álibe.

Exortar isso é um chamado para considerar a compreensão desse projeto de dizer – que é a leitura -como um lugar de abertura para a escuta do outro, o que implica, algumas vezes, ter que renunciar os seus pontos de vista e conceitos próprios, e considerar as possibilidades de alargamento da compreensão que resulta do encontro com os pensamentos alheios. Como indica Bakhtin (2003, p. 378):

[...] o sujeito da compreensão não pode excluir a possibilidade de mudança e até de renúncia aos seus pontos de vista e posições já prontos. No ato da compreensão desenvolve-se uma luta cujo resultado é a mudança mútua e o enriquecimento. [...]

A escuta e a resposta possibilitam aos sujeitos interagirem, nas suas distintas alteridades. Sujeitos-Palavras-Relações, nem sempre as conexões são harmoniosas, uma vez que, como afirma Bakhtin (2003), viver significa participar de um diálogo no qual interrogamos, ouvimos, respondemos, concordamos, discordamos (*grifo meu*), ou seja, é o encontro de palavras e contrapalavras. Assim os enunciados nos fóruns, são enunciados na arena, nas posições que se encontram por afinidade ou distanciamentos ideológicos. Mesmo antagonicamente, é que cada sujeito de seu lugar pode constituir-se e constituir o outro, sempre em busca de acabamento, de uma resposta, ocupando sempre uma posição, através de seus atos, de seu pensar-agir-existir no mundo. Portanto, a palavra de cada leitor nos fóruns, à cerca da obra lida ou não, é o seu ato responsável diante da prática de leitura – fosse um ato de comunhão ou um ato transgressor, mas sempre constitutivo.

Poder-se-ia dizer que os fóruns de discussão, aqui analisados, podem oferecer uma visão concretamente estabelecida de uma atividade humana e suas formas de interação, os esforços de compreensão exigidos e empenhados pelas palavras no jogo do querer dizer e querer fazer-se compreender e compreender a palavra do outro a mim lançada. São movimentos ideológicos que se dão no contexto da escola, especificamente em fóruns escolares de discussão a partir de uma leitura literária. Discussão composta por um tema permeado pelo conceito de diálogo, suas formas e sua necessidade na vida, além de pitadas de amor, decepção, lutas e incompreensões. Pode-se dizer, um diálogo que parte da vida, do cotidiano, mas que traz em si todo o ato responsável ético e estético inerentes à literatura.

Desde muito antes do projeto de doutorado, enquanto leitora e professora, um fato inquietava minha alma e trazia à tona uma ideia muito reproduzida ou já embutida nos discursos sobre leitura nos encontros pedagógicos e até diluída em muitos trabalhos acadêmicos, por mim já lidos – “A leitura na escola é tarefa, é obrigação, por isso o aluno não se sente atraído por ela, não se reconhece, nem se diz leitor.”. Então, no fundo de minha alma vinha a questão: “Será que não? Será que nossos alunos não são leitores ou não se constituem o modelo de leitor ideal (para escola)?” ou “Será que é deste viés que devemos (RE)pensar a leitura na escola?”

O Projeto Digital de Leitura Literária – Leitura e Companhia, como instrumento didático adquirido pela escola, exerceu por um tempo a função de ferramenta de avaliação para nota C, atribuída antes pela entrega de roteiro de leitura indicada pela escola e “lida” pelos alunos. Mas, de fato, o projeto funcionou como um provocador para reflexões e ações à cerca das práticas de leitura para um grupo de leitores. Trazia manuais repletos de propostas – soluções - para o desenvolvimento das habilidades e capacidades leitoras e escritoras que, logo conduziram-me às questões acima descritas e outras mais que surgiram durante o desenrolar das atividades com o QUIZ (atividade monitoradora das habilidades leitoras no projeto) e com o fórum oficial (espaço de discussão).

No desenrolar do trabalho, reconheci indícios de mais uma atividade de leitura como tarefa aplicada pela escola e, assim, os alunos estariam, mais uma vez, apenas reproduzindo as ideias que eles acreditavam preencher os requisitos indicados pelo professor ou pelo material. Foi então que, a partir da escuta que muito falou, os próprios alunos do 9º ano comentaram sobre o quanto seria bom ter um espaço nos moldes daquele fórum, porém mais atrativo, segundo os alunos, para conversarem sobre as leituras – aquelas e qualquer outra.

Pronto! Fui provocada pelo outro e um desejo mais forte surgiu. Tentar algo diferente, mas que fosse o mesmo, e que tivesse a marca dos alunos, que eles fossem os idealizadores e agentes daquele ato sobre a leitura. Portanto, assim, nasceu o Fórum Leitura: Sujeitos em Construção – Forumeiros – uma tentativa de ter esse espaço de discussão sobre as leituras da escola ou qualquer outra leitura, mas que não tivesse critérios de nota ou avaliações.

Instigada pela leitura de uma obra de Susan Petrilli que traz como título “Em outro lugar e de outro modo”, fui refletindo sobre a proposta dos alunos, um espaço de discussão de leitura literária, mas em um outro lugar e de outro modo, assim apresentado pelos alunos quando suscitaram o segundo fórum. Na verdade, os alunos queriam um

único fórum – o deles, mas em reunião com a coordenação fui orientada a estimular a participação no fórum oficial, pois tratava-se de uma atividade oficial da escola.

Petrilli (2013, p. 99) faz uma retomada dos conceitos bakhtinianos sobre verdade (“istina” e “pravda”) quando o próprio filósofo apresenta suas ideias sobre dever formal e responsabilidade. Assim, refletindo sobre o fato de que não há uma verdade absoluta, mas a verdade istina (veracidade) - entendida como valor abstrato, geral e universal e a verdade pravda – como entonação do ato, da concretude de seu viver-agir. Esta última indicava o trabalho com o fórum paralelo, resultado da entonação do ato de cada aluno do 9º ano, concretamente o ato responsivo deles diante da leitura naquele contexto e a partir do fórum oficial.

Pensar agora a leitura, o fórum propriamente dito e os enunciados nos fóruns de discussão abarcavam também pensar os sujeitos neles envolvidos. Não se tratava mais de uma atividade escolar realizada por exigência para nota C, mas tratava-se do espaço desejado, pensado e elaborado pelos próprios alunos, que no processo de criação já lançaram sua palavra outra. Os sujeitos estavam no espaço-tempo de uma esfera da atividade humana e se posicionavam sem álibe sobre o que consideravam sobre o formato do projeto e sobre como poderiam estruturar melhor ou simplesmente diferente. Mesmo sem perceber, os alunos estavam lançando seu ato responsivo sobre a leitura, se constituíam através da palavra outra do Projeto Digital, concretamente o sujeito se constituía e buscava as possibilidades de serem sujeitos leitores através do ato responsável assumido por cada um naquele espaço-tempo de dizer e de existir.

De qualquer forma o sujeito se constitui no mundo, pois a alteridade é intrínseca, mas há singularidades no processo de alteridade que se destacam pelo modo de seu ato responsável, sem álibe. Um processo esperado seria que os alunos reclamassem daquele método de leitura, se dissessem não leitores ou que não gostavam de ler ou, ainda, que não entenderam a leitura ou que o livro era chato. O singular neste contexto foi a forma como os alunos do 9º ano se constituíram, houve o concreto ato responsivo, mas também responsável, sem álibe. Criticaram e, a partir, daquela estruturação, pensaram uma interface diferente, com suas marcas e compreensões sobre espaços online de discussão, sobre fóruns.

A empolgação era geral, todos queriam falar sobre as possibilidades que o fórum criado por eles poderia oferecer:

- Espaços privados para mensagens individuais;
- Perfil público com avatar personalizado;

- Possibilidade de bloquear amigos com quem não desejasse conversar;
- Possibilidade de visualizar o texto antes de enviar definitivamente, com a inclusão de emogis nas mensagens semelhante às redes sociais;
- Opção para criar vários tópicos de discussão ao mesmo tempo, mas com links diferentes para não misturar os temas;

Preenchida por estes apelos emotivos, abster-me das minhas palavras, para continuar com as palavras outras que me constituíram naquele momento. O querer dizer deles, alterou o meu dizer. O que eu desejava falar sobre as discussões nos fóruns e suas possibilidades de ser um algo a mais na leitura escolar, a minha verdade se tornou insípida e deu lugar ao encontro, a escuta. Aproprio-me dos dizeres de Geraldi(2015) quando fala sobre interação verbal para expressar o sentido daquele momento de contrapalavras com meus alunos:

Creio que este deslocamento faz ver o ensino e as atividades interlocutivas efetivas em sala de aula de forma diferenciada. De modo geral, as falas em aula são tomadas como “meio”, como atividades instrumentais de acesso e apropriação de um conhecimento que se erige como tema ou assunto destas falas. Ou seja, o diálogo (exposição do professor ou trabalho entre professor e alunos) normalmente topicaliza um certo tema.. Este é considerado como o que se tem a aprender.” (GERALDI, 2015, p. 7)

O projeto de doutorado inicial também trataria de discussões em fóruns de discussão sobre leitura, mas no patamar da teoria. Eram fóruns de discussão em um curso de especialização em Língua Portuguesa REdefor/UNICAMP. Mas, completamente alterada pelos sujeitos leitores naquele momento de experiência com a leitura evento, mostrou a necessidade de pensar a prática de ensino de leitura a partir do seu carácter vivencial, real, acontecendo comigo e com o outro.

Portanto, o fórum paralelo, seria na verdade uma representação destas verdades, mais precisamente a verdade “pravda” que representava o viver-agir de cada sujeito naquele espaço e no tempo inserido, constituía-se como a entonação do ato de cada sujeito leitor sobre aquela prática de leitura, fosse o fórum do projeto ou o fórum paralelo. Mais uma vez, socorro-me nas palavras do outro para dizer o que pretendo, Petrilli (2013) “ O ato na sua integralidade, ou seja, como um ato unitário e único é responsável, a racionalidade é somente um momento da responsabilidade”. Portanto, era no “existir-

evento” considerado por Bakhtin como Ato responsável que o sujeito leitor (professor e alunos) impresso e expresso pelos enunciados nos fóruns iriam fornecer o lampejo da constituição de cada um ali envolvido, constituição que se dá pela palavra, pela leitura literária e por outras leituras articuladas (enunciados em fóruns, em redes sociais, chats, blogs).

Toda conjuntura que se apresentava através do embate de palavras em curso me envolveu e me alterou enquanto sujeito professor e leitor. Chamou-me a atenção o novo ângulo sobre a leitura; e assim, sobre os sujeitos por ela interligados. Fazia sentido a imagem da cobra que engoliu o elefante no Pequeno Príncipe, era um outro olhar sobre a leitura, agora atravessada pelo sujeito. Não se estava criando método de leitura ou atividades para análise de textos, era a leitura evento e os sujeitos leitores donos do ato responsável.

Para Bakhtin (2010, p. 102), um pensamento participativo é precisamente a compreensão emotivo-volitivo do existir como evento na sua singularidade concreta, sob a base do não –álíbe no existir. Isto é, é um pensamento que age e se refere a si mesmo como único ator responsável pelo se diz ou se faz.

Deparar-se com o seu “não-álíbe” é uma experiência mágica e difícil. Posso afirmar. É poder, enfim, perceber-se humano e vivo, dono do ato que o estabelece enquanto sujeito no mundo e, portanto, o reconhece no existir. O difícil mesmo, mas ainda mágico, é perceber que somente nos constituímos por este ato responsável, que é singular, é único e que estabelece os movimentos ideológicos do pensar-agir na existência de cada um. Foram então, da instância do não-álíbe, determinados o caminho e a opção pelos fóruns de leitura oficial e paralelo. Um ato responsável dado para se pensar a leitura além de uma tarefa, uma atividade, uma proposta educacional ou um frutuoso hábito intelectual, mas compreendendo o evento a partir do sujeito leitor.

Por isso, embora segura deste trabalho e das reflexões por ele estabelecidas, ainda desejo que a questão ou as questões sobre leitura, sejam palavras indo ao encontro de outras palavras; e que deste encontro, muitos outros sejam possíveis, pois como afirma Geraldi(2013): “No ensino, sucesso ou fracasso não se deixam explicar”, isso deve nos impulsionar a discutir, refletir, tentar, errar e algumas vezes acertar.

3.2. Os fóruns: Institucional e paralelo

Não desejo discutir ou analisar o fórum enquanto gênero textual ou discursivo, pelo menos não agora e nem para os objetivos deste trabalho. Optei por não desviar o foco que deve ser dado à leitura e aos sujeitos leitores, protagonistas nesta trajetória de estudo e experiência de ensino com a leitura. Portanto, doravante gostaria que o fórum fosse observado como um lugar de discussão, a arena que permite o embate e o encontro de palavras dos sujeitos que se constituem através do não-álíbe de seus atos responsáveis naquele espaço-tempo e na arquitetura presente naquele espaço de dizer e querer. Saliento que é claro que o gênero se reflete aí, embora não seja o foco do estudo.

Para alargar o campo de visão sobre os fóruns, há a necessidade de, brevemente, apresentar suas estruturas e finalidades em cada espaço. Ressaltamos que a intenção não é observar os fóruns ou os enunciados ou os sujeitos como *corpus*, pois o estudo parte do acontecimento e não de pré-construído como objeto de estudo montado a partir de um conjunto de critérios estabelecidos condicionalmente para a pesquisa. Há um objeto de estudo, mas este se constituiu no evento, no saber de experiência.

Fórum do Projeto Leitura e companhia: Mensagens encadeadas a partir de uma questão proposta pelo projeto. A organização estrutural do fórum não permitia a retomada de discussões antigas, pois cada mensagem era sobreposta na ordem de postagem, também disponibilizava número limite de caracteres (150) para elaboração do enunciado-texto, representado apenas por letras e sinais gráficos inerentes à língua oficial. A sobreposição das mensagens impedia a retomada de discussão, se a postagem lida fosse antiga, por exemplo. Este sistema dificultava a interação, pois os alunos acabavam participando uma única vez para responder à questão indicada, não discutiam com os colegas sobre suas posições ou contraposições. Quanto a finalidade, o manual indicava o fórum como espaço de discussão e posicionamento discursivo, embora não tenha dado destaque à atividade como fica evidenciado no Documento Manual de Orientação ao professor anexo neste trabalho.

Fórum paralelo – Sujeitos em Construção: Estrutura articulada, os alunos tinham a possibilidade de responder à questão proposta e retomar discussões de outros sujeitos, mesmo em postagens antigas, pois sua mensagem anexaria a mensagem de outro que o aluno decidisse responder, complementar ou se posicionar contrário. As mensagens

não tinham número limite de caracteres e os alunos dispunham de letras e sinais gráficos da língua oficial e emogi para elaborar suas mensagens. Quanto a finalidade, o fórum foi elaborado para ser o espaço de discussão sobre obras lidas pelos alunos, fossem elas escolares ou não, assim como também representava o ato, transgressor ou não, daqueles alunos.

De um modo geral a Pearson Brasil, editora responsável pelo desenvolvimento do Projeto Literário Digital em parceria com a Companhia das Letras, apresenta -o com propósito de desenvolver as competências e habilidades leitoras e com tal proposta lançou o Projeto Leitura e Companhia –caracterizando-o como revolucionário e decisivo para resolver as questões sobre leitura apresentadas no dia a dia da escola, uso palavras da apresentação dada pela editora. Salientamos ainda o caráter mercadológico do projeto, pois, embora houvesse um catálogo com muitas indicações de leitura apresentadas e articuladas às diferentes áreas do conhecimento, a parceria determinava que as obras selecionadas e indicadas³⁰ fossem de propriedade da editora Companhia das Letras.

Imagem 2 Livros para o Ensino Fundamental/Quadro demonstrativo

Ano/Série	Título das obras	Disciplinas que podem ser trabalhadas
8º- e 9º	<i>O amor nos tempos do blog</i>	<i>Língua Portuguesa e Comportamento</i>
8º- e 9º	<i>Joaquim e Maria e a estátua de Machado de Assis</i>	<i>Língua Portuguesa (biografia), História</i>

Fonte: Catálogo 2015 Projeto Leitura e Companhia_Companhia das Letras e Pearson.

As obras estavam sempre relacionadas à ideia de interdisciplinaridade e mostrava as áreas e disciplinas que poderiam desenvolver algum trabalho conjunto em detrimento do tema tratado no enredo da obra.

³⁰ A determinação da indicação de livros da editora Companhia das Letras está em destaque na apresentação do catálogo disponível nos anexos deste trabalho.

Imagem 3 Página inicial do Projeto Leitura e Companhia

Leitura e Companhia

leituraecompanhia.com.br/Projeto/Online

HOME PROJETO ON-LINE CATÁLOGO ENTRAR

Literário

O Literário tem como foco avaliar as habilidades leitoras dos alunos, aliando a leitura de livros impressos da Editora Companhia das Letras a respostas de itens apresentados em portal, especialmente elaborado para tal.

No portal, os alunos têm acesso a:

- itens de avaliação das habilidades leitoras baseados na Matriz de Referência do SAEB.
- vídeo para motivar a leitura, sempre que possível gravado pelo próprio autor da obra, caso contrário, pelo editor.
- fórum de discussão sobre a obra, permitindo a participação de alunos e professores, sendo estes os mediadores.

Aos professores é oferecido, além do vídeo e do fórum, manual de orientação com todos os itens de avaliação aos quais os alunos foram submetidos, bem como a resolução comentada. Ao final do processo de leitura por parte dos alunos, o professor poderá, também, acessar planilha de respostas e de desempenho de cada um, conhecendo os resultados por habilidade leitora individual do aluno, coletiva da sua turma ou do seu colégio. Além disso, pode comparar o resultado de desempenho com os outros colégios cujos alunos tenham lido a mesma obra.

Especialmente aos professores é disponibilizado manual de orientações para o desenvolvimento das habilidades leitoras, produzido pelo Literário, a partir das considerações do INEP, visando a auxiliar o professor em estratégias que possam melhorar o desempenho dos alunos nas habilidades leitoras em que apresentem dificuldades.

Clique na indicação acima das obras para conhecer o catálogo das obras sugeridas, com trechos de cada uma, ou entre diretamente no produto, utilizando a senha.

DEADSON

Fonte: página oficial do projeto literário Leitura e Companhia 2015³¹.

³¹ Disponível em <http://www.leituraecompanhia.com.br/Projeto/Online>. Acesso em 20 de janeiro de 2017.

Imagem 4 - Mensagem de apelo e rodapé da página inicial do Projeto Leitura e Companhia.



HOME PROJETO ON-LINE CATÁLOGO ENTRAR

desempenho de cada um, conhecendo os resultados por habilidade leitora individual do aluno, coletiva da sua turma ou do seu colégio. Além disso, pode comparar o resultado de desempenho com os outros colégios cujos alunos tenham lido a mesma obra.

Especialmente aos professores é disponibilizado manual de orientações para o desenvolvimento das habilidades leitoras, produzido pelo Literário, a partir das considerações do INEP, visando a auxiliar o professor em estratégias que possam melhorar o desempenho dos alunos nas habilidades leitoras em que apresentem dificuldades.

Clique na indicação acima das obras para conhecer o catálogo das obras sugeridas, com trechos de cada uma, ou entre diretamente no produto, utilizando a senha.

PEARSON

COMPANHIA DAS LETRAS

*Incentive Leitura e Companhia aos seus alunos.
Eles vão desvendar segredos, estimular pensamentos e transformar ideias.*

Leitura e Companhia

APRENDENDO SEMPRE

PEARSON

Fonte: página oficial do projeto literário Leitura e Companhia 2015. Informações de rodapé.³²

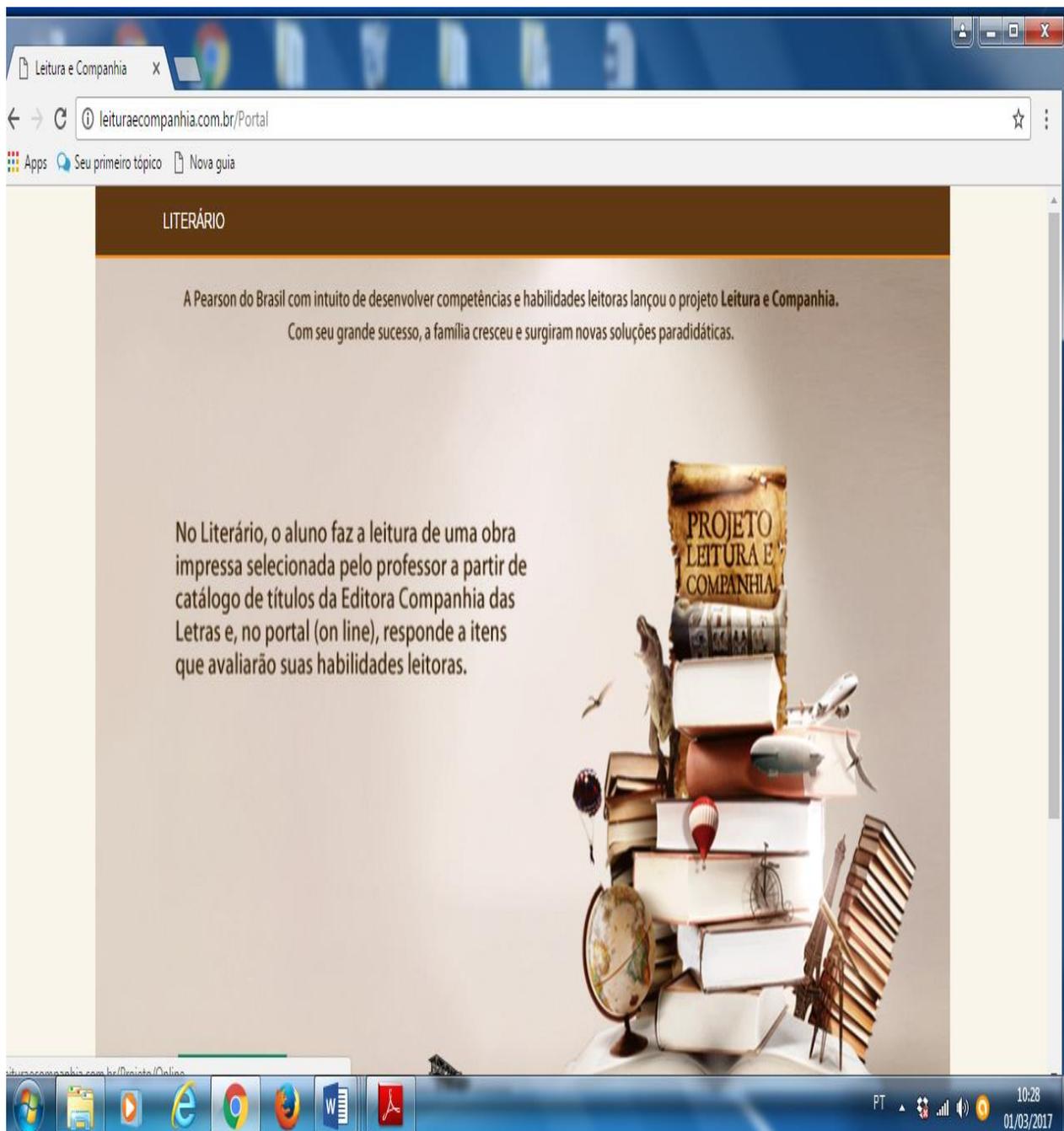
O projeto evidencia a leitura como parâmetro de sucesso tanto no processo de ensino aprendizagem, como para os sujeitos leitores. A atividade mais referenciada no

³² Disponível em <http://www.leituraecompanhia.com.br/Projeto/Online>. Acesso em 20 de janeiro de 2017.

projeto (QUIZ) instaura um sistema de concorrência, constrói a leitura e o livro como bens simbólicos e estabelece um grupo de consumo, ou seja, leitura como produto da sociedade capitalista.

O enunciado final na página do projeto online segue as marcas do discurso mercadológico típico das propagandas em sociedades capitalistas. Abre com o apelo destinado ao professor ou a escola “ *Incentive Leitura e Companhia aos seus alunos*” e fecha com promessas que satisfazem todos os consumidores, desde os alunos” *Eles vão desvendar mistérios*”, até o sistema de educação” ...vão *estimular pensamentos e transformar ideias*”

Imagem 5- Página de apresentação do Projeto Digital pela Pearson Brasil.



Fonte: portal do projeto literário Leitura e Companhia.³³

No projeto literário, o aluno faz a leitura de uma obra impressa selecionada pelo professor a partir de um catálogo de títulos da Editora Companhia das Letras e, no portal (online) responde a itens que avaliarão suas habilidades leitoras, assim como a participação no fórum de discussão, onde o professor pode ser mediador das discussões e das propostas de leitura apresentadas pelos alunos. Salienta-se que esta atividade não é

³³ Disponível em <http://www.leituraecompanhia.com.br/Portal>. Acesso em 20 de janeiro de 2017

foco do projeto, nem é colocada como estratégia para o desenvolvimento das capacidades e habilidades leitoras ou escritoras.

O projeto ainda traz como proposta aos professores, uma série de manuais para direcionamento – com sucesso - das atividades destinadas para desenvolvimento das habilidades leitoras, dessa forma é oferecido acesso a relatórios que apontarão quantitativamente os índices de acertos e erros cometidos pelos alunos e; a partir disso, o professor poderia criar estratégias com intuito de suprir as falhas nas habilidades leitoras de cada aluno, conforme orientação dos descritores propostos no SAEB. Também através de tais relatórios, a escola poderia observar o ranque que havia tingido de acordo com a comparação aos resultados de outras escolas.

Outro aspecto fortemente veiculado pelos enunciados contidos nos Manuais de orientação é o discurso do sucesso sobre a prática da leitura naquele molde. Para sustentar esta ideia, o conhecimento é definido como pronto, os métodos são objetivos e quantitativos, resta ao professor colocá-los em prática, portanto, se algo der errado, o problema está no sujeito que, ‘provavelmente’, não utilizou os métodos adequadamente:

Prezado Professor,

Este documento foi montado a partir das orientações do INEP para o trabalho com a matriz de referência das competências e habilidades de leitura do SAEB, a matriz que utilizamos no Programa Leitura e Companhia.

Aconselhamos a utilização das orientações deste documento para o planejamento do seu trabalho, tanto na elaboração das avaliações como **para acelerar o desenvolvimento das habilidades leitoras de seus alunos.** (MANUAL DE ORIENTAÇÃO AO PROFESSOR_Projeto Literário Leitura e Companhia)

Evidencia-se um distanciamento entre as máximas do projeto e a potencial realidade do ensino e da prática de leitura em sala de aula. Os sujeitos envolvidos no processo de ensino (professor e alunos) são ignorados na articulação das atividades (QUIZ e fórum), quase separados por métodos quantitativos e tecnológicos. Estes têm nos manuais a única tentativa de vínculo com o projeto. Os relatórios gerados a partir do QUIZ deviam ser analisados pelo professor para que este identificasse as falhas de compreensão e para que os alunos pudessem ver sua colocação dentre os participantes das escolas.

A atividade do fórum era vista como uma tarefa a ser cumprida e muitas vezes, o aluno entrava apenas uma vez para responder à questão proposta. Não conseguíamos nos encontrar numa linha de discussão sobre a leitura ou mesmo sobre a questão proposta.

No sentido oposto, o fórum paralelo – Leitura: Sujeitos em construção – trazia como definição um espaço de discussão sobre as obras literárias trabalhadas em sala de aula ou outra que estivéssemos lendo. Da leitura escolar à leitura de mundo, este é o lema ou ideia central expressa pelo fórum. Ideias que foram literalmente e diretamente elaboradas junto aos alunos, os próprios, aos poucos e sob supervisão e orientação iam apresentando o que poderia compor o fórum. Compreendia-se um processo formador e transformador com origem na necessidade e desejo dos alunos em primeira instância e a partir do fórum oficial. Não haveria tarefas, obrigações, questões de análise linguística à cerca da obra lida. Seria um espaço realmente de leitura, de encontro de palavras abertas a outras palavras.

O fórum paralelo foi, assim, sendo elaborado e constituído coletivamente, talvez como uma vontade de transgressão primeiramente, mas também oportunidade de fazer diferente ou de se colocar no processo de aprendizagem com o ato responsável de cada envolvido naquele projeto de dizer.

Assim nasceu o fórum paralelo e todas os seus reflexos na constituição do meu ser professora e leitora. Foi um choque refletir sobre as práticas de aprendizagem que me formaram professora, leitora e agora sujeito que se percebe no mundo pelo outro. Tudo isso, não significa dizer que houve uma alteração completa do fazer pedagógico da escola, mas com certeza representava um olhar exotópico do próprio aluno no processo pedagógico e uma nova perspectiva sobre a prática leitora como um evento que concentra o sujeito e seu ato responsável.

3.3. Os Fóruns enquanto instrumento didático: Um modo de dizer e pensar

O encontro de palavras é sempre algo frutífero, os sujeitos se mostram e se veem pelas palavras e aquela troca de sentidos própria da posição axiológica de cada leitor vai alargando mutualmente o sentido sobre o tema discutido. O que um sujeito compreendia antes do embate entre a palavra sua e a palavra outra já não é mais o mesmo, porque não

é mais a palavra minha, nem a palavra do outro, é a palavra do encontro, sempre outra, sempre nova. Portanto, foi resultado do meu encontro com aqueles sujeitos, naquela esfera da atividade humana que permitiu a constituição do sujeito professor pesquisador, além de constatar-se também leitora na conjuntura do ensino de Língua Portuguesa. Antes eu pensava a leitura a partir das atividades que pudessem permitir este ato na escola, a partir de então comecei a perceber a leitura como um acontecimento que permite o encontro de palavras, que gera novas palavras, e neste processo necessariamente instaura-se o sujeito.

A compreensão de fórum a mim permitida até então passava somente pelo gênero textual e, no máximo, pela rede social. Todavia, depois de alterada pelos outros sujeitos no processo de leitura, aquela compreensão foi alargada e comecei a concebê-lo também como instrumento didático, um recurso de aula. Realmente havia nele aspectos que o determinavam instrumento pedagógico de aprendizagem, afinal, era um projeto composto por um conjunto de dispositivos ou recursos (Quiz, relatório de avaliação de aprendizagem, fórum de discussão) que se formalizavam suportes no processo de aprendizagem de leitura e escrita, eficazes ou não, estes não são méritos agora. Portanto, um instrumento didático destinado ao funcionamento específico no processo de aprendizagem das capacidades e habilidades leitoras.

Com essa nova perspectiva sobre o fórum, seu conceito foi re-significado: gênero textual formal e específico a alguns campos (Científico, midiático, por exemplo), agora também é incorporado às necessidades educacionais contemporâneas. E neste novo campo de atividade, o fórum se constitui sim um instrumento didático, principalmente por ser compreendido como ferramenta para o desenvolvimento das habilidades leitoras e escritoras, seja em sites de editoras, seja na instituição escolar via Projetos de leitura institucionalizados.

Dentro da exigida expectativa e necessidade de uma nova postura educacional nas salas de aula, reflexo das transformações sócio-históricas, dos avanços tecnológicos, das novas posturas estabelecidas pela relação entre o sujeito e o objeto do conhecimento hoje, os diferentes dispositivos tecnológicos que permeiam a sociedade são evidenciados; seja para tornar a aprendizagem mais atrativa ao jovem, seja para naturalmente incorporar os avanços tecnológicos ao conhecimento sistemático da escola. Esta realidade é expressa pelo uso de lousas digitais nas aulas, de tablets substituindo os LD e diários escolares, agora observamos o movimento de incorporação dos aplicativos de leitura (APP) nas aulas

de leitura(Wattpad e Skoob)³⁴. Estes últimos são aplicativos públicos de leitura, tivemos uma experiência com um workshop desenvolvido por alunas do curso de Políticas Públicas da UNESP de Araraquara, quando elas apresentaram um projeto de incentivo à leitura na escola no ano de 2017.

A ainda jovem Educação à distância (EAD) inaugurou, por assim dizer, esse ideário do fórum enquanto instrumento didático, sua funcionalidade nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) foi se estabelecendo como o espaço de interação entre o professor e o aluno, e até entre os próprios alunos no processo de aprendizagem. O fórum, enquanto canal de interação na EAD, é um recurso para, muitas vezes, efetivar a aprendizagem, pois através da arquitetônica do eu-para-mim e do eu-para-o-outro, o processo de aprendizagem vai se tornando concreto. As minhas vivências com os fóruns enquanto ferramenta didática vem desde 2009 como tutora em cursos de letras EAD na Universidade Federal da Paraíba, passando por outra experiência como orientadora online (inclusive de TCC) no curso de especialização em Língua portuguesa na UNICAMP entre os anos de 2011-2013.

Das novas tecnologias de informação e de comunicação, Alves (2011) destaca as que têm por base redes de telecomunicações e de computadores. O ambiente virtual de aprendizagem (AVA) vem ganhando bastante espaço para atender a demanda educacional, constituído de mídias que utilizam o ciberespaço para vincular conteúdos e permitir interação durante o processo educativo. O que a autora aponta tem se concretizado fortemente não apenas nas universidades; escolas de ensino fundamental e médio, editoras também têm se apropriado dessas tecnologias e dos gêneros nelas estabelecidos para atrair e consolidar o público alvo, sejam os alunos, sejam outros leitores em potencial.

O fórum possibilita o desenvolvimento de atividades, que apesar de não simultâneas, caracterizam-se pela direta conexão discursiva entre seus participantes mesmo fora dos ambientes institucionais. Conectados pela internet, os fóruns se

³⁴ O wattpad é um aplicativo com configuração similar as redes sociais, os leitores cadastrados vão postando partes scaneadas (às vezes obras inteiras) dos textos lidos, junto também postam comentários sobre a leitura e podem criar no próprio app uma rede de amigos leitores, seja para bate-papo, seja para troca de livros. O que mais se destaca neste app é a disposição do gênero Fanfic, muito lido e escrito pelos próprios alunos, pois permite sua participação numa espécie de reescrita do texto original considerando seus direcionamentos. Já o Skoob é basicamente um aplicativo de resumos e comentários sobre obras já lidas ou que pretendidas pelos usuários. https://www.wattpad.com/?locale=pt_PT e <https://www.skoob.com.br/>.

Dispomos nos anexos a página inicial dos dois aplicativos.

estabeleceram como espaços assíncronos de trocas de mensagens, unindo usuários particulares, entidades de pesquisa, órgãos culturais, bibliotecas e outras formas de hospedagens na rede. As mensagens, mesmo não simultâneas, caracterizam-se pela relação direta e real entre os sujeitos ali envolvidas. Pode-se dizer, que o fórum tem constituído um interessante meio de interação entre os agentes do processo educacional nos diferentes seguimentos (educação básica, ensino médio e ensino superior principalmente), certamente um reflexo da sociedade que concebe a internet como o espaço comum no mundo, o lugar das conexões.

Tabela 1: Instrumentos de interação através da internet (ALVES, 2011)

INSTRUMENTO	FUNCIONALIDADE	BENEFÍCIO
Hypertext Markup Language - HTML:	exibição e manipulação de hipertextos.	disponibilização do material didático on-line.
Fórum	discussões assíncronas.	ser acessado, a partir da rede ou de um sistema unificado, a qualquer momento por alunos e tutores.
E-mail	enviar correspondências.	interface entre alunos e professores.
Chat	discussões síncronas.	discussão em grupo.
Lista de discussão	envio de correspondências eletrônicas a um único endereço.	compartilhar dúvidas e perguntas com um determinado grupo.
Quadro branco	escrever, desenhar, colar dados e imagens de forma compartilhada.	transcender às limitações impostas pela interface de texto para a discussão e difusão de ideias.

Fonte: Alves(2011)

É fato, embora ainda confusa e pouco especializada, a evolução dos instrumentos com foco na aprendizagem. Impulsionada pela cultura do imediatismo social, a tecnologia tem apresentado novas formas de proporcionar o acesso ao conhecimento, sempre com a promessa de tornar este caminho mais prático, rápido e agora prazeroso, por isso a integração das funcionalidades típicas das redes sociais e da rede em propostas educacionais. Proporcionar ao aluno a apropriação de conhecimentos através dos dispositivos que ele reconhece como essenciais ao cotidiano da vida, é certamente o reflexo de uma sociedade capitalista e produtora de bens de consumo. O fórum é, portanto, um dos recursos tecnológicos incorporados à educação contemporânea, com o

objetivo de dinamizar os processos de conhecimento, esse é o discurso que sustenta as novas tecnologias da aprendizagem.

Dentro deste cenário, o professor / mediador tem o papel provocador na aprendizagem. Este sujeito orientador e o aluno se tornam parceiros no processo, o que bem tem sido destacado nos textos dos documentos oficiais como métodos, posturas necessárias à educação sob os novos moldes. O conhecimento é uma construção humana que se dá no e pelo embate de ideias e outros conhecimentos, sendo assim, o fórum representa muito bem esse novo instrumento didático que possibilita o embate, o encontro de palavras em busca do conhecimento, do aprendizado, no apogeu das redes sociais e da comunicação tecnológica. Experimentar a leitura nestes espaços junto aos alunos, na posição também de leitor é uma alternativa de re-significação das posturas, movimento conflituoso devido a hierarquia das relações na educação.

Principalmente pela atual conjuntura social e histórica, a educação se abre gradativamente e continuamente às necessidades das novas gerações (Y, Z, ou qualquer outra que venha a surgir). Estudar ou ter aulas através de um click, com ou sem a denominação de instrumento didático, é assim que funciona o fórum de discussão no plano educacional, aspecto que fica extremamente claro quando observamos o Projeto Digital Leitura e Companhia, com sua proposta de adequar métodos de aprendizagem e de melhorar resultados de leitura na sala de aula apenas participando de uma atividade automática e objetiva.

É importante salientar que, as explanações sobre os novos mecanismos de leitura e de ensino, não confere apoio ou embate aos novos paradigmas, também não se quer afirmar o sucesso e plenitude no processo de aprendizagem via tais instrumentos, nem é sobre este ponto que se deseja articular este trabalho, todavia, sem dúvida representa as diferentes configurações educacionais e o quanto elas estão interligadas ao mundo real e suas necessidades.

Durante minhas experiências de trabalho com EAD na UFPB (Moodle) e UNICAMP (REDEfor), o fórum contribuiu significativamente para constituição do gênero aula. Era, sem dúvida, no fórum que os alunos interagiam com os orientadores e conseguiam tirar suas dúvidas e colocar suas posições sobre as atividades e os conteúdos dos cursos. A palavra tinha seu espaço consagrado e muitas vezes identifiquei nos alunos a desenvoltura que na sala de aula não tinham. Ou seja, a proposta de utilizar ferramentas didáticas que conciliam tecnologia, rede social e aprendizagem, criando mecanismos de

conexão entre os alunos e seus hábitos social, pode ampliar a percepção da realidade e de conceber novas leituras do mundo.

3.4. Os enunciados nos fóruns à luz das categorias bakhtinianas: dialogismo, alteridade, linguagem/práticas de leitura

Olho por olho, dente por dente. O momento de apresentar os elementos que esclarecem ou justificam todas as palavras postas em e no confronto através desta pesquisa chegou. Era tanta ansiedade para dizer o que foi experimentado que, muitas das vezes, uma força maior desejava ardentemente começar por aqui, pelas concebidas análises.

Destinar um capítulo às análises é atender aos paradigmas científicos da pesquisa, todas as partes deste trabalho representam o olhar sobre a leitura e os sujeitos a partir da vida, portanto, todos os elementos apontados e apresentados desde a introdução são constitutivos do querer dizer do pesquisador inserido no trabalho como observador e o observado.

O primeiro, e acredito principal, aspecto que desejo esclarecer neste trabalho é o seu caráter inacabado, não no sentido de inconcluso, mas com cunho de palavra minha lançada ao outro e sedenta por encontrar outras palavras que o alterem e deem sentido. Esta pesquisa é, portanto, um olhar para os sujeitos leitores e para a leitura como Bakhtin olhava para vida sob a perspectiva da linguagem. A arquitetônica deste estudo considera a relação eu-para-mim, eu-para-o-outro e o outro-para-mim no tempo e espaço da leitura na sala de aula. Também é relevante destacar a compreensão de leitura aqui concebida como acontecimento que comporta o ato responsável de sujeitos leitores – social e historicamente constituídos. Uma hipótese levantada desde a organização do projeto e confirmada no percurso, posto que o sujeito é o dono do ato responsável dado sobre a leitura, ele é o elemento vivo e histórico que se põe numa relação de alteridade com o texto e isso acontece pela leitura.

O pesquisador, aqui também sujeito leitor, é sempre parte do trabalho, o não-álbe reforça este sujeito pelo seu ato responsável em todo processo de pesquisa, evidentemente, com o necessário tom valorativo devido à ciência e às práticas de pesquisa e construção do conhecimento.

Talvez em especial neste trabalho, a noção de sujeito e de ato responsável, inseridos no evento, no agir/existir possa dar acesso a um pesquisador constituído nas nuances da própria pesquisa e que foi se constituindo na relação com o outro a cada estudo, orientação, congresso, simpósio, trabalho elaborado e apresentado, e neste caso específico, a cada espaço-tempo da sala de aula ou dos fóruns. Literalmente foi o fazer parte do saber experiência que determinou o caráter ainda mais singular à pesquisa. Foi o vivido enquanto parte direta da tese que pôde oferecer a luz para as compreensões sobre a leitura e o sujeito leitor de uma maneira singular e diferenciada. Mais precisamente como enfatiza Bakhtin (2010-2012, p. 102) é a categoria da experiência vivida do mundo real – enquanto evento – é a unicidade, isso imprime o caráter diferencial da pesquisa. O autor ainda reforça que experienciar um objeto significa possui-lo como unicidade real e disso implica a própria singularidade do eu. A leitura experienciada pelo sujeito leitor na relação com outros sujeitos leitores engajados numa história de leitura tem um tom valorativo único e consideravelmente real. Além de singularizar uma pesquisa vista de dentro e por dentro.

Professor e alunos, agora são leitores e na arquitetônica proposta pela própria estrutura dos fóruns e organização comunicativa dos enunciados tendem para relação de constituição mútua entre o eu e o outro. Bakhtin (2010/2012) expõe essa ideia de uma maneira muito clara e simples, quando diz:

A partir do lugar único que eu ocupo, abre-se o acesso a todo o mundo na sua unicidade, e para mim somente dele. Como espírito desencarnado, ao invés, eu perco a minha necessária relação de dever com o mundo, perco a realidade do mundo. Não existe homem em geral, existe eu, e existe um determinado, concreto, “outro”. (BAKHTIN, 2010/2012, p. 107)

O que este trabalho proporcionou através de seus caminhos, foi este lugar único que o “eu” ocupou e, que na relação com o outro, abriu acesso à singularidade de cada sujeito naquele tempo/espaço. Nos enunciados dos fóruns, cada fórum representa um lugar distinto, há referência a este lugar ocupado pelo sujeito leitor, que era o mesmo

sujeito leitor, todavia constituído diferente, com sua singularidade própria a cada fórum na e relação estabelecida com e pelo outro.

O projeto literário Leitura e Companhia era uma proposta de trabalho abraçada pela escola e desenvolvida em todos as fases e anos escolares – Ensino infantil, ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II. Todos os professores recebiam as orientações e os manuais que apresentavam os métodos e instrumentos pedagógicos sugeridos pelo projeto para que, segundo os manuais, o desenvolvimento alcançasse os objetivos desejados e planejados sobre as habilidades leitoras dos alunos. Eu fiquei à frente de todas as turmas do ensino fundamental II (6º, 7º, 8º e 9º anos), porém, houve a opção de somente trabalhar com uma turma – o 9º ano, para este projeto de doutorado. Foi desta turma que surgiu a proposta e tom valorativo e emotivo para criar e participar do fórum paralelo, ou seja, o querer dizer deste grupo acionou o ato responsável e responsivo do sujeito leitor.

Dos motivos

Primeiro ponto- Os próprios alunos do 9º ano começaram a suscitar em sala, como seria interessante ter um espaço parecido com aquele do fórum do projeto, mas sem tarefa, para que eles pudessem falar livremente sobre o que inquietava ou chamasse a atenção durante a leitura. Evidenciava-se a vontade de transgredir o modelo proposto pela escola, mas de qualquer forma um desejo de fazer diferente, de um olhar exotópico para o ato pedagógico e sobre a prática de leitura. A proposta foi reforçada com argumentos relevantes e justificados pela vontade de ler e discutir de fato as obras. Os alunos destacaram que o fórum oficial limitava as discussões por dois fatores e apresentaram mais um para justificar o novo fórum:

- A pergunta introdutória reduzia as participações no fórum a simples respostas e não discussões;
- A estrutura funcional do fórum não permitia que eles pudessem recuperar participações antigas de outros colegas para, assim, se posicionarem;
- O fórum sugerido ofereceria muitas funções que beneficiariam a interação, as discussões entre os participantes, além de outras funções similares as das redes sociais: mensagens privadas, bloqueio de participantes inconvenientes, perfil com avatar.

Segundo ponto – Naquele momento os alunos me fizeram sair do meu lugar de conforto e também tentar algo que pudesse ser leitura libertadora³⁵, com caráter de evento. Assim, ao refletir sobre o projeto de doutorado, imediatamente vieram à tona todas as categorias bakhtinianas e, mesmo com um *corpus* pronto para análise, percebi a oportunidade de observar a leitura no acontecimento da aula de português, olhar para o evento que se configurava sobre leitura e com os sujeitos leitores e olhar de dentro, sendo também leitora. De início um terreno incerto e pedregoso se pensados na perspectiva técnica, estrutural e organizacional da pesquisa, tais como: Tempo hábil para desenvolvimento, critério de originalidade, delimitação de campo de estudo, especificidade da área de concentração do projeto e apresentação ao Comitê de Ética de projeto em acontecimento. Porém, estudar a leitura pela ótica da vida foi irresistível, foi a aula como acontecimento que Geraldi nos indicava.

Refletir a leitura sob a ótica do evento, percebendo o sujeito neste, é uma postura cara para este trabalho e, a partir disso, buscar esse sujeito leitor único que se constitui nos enunciados dos fóruns, foi certamente a essência que perfumou o percurso. Dadas as presentes motivações e opções, a partir de agora me deterei a apresentar apenas as obras relativas ao 9º ano do ensino fundamental II no ano de 2015 e a delimitação à obra “O amor em Tempos de blog”, também justificada pelo tema relativo ao diálogo e formas de comunicação atualmente.

Foram discutidas as seguintes obras, tanto no fórum Leitura e Companhia quanto no Fórum Sujeitos em Construção, com a turma de 9º ano do ensino fundamental II da escola Pueri Domus, no ano de 2015:

1. Avó Dezanove e o Segredo do Soviético de Ondjaki (autor africano)
2. O conto da Ilha desconhecida de José Saramago (autor português)
3. O amor nos tempos de Blog de Vinícius Campos (autor brasileiro)

Após o estabelecimento de critérios que atendiam a uma linha de delimitação do estudo, optou-se por analisar os enunciados dispostos nos dois fóruns sobre a obra Amor em tempos de Blog. Durante o projeto, a obra já citada representou “a menina dos olhos” para os alunos, foi a última dentre as leituras propostas pelo projeto oficial naquele ano e que se caracterizou como a obra que proporcionou mais participações no fórum, segundo os alunos era uma leitura boa, pois tinha uma linguagem semelhante à deles e trazia um tema próximo às vivências deles naquela idade – um romance entre adolescentes, preenchido por conflitos e dificuldades. Os alunos relatavam a identificação de suas

³⁵ Designação dada, por mim, para uma leitura livre das amarras de roteiros ou tarefas.

realidades e formas de pensar às apresentadas na obra, começaram eles mesmos a levantar elementos éticos e estéticos e conceber a literatura como um processo transformador. Esta última afirmação era constantemente ressaltada pelos alunos durante as leituras da obra na sala de aula, quando afirmavam que a ler a obra foi como saber de coisas da vida real. Naqueles momentos também havia discussões sobre a obra, constituía-se outro espaço de discussão diferente do fórum, mas instigado por ele, pois os alunos retomavam discussões lá propostas

A obra trazia como sinopse o seguinte:

Ariza tem treze anos, acabou de chegar à nova escola e já está perdidamente apaixonado. Para expressar o seu amor, além de tudo o que vive e sente, ele decide escrever um blog, “porque escrever [...] é a única maneira que encontrou para fazer com que os outros o escutem”. Lá, ele pode falar livremente sobre a garota de sorriso encantador que encontrou na biblioteca da escola, quando ia devolver *O amor nos tempos do cólera*, sua leitura de férias de que tanto gostou. Assim começa a trama de *O amor nos tempos do blog*, um romance que se constrói de blog em blog, em que, depois de muitos desencontros, três histórias se cruzam, culminando em um final surpreendente. Além do blog de Ariza, há também o da Deusa Cibernética, uma garota que, segundo sua própria descrição, é divina, divertida e popular, gosta de frequentar o shopping com as amigas e está sempre de olho no menino mais gato do momento, e o de Cinderela Virtual, “uma adolescente que acredita no amor”, não liga para a aparência e espera encontrar o seu príncipe encantado.

É a linguagem rápida e dinâmica da internet que une os três personagens desta história e vai aos poucos revelando semelhanças e ligações inesperadas entre estes três adolescentes aparentemente tão diferentes, com características muitas vezes opostas e particularidades que se revelarão só ao fim da narrativa.

O amor nos tempos de blog – Vinícius Campos

Imagem 6 –Capa do livro O amor nos tempos de blog de Vinícius Campos



Fonte: site Companhia das Letras.³⁶

Qualquer semelhança com a vida real, pode não ser mera coincidência, e se não justifica, ao menos explica o grande interesse dos alunos pela obra. Os eventos realizados pelas editoras pelo Brasil têm demonstrado, segundo dados apresentados na página oficial da Bienal do Livro, que os livros dos chamados youtubers ganharam representativo espaço no mercado editorial, o que mostra uma tendência que se consolida através das posturas leitoras de nossos jovens. Talvez o jovem se interesse pela leitura que fala sobre ele e que traz aquela palavra outra que o constitui ou o representa, daí a predileção dos alunos pela leitura da obra do romance de Vinícius Campos.

A opção por estes fóruns se justifica pela composição do tema abarcar a questão do diálogo e provocar os leitores a pensar sobre a linguagem. Para mim foi surpreendente escutar a palavra de compreensão dos meus alunos sobre linguagem, diálogo e vida a partir da obra literária lida. Os enunciados nos fóruns indicavam a palavra dos leitores sobre a obra e o encontro daquelas com outras palavras resgatadas de suas vivências no

³⁶ Disponível em <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=13231>. Acesso em 20 de Janeiro de 2017.

mundo. Os leitores (alunos e professor) lançavam suas compreensões no fórum, à cerca da questão proposta pelo projeto: “Em sua opinião, qual a relevância do diálogo e por que é comum a falta de comunicação entre as pessoas?”.

O embate das palavras alargava os sentidos e abria-se a outras compreensões, à exemplo da postagem a seguir que retoma outros enunciados e é jogado a mais outros dizeres na corrente comunicativa.

“Re: O Amor Nos Tempos do Blog³⁷”

por XXXXXXXXXXXX em Ter Jun 23, 2015 4:34 pm

Admin escreveu:

XXXXXXXXXXXX escreveu:

A globalização pode ter influência direta nisso pq crianças, jovens e até adultos estão preferindo a interação virtual fazendo assim, as pessoas se afastarem diminuindo os diálogos entre si , bjinhos ♥

Oi XXXXXXXXXXXX,

então o que vocês compreendem por globalização?

A comunicação virtual também é uma forma de interação e pode ser ser muito positiva para estabelecer comunicação, inclusive a comunicação global.

O que acham de refletirmos e até pesquisarmos mais sobre esse aspecto da comunicação através das novas te tecnologias?

Concordo com você, **Admin!**³⁸ E olha, eu dei uma olhada e achei um site que fala os pontos negativos e positivos de se comunicar através da internet, achei muito interessante isso... Lá dizia assim "Pontos positivos: Ficou mais fácil falar com os parentes e amigos que moram longe; arrumar emprego; saber o que está acontecendo no mundo todo;

³⁷ A citação da postagem acima preservou o formato de postagem no fórum como visualizado nos anexos, para que se pudesse observar a configuração das postagens e retomadas de discussão no fórum paralelo. Discussão se configura pelos enunciados de três leitores, dentre eles a professora leitora.

³⁸ Admin é denominação dada à professora no fórum.

estudarem e até mesmo trabalhar usando o computador" Estava refletindo sobre isso e achei estranho o do "arrumar emprego", isso tem haver com comunicar-se? Fiquei com está duvida!

E também falava dos pontos negativos "Muitas pessoas se acomodam e não visitam a família, preferindo pegar o telefone e ligar; não sentam mais para almoçarem juntas, pois estão vendo televisão; tem gente que usa o telefone para passar trote; usa o computador para roubar os outros. O celular muito perto do corpo faz mal para a saúde." Concordo com a maioria das coisas, mas creio que neste caso, eles estavam falando de usar em excesso, e afinal, o que em excesso nao faz mal? hahaha

Aqui o link do site: <http://turma202cejm.blogspot.com.br/2006/09/meios-de-comunicacao-pontos-positivos-e.html>

Beijos”

Os enunciados são representações dialógicas dos sujeitos em constituição no mundo e pela leitura naquele espaço. O sujeito se lança ao outro pela palavra, julga do ponto de vista dos outros, tentando compreender, levar em conta o que é transcendente à sua própria consciência e, dessa forma, considera o valor conferido por ele em função da impressão que ele pode causar em outrem.

“(Admin):A comunicação virtual também é uma forma de interação e pode ser ser muito positiva[...]”

(**Trecho da postagem acima encadeada**)

“(Aluno(a) A: Concordo com você, Admin! E olha, eu dei uma olhada e achei um site que fala os pontos negativos e positivos de se comunicar através da internet, achei muito interessante isso[...]”

(**Trecho da postagem acima encadeada**)

A arquitetônica presente nos enunciados dos fóruns é a construção de um discurso, relativamente estável, que integra, conforme Bakhtin (2010) o espaço, o tempo e o sentido na visão estética, mas aqui deslocados para as postagens nos fóruns. Nos enunciados, o esforço para o acabamento, diretamente ligado ao excedente de visão possível pela interação, pela relação do eu com o outro, compõem o sentido. Os sujeitos que ali se constituem pelo embate, na arena e através de palavras alheias estão configurados dentro de espaço e de um tempo e, portanto, produtores de sentido.

O leitor ainda lança sua palavra ao outro para ele mesmo possa construir sua compreensão a partir do mesmo ponto que ela enunciou, talvez na ‘esperança’ de fazê-lo compreender como ele(a) compreendeu. Um esforço para se fazer entender:

Concordo com a maioria das coisas, mas creio que neste caso, eles estavam falando de usar em excesso, e afinal, o que em excesso não faz mal? hahaha

Aqui o link do site:
<http://turma202cejm.blogspot.com.br/2006/09/meios-de-comunicacao-pontos-positivos-e.html>

(Trecho da postagem acima, Participante A)

A alteridade, marca do ser humano, é imprescindível para sua constituição, o Eu e Outro na relação pela linguagem. É a dialogia da vida representada no fórum, os leitores entram no confronto das entoações e dos sistemas de valores que posicionam as mais variadas visões de mundo dentro de um tema disposto pela leitura da obra ou . Como afirma Bakhtin (2015), a vida é dialógica por natureza e viver significa participar do diálogo (interrogar, ouvir, responder, concordar, discordar, compreender) e, nesse diálogo, o homem participa inteiro e com toda a vida, é o seu ato responsivo diante da vida.

As discussões nos fóruns, tantas vezes foram pano de fundo para outras discussões em sala de aula. A obra lida, a criação do fórum, as participações ou não participações, o fórum oficial, foram enxertos para o encontro de palavras na sala de aula durante as leituras. Palavras que entravam no tecido dialógico da vida humana e alargava os sentidos e as possibilidades de dizer e de escutar.

Uma questão norteadora sempre abria as discussões no fórum do projeto Leitura e Companhia e o mesmo padrão foi mantido para o fórum paralelo. Com o fórum proposto para a obra “Amor nos tempos de Blog” chamou atenção a possibilidade da palavra de cada sujeito leitor sobre o que se entendia por diálogo a partir da leitura da obra, de suas experiências de mundo e a partir da provocação no fórum, enquanto gênero discursivo e, portanto, lugar de diálogo e de dialogismo. A seguir o enunciado que iniciava o fórum de discussão e deveria servir de ponto de partida para as discussões entre os leitores:

Na obra O amor nos tempos do blog, de Vinicius Campos, “Ariza e Cinderela acreditam na comunicação e no diálogo, pouco importando qual idioma precisarão utilizar, porque os olhos sempre dizem exatamente o que sentimos” (p. 85). Em sua opinião, qual a relevância do diálogo e por que é comum a falta de comunicação entre as pessoas?
 (QUESTÃO PROPOSTA PARA DISCUSSÃO NO FÓRUM DO PROJETO LEITURA E COMPANHIA E TAMBÉM NO FÓRUM PARALELO)

A proposta de discussão a partir de uma questão norteadora também foi levada ao fórum Sujeitos Leitores, não como único viés de discussão, até pelo fundamento do fórum paralelo proposto pelos alunos, mas também introduz ou dá um caminho às palavras que se encontram e se desencontram nos movimentos próprios do embate discursivo dos fóruns que dialogando e dialogizando, trazem outras palavras sobre diálogo.

Para análise, houve a escolha de se destacar as primeiras participações dos sujeitos nos dois fóruns, as datas de postagens não coincidem, mas certamente mostram as movências de sentidos emergentes na relação do eu com o outro e, buscando ressalva nos dizeres de Petrilli (2015), a partir da palavra que escuta, que fala, aqueles sujeitos enunciam e exercem o não-álíbe, o ato responsável de um outro modo e de um outro lugar:

Imagem 7: Avatar A no fórum Sujeitos Leitores.



Fonte: Fórum Sujeitos Leitores.³⁹

Qualquer forma de diálogo é inteiramente importante no dia a dia das pessoas, e a falta desse diálogo anda prejudicando muito a sociedade nos dias de hoje e para mim, a causa disso, é a globalização pois as pessoas não querem ter trabalho de ficar falando, se ele pode digitar por trás de uma tela, podendo ser verdadeiro em sua fala ou não :) (PARTICIPANTE A, fórum Leitura e Companhia-Projeto escolar/ 8.6.2015)

A globalização pode ter influência direta nisso pq crianças, jovens e até adultos estão preferindo a interação virtual fazendo assim, as pessoas se afastarem diminuindo os diálogos entre si, bjinhos ♥ (PARTICIPANTE A, fórum Sujeitos em Construção/ 13.6.2015)

³⁹ Disponível em <http://sujeitosleitores.forumeiros.com/t1-seu-primeiro-topico>. Acesso em 20 de janeiro de 2016.

Para cada nova relação que o sujeito estabelece é uma outra arquitetônica e nessa se insere o cronotopo, com um novo ambiente e horizonte, um outro tempo e outra relação se estabelecem, criando o sentido daquele encontro de palavras, sentido singular, posta toda a arquitetônica também singular. Os diálogos estabelecidos nos fóruns, estão permeados pela leitura literária e, a partir dela ou através dela, os sujeitos olham a vida e, assim, constituem-se no movimento dialógico da vida e da leitura. Nos enunciados, as entonações pessoais e emocionais são pilares, valoram e ideologizam, as palavras e as réplicas são vivas, e as consciências estão em interação. No fórum paralelo, o leitor opta por finalizar seu enunciado com uma mensagem de despedida marcada linguisticamente pela intimidade com os demais leitores, além do uso de emoji e da própria imagem sobre ele construída a partir do avatar: “bjinhos ♥”

Ao ler a obra literária, os sujeitos leitores são provocados ao confronto de ideias, entoações e sistemas de valores já inerentes ao ser sujeito social de cada um. No movimento dialógico, as relações entre sujeitos, enunciados, relações éticas; posições de verdades, de amor, de ódio vão se confrontando e se estabelecendo (relativamente) e constituindo cada sujeito leitor no fórum como um lugar da vida, da atividade humana.

Além disso, os deslocamentos são inerentes ao encontro de palavras que ocorrem no fórum e permitem o olhar exotópico dos sujeitos envolvidos na arquitetônica daquela leitura e nas discussões nos fóruns, é o olhar para a vida através da arte, da leitura.

O sujeito leitor se coloca no mundo e enuncia de um lugar e de um tempo, nesta relação há a produção de discurso e de sentidos, Bakhtin em *Questões de literatura e estética* (2010) concebe como a “expressão de um grande tempo”, enquanto o espaço é social, o tempo é histórico, esta é a dimensão do movimento no campo das transformações e dos acontecimentos. Assim, não se pode esquecer que o existir dos sujeitos, supõe um tom valorativo próprio do evento e da minha relação com o outro, conforme Bakhtin (2010/2012) chama de existir-evento real, que é tanto dado quanto projetado por tons emotivos-volitivos de um centro único de responsabilidade. A verdade (pravda) de cada sujeito, que não o é em si mesma, mas na correlação da minha singularidade e do meu lugar único no evento com os outros sujeitos também singulares em seus eventos únicos.

A opção de apresentar o primeiro enunciado dos três primeiros sujeitos e cotejar a palavra de cada um nos dois fóruns, é uma proposta de observar os enunciados diretamente correlacionados à questão de discussão – “Em sua opinião, qual a relevância do diálogo e por que é comum a falta de comunicação entre as pessoas?”. Ou seja, a

palavra outra daqueles sujeitos ainda desprovidas do pensamento participativo dos demais colegas em seus enunciados, mas mesmo assim, preenchidos pelas relações dialógicas entre enunciados outros com os quais já estabeleceu relação antes do fórum e até antes da leitura daquele texto e na enunciação em cada fórum.

Quando o leitor enuncia: “**Ariza e Cinderela acreditam na comunicação e no diálogo, pouco importando qual idioma precisarão utilizar...**”, *mostrando que muito mais que palavras, o verdadeiro dialogo envolve interação e sentimento.*”, ele retoma a enunciação da questão proposta para sustentar seu enunciado atual, diz o mesmo, mas diferente em detrimento da arquitetônica da sua palavra, daquele lugar e tempo enunciativo, além de todos os enunciados que estabeleceu contato sobre este tema fora da leitura, no mundo.

Embora já haja dialogia, visto o próprio caráter da palavra literária, os sujeitos que iniciam a participação nos fóruns ainda estão pouco envolvidos pelo acontecimento das interações discursivas daquele espaço. Dialogam diretamente com a questão proposta e com os sentidos que os constituíram sujeitos até ali na vida, mas sempre no processo de se compor, pelo embate dos discursos dos outros co-participantes nos fóruns.

Imagem 8: Avatar B no Fórum Sujeitos Leitores.



Fonte: Fórum Sujeitos Leitores.⁴⁰

Na página 85 fala sobre o blog que Ariza e Cinderela criaram juntos. A pergunta, se me lembro bem, falava sobre o objetivo deles com isso. Eu achei muito interessante quando diz "Ariza e Cinderela acreditam na comunicação e no diálogo, pouco importando qual idioma precisarão utilizar...", mostrando que muito mais que palavras, o verdadeiro dialogo envolve interação e sentimento.

(PARTICIPANTE B, fórum Leitura e Companhia)

⁴⁰ Disponível em <http://sujetosleitores.forumeiros.com/t1-seu-primeiro-topico>. Acesso em 20 de janeiro de 2016.

Assim, Cinderela e Ariza superam as "barreiras" de sua comunicação, e conseguem se comunicar, não só entre si, mas com todos, podendo expressar o que pensam, sendo utilizado o blog, por exemplo, para isso. (PARTICIPANTE B, fórum Sujeitos em Construção)

A dialogia é própria da vida, permeia a leitura enquanto enunciado concreto, os fóruns enquanto lugar de enunciação. Nos fóruns, pergunta e resposta(s) não estabelecem relações lógicas, pois não podem caber em uma só consciência; elas supõem uma distância recíproca, exigem o diálogo para se constituírem enunciados relativamente estáveis. Participante B enuncia e se coloca apoiando o blog construído pelos personagens, defende a ideia que eles agora não se comunicam somente entre si (os dois protagonistas), mas com todos que acessam o espaço.

Na arena das discussões, os enunciados em embate vão ganhando entoação, o tom emotivo-volitivo que preconiza Bakhtin e que registra definitivamente, a presença do *outro* na minha palavra e, assim, a alteridade que constitui aquele sujeito único pela palavra ou jogo de palavras – a minha palavra, a alheia e a nova possibilidade de palavra. Seria a mesma e a nova palavra, porém, agora penetrada de entonações outras que a determinam diferente, peculiar ao enunciado no tempo e no espaço, assim como também, neste mesmo instante que a palavra adquire o caráter singular, ela também se abre às novas possibilidades, se abre ao *outro* que a confronta ou recebe.

o Diálogo está presente em momentos, podendo ser " interpretado " por vários conceitos. O idioma, ou como vai ser apresentado o diálogo não importa, pois é algo no qual se envolve sentimento, amizade, participação de pessoas e entre outros. Como representado no livro o BLOG como um exemplo de diálogo. (PARTICIPANTE C, fórum Leitura e Companhia-Projeto escolar – participação somente neste fórum)

Seria poético pensar que a palavra é movida pelo destino⁴¹, dado o aparente descontrole dos sentidos a ela apresentados na arquitetura dos enunciados e até dos discursos. A palavra que agora é minha, realiza o percurso natural em direção ao outro,

⁴¹ Compreendido como sucessão inevitável de acontecimentos relacionada a uma possível ordem cósmica. Portanto, segundo essa concepção filosófica, o destino conduz a vida de acordo com uma ordem natural, da qual nada que existe pode escapar.

mas ela já o faz impregnada dos sentidos envoltos pela alteridade e; quando chega ao seu destino também se abastece dos sentidos resultantes da relação ‘eu-para-o-outro’. Todavia, é preciso ressaltar que os sentidos construídos são resultado do diálogo – Eu/Outro – num território socialmente preciso e organizado pela atividade humana da linguagem. Portanto, isso implica no fato de que não há descontrolo, mas o imprescindível confronto de entoações e valorações no mesmo campo de visão, o sentido é único/singular, mas nunca o sentido será unicamente meu, pois sofreu a alteração do outro imprescindível para o eu, aquele que me constitui no diálogo e pelo diálogo, inclusive contribui para a constituição dos meus sentidos, isso sim eu não controlo por mais esforço que eu demande.

O enunciado acima traz marcas das palavras de Bakhtin sobre diálogo e dialogia que eu não conseguiria expressar melhor, trata do tom valorativo que singulariza o meu dizer: “*o Diálogo está presente em momentos, [...] pois é algo no qual se envolve sentimento, amizade, participação de pessoas e entre outros*”.

Ou mesmo o querer dizer dialógico impresso na postagem abaixo que traduz a alteridade intrínseca aos sujeitos na vida: “[...] *não conseguimos viver sem nos relacionar, a comunicação ou o dialogo acaba sendo primordial em nossas vidas*”.

O dialogo é muito importante em qualquer relacionamento, seja um relacionamento escolar, familiar, de companheirismo, de amigos, de colegas, enfim, para vivermos em sociedade e termos um bom convívio, acredito que o dialogo seja uma das coisas mais importantes! Sabendo que não conseguimos viver sem nos relacionar, a comunicação ou o dialogo acaba sendo primordial em nossas vidas! (PARTICIPANTE D, fórum Leitura e Companhia-Projeto escolar)

Bakhtin (2015) vai dizer que entre minha autossensação interna e a minha imagem externamente expressa, há uma espécie de tela transparente preenchida pela possível reação volitiva-emocional do outro na minha manifestação externa (êxtase, amor, surpresa, piedade, raiva, respeito etc), e só olhando dessa tela da alma do outro eu experencio a minha alma externa. Eu, professora de português, só me reconheci também leitora quando alterada pelo outro fui preenchida pela reação volitiva daqueles leitores e percebi concretamente que a minha palavra só seria possível pela palavra outra: “*o livro mesmo diz, não existe apenas a fala para nos comunicar, nos entender*”. Quando pelos

embates, os alunos mostraram a vontade de falar sobre as obras de um outro lugar, marcado pelo querer dizer de cada um, inclusive o meu:

Gostei de ver, turma! Também concordo que a a internet, ao mesmo tempo que nos aproxima de pessoas que estão distantes, também nos distancia de quem está próximo. Porém, esse não é o único motivo de as pessoas não se comunicarem. Reflitam em outras situações do cotidiano; você desejou "bom dia" ao porteiro, hoje? Já falou para aquele seu amigo(a) que você está arrependido e pediu desculpas? Etc (PARTICIPANTE MEDIADOR, Fórum Leitura e Companhia)

O leitor expressa sua tentativa de compreensão da palavra sobre a leitura da obra no fórum e, neste esforço indica o que entende sobre linguagem através das palavras da obra literárias, mas também resgata palavras que compõem a compreensão e experiência no seu universo externo. As nossas vivências deixam marcas nos nossos dizeres, são representados, até inconscientemente, nas nossas palavras, no tom apreciativo que demandamos. É como diz a passagem bíblica Mateus 12:34: “[...] pois a boca fala do que está cheio o coração.”

Em algumas postagens, os leitores indicam a responsividade diante das formas de expressão pela linguagem que eles mesmos utilizam na sua vida cotidiana, apoiando o blog ou as várias e diferentes formas de comunicação. O leitor enuncia aquilo que compreende por forma de linguagem no mundo real e para isso lança sua palavra através da leitura da obra, carrega-se dos sentidos daqueles enunciados envoltos no enredo do texto e na sua concepção de mundo para tentar (esforço) se fazer compreender pelo outro. Nesta relação se constitui sujeito único em seu dizer, em seu ato responsável sobre a leitura: *“podendo expressar o que pensam, sendo utilizado o blog, por exemplo, para isso.”*

Geraldi (2013:197) diz que pelas operações de argumentação, o enunciador traz para o interior de seu texto “fatos”, “dados”, “conhecimentos” que no texto se constituem argumentos. Ainda para ele, estas realidades são externas ao texto e a ele preexistem, mas somente no texto elas se configuram argumentos e como tais constituem o universo do enunciador:

Acredito que seja comum a falta de comunicação por conta de se acomodarem ou até mesmo se limitarem ao seu espaço. Hoje em dia podemos nos comunicar com facilidade com pessoas que estão perto ou distantes. Como o livro mesmo diz, não existe apenas a fala para nos comunicar, nos entender. Simples olhares podem transmitir inúmeras coisas. Não são idiomas diferentes que irão te prender de se comunica. (PARTICIPANTE D, fórum Leitura e Companhia-Projeto escolar)

Bakhtin, em toda sua obra, nos põe a pensar sobre diálogo, o que concebe como enunciado vivo, posto em e no confronto, não importando se há os indivíduos face a face, mas a interação de ao menos duas enunciações. Nas palavras do filósofo “vive-se em um mundo de palavras do *outro*”, então nas atividades da vida real, é na correlação que os sujeitos se constituem pela linguagem. Geraldi também toma essa palavra e a faz palavra dele quando diz que o outro tem “*uma experiência de mim que eu próprio não tenho, mas que posso, por meu turno, ter a respeito dele*”, é a necessária alteridade para o existir dos sujeitos no mundo. O localizar-se fora permite aos sujeitos o excedente de visão que lança a possibilidade do acabamento de si pelo outro.

O sujeito leitor inscrito nos enunciados dos fóruns, desde a palavra literária- pela leitura- encontra o outro que lhe oferece o excedente de visão necessário à sua constituição como tal. Observa a constituição das personagens Ariza, Cinderela Virtual e Deusa cibernética, inclusive já estabelecem uma relação de sentido com os nomes que as personagens escolhem quando estão sob a “tela” dos blogs. Para não serem reconhecidas ou para serem assim identificadas (reconhecidas e constituídas pelo outro), como é o caso quando as personagens se denominam “*Cinderela Virtual e Deusa cibernética*”. Sem dúvida uma relação de sentido comum aos sujeitos leitores jovens já habituados aos mecanismos das redes sociais, constituindo-se sempre a partir daquilo que veem como elementos aceitos no universo de outros jovens e que, poderá torna-lo legal ou aceito pelo grupo.

Sendo assim, na relação de alteridade dada na leitura do texto literário, os sujeitos leitores lutam, confrontam, concordam, discordam, aceitam a palavra do outro, se identificam ou se distanciam dos dizeres e fazeres das personagens e, assim se constituem pelo outro na correlação, mesmo quando o outro está contido na personagem ou em suas ações.

XXXX, quando falei que as pessoas se limitam a seus espaços foi querendo dizer que nos acomodamos sempre ao mais fácil. Por exemplo, deixar de conversar com alguém simplesmente porque essa tal pessoa fala outra língua, concordo que daria um pouco mais de trabalho para se comunicar, mas mesmo com dificuldades é possível sim se comunicar, e as pessoas, por estarem acomodadas, nem tentam outras {...}” ...” {...} formas de se comunicar. Algumas outras formas seria com gestos, olhares, toques, imagens, vídeos, entre outros. (PARTICIPANTE D, fórum Leitura e Companhia-Projeto escolar)

Sempre que retorno às postagens dos leitores nos fóruns, o meu envolvimento com aqueles enunciados preenche as palavras que já tenho sobre a filosofia da linguagem bakhtiniana, mas também se abre aos conceitos de educação, aos preceitos do mundo, fundem-se e alargam a minha palavra. E há momentos de leituras dos fóruns que me deparo com aquelas palavras e ao refletir sobre os enunciados, penso que nunca conseguí ler nada mais bakhtiniano na vida acadêmica:

Bom a vida e a sociedade é ^vivida'' com base no diálogo e achei tbm muito interessante e legal o livro q todos deveriam ler ,pois é uma lição de vida que pessoas nao sabem deveriam aprender , e constantemente estou aprendendo LIBRAS (língua brasileira de sinais) e agora sem a metade e também a vinda do xxxxxx(tal professor) para o xxxxx(tal escola)foi uma aula tao dinamica , divertida a melhor aula que tive no ano.obg
(PARTICIPANTE X do Fórum Leitura e Companhia)

A dialogia também nos põe em terrenos arenosos e incertos. Nem impulsionada por todo meu esforço no sentido de estabelecer a minha palavra e, assim, fazer o outro compreender o que digo da maneira que digo, dialogicamente é impossível. Não há controle no dizer, depois de lançada a minha palavra, ela deixa de ser minha e vai ao encontro da palavra outra para construir o sentido provisório: *“quando falei que as pessoas se limitam a seus espaços foi querendo dizer que nos acomodamos sempre ao mais fácil”*. O não controle sobre o sentido na relação de alteridade, provoca o sujeito leitor e para tentar fazer o outro entender exatamente o quis dizer, ao seu modo, ele refaz sua palavra, toma para si novamente e lança de volta na esperança de se fazer entender completamente, no esforço de fechar os sentidos ou se determinar a palavra como própria, como sua. Apesar de vã esta ação, é sempre uma constituição do sujeito no mundo.

Imagem 9: Avatar D



Fonte: fórum Sujeitos Leitores⁴².

⁴² Disponível em <http://sujetosleitores.forumeiros.com/t1-seu-primeiro-topico>. Acesso em 20 de janeiro de 2016

Gostei muito da obra, achei muito interessante e até mesmo um pouco confusa essa questão do dialogo e da comunicação, ainda não entendi muito bem HAHAAH Desculpa, XXXXX! Mas entao, creio que comunicamos e dialogamos a todo momento com um simples olhar, por mensagens, por toques, por gestos enfim, há muitas formas de nos comunicarmos, não precisamos nos limitar a fala! **E pelo meu ponto de vista**, o livro tenta mostrar essa ideia de várias formas de nos comunicarmos.”...“Em relação as pessoas a falta de comunicação entre as pessoas, talvez seja porque simplesmente nos acostumamos a fazer sempre o mais simples, sabe? Nos acomodamos demais em nossas vidas e talvez seja bem mais como do cada um viver sua vida, seu mundinho sem precisar se preocupar em se comunicar de uma forma diferente com as pessoas. Enfim, adorei ler essa obra, achei muito interessante o modo que **o autor consegue passar uma mensagem super fofa de um modo tão simples e fácil de se entender!** Beijos (PARTICIPANTE D, fórum Sujeitos Leitores)

No enunciado acima, e em outros enunciados nos fóruns, mesmo quando o sujeito leitor parece reproduzir o pensamento do autor para expressar seu ponto de vista sobre o conceito de diálogo presente na obra, na verdade não está apresentando uma cópia do pensamento lançado pelo autor na obra, mas mostra o pensamento propriamente singular do eu/sujeito leitor, resultado do embate, do encontro com a palavra do *outro na obra*, com os outros enunciados na cadeia de comunicação do campo de sentido expresso. Este encontro de enunciações é necessário ao acabamento do sujeito leitor que realiza movimentos em seus dizeres que o constituem (livre, angustiado, confuso, frustrado, apaixonado, desculpando-se, etc): *“Gostei muito da obra, achei muito interessante e até mesmo um pouco confusa essa questão do dialogo e da comunicação, **ainda não entendi muito bem HAHAAH Desculpa, XXXXX!**[...]. Enfim, adorei ler essa obra, achei muito interessante o modo que o autor consegue passar uma **mensagem super fofa de um modo tão simples e fácil de se entender**”.*

O leitor sempre expressa sua posição e o seu tom emocional sobre a palavra outra com a qual estabelece relação de sentido: *“o autor consegue passar uma mensagem super fofa de um modo tão simples e fácil de se entender”*. São modos de dizer que se diferem nos dois fóruns, pois há um tom de carinho, de respeito pelo outro, aponto de desculpar-se por não conseguir mostrar sua palavra do modo que acredita que o outro gostaria que fosse mostrada. Tal preocupação não se mostra no fórum oficial, nas relações de dizer daquele espaço. Com suas posições o leitor alarga o sentido do texto através de uma tentativa de encerramento do dizer por seu ponto de vista, mas este movimento é inútil, pois o sentido não se fecha na

sua palavra, uma vez lançada, estará sob os regimentos da palavra outra: “*E pelo meu ponto de vista, o livro tenta mostrar essa ideia de várias formas de nos comunicarmos.*”.

Exotopia é uma categoria filosófica cara aos textos bakhtinianos, principalmente em discussões sobre Ética e Estética. As discussões do círculo e do próprio Bakhtin dizem que “ em todas as formas estéticas, a força organizadora é a categoria axiológica do outro, é a relação com o outro enriquecida pelo excedente axiológico de visão para o acabamento transgressor”. É o posicionar-se fora que permite o meu ato responsável diante do mundo, do vivido, pois somente do meu lugar único consigo ver e compreender o outro de um modo que somente eu do meu lugar conseguiria, oferecendo-lhe o que lhe é necessário para ser quem é ou dizer o que diz, inclusive pelo embate, pelas divergências do dizer.

O deslocamento é minha possibilidade de responder. E também é minha obrigação de assumir a responsabilidade sobre o que é dito. Ser responsivo e responsável são decorrências de minha extra-localização em relação ao Outro no mundo ou em qualquer relação de alteridade.

Aspecto importante para ser apresentado é a estrutura organizacional em cada fórum, ambos têm layout próprios e funcionamento que incidiram sobre o resultado das participações. O projeto Leitura e Companhia traz uma configuração que permite a participação linear, ou seja, se o sujeito leitor desejar falar especificamente sobre uma mensagem postada já há algum tempo, seu comentário aparecerá ao final de todas as demais postagens, não havendo possibilidade de encadeamento dos enunciados de acordo com as ideias partilhadas nas participações. Em decorrência disso, as postagens, às vezes, apareciam desconexas ou com aparente distanciamento discursivo, com configuração pergunta-resposta. Este foi o primeiro ponto levantado pelos alunos do nono ano como sendo ruim, além do limite de caracteres imposto para as mensagens.

Em contrapartida, o fórum Sujeitos em Construção foi elaborado em um site de hospedagem gratuita que oferecia suporte para elaboração de fóruns com funcionalidade similar às redes sociais, ferramentas de interação diversificadas e diferentes registros de linguagem (emoji, avatar, mensagens privadas, alternativa de conversas privadas e bloqueio de participantes, etc.). Com a possibilidade de personalização do ambiente de discussão, além de funcionalidade que recupera mensagens anteriores para encadeamento atual de postagens.

O layout do Fórum Sujeitos em Construção foi completamente elaborado pelos alunos que o montaram seguindo as variadas opções oferecidas pela hospedagem e as

limitações conversadas pela professora. Os alunos optaram pelas cores, pelos tópicos, inclusive, fizeram questão de elaborar cada um o seu próprio avatar, constituindo-os de acordo com suas características ou com as características que desejavam para seu reconhecimento na relação com outro. Podemos dizer que seguiram um pouco a tendência das redes sociais (espaço real e concreto para eles) e as relações de sentido encontradas na obra através de Ariza e Deusa cibernética.

Evidenciou-se na elaboração do fórum e do avatar, um momento de constituição daqueles sujeitos que realizavam a leitura de si na relação com o outro através do ser representativo de e para cada um. Vê-los constituírem-se no mundo virtual foi sem dúvida uma experiência dialógica, era na relação com a alteridade que os sujeitos se constituíam em cada imagem de si, um refletindo o outro ou refletido pelo outro. Eram encontros e embates de ideias, crenças, valores, imagens sociais e, tudo convergia para a autoconstrução de si naquele avatar.

A partir daquele momento de elaboração de imagens virtuais, o sujeito leitor no fórum se transformava e se constituía, assumia seu ato responsável e o seu não-álíbe dentro do espaço e do tempo do existir-agir singular. Todo o procedimento de elaboração da imagem de si no perfil avatar oferecia escolhas que iam tomando forma pelo tom valorativo do sujeito leitor, quando podia escolher cor de pele, estilo e cor de cabelo, cor e formato dos olhos, maquiagem ou acessórios, expressões faciais. Cada ação preferida, era um ato responsável e responsivo, uma valoração dada de um lugar único e na correlação com o outro enquanto excedente de um eu.

Imagem 10: Avatar A



”(Imagem de si para o outro e do outro-para si.)

Fonte: fórum Sujeitos Leitores.⁴³

⁴³ Disponível em <http://sujetosleitores.forumeiros.com/t1-seu-primeiro-topico>. Acesso em 20 de janeiro de 2016.

O sujeito leitor aqui impresso, na vida real é um garoto muito branco, muitas vezes durante as aulas escutava os demais colegas junto a ele, rindo e brincando sobre a cor de sua pele, por ser tão branco. O fato de criar ou estabelecer uma existência naquele espaço de linguagem ganhava textura de contrapalavra, eram signos, escolhas ideológicas que se concretizavam pela materialidade dos itens apresentados e por algum motivo singular escolhido para si, mesmo que se contrapusesse às reais características do sujeito ali representado pelo avatar. Os signos dispostos para criação do perfil reflete e refrata outras realidades sociais e se materializa na concretude do avatar de cada sujeito leitor. Com isso, a imagem de si no mundo inclui os parâmetros estabelecidos pela sociedade, a forma como os outros veem o eu, tudo pode ser constitutivo, mesmo que seja uma transgressão ideológica. Portanto, aquele perfil era o sujeito leitor por si mesmo e pelo outro, era marca de sua alteridade e de seu ato responsável e responsivo naquele lugar.

A palavra literária é sempre o lugar da escuta, a escuta que fala considerada por Ponzio (2010), assim os sujeitos leitores nestes fóruns enunciam de um lugar e de um tempo únicos. Colocam a palavra singular de cada um na arena dos fóruns, se propõem ao embate sobre o que seria diálogo, sua importância e, para tanto, dialogam, dialogizam sobre a palavra na vida e na arte. As enunciações permitem o diálogo da estética com a ética, muitas vezes preconizada por Bakhtin em seus estudos, principalmente, em *Estética da Criação Verbal e Questões de Literatura e Estética*. Para o autor, estética é o acabamento (no sentido de elaboração e não de acabado ou encerrado) do agir no mundo do sujeito, que também decorre do ato ético do sujeito.

[...] *“muito mais que palavras, o verdadeiro dialogo envolve interação e sentimento.”*. O ato estético é a valorização, a reflexão elaborada, portanto, com acabamento, - e não necessariamente acabado – à cerca da ação ética realizada pelo sujeito, conforme define o GEGe (2013) no livro *Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin*. A palavra do sujeito leitor entra no embate com a palavra literária e na correlação realiza o movimento exotópico e realiza seu ato ético de dizer, colocar a sua palavra na relação para o acabamento.

Ao se posicionar sobre a questão proposta para discussão, cada sujeito leitor lança-se impetuosamente na relação com o outro através da palavra, são leituras singulares sobre o que a obra apresenta como definição para diálogo e a palavra que cada sujeito leitor lança para o embate – a palavra minha e a palavra alheia, juntas se tornam nova palavra, parcialmente preenchida pelos reflexos de outras palavras que já as

alcançaram no percurso de leitura e interação realizados. Dessa forma, o sujeito retoma o que se reproduz na sociedade sobre a interferência negativa das redes sociais, afirma a importância do diálogo, mas logo em seguida expõe seu tom valorativo sobre a tecnologia e a comunicação hoje.

O diálogo é importante por conta de que através dele podemos expressar o que sentimos e interagir com as pessoas que convivemos, não só através da fala, mas até dos sinais, como o livro mostra. As pessoas começaram a se comunicar menos desde que a tecnologia surgiu e acabou diminuindo a distância entre elas, mas que, ao mesmo tempo, permitiu que se comunicassem mais no mundo virtual que no real. (PARTICIPANTE G, Fórum Leitura e Companhia)

Estes sujeitos leitores já não enunciam do mesmo lugar, mesmo que seja o mesmo fórum, sobre a mesma obra e a mesma questão proposta. Também enunciam do seu lugar único em relação ao lugar único dos outros sujeitos leitores, estes que se propõem ao embate nas discussões. Escutam, falam, se contrapõem, aceitam, repetem o mesmo de maneira diferente, mesmo que pareçam reproduzir aquilo que o senso comum em torno do fórum determina:

eu creio que a comunicação não está desaparecendo em nossa sociedade, só está aumentando, estamos em constante comunicação, por meio da tv ,internet, propagandas,etc. mas as vezes acho que algumas pessoas que se comunicam pela internet e redes sociais exageram um pouco e acabam se afastando das pessoas a sua volta,e quase não se comunicam pessoalmente só pelo celular ,e isso as afasta.

[...]

devo dizer o que é dialogo no livro,o que é dialogo para mim, e qual a importancia do dialogo? (PARTICIPANTE E, Fórum Leitura e Companhia)

O sujeito pergunta, ele responde, sempre na relação com o outro. Ao enunciar, o sujeito o faz de um espaço-tempo único e o faz em relação a algum enunciado anterior ao dele, mas que com o seu enunciado estabelece uma relação de sentido própria do movimento dialógico e vivo da linguagem. Ele estabelece os conceitos que devem ser respondidos e os coloca no embate com as suas concepções, gerando assim uma nova palavra, preenchida e aberta a futuros preenchimentos. Algumas vezes reproduzindo,

outras se colocando sem álibe. Na postagem acima o sujeito leitor provoca seu outro constitutivo para então poder posicionar-se considerando-o, há nos questionamentos o desejo do outro para então se fazer por si e dizer adequadamente o que o acredita que o outro espera.

eu acho que a falta de comunicação não esta em falta hoje em dia , apenas as pessoas estao deixando de se falar pessoalmente e substituindo seu dialogo por um meio de comunicação,as novas tecnologias,mas não deixam de se comunicar” (PARTICIPANTE E, Fórum Leitura e Companhia)

O *eu* existe no mundo real e na relação com o outro (sujeito, enunciado, objeto), em cada espaço tempo da vida, constitui-se sujeito e lança sua alteridade sobre outros sujeitos, também constituindo-os. Na relação com estes outros, o sujeito expressa suas convicções e posicionamentos, sempre no embate, na escuta que fala e abre-se ao diálogo, ao dialógico e, assim, á alteridade constitutiva de si.

Mesmo que o enunciado pareça desconectado da cadeia de sentido, ele sempre nos mostra o sujeito constituído pelo outro através da palavra de outro sujeito falante ou pelas vozes que ressoam dentro de cada palavra um dia enunciada. Eu zombo, provoço, pergunto em busca de respostas transgressoras e de posições que já conheço, mas que necessito buscar para dizer algo a partir do outro, pois é impossível dizer algo fora do embate, não seria diálogo:

oi XXXXXX oq vc acho dessa obra ?
(Participante A, Fórum Leitura e Companhia)

[...]

oi, eu nao sou XXXXXX, mas acredito que essa obra é muito legal e importante pois é muito boa!!! bjs..
(Participante H, Fórum Leitura e Companhia)
[...]

i XXXXXX penso q essa obra e muito legal e interessante ... ela e uma obra boa pois vc tenq pesnar pra entender ela
(Participante A, Fórum Leitura e Companhia)

Cada sujeito é único e ocupa um lugar também único na existência e por este existir no mundo todos nós respondemos eticamente, não há como escapar da

responsabilidade do ato que leva a assinatura singular de cada sujeito no mundo. Não há como esquivar-se das posições e dos valores inerentes a existência, mesmo que resultantes do embate e conjunção das diferentes vozes que povoam os discursos, as palavras, o ato é propriamente meu e de nenhum outro sujeito:

A seguir um encadeamento de postagens no fórum de discussão oficial que pode configurar esta arena que demarca posições transgressoras ou não, mas certamente caracterizam a palavra no jogo de sentido que a vida.

1-oi XXXXX

2-oi lindao

3-gays

1-XXXXXX, vamos beber agua?

2-so tomo suco

3-ngm me responde, sou alone

4-eae glr

2 -oi xxxxxxxx oq vc acho dessa obra ?

1 -oi, eu nao sou o xxxxx, mas acredito que essa obra é muito legal e importante pois é muito boa!!! bjs..

4 -ooi xxxxx achei essa obra muito legal!

4 -o que voce achou xxxxxxxx?

1 -nao sou xxxxxx mas achei legal

2 -oi xxxxx penso q essa obra e muito legal e interessante ...
ela e uma obra boa pois vc tenq pensar pra entender ela

**(SEQUÊNCIA DA CONVERSA ENTRE QUATRO PARTICIPANTES
NO FÓRUM COMPANHIA DAS LETRAS)**

Somos sujeitos de linguagem e nos constituímos pela linguagem. É pela palavra que nos colocamos ativamente na vida e nos relacionamos com outros sujeitos que nos altera de forma recíproca. Mesmo quando pareço ignorar a relação com o outro, estou a ele relacionado: “*ngm me responde, sou alone*”, pois alguém estava no horizonte do dizer deste sujeito e de alguma forma o constituiu ignorado, sozinho ou insistente.

3.5. Cotejar: uma prática, um caminho!

Cotejar! Cotejar! Eis o caminho, embora também haja pedras.

Poder confrontar a palavra do sujeito leitor professor, com a palavra do sujeito pesquisador é o percurso para este trabalho, dado seu teor experiencial. Portanto, a relação do eu-para-mim e do eu-para-o-outro coloca-se como condição desta escrita que escuta e fala sobre as vivências de um sujeito, historicamente e socialmente localizado, sobre a leitura e com esta na sala de aula.

Pensar a leitura de um outro lugar, é também pensá-la de um outro modo, sob uma perspectiva diferente e principalmente a partir de uma experiência sentida e não só analisada em um *corpus* criado ou apropriado. Sentir-se sujeito numa esfera de atividade humana, sentir-se leitor para então compreender a prática de leitura no evento. Estas foram as condições que deram sustância ao meu trabalho.

Ao observar a concretização dos dois fóruns no ano de 2015, emergiu a ideia e necessidade de cotejar os dois fóruns para compreender a prática de leitura e os sujeitos leitores constituídos em arquitetônicas distintas. Da estrutura até a prática de leitura e escrita eram aspectos que se configuravam nos dois espaços, pelos mesmos sujeitos, mas certamente processos de compreensão de efeitos de sentido diferentes. Movimentos dialógicos peculiares e alteridades constrictivas relativas aos sujeitos leitores envolvidos, ao objeto de leitura e aos enunciados concretos, dados pelos signos dispostos em cada fórum fazia da arquitetônica o espaço tempo da construção e estruturação dos dizeres sempre a partir da leitura situada e relativa aos sujeitos em alteridade. Compreender essas nuances era importante para a pesquisa que buscava refletir sobre a leitura e as relações dialógicas dos sujeitos leitores em fóruns escolares, ou seja, sobre a constituição dos sujeitos leitores em fóruns escolares de discussão. Um dos caminhos pensados para isso foi o cotejamento, confrontar os enunciados nos dois espaços de dizer, apontaria para a prática leitora e para os sujeitos leitores dialogicamente imbricados.

Mais uma vez na relação com a alteridade nascia o desejo de dispor, frente a frente, os sujeitos que enunciavam a partir da mesma questão, todavia com a possibilidade de ocupar um tempo e um espaço distinto, com objetivos diferentes, mas sempre dispondo o seu ato, a sua palavra sobre e pela leitura. Além de confrontar os enunciados nos dois fóruns, confrontar os sujeitos nos dois espaços é cotejar a vida na estética do cotidiano, através do embate de palavras outras no fluxo contínuo e horizontal da comunicação na

vida. Na verdade, não se tratavam dos mesmos sujeitos, pois a arquitetônica era outra, portanto outros sujeitos – os mesmos, mas diferentes.

Começaram a surgir algumas inquietações que só poderiam encontrar paz e tranquilidade se postas à prova. O cotejamento poderia nos mostrar elementos ou compreensões que incidissem sobre o entendimento da alteridade do sujeito leitor em espaços distintos? Quais evidências poderiam nos mostrar uma prática de leitura espontânea em detrimento dos aspectos intrínsecos ao ato e aos sujeitos?

Deste modo, o acabamento que o outro me dá, e que só é possível a ele pela posição que ocupa em relação a mim, é uma conferência de valores aos elementos que me preenchem, em completam e que da minha posição axiológica são inacessíveis. O exercício de cotejar é fortuito pela natureza coletiva das nossas vivências. Como estamos e vivemos em sociedade, com outros sujeitos com os quais nos deparamos/confrontamos em espaços e tempos distintos, o acabamento do sujeito (completude) é sempre provisório até o encontro com outra alteridade, para outros sentidos. O eu é um sujeito constituído de um modo em um dado momento e relativo a outro sujeito também constituindo e contextualizado. Mudou esta arquitetônica, muda-se o sujeito.

O diálogo é importante por conta de que através dele podemos expressar o que sentimos e interagir com as pessoas que convivemos, não só através da fala, mas até dos sinais, como o livro mostra. As pessoas começaram a se comunicar menos desde que a tecnologia surgiu e acabou diminuindo a distância entre elas, mas que, ao mesmo tempo, permitiu que se comunicassem mais no mundo virtual que no real. (PARTICIPANTE G, Fórum Leitura e Companhia)

Imagem 11: Avatar G.



Fonte: fórum Sujeitos Leitores.⁴⁴

⁴⁴ Disponível em <http://sujetosleitores.forumeiros.com/t1-seu-primeiro-topico>. Acesso em 20 de janeiro de 2016.

O diálogo é importante pois através dele podemos dizer o que sentimos e nos relacionar com as outras pessoas, seja pessoalmente ou pelo celular. Hoje em dia esse diálogo tradicional está aos poucos sendo substituído pelos avanços da tecnologia, que faz com que as pessoas se comuniquem menos ou simplesmente apenas virtualmente. (PARTICIPANTE G, Fórum Sujeitos Leitores)

De qualquer forma o acabamento estético não é o mesmo, reitero que não se está falando de acabado, mas acabamento provisório apossando-se da palavra geraldiana é o lugar do outro por excelência, portanto cada fórum compõe uma relação dialógica distinta entre os sujeitos, o objeto de sentido (leitura) e os enunciados são colocados em arenas distintas, com relações bem relativas a cada fórum. Todo ato estético compreende o deslocamento do sujeito situado num lugar e num momento, nos fóruns especificamente este movimento ocorre pela ação da escrita e da leitura. O ato estético, neste contexto compreendido, pressupõe uma ação singular executada a partir de um ato ético, na vida, no mundo real, sempre na relação com este mundo os sentidos nele instaurados (mesmo que provisoriamente) pelo outro sujeito que provoca o eu a ser quem é e não outro naquela relação.

Os sujeitos ao enunciarem em dois fóruns distintos trazem da antiga postagem em outro fórum, as marcas do dizer dito e que entra na relação do novo querer dizer, constituindo uma nova palavra, no máximo aquela palavra alterada pelo tempo e espaço e novo quer dizer.

O que concerne ao deslocamento, este localizar-se em um outro lugar por meio da escrita e sempre em direção diferente ao lugar ocupado pelo eu inserido no mundo é um exercício sentido que Bakhtin chama de exotopia. Tomando os dois fóruns como lugares de dizer, os sujeitos ali inscritos realizam fatalmente esse exercício do deslocamento e responsabilmente exercem seus atos estético e ético na direção do acabamento necessário para serem quem são e dizem o que dizem e como dizem em cada lugar ocupado ou em cada fórum enquanto lugar de si e do outro. Além do fato de suas postagens já estarem carregadas pelas palavras postas para alteridade na leitura e, estas, que já foram preenchidas antes por sentidos necessários aquele momento de escrita da obra.

Em relação à falta de comunicação, diálogo entre as pessoas, podemos citar vários pontos, como, por exemplo, o que eu acho que é a principal ideologia do livro em relação à pergunta são as redes sociais, no caso os blogs, o que foi uma ferramenta de grande valia, levando em conta a deficiência da personagem. Também é válida a dificuldade de transparecer o que se quer, os anseios. [...]Sinceramente, eu gostei muito do livro, leitura fácil e simples, sobre o romance de um adolescente surdo e uma garota comum, recomendo. (PARTICIPANTE X1 fórum Leitura e Companhia)

Os sujeitos leitores ao enunciarem nos fóruns, lançam no horizonte de suas correlações o tom valorativo e compreendem o mundo, os conceitos e definições apresentadas por cada um está em cotejo com suas condutas e valores que, também são cotejadas pelos sentidos interiores entre as personagens na obra, no enredo. Aquilo que se fala e como se fala, está localizado no tempo, no espaço e na relação com o outro e é constitutivo para si mesmo e para o outro na cadeia de comunicação:

Imagem 12: Avatar B.



Fonte: fórum Sujeitos Leitores.⁴⁵

Assim como eu disse no outro fórum, acredito que o diálogo muito mais que conversa, que a fala, (como discutimos na aula) envolve sentimento, expressões e tudo mais. Mesmo que o diálogo frente a frente, de pessoa pra pessoa, seja importante, as outras maneiras de se comunicar também são. Hoje a falta de comunicação é comum porque nos limitamos demais a celulares e coisas do tipo, além de o tempo ser mais corrido, desse modo não damos tanta importância a interação, que envolve comunicação e é algo essencial pra nós. No livro falam sobre o silêncio, mas Ariza e Cinderela não deixam de se comunicar, seja pelo blog ou por LIBRAS, por diferentes maneiras de comunicação. Também gostei bastante do livro e espero ter conseguido me expressar, boa sorte com seu trabalho XXXX! "Kisses" hahahah (PARTICIPANTE B, Fórum Sujeitos Leitores)

⁴⁵ Disponível em <http://sujetosleitores.forumeiros.com/t1-seu-primeiro-topico>. Acesso em 20 de janeiro de 2016.

Bakhtin (2010/2012) afirma que em relação a toda unidade real, emerge o meu dever singular a partir no meu lugar singular no existir. O eu está sempre em relação com a alteridade, com o que é próprio dele, mas resultado do encontro com o outro. A relação dos sujeitos leitores com o outro (enunciado) constituído no texto literário se dá nos dois fóruns, mas são lugares e tempos distintos um do outro. São, assim alteridades que se fazem novas a cada relação, a cada dizer de outro lugar e de outro modo. Na palavra nada é recuperado, é sim, lançado ao encontro de outras palavras que produzirão novas palavras, mesmo quando afirmadas igual, serão sempre diferentes e novas: *“Assim como eu disse no outro fórum, acredito que o diálogo muito mais que conversa, que a fala, (como discutimos na aula) envolve sentimento, expressões e tudo mais.”*

O sujeito realiza um percurso para estruturação do seu dizer na nova arquitetônica, busca a palavra deixada no fórum oficial *“como eu disse no outro fórum”*, visita o senso comum da palavra na sociedade *“nos limitamos demais a celulares e coisas do tipo, além de o tempo ser mais corrido, desse modo não damos tanta importância a interação, que envolve comunicação...”* e, ainda recorre a palavra na obra literária *“No livro falam sobre o silêncio, mas Ariza e Cinderela não deixam de se comunicar...”* para então deixar sua nova palavra, sua posição, seu tom apreciativo *“Também gostei bastante do livro e espero ter conseguido me expressar”*.

[...] só o outro como tal pode ser o centro organizador da visão artística e, conseqüentemente, também o herói de uma obra, que só ele pode ser essencialmente enformado e concluído, pois os elementos do acabamento axiológico – do espaço, do tempo, do sentido, - são axiologicamente transgredientes à autoconsciência ativa, estão fora da linha de uma relação axiológica consigo mesmas[...] , logo, meu horizonte não pode fechar-se tranquilamente [...] (BAKHTIN, 2011, p. 174)

O cotejo dos enunciados nos fóruns oferece o movimento existencial entre o eu e o outro, as nuances que marcam tais lugares na relação e no acabamento que os singulariza no tempo e no espaço. Assim não se pode deixar escapar que na correlação, os sujeitos se localizam, se deslocam pelos sentidos que permeiam, figuram e transfiguram cada fórum, tais elementos são sentidos outros, signos que envolvem a constituição de cada um na escrita e na leitura – não em qualquer lugar e tempo, mas no

fórum oficial e paralelo, no tempo particular de cada sujeito e no tempo maior (grande tempo) da vida escolar, do ser jovem e estudante neste mundo.

Em minha opinião, o livro aborda temas importantes e bons para serem discutidos. Porém não só mostra isso, mas também este livro expõe como os adolescentes reagem à situações da vida real, como amar e passar pelos trauma de separação dos país, que esta tudo bem explícito no livro. Da essas e outras características, que fazem com que esse livro seja muito bom e importante para várias pessoas. (PARTICIPANTE X2 fórum Leitura e Companhia)

O cotejo ocorre em todo o processo discursivo presente nos fóruns. O sujeito confronta sua percepção no mundo real com a percepção das ideias na obra: *“este livro expõe como os adolescentes reagem à situações da vida real, como amar e passar pelos trauma de separação dos país[...]”*, para então, lançar a sua compreensão sobre a leitura realizada e seu tom valorativo sobre o ato de ler: *“tudo bem explícito no livro. Da essas e outras características, que fazem com que esse livro seja muito bom e importante para várias pessoas.”* O sujeito quando lê traz para o ato todas as vivências e compreensões de mundo que tem, para assim dar o seu tom valorativo ao texto, aos dizeres no texto. Ler é um processo dialógico do leitor com o mundo.

A inscrição de cada sujeito leitor nos enunciados, muitas vezes, realiza este exercício do cotejo para dizer o que responsabilmente, e sem-álíbe, dizem. Logo a seguir é mostrado o movimento de enunciados anteriores, mas que encadearam novos enunciados mais tarde construídos:

Imagem 13



Fonte: fórum Sujeitos Leitores.⁴⁶

⁴⁶ Disponível em <http://sujetosleitores.forumeiros.com/t1-seu-primeiro-topico>. Acesso em 20 de janeiro de 2016.

gostei do livro sim, ja li varios melhores mas esse e legal.a historia nao me cativou tanto mas gostei muito do assunto das comunicacao ,e legal ele abordar as formas de linguagem e dialogo diferentes ai,as libras e tudo.tambem mostra pra mim q nao e porque vc e diferente e nao consege se comunicar como os outros que vc nao pode er um dialogo com eles e expresar seus sentimentos. sorry XXXXX pelos erros de port mas to com pregisa de arrumar. (PARTICIPANTE E, Fórum Sujeitos Leitores - Jun 14, 2015 12:59 am)

O sujeito no fórum dispõe seu ponto de vista, e para tanto, se apropria dos dizeres que o preencheram em outras leituras a esta comparadas, certamente a obra *O pequeno Príncipe* deixou reflexos em seus dizeres “*gostei do livro sim, ja li varios melhores mas esse e legal.a historia nao me cativou tanto*”. Mais a frete o sujeito aponta concretamente sua insatisfação com aquela palavra da obra ainda discutida e sugere que passemos a outras discussões:

oi xxxxx tenho umas perguntas sobre o menino do pijama listrado.o pavel apos derramar vinho no pai do bruno foi esfaqueado ou espancado pelo cap.kotler??ele era judeu né?? ele foi assassinado depois disso??o furia era o fuhrer(hitler)né??o que acontece com o pai do bruno no fim da obra??ele foi levado ou o que?? vc vai entrar aqui no forum durrante as ferias??eu vou .espero q vc entre e me responda,e q batamos muito papo kkkkk[...] Oi nono[...]vamos comecar logo a discutir o caçador de pipas. (PARTIPANTE E, Fórum Sujeitos Leitores)

As escolhas que cada sujeito faz não se dá no abstrato, são indicações do que se tem a dizer e sugerem as razões para dizer a quem se diz (Geraldi, 2013). Partindo dessa premissa, o fórum paralelo foi antes um desejo, depois uma escolha e indicou o que os sujeitos idealizadores queriam enunciar, seus motivos para quererem enunciar algo daquele espaço e para quem desejavam dizer sua palavra, além do modo de dizer.

Evidentemente, o fórum paralelo também foi um ato transgressor, uma resposta ao fórum oficial, principalmente sobre a imagem de leitor (deles) projetada nas atividades do projeto. Para além desse fato, cada escolha dos sujeitos leitores ao elaborarem os fóruns, representava sua palavra sobre a leitura e sobre si enquanto sujeito leitor. Se constituíram através de um avatar, mostrando a alteridade do sujeito na relação eu-para-mim, eu-para-o-outro e outro-para-mim. Aquele signo, dentre outros, contemplava a alteridade daqueles sujeitos leitores no fórum paralelo e indicavam sua palavra sobre espaços digitais de leitura. Cabe aqui uma ressalva, o avatar da professora foi uma elaboração conjunta de alguns alunos que decidiam quais características eram

representativas dela. Um exercício dialógico, uma relação de alteridade do eu-para-o-outro e do outro-para-mim, que definiu a escolha da cor e do estilo dos olhos e cabelos, boca, tons de pele e batom. Uma verdadeira farra ideológica e dialógica no computador da biblioteca escolar, uma leitura de mim ou releitura por eles.

Imagem 14: Avatar da professora a partir do olhar dos alunos.



Fonte: fórum Sujeitos Leitores.⁴⁷

A professora não representava a função pedagógica da escola, não utilizaria aquele espaço como ferramenta de avaliação de aprendizagem, portanto adquiria nova diagramação enquanto sujeito no fórum paralelo. Naquela arquitetônica havia a resignificação daquele sujeito, ainda não destituído do caráter de destinatário, mas agora leitora como eles, e interlocutora no horizonte do querer dizer como todos os outros leitores ali inscritos. Instaurava-se uma relativa igualdade dirigida aos moldes de dizer e querer dizer dos sujeitos leitores (alunos).

O encontro das palavras dos alunos nos fóruns produz o grilhão de leitura construindo os sentidos do texto lido. Os elos da interlocução no ato de leitura são reforçados pelas estratégias escolhidas e resultantes da relação do leitor, com sua palavra, e texto, a alteridade dada pelos enunciados em confronto.

⁴⁷ Disponível em <http://sujetosleitores.forumeiros.com/t1-seu-primeiro-topico>. Acesso em 20 de janeiro de 2016.

Imagem 15: Avatar A



Fonte: fórum Sujeitos Leitores.⁴⁸

A globalização pode ter influência direta nisso pq crianças, jovens e até adultos estão preferindo a interação virtual fazendo assim, as pessoas se afastarem diminuindo os diálogos entre si , bjinhos ♥
 (PARTICIPANTE A, Fórum Sujeitos em Construção - Jun 13, 2015 2:42 am)
 [...]

Imagem 16: Avatar D



Fonte: fórum Sujeitos Leitores.

Querido amigo XXXXXX, achei muito interessante sua ideia, mas você não acha que uma boa conversa virtual também pode ser interessante? Concordo que atualmente a globalização está muito presente em nossas vidas e, na minha opinião, isso pode ser um ponto positivo, pois assim podemos conhecer pessoas de diversas culturas! Um beijo!”
 (PARTICIPANTE D, Fórum Sujeitos em Construção - Jun 16, 2015 4:29 pm)
 [...]

Os enunciados nos fóruns são produções de textos a partir de textos lidos. São palavras no confronto, na luta para ter e dar sentido às compreensões sobre a leitura da palavra no livro e no mundo. Assim confere Geraldi (201, p. 166):

O produto do trabalho de produção se oferece ao leitor, e nele se realiza a cada leitura, num processo dialógico cuja trama toma as pontas dos

⁴⁸ Disponível em <http://sujetosleitores.forumeiros.com/t1-seu-primeiro-topico>. Acesso em 20 de janeiro de 2016.

fios do bordado tecido para tecer sempre o mesmo e outro bordado, pois as mãos que agora tecem trazem e traçam outra história. [...] São mãos carregadas de fios, que retomam e tomam os fios que no que se disse pelas estratégias de dizer se oferece para a tecedura do mesmo e outro bordado.

Imagem 17: Avatar A



Fonte: fórum Sujeitos Leitores.

“Primeiramente, colegas . Concordo, deusa mas uma conversa pessoalmente pode ter muitas emoções, BJS”
(PARTICIPANTE A, Fórum Sujeitos em Construção – jun 16, 2015 4:32 pm)

Imagem 18: Avatar C.



Fonte: fórum Sujeitos Leitores.⁴⁹

[...]
“Nisso eu concordo com você! Mesmo que as novas formas de comunicação nos permitam "quebrar barreiras" e ter diferenciados diálogos, a conversa cara a cara nos permite ver as emoções das pessoas com quem nos comunicamos e não há como esconder! Isso diferentemente de um diálogo online onde é bem mais fácil fingir ser o que não é. Ta ai um ponto negativo da globalização, se não se tiver o devido cuidado pode até ser perigoso! Bjsss”
(PARTICIPANTE C, Fórum Sujeitos em Construção, em 25.06.15 – 12:52 am)

⁴⁹ Disponível em <http://sujetosleitores.forumeiros.com/t1-seu-primeiro-topico>. Acesso em 20 de janeiro de 2016.

A estrutura organizacional e o funcionamento do fórum *Sujeitos em Construção* permitia que os enunciados anteriores fossem diretamente resgatados e, sempre que o sujeito leitor- no ato da leitura- desejasse, poderia recuperar aquele enunciado que ele mesmo ou outro sujeito construiu; para, a partir dele, construir o seu pensamento ou valorar uma posição, um sentido. Assim, os movimentos axiológicos, a alteridade de cada encontro, o querer dizer dos sujeitos leitores sobre a leitura se concretizava nos dois fóruns. Mas, certamente com arquitetônicas diferentes o que possibilitava novos acabamentos provisórios.

Imagem 19: Avatar F



Fonte: fórum *Sujeitos Leitores*.

“Vamos começar a discutir!
(PARTICIPANTE F, somente no Fórum *Sujeitos em Construção* - Jun 10, 2015 9:13 pm)

Imagem 20: Avatar D.



Fonte: fórum *Sujeitos Leitores*.⁵⁰

[...]
Oi, amigo XXXXXX ! Vamos discutir sim... Você gostou do livro? Eu adorei! Se você fosse a irmã da cinderela (luz), você faria a mesma coisa ou ajudaria ela com o menino? Achou certo o que ela fez? Você julga as pessoas pela aparência normalmente? Como cinderela falava, "kisses"!"
(PARTICIPANTE D, Fórum *Sujeitos em Construção*- 16.06.15, 4:35 pm)

⁵⁰ Disponível em <http://sujeitosleitores.forumeiros.com/t1-seu-primeiro-topico>. Acesso em 20 de janeiro de 2016.

Os enunciados das imagens 19 e 20 acima mostram a dinâmica discursiva do fórum Sujeitos Leitores. Uma postagem do dia 10 de junho é colocada no confronto pela ironia marcada no enunciado do dia 16 de junho. As perguntas retóricas (*Você julga as pessoas pela aparência normalmente? Como cinderela falava, "kisses"!*) carregam o tom valorativo de um sujeito à cerca de outro sujeito, nos permitindo uma faísca do que pudesse ser o excedente de visão daquela alteridade e os indícios de constituição mútua do sujeito alterado pelo outro. A pergunta partia do texto literário lido, mas foi lançado como uma possibilidade de construção de sentido na vida. Através da estética o sujeito provoca o outro a se colocar diante da vida e apresenta uma ideia dos valores ideólogos de ambos.

Petrilli (2013) ressalta a crítica feita por Bakhtin à civilização contemporânea que teima em agir esquivando-se do ato responsável, o que vem chamar de ação técnica, longe do necessário ato responsável daquele que está no mundo e é permeado por tudo que compõe o mundo. Assim, é um erro, acreditar que se pode separar a cultura da vida, a teoria do ato, pois esvaziaria o mundo dos sentidos, como ela mesma coloca. Trabalhar leitura, literária ou outra igualmente cara aos alunos, na sala de aula, cotejando os textos escolares e os enunciados concretos da vida, do existir-agir único sempre situados pelas coordenadas espaço-temporais do ato que responde a outros atos na vida é recuperar a dialogia própria ao ensino de leitura. Acredito que Petrilli conduz melhor este pensamento, por isso vou em busca da palavra dela para dizer a minha palavra:

[...], a questão que Bakhtin coloca não é somente aquela de fazer filosofia sem esquecer o concreto existir único nas suas coordenadas espaço-temporais, nos seus valores e nos seus momentos constitutivos e inseparáveis que são o eu-por-si, o eu-pelo-outro, o outro-pelo-eu. Assim como faz Augusto Ponzio, a questão que Bakhtin coloca é também aquela de como fazer para construir uma vida em que a singularidade e as suas constitutivas relações referentes ao sentido das ações, os objetivos, as leis, as instituições não sejam perdidos de vista na repetição rotinizada, na ação técnica e no formalismo vazio. (PETRILLI, 2013, p. 103)

De repente, vou ao encontro da palavra de Petrilli para falar sobre leitura, a partir do que ela reitera sobre o ato responsável refletido por Bakhtin, comecei a identificar a voz do Geraldí, a voz do Ponzio, a voz do Miotello, a voz da Bel(orientadora), todavia,

nesta ação de pensar através da palavra do outro, a voz também era minha, agora era minha, pois estava singularizada pelo meu querer dizer no estudo apresentado, no espaço-tempo da minha existência única sob o ato responsável da leitura nos fóruns. É louco, é muito excitante e é a vida, a partir do ato responsável e responsivo por excelência que existimos e nos constituímos sujeitos. Mediador e alunos, todos leitores com seus atos responsáveis e responsivos no processo de leitura, leitura no evento, no acontecimento da aula.

Dentre outros eventos, a leitura possibilita ao sujeito leitor, também ser social inserido num tempo e espaço definidos, nas suas relações com o outro, a capacidade de produzir efeitos de sentido, posicionar-se e atuar sobre a realidade imediata. Neste movimento dialógico da leitura e da produção de enunciados nos fóruns, os sujeitos leitores puderam construir, ao modo deles, conhecimentos sobre diálogo, linguagem, formas de comunicação, prática de leitura, entre outros pontos por eles levantados.

Apreender o sujeito sob o viés da linguagem, nada mais naturalmente humano para Bakhtin e seu Círculo. A concepção de linguagem a partir dos estudos do Círculo bakhtiniano tem sido objeto de discussões e tem servido de amparo para investigações em diferentes áreas do conhecimento, nem tanto quanto poderia possibilitar olhares singulares sobre as facetas das atividades humanas permeadas sempre pela palavra. Não qualquer palavra, mas aquela precisamente compreendida segundo Bakhtin (1986) como signo ideológico e dialógico por excelência.

Sendo assim, pensar a prática leitora e a constituição do sujeito permeado pelas relações dialógicas e ideológicas da leitura em fóruns de discussão, é também pensar o sujeito constituído pela linguagem – o que é fato e pensar a leitura de um outro lugar, considerando o sujeito leitor, a partir de seu modo de enunciar, do seu querer dizer sobre a leitura e através da leitura.

Quando o sujeito leitor diz “*Na minha opinião, o diálogo[...], [...]proporciona a resolução de problemas e a comunicação entre as pessoas.[...]*”, certamente ele enuncia a partir de sua compreensão sobre o que é diálogo, e esta compreensão se deu na sua vivência familiar, escolar, ou seja, se deu pela alteridade e, nesta, pelo encontro de palavras e sentidos.

Na minha opinião a falta de comunicação entre as pessoas é por causa da internet, pois elas conversão tanto em chats e blogs que quando se encontram pessoalmente não tem assuntos para conversar e debater. **A**

internet pode ser boa mas se você não saber usá-la no tempo correto não se comunicara pessoalmente com as pessoas. Assim fazendo você ficar só com amigos virtuais.

(PARTICIPANTE X2 -fórum Leitura e Companhia)

Na minha opinião, o diálogo[...], pois ele proporciona a resolução de problemas e a comunicação entre as pessoas. **Um dos graves problemas que atrapalha essa comunicação é o uso excessivo da internet, que aproxima, virtualmente, pessoas distantes e distancia aquelas que estão próximas de nós, principalmente nossos familiares.**

(PARTICIPANTE X3 -fórum Leitura e Companhia)

Os sujeitos leitores afirmam que o enunciado é seu, a opinião é sua, mas toma para si a reprodução de uma ideia recorrente no meio escolar, portanto, algo que representa aquilo que o outro sujeito (escola ou projeto) aprovaria como ideia sustentada pelo sujeito leitor naquele fórum institucionalizado. Ou seja, os sujeitos projetaram o seu dizer na expectativa da alteridade pertencente àquele espaço de discussão.

A relação de alteridade, o ato responsável, o (re)conhecimento do outro na minha constituição são aspectos que valoraram o caráter de leitura evento sobre a prática de ensino. O sujeito leitor conduz a palavra no evento do existir-agir da leitura, por isso, a constituição do sujeito, neste trabalho, é o resultado imediato das relações dialógicas próprias aos fóruns de discussão, fruto do confronto de diferentes enunciados diretos ou indiretos, enunciados que comungam ou repelem-se, mas que permanecem interligados naquelas relações dialógicas da leitura.

Assim como a vida, a leitura é por natureza dialógica, propicia diálogos, o encontro de palavras desconhecidas, mas que já se atraíam pela mesma relação dialógica. E é precisamente a partir desse encontro de palavras, na relação com o outro que o sujeito é constituído socialmente e, também pela leitura.

Nas linhas do romance, a palavra literária, por este campo potencializada, mostra-se dialogicamente produtora de sentidos na relação estabelecida entre a palavra própria e a palavra outra dos sujeitos leitores inseridos na arena. Além do caráter enriquecedor da palavra pluralizada e turbinada pela relação eu-para-mim, eu-para-o-outro e outro-para-mim, a dimensão do conhecimento e do agir no mundo a partir dos dizeres de cada sujeito em seus enunciados nos fóruns é viabilizada e conduz a palavra a outros lugares e dimensões, constrói sentidos.

No capítulo denominado “ A palavra literária como *medium* formativo” Petrilli (2013) nos faz refletir sobre o poder formador e transformador (*palavra minha*) inerente a palavra literária, ressalta os elementos que constituem a palavra desse poder, e assim nos remete novamente ao outro, à relação dialógica essencial à constituição dos sujeitos na vida, ressalto aqui a leitura como evento do existir-agir no mundo:

De fato, é a palavra literária que experimenta e pode ressaltar e desenvolver as potencialidades da palavra, mostrando-se em toda sua capacidade de interação pessoal, em toda sua disponibilidade de encontro entre palavra própria e palavra do outro, em toda sua capacidade de escuta, de recepção de hospitalidade que, na situação atual da comunicação globalizada, são as condições necessárias para a melhora da qualidade de vida(mas, dadas também as atuais possibilidades tecnológicas de incremento dos meios de destruição, da continuação da vida no planeta), que é diretamente proporcional ao melhoramento das relações e da convivência com os outros, que já não são somente os nossos vizinhos mais próximos, mas também os vizinhos distantes. (PETRILLI, 2013, 167-168)

Reitero que promover essa leitura evento, especialmente sob o viés da leitura, literária ou leitura diversa, sem sombra de dúvidas, mostra-se um desafio para os sujeitos leitores (professor e aluno). Contudo, um desafio possível em nossas escolas, sejam públicas ou privadas. Não se trata de abandonar o currículo de LP, tão pouco interferir no processo de aprendizagem da estrutura da língua, trata-se antes de compreender a leitura dialógica, leitura enquanto lugar do encontro de palavras que falam e que escutam, que formam, que transformam, que constitui sujeitos singulares no mundo e também possuidores de palavras outras.

Em fóruns ou outras possibilidades de leitura e escrita próprias do querer dizer dos sujeitos leitores, que caracterize sua posição no processo de ensino de leitura, que dê espaço para a leitura evento e não a reprodução de enunciados que representam uma farsa de trabalho para o desenvolvimento do mito do leitor ideal. Este não há. Há sim sujeitos leitores que compõem o processo de leitura, não como aprendizes – no sentido de vago de conhecimento sobre a prática de leitura- mas sujeitos agentes e donos de um ato responsivo. Agora vejo isso, vejo diferente e sei posso encontrar e formar novas visões, novas compreensões sobre a minha prática de leitura na sala de aula.

CONSIDERAÇÕES - um olhar de dentro sobre a prática de leitura

“Tudo se reduz ao diálogo, à contraposição enquanto centro. Tudo é meio, o diálogo é o fim. Uma só voz nada termina, nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida”

(MIKHAIL BAKHTIN)

Diante do exposto por três capítulos e em consonância com as categorias bakhtinianas de dialogismo, alteridade e ato responsável, no presente trabalho, propusemo-nos expor um olhar sobre a prática de leitura que ressaltasse o sujeito leitor como parte importante do processo de ensino e aprendizagem, do ato de ler. Sendo assim, uma leitura evento compreende o sujeito no processo.

Conforme Bakhtin (1986), a linguagem define-se na natureza humana e seu caráter fundamental é o diálogo, instituído na interação verbal. Nela, a interlocução, possível também pela leitura, apresenta-se como espaço de produção de linguagem e constituição de sujeitos, que se constroem no processo de uso da linguagem próprios das relações com o outro. Isso se dá de tal forma que a partir daí construímos a compreensão da vida e de nossa própria realidade no mundo. Partindo do entendimento de que a linguagem permite ao homem a possibilidade de refletir sobre si, sobre o mundo, sobre si e o outro no mundo, podemos também ver o caráter emancipador da leitura, posto que é a linguagem em funcionamento.

Nesse sentido, enfatizamos o caráter dialógico da leitura, um ato e um evento que coloca os sujeitos em relação. As palavras presentes no texto lido entram em confronto com as vozes sociais e históricas, além da palavra que, por um instante, aquietou-se no sujeito leitor e, que está pronta para o embate e produção de novas palavras. Os movimentos dialógicos possíveis pela leitura se mostram concretos nos fóruns de discussão, espaço do eu e do outro encadeados pela interlocução direta.

Observar e comprovar a constituição do sujeito leitor na prática de leitura expressa nos enunciados de fóruns escolares de discussão foi o objetivo fundamental do trabalho. Um percurso de pesquisa que permitiu, dentre outros resultados, compreender a leitura como evento, destacar o sujeito nas discussões sobre práticas de leitura e admitir que o professor é sujeito leitor tanto quanto os alunos no processo responsivo e responsável do ato de ler e lançar compreensões sobre o mundo.

Com a vivência de leitura experienciada, primeiramente pelo Projeto digital leitura e Companhia e em decorrência pelo fórum “Sujeitos em construção”, constatamos que o sujeito leitor se constitui nos dois fóruns, ora reproduzindo o discurso vigente, ora construindo e lançando uma palavra nova sobre o discurso da leitura, seu ato responsável a partir da obra e da vida.

Contudo, no fórum oficial era evidenciada a constituição de um sujeito que está realizando uma tarefa, mesmo relativo a alteridade, mas que entra na relação discursiva repetindo os valores que acredita ser aquilo que o outro certamente espera naquela esfera de comunicação. É o ato responsivo daqueles alunos para o caráter tarefa e que não deixa de mostrar o embate de palavras, mas descaracteriza o real querer dizer do leitor sobre a leitura evento. Além disso, muitas vezes os alunos entram no fórum e somente respondem à questão proposta ou entram algumas vezes, mas nunca estabelecendo, em sua postagem, o link discursivo com os demais participantes, embora o faça com relação ao enunciado questão no fórum.

No fórum paralelo, desde sua concepção, evidencia-se a constituição dos sujeitos pelo ato responsável sobre a leitura na escola. Estes se mostraram concretamente provocados pelo fórum oficial, partindo daquela relação dialógica de leitura e alteridade com o objeto (Projeto Digital) o desejo e a iniciativa para elaborar um fórum próprio, com suas marcas e elementos considerados necessários para comunicação, conforme seus hábitos tecnológicos de conversação. Também no espaço físico deste fórum, os sujeitos entram numa rede de interlocução direta, respondem à questão, mas propõem outras discussões relativas à leitura e aos aspectos que os envolvem diretamente, suas relações e compreensões de vida ou sobre eles mesmos. São evidenciados tons emotivos volitivos que representam o elo estabelecido entre a palavra do sujeito e a leitura propriamente dita, mas também, tons de ironia, zombamento, concordância e discordância, próprios da discussão entre jovens numa conversa cara a cara ou nas redes sociais.

É distinto em cada fórum, a arquitetônica disposta, a alteridade, o querer dizer do sujeito, seu tom valorativo. Isso aponta para sujeitos se constituindo de forma diferente também, mas pela mesma leitura, um constituído pela repetição de uma atividade técnica e tarefa, outro pelo ato responsável, sem alíbe, deixando sua marca no percurso da palavra e da leitura. Uma hipótese levantada desde a organização do projeto e confirmada no percurso, posto que o sujeito é o dono do ato responsável dado sobre a leitura, ele é o elemento vivo e histórico que se põe numa relação de alteridade com o texto e isso acontece pela leitura na nossa experiência. Refletir a leitura sob a ótica do evento, percebendo o sujeito neste, foi um distintivo para este trabalho e, a partir disso, buscar esse sujeito leitor único que se constitui nos enunciados dos fóruns.

É imprescindível destacar que houve uma alteração sobre o querer dizer deste trabalho. À princípio todos os esforços de compreensão eram destinados à constituição do sujeito leitor em fóruns de discussão, mas o percurso nos mostrou outros pontos inerentes a própria constituição do sujeito leitor: a leitura enquanto evento e bem simbólico, o professor que também é um sujeito leitor, a compreensão do ato responsável do sujeito diante da vida e, assim, de toda ação humana. Todos estes aspectos são importantes e lançam uma palavra outra sobre as práticas de leitura na sala. Os sentidos aqui permitidos e alcançados foram preenchidos pelo querer dizer do pesquisador, pelos direcionamentos escolhidos durante a pesquisa, mas também são palavras que se abrem a outros sentidos e reflexões sobre a leitura na sala de aula, provoca outras palavras e pode gerar outras pesquisas e perspectivas.

No que se refere aos bens simbólicos, além de Bourdieu (2005, 2007), resgatamos o que Bakhtin (1986) e seu Círculo lançaram à discussão sobre a possibilidade de transformar um produto de consumo em signo ideológico, porém, como todo processo de resgate compreende uma apropriação atualizada, os sentidos agora terão sua singularidade. Neste sentido, podemos refletir um pouco sobre a leitura, na atual conjuntura mercadológica, como um produto de consumo e um instrumento de produção de sentido, e como tal, um signo ideológico. Pensar a leitura é pensar a constituição do sujeito pelo signo ideológico da leitura, assim como pensar todas as demais concepções decorrentes desta enquanto ato, evento promotor das relações entre o eu e o outro:

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo. Um signo é um fenômeno do mundo exterior. O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior. Este é um ponto de suma importância. (BAKHTIN, 1986, p 36)

Observar a prática leitora e constituição do sujeito-leitor em fóruns de discussão sobre leitura e literatura é abrir uma reflexão acerca do concreto existir único do sujeito inserido num espaço e num tempo, com seus valores e relações de alteridade. A palavra bakhtiniana me provocou a pensar como fazer ou compreender a leitura como um ato da vida em que a singularidade e suas constitutivas relações referentes ao sentido da leitura evento pudesse, enfim, quebrar as barreiras impostas por fórmulas e modelos de leitura ou da concepção de um de sujeito leitor ideal.

Enquanto professora de literatura e leitora assídua, muitas vezes fui e sou provocada pela ideologia referente ao ser sujeito leitor, também por estar inserida em dois universos que discutem e concebem a leitura (escola e academia), sou diretamente atingida por todas as questões que permeiam o ideário da leitura (tarefa, ato responsável, processo de formação, prazer, estudo, entre tantas outras palavras). Mas, foi a vivência exposta neste trabalho que me conduziu à reflexão da prática leitora a partir do sujeito leitor e também a perceber que o professor também é sujeito leitor no processo de aprendizagem. Acredito que este novo olhar, pode alargar muito os estudos e os modos de ver e trabalhar a leitura em nossas salas de aula. A leitura evento, construção social que constitui sujeitos singulares, na relação com o outro primeiramente, depois pensar a leitura daquele lugar também singular do professor-pesquisador-leitor foram definitivamente pilares construídos.

É coerente, nesse ponto, a citação de Faraco (2009, p. 42), reportando-se à Bakhtin, quando diz que “a consciência individual se constrói na interação, e o universo da cultura tem primazia sobre a consciência individual”. Esta entendida como tendo uma realidade semiótica, constituída dialogicamente (porque o signo é, antes de tudo, social), e se manifestando semioticamente, produzindo texto e o fazendo no contexto da dinâmica histórica da comunicação, num duplo movimento: como réplica ao já dito e também sob

o condicionamento da réplica ainda não dita, mas já solicitada e prevista, já que Bakhtin entende o universo da cultura como um grande e infinito diálogo.

Evidentemente, a exposição da experiência obtida pela leitura em fóruns de discussão sob o viés de pesquisa não esgota o tema proposto e, ainda, mostra que outros caminhos poderiam ser percorridos. Para o momento, acreditamos que, embora breves, os fatores abordados explicitam a importância de uma outra perspectiva sobre a linguagem enquanto relação dialógica com o mundo, relação esta mediada pela linguagem, que, por sua vez, faz a ponte entre o sujeito e o objeto de conhecimento. Daí o caráter inovador e contemplativo desta pesquisa, deste olhar para a constituição do sujeito leitor e nessa perspectiva para a leitura evento, pela prática de ler que insere o sujeito no mundo.

Tomar as noções bakhtininas sobre alteridade, dialogia, ato responsável, eu e outro não é a apropriação de uma teoria lançada à análise de um *corpus*, sequer afirma-se a existência de um *corpus* para este trabalho. A constituição do sujeito leitor em dois fóruns de discussão sobre leitura literária é uma maneira de observar e pensar a leitura e os sujeitos incorporados no mundo em funcionamento, na perspectiva da vida real, na concretude da leitura com a alteridade do sujeito leitor naquele espaço e naquele tempo. Afinal, já há discussões à cerca da leitura na sala de aula e de sua relação com as novas tecnologias, o que pouco ou nada se referencia é o fato de que por trás de tudo isso existe um sujeito imbricado na produção e funcionamento de práticas e produtos.

Somos seres de linguagem e, por isso, constituídos a partir dela nas relações dialógicas que são propostas direta ou indiretamente por outros sujeitos. Calcamos nossa existência “na” e “pela” linguagem enquanto diálogo, não aquele face a face, mas como correlação de enunciados numa cadeia infinita de escuta que responde em qualquer perspectiva do existir. Os enunciados dispostos nos fóruns de discussão sobre leitura, configuram um trato dialógico sobre a leitura na vida. As relações de sentido inerentes à arquitetura do eu-para-mim, do outro-para-mim e do outro-para-o-eu, não só constituem os sujeitos enunciadore, como promovem novas situações de sentido inseridas naquele contexto da atividade humana.

Consequentemente, a possibilidade de acabamento, mesmo que provisório, dado ao que se concebe e realiza sobre leitura e com a leitura naquele espaço-tempo jamais esteve limitado pelas ações técnicas ou formalistas, pelo contrário foram alargamentos condicionados por outros dizeres e posicionamentos acerca da leitura na sala de aula.

“A mente que se abre a uma nova ideia jamais volta ao seu tamanho original” já disse Einstein, eu agora o convoco e digo: “A leitura enquanto evento, também espaço-tempo de constituição de sujeitos e de sentidos, jamais volta-se às limitações dos roteiros de leitura, ela é uma prática subjetiva voltada às singularidades de leitor ou grupo de leitores na escola”.

No fórum paralelo, o sujeito se constitui pela palavra, necessariamente através do encontro de palavras – a palavra sua e a palavra outra – e dá luz ao diferente, ao que não se repete e que o singulariza naquele espaço-tempo. Tudo se dá pela palavra, assim diz Bakhtin:

A palavra não é uma coisa, mas um meio eternamente móvel, eternamente mutável da relação ideológica. Essa não pertence nunca a uma só consciência, a uma só voz. A vida da palavra está no passar de boca em boca, de um contexto a outro contexto, de um coletivo social a um outro, de uma geração a uma outra geração. Fazendo assim, a palavra não esquece o caminho percorrido não pode completamente libertar-se do poder daqueles concretos conceitos dos quais passou a fazer parte (BAKHTIN, Dostoiévski, 1963, trad.: it.: 262, *apud*: PETRILLI, 2013, 105)

Portanto, considerando-se que a linguagem é ação, espaço da interlocução e constituição do sujeito, e que o dialogismo é a produção e reprodução de sentidos, é evidente o fato de que a leitura nos fóruns é um ato de linguagem, uma postura ativa dos sujeitos leitores diante da obra lida e, no caso do fórum paralelo, o ato responsivo e responsável dos sujeitos se deu sobre o que os alunos concebiam por fórum, leitura ou espaços de dizer sobre leitura. Os sujeitos se constituindo através da leitura nos fóruns e nas salas de aula reafirma o postulado bakhtiniano de que viver significa participar de um diálogo, interrogar, responder, concordar, discordar, fazer diferente, entre outras ações que descontroem o habitual e ressignificam com outras formas de pensar, dizer e fazer no mundo.

A linguagem é um instrumento de troca, de interação, os sujeitos nos fóruns, como na vida, se apropriam de palavras, conceitos e valores, neles fazem os ajustes necessários ao seu querer dizer, para posicionar-se diante dos outros sujeitos, dos dizeres, dos objetos e, enfim, produzem cada um o seu novo sentido que, de tão próprio, parece monologizado,

mas que na verdade é composição temporária de tantas outras palavras que se deu no percurso comunicativo da vida e que, ali no fórum, se propõe a mais um ponto de chegada e partida para compreensão.

A tentativa de acabamento da palavra lançada neste trabalho também aponta para as concepções das práticas leitoras indicadas nos documentos oficiais e institucionalizadas em projetos escolares e que muitas vezes se contradizem. Indicam uma perspectiva sobre a importância da leitura, concebem esta prática a partir dos conceitos dialógicos, mas não contemplam o sujeito leitor, parte inerente ao ato de ler. Assim, refletir as práticas de leitura na sala de aula, também deve abarcar uma discussão sobre a constituição dos sujeitos leitores enquanto agentes desta prática, o que também inclui o professor.

Trabalhar as noções interligadas de texto, de leitura, de sujeito é ampliar as possibilidades de trabalho dos professores nas aulas de leitura, uma postura indispensável ao seu projeto de ensino e atuação no nível Fundamental II, quando os alunos começam a se perceber sujeitos, a expressarem seus desejos e a colocar mais concretamente o seu ato responsável em muitas situações desenvolvidas na escola⁵¹. Embora os professores estejam em contato contínuo com a leitura, em vezes se desconhecem nas práticas de leitura desenvolvidas em sala de aula, ou mesmo, se percebem apenas como orientadores de leitura, mediadores nas atividades de compreensão e interpretação.

Muitos estudos, quando pesquisam sobre leitura apontam a importância da relação professor/aluno/texto no processo de ensino e aprendizagem, promovem a partir daí as discussões acerca dos textos e das produções textuais de leitura e escrita na sala de aula. Este trabalho não quer desconstruir esse percurso, mas quer olhar para a leitura de modo que o sujeito leitor contemple alunos e professor. Freire (2006:45) ao falar sobre educação nos remete a uma reflexão interessante, ele enfatiza a importância de permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história. Nesta perspectiva, professor e alunos devem estar imbricados no processo de leitura, não como orientador e

⁵¹ A afirmação acima é fruto de minha experiência de dez anos no segmento do Fundamental II. Os alunos querem expressar seus dizeres nesta etapa e começam, concretamente, a questionar o que lhes é proposto, como foi o caso dos alunos que propuseram outro fórum, por considerar que aquele oficial os limitava na palavra. Situações assim são corriqueiras, em diferentes moldes, na minha experiência de sala de aula.

aprendiz somente, mas como sujeitos leitores, como alteridade que são no existir-agir no mundo.

A singularidade deste trabalho compreende uma reflexão sobre a prática de leitura e conduz, certamente, a novas compreensões sobre esta prática, incorporando a essa noção o sujeito leitor (aluno e professor) e, dessa forma, traz possibilidades de novas orientações para o ensino de leitura e sua integração ao sistema de ensino oficial.

As teorias e os direcionamentos usados para embasar este trabalho são importantes para o aprofundamento da temática, já tão discutida, mas sob a perspectiva aqui exposta, ainda não explorada e, partir deste viés oferecer possibilidades de ações e posturas pedagógicas para pesquisadores e professores, de realizar, planejar e desenvolver as próprias pesquisas na escola ou na academia, utilizando-se do rigor necessário à produção de conhecimentos nessa área. É de grande auxílio, principalmente, àqueles que desenvolvem trabalhos acadêmicos no campo do ensino de língua portuguesa, especificamente sobre leitura e sujeito.

Além, disso, o caráter de vivência com a prática de leitura na sala de aula, provoca o leitor deste trabalho, que também está na sala de aula, a refletir sobre sua prática de ensino com leitura, a reconfigurar sua ação e se deslocar no sentido de ser leitor no processo. De modo geral, o assunto sobre esta prática é instigante e vasto, podendo ser trabalhado a partir de novas hipóteses que não foram desenvolvidos mais detalhadamente e foram deixadas como provocações e estímulo a quem se interessar a continuar na linha de Pesquisa e Ensino.

No movimento das vozes sociais, através da responsividade, processo de construção de sentido em que o sujeito é ativo, é que ocupamos um lugar singular e na perspectiva do outro nos lançamos, inclusive para nós mesmos. É quase uma “odisseia” da palavra na existência do sujeito que ao falar ou pensar, nunca o faz de uma só voz, como bem afirma Petrilli (2013) a palavra é sempre ‘meio-do-outro’. Dessa forma o sujeito leitor nos fóruns se lançou para o outro em busca de si: “*devo dizer o que é dialogo no livro, o que é dialogo para mim, e qual a importância do dialogo?*”(Participante E, Fórum Projeto Leitura e Companhia). O autoquestionamento ou a palavra jogada ao outro, em busca da palavra outra que constituiria a palavra própria.

Nos fóruns, as palavras alheias foram perdendo suas origens, tornando-se palavras próprias, utilizadas para construir a compreensão de cada nova palavra, numa correlação infinita e contínua. É nesse sentido que a linguagem é uma atividade constitutiva, através

do processo de internalização do que era exterior ao sujeito que o constituía como tal, e, com a disposição das palavras que se encontram no movimento dialógico (não o face a face ou postagem a postagem), outras palavras próprias foram colocadas no jogo de sentido e outros sujeitos leitores se constituíram pela alteridade inerente ao encontro, ao embate. Conseqüentemente, no próprio ato responsável de leitura e escritura nos fóruns, concretiza-se o processo de constituição de sujeitos, em cada fórum diferentemente pela alteridade própria de cada espaço e sujeitos.

O enunciado é o texto lançado ao embate, a busca pela palavra outra que se torna própria e singular a compreensão única daquele sujeito no espaço-tempo do dizer. A alteridade é a relação com o outro que delimita e alarga o espaço de atuação do sujeito no mundo. Na relação, o outro constitui o sujeito ideologicamente e proporciona-lhe o acabamento provisório, como afirma Geraldi, essencial para o sujeito ser quem é.

[...] Dois enunciados, distantes um do outro no tempo e no espaço, desconhecendo um ao outro, em uma comparação no plano do sentido, manifestam relações dialógicas, se entre eles existe uma, ainda que mínima, convergência de sentido (pelo menos uma parcial comunhão de tema, de ponto de vista, etc. (BAKHTIN, *ivi*: 315, apud PETRILLI, 2013, 107)

A configuração da arena nos fóruns, estabelecia um embate e os enunciados dos sujeitos-leitores e da obra enquanto enunciado geraram relações dialógicas e, portanto, espaços e tempos de alteridade também. Cada sujeito leitor enunciava de um lugar único que o colocava em relação ao outro também único impresso em todo o evento de leitura. Desde a leitura, aparentemente, individual, até a leitura do confronto mais direto realizada nos fóruns.

A leitura que compreende o sujeito leitor, é alteridade na relação com o outro (sujeito, objeto, palavras), no descolamento que completa, mas não encerra o Ser em si. O meu deslocamento foi necessário e essencial para ser o sujeito que sou agora, provisoriamente, na minha relação com o outro, foi também essencial para me oferecer o excedente de visão que somente o outro me ofereceria, mostrando-me também sujeito leitora. A minha relação de alteridade com meus alunos e com a obra literária lida, com seus dizeres foi determinante para preencher a palavra leitura que comungo agora.

Movências de sentidos e valorações que somente aquela relação, naquele espaço-tempo, poderiam me propiciar.

Nesta experiência, o que ficou mais forte foi o desafio de se estabelecer um espaço/tempo da leitura na escola ou fora dela, onde os sujeitos possam abandonar as compreensões que se fecham em si, que se distanciam da relação com o outro, para se abrirem a ideia de alteridade constitutiva, sujeitos que refletem e refratam sentidos, que constroem compreensões próprias que não se sobrepõem a outras compreensões, mas emergem na condição de escuta que fala, que é responsável e responsiva a respeito do outro. Desse lugar único que cada um ocupa na existência e nas atividades humanas, encontra-se a provocação que instiga assumir o compromisso de se posicionar, de modo consciente, diante das diferentes interações que necessariamente se mantém através da leitura evento.

A leitura, pensada em sua essência dialógica, nos oferece um caminho em direção ao diferente, que singulariza os sujeitos e os constitui estética e eticamente. É o que levo deste percurso, o acabamento provisório de uma compreensão da leitura evento na vida e na arte e o entendimento do sujeito constituído no processo de leitura. Busco em Drummond a palavra que expressa a singularidade e que sendo única ao evento irá dizer o que almejo sobre a leitura que compreendo agora:

No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra

Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. In *Alguma Poesia*. Ed. Pindorama, 1930.)

Aqui proponho o acabamento provisório dado às valorações apreendidas da relação de alteridade a leitura dialogizante. A palavra que representa este trabalho não se encerra na palavra resultante da correlação entre os sujeitos leitores e os enunciados à

beira do caminho, do contrário, se abre cada vez mais a outras palavras, “ se prostitui cada vez mais”⁵², lança-se nos braços do outro, o primeiro que encontra e nele não se basta.

Toda atividade humana é dialógica, sendo assim, há uma força que apesar de mim, me rege em direção a alteridade, ao encontro do outro. O diálogo que rege qualquer atividade de linguagem assim como preconiza Bakhtin. Mais uma vez, preciso da palavra alheia para dizer minha palavra provisória:

É na ilusão da indiferença à alteridade que a dialogicidade emerge com maior força, no próprio ponto de vista, no próprio sistema de valores, no próprio pensamento, na própria voz. O diálogo não é resultado da iniciativa do eu, mas o lugar da sua constituição e manifestação. Ele não espera para existir que o eu decida-se a respeitar o outro. O diálogo não é resultado de atitude de abertura ao outro, mas consiste na impossibilidade de fechamento e evidencia-se justamente nas tentativas tragicômicas de fechamento, de indiferença. (PONZIO, 1997b:12-13, apud PETRILLI, 2013, 198-199)

Um novo e um mesmo olhar sobre as práticas de leitura que também compreende o sujeito leitor em fóruns de discussão, nesta perspectiva lanço a minha palavra e, ansiosa, aguardo a palavra outra que me provocará, independente do meu querer, a ser novamente uma palavra diferente da que lanço agora.

De modo paradoxal, muitas vezes a leitura tarefa, a leitura realizada como uma atividade do aluno e para o aluno, um tipo de leitura literária prestigiada, são visões que transitam por muitos espaços escolares e que condicionam a prática de leitura ao enfadonho, ao dizer que a ler é chato. A experiência aqui mostrada confere, na prática, um novo ângulo para as questões de leitura na sala de aula, colocando o professor no espaço de leitura como sujeito do ato no evento leitura junto aos alunos e estes como agentes de dizer sobre a leitura.

Sendo assim, a prática de leitura nos fóruns nos mostrou o movimento dialógico da linguagem e pela linguagem. Produção e recepção, (nunca passiva) de sentidos pela linguagem, nos mostrou os sujeitos leitores no evento, constituídos pelo encontro com outras palavras vindas ao encontro ou de encontro as suas por meio de outros sujeitos, da obra, ou do espaço-tema dos fóruns. Como afirma Bakhtin em seus postulados, a

⁵² Palavras alheias do professor Miotello, apossei-me delas para dizer a minha palavra.

linguagem viva, na via do diálogo sem fim, como maneira de preservar o inacabamento do ser humano. Ressaltamos, e não é demais lembrar, que não desconsideramos o fato de que, para o Círculo de Bakhtin, mesmo a atitude discursiva monológica é intrinsecamente dialógica, portanto, a linguagem é por princípio fundante dialógica, sendo assim, as discussões nos fóruns puderam nos oferecer o lampejo da vida, a constituição daqueles sujeitos leitores se dando no cotejo da leitura literária com suas experiências, vivências, valores, enfim, o encontro da palavra literária com a palavra outra de cada sujeito leitor naquele espaço.

O diálogo, neste caso, se instaura não nas conformidades, mas, principalmente naquilo que difere e que torna o ato singular no espaço propício para a interação. Nesse sentido, a leitura, ato do sujeito e de linguagem, torna possível ampliar nosso existir-agir no mundo, nos conduz pelo tecido dialógico da vida humana. Apresentadas as devidas considerações, construídas deste lugar único já descrito, mas também deslocado, deixo a minha palavra para os futuros encontros e, parafraseando Vinícius de Moraes, desejo que este meu dizer não seja imortal posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure.

A VIVÊNCIA: resultados diretos e concretos

Os esforços dados para estas reflexões à cerca da compreensão do sujeito leitor na prática de leitura, certamente, gerou uma energia que impulsionou a transformação dos sujeitos envolvidos nos fóruns, na sala de aula e na editora Pearson Brasil. Sujeitos que foram direto ou indiretamente provocados pelos atos responsáveis dos alunos, pelo querer dizer de cada um, no sentido das novas compreensões dadas ao fórum e até da abertura de sentido possibilitada pela alteridade daquela arquitetônica dos fóruns sobre a leitura.

Ainda no processo burocrático de buscar as assinaturas e autorizações para uso das postagens já realizadas nos fóruns, fui orientada a entrar em contato com editora Pearson Brasil para passar as orientações dadas pelo Comitê de Ética. Neste trajeto, conversei com algumas pessoas que trabalham na editora até conseguir chegar à dois funcionários que puderam me ajudar: um foi o Coordenador Pedagógico da Pearson Brasil que me atendeu com muita disposição e abertura ao apresentado sobre o projeto de doutorado. Este me orientou que a Pearson Brasil, a partir do momento que vendia o projeto, não respondia mais por ele, portanto, a escola era responsável pela autorização e liberação para uso das postagens como análise no projeto de doutorado.

No decorrer da conversa ele me pediu que falasse mais sobre a experiência que tivemos e disse estar muito satisfeito com iniciativa, principalmente porque a intenção do fórum era mesmo contribuir para interação entre os alunos e professores, embora isso não estivesse acontecendo como havia pensado. Também acrescentou que a editora e ele gostariam que eu apresentasse os resultados do trabalho, assim que os finalizasse. Dessa forma poderiam ter um feedback que talvez os fizessem pensar melhor o projeto. Seu apoio foi importante naquele momento, pois estava assustada diante dos direcionamentos do Comitê de Ética. O coordenador me adicionou através do Linked In (Rede profissional muito usada atualmente) e pediu que eu entrasse em contato com outro funcionário da editora, o Diretor de Produção de Material Didático, para falar sobre o projeto. Quando contatei, dias depois, este outro funcionário já sabia quem eu era e disse estar também interessado por conhecer o projeto de doutorado, pois foi a primeira vez, e única até este instante, que um professor entrou em contato com eles sobre o Projeto Digital. Afirmou também que esta interação seria muito interessante, inclusive já estavam pensando em abrir um canal direto com os professores ligados ao projeto para exatamente terem este retorno.

Em 2016, o Coordenador Pedagógico voltou a entrar em contato comigo via celular e reafirmou a importância do meu retorno ao fim da minha pesquisa. Até hoje mantenho contato com deles através do Linked In e vez ou outro me perguntam sobre o andamento. Reafirmo que foi muito importante para mim receber aquela força dos organizadores do Projeto Digital. Foi a palavra outra que constituiu a minha e valorou o meu querer dizer e dos alunos.

O fórum paralelo está ativo e todos os alunos ainda estão adicionados, nenhum saiu dos contatos, embora tenham esta opção. As participações são bem remotas, inclusive a minha, porém, há evidências que se eu retornar novamente e for o sujeito outro a provocá-los, certamente retomam as discussões de forma contínua. Como posso afirmar isso?

O fórum paralelo tem um dispositivo de mensagem privada já mencionado nas descrições e, por este dispositivo, um aluno do grupo que participou da elaboração ainda fala comigo. Por lá pediu meu whatsapp e continuamos a falar sobre suas leituras. Embora a maioria deles tenha me adicionaram no Whatsapp e sempre, sempre mesmo, falam sobre suas experiências de amor e ódio com a leitura, este em especial mostra uma vida mudada pela leitura.

A seguir escolhi um trecho de uma sequência de mensagens no espaço privado trocadas em 2017 ainda no fórum com um destes alunos:

Sab 21 Jan 2017 - 21:54

Olá nono,eu ainda tenho como entrar aqui no fórum,estou bem,muito ansioso pra o segundo ano do colegial,e , infelizmente,depois do primeiro ano,odiando gramática mais do q nunca,kkk,mais ainda estou adorando ler,no momento estou lendo as irmãs Romanov,q é a história pessoal das 4 grã duquesas russas e últimas ,q morreram em nome dá revolução russa de 1917,uma história realmente emocionante,em que a autora pegou uma história real e transformou em romance ,algo q tenho visto se fazer muito hj em dia (como fizeram no livro "a lista de Schindler),super recomendo esse livro,uma história de princesas sem encanto algum,e você?,já terminou o doutorado? Já é Doutora?? 😊

Admin Sab 21 Jan 2017 - 23:32

Termine este ano, estou na fase de qualificação e defesa. Entrei aqui no fórum e vi que ainda podoa falar com vcs. Saudades mesmo e feliz por ver que vc se constituiu leitor de fato, como eu esperava. Continue lendo sempre, este é o caminho para se tornar alguém sempre melhor neste mundo maluco. Quanto as dificuldades de cada ano, sejam elas gramaticais ou qualquer outra, são necessárias para seu crescimento, aliás de todos nós. Precisamos nos superar sempre. Embora saiba que a gramática não será um problema de fato para vc, sempre foi dedicado e muito inteligente. Ainda vou saber de seu crescimento e sucesso. Conta mais sobre este livro que está lendo!!!! 😊

Dom 22 Jan 2017 - 15:09

Kkkkk,muito obrigado Noara,de fato não tive dificuldade em gramática, porque eu estudava em muitos livros de gramática em casa,mas durante as aulas não compreendia o professor,me sentia o mais burro dá sala,mas vi q não era bem por ai (afinal não fiquei de recuperação esse ano e fui no final do ano um dos quatro alunos de 35 q fugiu dá recuperação final) ,e compreendo perfeitamente as matérias ,contudo não gosto nem um pouco,penso cá comigo quão desnecessário são essas regras,muita coisa não tem a mínima necessidade,mas não tem o q fazer né!? 😊 ,ahh esqueci de

contar, de natal ganhei vários livros, fora o "As irmãs Romanov" q já contei pra você, ganhei o livro " A lista de Schindler" , "O último teorema de Fermat" q conta a história do teorema matemático q confundiu as mais brilhantes mentes do mundo por mais de 358 anos, "Cinderela chinesa" a história real dá pequena Adelaide, uma menina chinesa q luta pelos seus sonhos ,em um país onde a figura feminina não significa nada e em uma família em q é ignorada e maltratada pela madrasta (se vc ainda não reparou,tenho estudado muito sobre a posição da mulher na sociedade dá China, desde a revolução vermelha, até os tempos atuais), "O pensamento vivo de Darwin" q conta como suas idéias revolucionaram a forma de ver o homem e a natureza em nossa volta, e "os fatos e acontecimentos com a poderosa e soberana nação dos Índios cavaleiros Guaycurús no Pantanal do Mato Grosso entre os anos de 1526 até o ano de 1986" q conta a verdadeira história do povo brasileiro, aquela história que normalmente fica apenas reservado à nota e roda-pé dos livros de história, eu fico fascinado pela riqueza cultural que havia aqui em nosso país é q hoje está encoberta pelo tempo e pelas ações do homem branco (descobri a pouco tempo q sou descendente de indígenas, minha avó) sou doido pela história indígena e tenho estudado muito sobre ela , tudo mesmo , a cultura , religião, medicina , tudo , kkk t conto muito mais 🤔 😊

Cada vez que vejo as mensagens e que converso com aqueles alunos me emociono, pois vejo o vínculo forte que aquela vivência nos permitiu. Somos ainda sujeitos leitores em confronto e em função daquela experiência. Afirmo isso com toda certeza e emoção que meu tom valorativo possa dar.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **No meio do caminho tinha uma pedra**. In *Alguma Poesia*. Ed. Pindorama, 1930.

ALVES, Carina. **Propostas Metodológicas e Uso das Tecnologias em EAD**. Diretoria de Extensão e Pós-Graduação. Anhanguera Educacional, 2011.

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. 1ª ed. São Paulo: Musa Editora, 2004.

ARRUDA, E. E.; KINJO, C. N.; BARBOZA, M. M. **O processo de mercantilização do ensino no nível fundamental e médio, em uma capital brasileira de porte médio**. In Anais da VIII Jornada do Histedbr, julho/2008. Disponível em: <www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada>, acesso em 24 de dezembro de 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. **Estética da Criação Verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; Introdução ao russo Paulo Bezerra; 6ª Ed. São Paulo, Martins Fontes, 2011.

_____; Volochínov. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1986.

_____. **Questões de literatura e estética: Teoria do romance**. São Paulo, Hucitec Editora. 2010, 143.

BARROS, Manuel de. **Menino do Mato**. São Paulo: Ática, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 2005.

_____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.

_____. **Escritos de Educação**. Org: Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: Elementos Para uma Teoria do Sistema de Ensino**. Petrópolis, Vozes, 2011.

BRASIL. **Edital de Convocação para Inscrição no Processo de Avaliação e Seleção de Obras Didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático PNLD 2012 – Ensino Médio**. Brasília: 2009.

BRASIL. Ministério da Educação; Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Anísio Teixeira; Diretoria de Avaliação para Certificação de Competências. **Livro Introdutório – Documento Básico – Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos**. Brasília: MEC/inep/dacc, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação; Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira; Diretoria de Avaliação para Certificação de Competências. **Matrizes Curriculares de Referência para o SAEB**. (1997). Brasília: MEC/Inep/Daeb, 2000.

CAMPOS, M. I. B. **A questão da arquitetônica em Bakhtin: um olhar para materiais didáticos de língua portuguesa**. *Filol. Linguíst. Por.*, n. 14(2), p. 247-263, 2012.

CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: *Vários escritos*. 5. ed. Corrigida pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

FRANCHI, C. **Linguagem – atividade constitutiva**. Almanaque – Cadernos de Literatura e Ensaio. 5:9-27, São Paulo, Brasiliense.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessário à prática docente.** São Paulo : Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. et. al. **“Implantação da informática no espaço escolar: questões emergentes ao longo do processo”** In: *Revista Brasileira de Informática na Educação.* São Paulo: jul de 2004.

FREITAS, Lídia S.; SILVA, Maurício da. **Leitura e universidade: reflexões para a construção de uma outra história.** In: **ALGUMAS reflexões sobre o ensino e práticas na área de informação.** Niterói: EDUFF, 1998. p. 83-95. (Estudos e Pesquisas, 2).

GEGe/UFSCAR. **A escuta como lugar do diálogo.** Alargando os limites da identidade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

GEGe/UFSCAR. **Palavras e contrapalavras. Cotejando a vida na estética do cotidiano.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2012.

_____. **A aula como acontecimento.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. **Portos de passagem.** 5ª Ed, São Paulo: Martins Fontes, 2013.

_____. **Ancoragens: estudos bakhtinianos.** 2ª Ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

GIROUX, Henry. **Escola crítica e política cultural.** Trad. Dagmar M. L. Zibas. São Paulo: Cortez, 1987.

_____. **Os professores como intelectuais: Rumo a uma aprendizagem crítica da aprendizagem.** Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed, 1997.

_____. **Deslocamentos no ensino: de objetos a práticas; de práticas a objetos.** In: A aula como acontecimento. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GODOY, Anterita Cristina. **Didática: Procedimentos e recursos de ensino.** Campinas: Alínea, 2008, 180p.

GOVERNO FEDERAL. MEC – **Educação Fundamental – Avaliação de Livros Didáticos de 1ª a 8ª séries.** Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/sef/fundamental/titosexcluidos.shtm>>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

GOVERNO FEDERAL. MEC – **Secretaria de Educação Fundamental.** Ensino Fundamental – Avaliação de livros didáticos de 1ª a 8ª séries. In: _____. Projeto de Avaliação de Livros Didáticos de 1ª a 8ª série. 2001. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/sef/fundamental/Avalidid.shtm>>. Acesso em 21 jan. 2001

LARROSA. J. **Linguagem e educação depois de babel.** Trad: Cynthia Farina: Autêntica. Coleção-Educação: experiência e sentido.2007.

_____. **A experiência e o Saber de experiência.** Universidade de Barcelona - Espanha – Trad. João Wanderley Geraldi – UNICAMP. 2002.

MOTTA, C. E S. **Indústria cultural o sistema apostilado: a lógica do capitalismo.** In Cadernos Cedes, ano XXI, nº 54, agosto/2001.Revista Eletrônica Científica da FAESB Ano 2, v1., n.1, Abr. 2015. ISSN 2358-7784, disponível em: <http://www.faesb.com.br/revista/wp-content/uploads/2015/05/artigo_cris_2015.pdf>; acesso em 24 de dezembro de 2016.

MOURA, Maria Isabel; MIOTELLO, Valdemir. **A escuta da Palavra alheia.** In: Estudos dialógicos da linguagem e pesquisa em linguística aplicada. Rosângela H. Rodrigues; Rodrigo A. Pereira (Orgs). São Carlos: Pedro e João Editores, 2016. p. 129-139.

MUNIZ, Dinéia, SOBRAL, Maria. **O desejo de ler no contexto socioeducacional brasileiro**. Acesso em:

<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/entreiideias/article/view/2937/2101>> 20 dez 2016.

NERY, A. **Parecer sobre a Matriz Curricular de Língua Portuguesa**. 3. ed. Mimeo Brasília: 2000.

NEVES, Cynthia Agra de Brito. **Poesia na sala de aula: um exercício ético e estético**. Campinas: PUC-Campinas, 2008. 190p.

NUNES, Benedito. **“Ética e Leitura”**. In: *Leitura: Teoria e Prática*, nº 27, ano 15. Porto Alegre: ABL/ Mercado Aberto, junho de 1996.

NUNES, José Horta. **Aspectos da forma histórica do leitor brasileiro na atualidade**. In:

ORLANDI, Eni Puccinelli (org). *A Leitura e os leitores*. Campinas, SP: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez/UNICAMP, 1987.

_____. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. **Discurso e leitura**. São Paulo: Unicamp, 1996.

PNLD. **Guia de Livros Didáticos**. Ministério da Educação e do Desporto – MEC, 1999.

PONZIO, Augusto. **A revolução Bakhtiniana**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Dialogando sobre diálogo na perspectiva bakhtiniana**. 2ª Ed. São Carlos. Pedro & João Editores, 2016. 204p.

_____. **Procurando uma palavra outra.** São Carlos. Pedro & João Editores, 2010. 176p.

PETRILLI, Susan. **Em outro lugar e de outro modo.** Filosofia da linguagem, crítica literária e teoria da tradução em, em torno e a partir de Bakhtin. São Carlos. Pedro & João Editores, 2013. 415p.

PINHEIRO, Marta Passos. **Letramento literário na escola: um estudo das práticas de leitura literária na formação da comunidade de leitores.** Tese de doutoramento. São Paulo. 2006.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SERODIO, Liana Arrais. **Ato responsável e alteridade: problematizando narrativas docentes em um contexto investigativo.** In: Metodologia narrativa da pesquisa em educação: uma perspectiva bakhtiniana. PRADO, Guilherme do Val Toledo; SERODIO, Liana Arrais apud.(Orgs). 2015, 51-71.

WAITZ, Inês Regina. Literatura: um Recurso para Reencantar a Aula. In: GODOY, Anterita Cristina. Didática: Procedimentos e Recursos de Ensino. Campinas: Alínea, 2008. 154p.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe.** Rio de Janeiro, Editora Agir, 2009. Aquarelas do autor. 48ª edição / 49ª reimpressão. Tradução por Dom Marcos Barbosa. 93 páginas.

SARAIVA, Juracy A.; MÜGGE, Ernani. **Literatura na escola: proposta para o ensino fundamental.** São Paulo: Artmed, 2006.

SCLIAR, Moacyr. **O valor simbólico da leitura.** In: AMORIM, Galeno (Org.). **Retratos da leitura no Brasil.** São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008.

SNYDERS, Georges. **Alunos Felizes – Reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários.** Trad. Cátia Ainda Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SOARES, Magda Becker. **Leitura e Democracia Cultural**. In: Aparecida Paiva Et al. Democratizando a Leitura: pesquisas e práticas. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FAE/UFMG, 2004: 32.

_____. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. In: Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002 143 Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>, acesso em 13 de dezembro de 2016.

UNESCO, Pesquisa Nacional. **O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam**. São Paulo: Moderna, 2004. Versão Preliminar em ><http://www.inep.gov.br/download/saeb/2004/resultados/BAHIA.pdf> . Acesso em 21 jun. 2005.

VALE, Rosiney Aparecida Lopes do; MESSIAS, Rozana Aparecida Lopes. Um olhar bakhtiniano sobre a questão do dialogismo X monologismo: Macabéa e a linguagem no processo de (des)constituição do eu. Calidoscopio, v. 12, n. 2, p. 153-160, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/125113>>.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Editora SENAC, 2001.

_____. **Livro didático, Literatura e Pós-modernidade no Brasil**. Porto Alegre, Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1989.

_____; ROSING, T. M. K. (org.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

Anexos

Índice de Anexos

ANEXO 1- Manual do aluno Projeto Digital Leitura e Companhia

ANEXO 2- Manual do professor_orientação geral -Habilidades Projeto Digital Leitura e Companhia

ANEXO 3- Orientação ao professor_amor em tempos de blog - Projeto Digital Leitura e Companhia

ANEXO 4- Catálogo- Projeto Digital Leitura e Companhia

ANEXO 5- Matriz de referência SAEB

ANEXO 6- Fórum oficial - Projeto Digital Leitura e Companhia

ANEXO 7- Fórum paralelo – Sujeitos em Construção

ANEXO 8- Plataforma wattpad – Página inicial

ANEXO 9- Plataforma skoob - Página inicial

ANEXO 10- Atividade leitura Material Didático – Ensino Privado



Anexo 1



www.leituraecompanhia.com.br

Aluno,
Leitura e Companhia é um programa que visa ao desenvolvimento das suas habilidades leitoras. Para que você tenha o máximo aproveitamento do programa, pedimos que siga as orientações descritas a seguir:

1º) Cadastramento no portal.

Entre no portal www.leituraecompanhia.com.br ou, se preferir, utilize o QR-CODE no canto superior direito desta página.

Para acessar o portal, será solicitada a senha que você recebeu de sua escola.

Sendo este seu primeiro acesso, será solicitado que você digite o seu nome completo.

Importante: Não perca a sua senha, pois todas as vezes que você entrar no portal ela será solicitada.

2º) Conheça o autor.

Entre no portal www.leituraecompanhia.com.br e clique na aba VÍDEO.

Você assistirá a um vídeo com José Paulo Paes, autor do livro *UMA LETRA PUXA A OUTRA*.

Tenho certeza de que, depois de assistir ao vídeo, você se sentirá muito mais motivado a ler o livro.

3º) Leitura e respostas das avaliações.

Sempre que você encontrar o ícone do programa Leitura e Companhia no livro, você deverá entrar no portal (com sua senha) e, na página de QUIZZ, clicar na imagem representativa da página que você está lendo. Então aparecerá na tela uma pergunta que você deverá responder, clicando e arrastando as respostas corretas. Lembre-se de que seu professor receberá imediatamente sua resposta, sabendo inclusive o horário em que você respondeu.

Importante: Depois que você clicar em RESPONDER, você não conseguirá acessar novamente essa pergunta.

4º) Participe do Fórum.

Após responder todas as perguntas do QUIZZ, entre no FÓRUM e participe com sua opinião sobre a questão proposta pelo autor do livro. Nesse FÓRUM, você também poderá concordar ou discordar do posicionamento dos outros participantes do programa Leitura e Companhia.

Procure ser objetivo ao se posicionar no FÓRUM, pois em cada participação você poderá digitar até 400 caracteres.

A equipe do programa Leitura e Companhia agradece a sua participação.

Anexo 2

Prezado Professor,

Este documento foi montado a partir das orientações do INEP para o trabalho com a matriz de referência das competências e habilidades de leitura do SAEB, a matriz que utilizamos no Programa Leitura e Companhia.

Aconselhamos a utilização das orientações deste documento para o planejamento do seu trabalho, tanto na elaboração das avaliações como para acelerar o desenvolvimento das habilidades leitoras de seus alunos.

Grupo I – Procedimentos de Leitura

Este grupo agrega um conjunto de descritores que indicam as habilidades linguísticas necessárias à leitura de textos de gêneros e tipologias variadas. O leitor competente deve saber localizar informações explícitas e fazer inferências sobre informações que extrapolam a tessitura textual. Deve identificar a ideia central de um texto, ou seja, apreender o sentido global e fazer abstrações a respeito dele. Deve também perceber a intenção do autor, saber ler as entrelinhas e fazer a distinção entre opinião e fato. Deve, ainda, saber o sentido de uma palavra ou expressão pela inferência contextual.

H01 – Localizar informações explícitas em um texto

A habilidade que pode ser avaliada por este descritor, relaciona-se à localização pelo aluno de uma informação solicitada claramente, que pode estar expressa literalmente no texto ou pode vir manifesta por meio de uma paráfrase, isto é, dizer de outra maneira o que se leu.

Essa habilidade é avaliada por meio de um texto-base que dá suporte ao item, no qual o aluno é orientado a encontrar as informações solicitadas seguindo as pistas fornecidas pelo próprio texto. Para chegar à resposta correta, o aluno deve ser capaz de retomar o texto, localizando, dentre outras informações, aquela que foi solicitada claramente. Por exemplo, os itens relacionados a esse descritor perguntam diretamente a localização da informação, complementando o que é pedido no enunciado ou relacionando o que é solicitado no enunciado, com a informação no texto.

Exemplo de item da habilidade H01 para o Ensino Fundamental I:

O disfarce dos bichos

Você já tentou pegar um galhinho seco e ele virou bicho, abriu asas e voou? Se isso aconteceu é porque o graveto era um inseto conhecido como "bicho-pau". Ele é tão parecido com o galhinho, que pode ser confundido com o graveto.

Existem lagartas que se parecem com raminhos de plantas. E há grilos que imitam folhas.

Muitos animais ficam com a cor e a forma dos lugares em que estão. Eles fazem isso para se defender dos inimigos ou capturar outros bichos que servem de alimento.

Esses truques são chamados de mimetismo, isto é, imitação.

O cientista inglês Henry Walter Bates foi quem descobriu o mimetismo. Ele passou 11 anos na selva amazônica estudando os animais.

MAVIAEL MONTEIRO, José. Bichos que usam disfarces para defesa. Folhinha, 6 nov. 1993.

O bicho-pau se parece com

- (A) florzinha seca.
- (B) folhinha verde.
- (C) galhinho seco.**
- (D) raminho de planta.

Exemplo de item da habilidade H01 para o Ensino Fundamental II:

A assembleia dos ratos

Um gato de nome Faro-Fino deu de fazer tal destruição na rataria numa casa velha que os sobreviventes, sem ânimo de sair das tocas, estavam a ponto de morrer de fome.

Tornando-se muito sério o caso, resolveram reunir-se em assembleia para o estudo da questão. Aguardaram para isso certa noite em que Faro-Fino andava aos miados pelo telhado, fazendo sonetos à lua.

— Acho – disse um deles - que o meio de nos defendermos de Faro-Fino é lhe atarmos um guizo ao pescoço. Assim que ele se aproxime, o guizo o denuncia e pomo-nos ao fresco a tempo.

Palmas e bravos saudaram a luminosa ideia. O projeto foi aprovado com delírio. Só votou contra um rato casmurro, que pediu a palavra e disse:

— Está tudo muito direito. Mas quem vai amarrar o guizo no pescoço de Faro-Fino?

Silêncio geral. Um desculpou-se por não saber dar nó. Outro, porque não era tolo.

Todos, porque não tinham coragem. E a assembleia dissolveu-se no meio de geral consternação.

Dizer é fácil - fazer é que são elas!

LOBATO, Monteiro. *In: Livro das Virtudes* – William J. Bennett – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 308.

Na assembleia dos ratos, o projeto para atar um guizo ao pescoço do gato foi

- (A) aprovado com um voto contrário.
- (B) aprovado pela metade dos participantes.
- (C) negado por toda a assembleia.
- (D) negado pela maioria dos presentes.

Exemplo de item da habilidade H01 para o Ensino Médio:

Namoro

O melhor do namoro, claro, é o ridículo. Vocês dois no telefone:

— Desliga você.

— Não, desliga você.

— Você.

— Você.

— Então vamos desligar juntos.

— Tá. Conta até três.

— Um... Dois... Dois e meio...

Ridículo agora, porque na hora não era não. Na hora nem os apelidos secretos que vocês tinham um para o outro, lembra? Eram ridículos. Ronron.

Suzuca. Alcizanzão. Surusuzuca. Gongonha (Gongonhal) Mamosa. Purupupuca...

Não havia coisa melhor do que passar tardes inteiras num sofá, olho no olho, dizendo:

— As dondozeira ama os dondozeiro?

— Ama.

— Mas os dondozeiro ama as dondozeira mais do que as dondozeira ama os dondozeiro.

Na-na-não. As dondozeira ama os dondozeiro mais do que, etc.

E, entremeando o diálogo, longos beijos, profundos beijos, beijos mais do que de línguas, beijos de amígdalas, beijos catetéricos. Tardes inteiras. Confesse: ridículo só porque nunca mais.

Depois de ridículo, o melhor do namoro são as brigas. Quem diz que nunca, como quem não quer nada, arquitetou um encontro casual com a ex ou o ex só para ver se ela ou ele está com alguém, ou para fingir que não vê, ou para ver e ignorar, ou para dar um abano amistoso querendo dizer que ela ou ele agora significa tão pouco que podem até ser amigos, está mentindo. Ah, está mentindo.

E melhor do que as brigas são as reconciliações. Beijos ainda mais profundos, apelidos ainda mais lamentáveis, vistos de longe. A gente brigava mesmo era para se reconciliar depois, lembra? Oito entre dez namorados transam pela primeira vez fazendo as pazes. Não estou inventando. O IBGE tem as estatísticas.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. *Correio Braziliense*. 13/06/1999.

No texto, considera-se que o melhor do namoro é o ridículo associado

- (A) às brigas por amor.
- (B) às mentiras inocentes.
- (C) às reconciliações felizes.**
- (D) aos apelidos carinhosos.
- (E) aos telefonemas intermináveis.

Sugestões para melhor desenvolver essa habilidade:

O professor pode ajudar os alunos utilizando textos de diferentes gêneros e de temáticas variadas para que as atividades de leitura sejam diversificadas. A compreensão de uma informação exige do leitor o entendimento do sentido global do texto. Dessa forma, é possível estimular o aluno a articular o sentido literal do que lê com outros fatores de significação. Isso o levará a desenvolver a habilidade de localizar informações e, ao mesmo tempo, compreender que aquilo que consta em um texto adquire vários sentidos dependendo das circunstâncias de sua produção.

H02 – Inferir o sentido de uma palavra ou expressão

Por meio deste descritor, pode-se avaliar a habilidade de o aluno relacionar informações, inferindo quanto ao sentido de uma palavra ou expressão no texto, ou seja, dando a determinadas palavras seu sentido conotativo.

Inferir significa realizar um raciocínio com base em informações já conhecidas, a fim de se chegar a informações novas, que não estejam explicitamente marcadas no texto. Com este descritor, pretende-se verificar se o leitor é capaz de inferir um significado para uma palavra ou expressão que ele desconhece. O que se solicita do aluno não é o significado de uma palavra conforme está no dicionário, mas sim o seu contexto dentro do texto apresentado.

Essa habilidade é avaliada por meio de um texto no qual o aluno, ao inferir o sentido da palavra ou expressão, seleciona informações também presentes na superfície textual e estabelece relações entre essas informações e seus conhecimentos prévios. Por exemplo, dá-se uma expressão ou uma palavra do texto e pergunta-se que sentido ela adquire.

Exemplo de item da habilidade H02 para o Ensino Fundamental I:

Bula de remédio

VITAMIN COMPRIMIDOS
embalagens com 50 comprimidos

COMPOSIÇÃO

Sulfato ferroso 400 mg
Vitamina B1 280 mg
Vitamina A1 280 mg
Ácido fólico 0,2 mg
Cálcio F 150 mg

INFORMAÇÕES AO PACIENTE

O produto, quando conservado em locais frescos e bem ventilados, tem validade de 12 meses.

É conveniente que o médico seja avisado de qualquer efeito colateral.

INDICAÇÕES

No tratamento das anemias.

CONTRA-INDICAÇÕES

Não deve ser tomado durante a gravidez.

EFEITOS COLATERAIS

Pode causar vômito e tontura em pacientes sensíveis ao ácido fólico da fórmula.

POSOLOGIA

Adultos: um comprimido duas vezes ao dia. Crianças: um comprimido uma vez ao dia.

LABORATÓRIO INFARMA S.A.

Responsável - Dr. R. Dias Fonseca

CÓCCO, Maria Fernandes; HAILER, Marco Antônio. *Alp Novo*: análise, linguagem e pensamento. São Paulo: FTD, 1999. v. 2. p. 184.

No texto, a palavra **COMPOSIÇÃO** indica

- (A) as situações contra-indicadas do remédio.
- (B) as vitaminas que fazem falta ao homem.
- (C) os elementos que formam o remédio.**
- (D) os produtos que causam anemias.

Exemplo de item da habilidade H02 para o Ensino Fundamental II:

O Pavão

E considere a glória de um pavão ostentando o esplendor de suas cores; é um luxo imperial. Mas andei lendo livros, e descobri que aquelas cores todas não existem na pena do pavão. Não há pigmentos. O que há são minúsculas bolhas d'água em que a luz se fragmenta, como em um prisma. O pavão é um arco-íris de plumas.

Eu considere que este é o luxo do grande artista, atingir o máximo de matizes com o mínimo de elementos. De água e luz ele faz seu esplendor; seu grande mistério é a simplicidade.

Considere, por fim, que assim é o amor, oh! minha amada; de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira em mim existem apenas meus olhos recebendo a luz de teu olhar. Ele me cobre de glórias e me faz magnífico.

BRAGA, Rubem. *Ai de ti, Copacabana*. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 120.

No 2º parágrafo do texto, a expressão **ATINGIR O MÁXIMO DE MATIZES** significa o artista

- (A) fazer refletir, nas penas do pavão, as cores do arco-íris.
- (B) conseguir o maior número de tonalidades.
- (C) fazer com que o pavão ostente suas cores.
- (D) fragmentar a luz nas bolhas d'água.**

Exemplo de item da habilidade H02 para o Ensino Médio:

Todo ponto de vista é a vista de um ponto

Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.

Todo ponto de vista é um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura.

A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação.

BOFF, Leonardo. A águia e a galinha. 4ª ed. RJ: Sextante, 1999.

A expressão “com os olhos que tem” (linha 1), no texto, tem o sentido de

- (A) enfatizar a leitura.
- (B) incentivar a leitura.
- (C) individualizar a leitura.**
- (D) priorizar a leitura.
- (E) valorizar a leitura.

Sugestões para melhor desenvolver essa habilidade:

O professor pode utilizar algumas estratégias para desenvolver nos alunos a compreensão do sentido que algumas palavras ou expressões ganham de acordo com as circunstâncias em que o texto foi produzido e com a visão de mundo que cada um tem. Uma boa estratégia é a técnica de, após leitura silenciosa pelos alunos, o docente pedir que eles compartilhem as inferências (deduzir o sentido) feitas no texto. Dessa forma, o professor pode aproveitar a relação que os alunos estabelecem entre a estrutura e o conteúdo do texto e as experiências que cada um traz, para explorar os diferentes significados que palavras ou expressões podem assumir.

Como sugestão, o docente pode trabalhar essa habilidade utilizando uma mesma palavra em textos diferentes, de diferentes gêneros textuais. É necessário ressaltar que essa habilidade deve levar em consideração a experiência de mundo do aluno.

É importante que o professor mostre para seus alunos que o sentido das palavras não está no dicionário, mas nos diferentes contextos nos quais elas são enunciadas. Isso não significa que o professor não deva incentivar o aluno a localizar o significado das palavras no dicionário. Os textos poéticos, literários e publicitários são especialmente úteis para o trabalho com os diferentes sentidos das palavras.

H03 – Inferir uma informação implícita no texto

As informações implícitas no texto são aquelas que não estão presentes claramente na base textual, mas podem ser construídas pelo leitor por meio da realização de inferências que as marcas do texto permitem. Além das informações explicitamente enunciadas, há outras que podem ser pressupostas e, conseqüentemente, inferidas pelo leitor. Para isso, o autor deixa pistas que levam o leitor a deduzir algo, como o ponto de vista do autor sobre determinada questão, por exemplo.

Por meio deste descritor, pode-se avaliar a habilidade de o aluno reconhecer uma ideia implícita no texto, seja por meio da identificação de sentimentos que dominam as ações externas dos personagens, em um nível básico, seja com base na identificação do gênero textual e na transposição do que seja real para o imaginário. É importante que o aluno apreenda o texto como um todo, para dele retirar as informações solicitadas da tessitura textual.

Essa habilidade é avaliada por meio de um texto, no qual o aluno deve buscar informações que vão além do que está explícito, mas que à medida que ele vá atribuindo sentido ao que está enunciado no texto, ele vá deduzindo o que lhe foi solicitado implicitamente. Ao realizar esse movimento, são estabelecidas de relações entre o texto e o seu contexto pessoal. Por exemplo, solicita-se que o aluno identifique o sentido da ação dos personagens ou o que determinado fato desperte nos personagens, entre outras coisas.

Exemplo de item da habilidade H03 para o Ensino Fundamental I:

PASSAGEM DE ÔNIBUS			6 5 7 8 9
TERMINAL RODOVIÁRIO		Nº 6 5 7 8 9	BH/SP
Belo Horizonte — MG			
de: BELO HORIZONTE		para: SÃO PAULO	
DATA	AGENTE	VIAÇÃO LUXOR Prefixo 008954 KM 590,8	pago seguro
22/05/99	José Cintra		
POLTRONA	HORÁRIO	via do passageiro.	
22	23h30 min		
ÔNIBUS	PREÇO		
LEITO	R\$ 96,70		
ATENÇÃO, USUÁRIO			
Mantenha sempre em seu poder esta passagem.			

O passageiro vai iniciar a viagem

- (A) à noite.
- (B) à tarde.
- (C) de madrugada.
- (D) pela manhã.

Exemplo de item da habilidade H03 para o Ensino Fundamental II:

O IMPÉRIO DA VAIDADE

Você sabe por que a televisão, a publicidade, o cinema e os jornais defendem os músculos torneados, as vitaminas milagrosas, as modelos longilíneas e as academias de ginástica? Porque tudo isso dá dinheiro. Sabe por que ninguém fala do afeto e do respeito entre duas pessoas comuns, mesmo meio gordas, um pouco feias, que fazem piquenique na praia?

Porque isso não dá dinheiro para os negociantes, mas dá prazer para os participantes.

O prazer é físico, independentemente do físico que se tenha: namorar, tomar milk-shake, sentir o sol na pele, carregar o filho no colo, andar descalço, ficar em casa sem fazer nada. Os melhores prazeres são de graça - a conversa com o amigo, o cheiro do jasmim, a rua vazia de madrugada -, e a humanidade sempre gostou de conviver com eles. Comer uma feijoada com os amigos, tomar uma caipirinha no sábado também é uma grande pedida. Ter um momento de prazer é compensar muitos momentos de desprazer. Relaxar, descansar, despreocupar-se, desligar-se da competição, da áspera luta pela vida - isso é prazer.

Mas vivemos num mundo onde relaxar e desligar-se se tornou um problema. O prazer gratuito, espontâneo, está cada vez mais difícil. O que importa, o que vale, é o prazer que se compra e se exhibe, o que não deixa de ser um aspecto da competição. Estamos submetidos a uma cultura atroz, que quer fazer-nos infelizes, ansiosos, neuróticos. As filhas precisam ser Xuxas, as namoradas precisam ser modelos que desfilam em Paris, os homens não podem assumir sua idade.

Não vivemos a ditadura do corpo, mas seu contrário: um massacre da indústria e do comércio. Querem que sintamos culpa quando nossa silhueta fica um pouco mais gorda, não porque querem que sejamos mais saudáveis - mas porque, se não ficarmos angustiados, não faremos mais regimes, não compraremos mais produtos dietéticos, nem produtos de beleza, nem roupas e mais roupas. Precisam da nossa impotência, da nossa insegurança, da nossa angústia.

O único valor coerente que essa cultura apresenta é o narcisismo.

LEITE, Paulo Moreira. O império da vaidade. *Revista Veja*, 23 ago. 1995. p. 79.

O autor pretende influenciar os leitores para que eles

- (A) evitem todos os prazeres cuja obtenção depende de dinheiro.
- (B) excluam de sua vida todas as atividades incentivadas pela mídia.
- (C) fiquem mais em casa e voltem a fazer os programas de antigamente.

(D) sejam mais críticos em relação ao incentivo do consumo pela mídia.

Exemplo de item da habilidade H03 para o Ensino Médio:

Canguru

Todo mundo sabe (será?) que canguru vem de uma língua nativa australiana e quer dizer “Eu Não Sei”. Segundo a lenda, o Capitão Cook, explorador da Austrália, ao ver aquele estranho animal dando saltos de mais de dois metros de altura, perguntou a um nativo como se chamava o dito. O nativo respondeu guugu yimidhrr, em língua local, Gan-guruu, “Eu não sei”. Desconfiado que sou dessas divertidas origens, pesquisei em alguns dicionários etimológicos. Em nenhum dicionário se fala nisso. Só no Aurélio, nossa pequena Bíblia – numa outra versão.

Definição precisa encontrei, como quase sempre, em Partridge:

Kangaroo; wallaby.

As palavras kanga e walla, significando saltar e pular, são acompanhadas pelos sufixos rōo e by, dois sons aborígenes da Austrália, significando quadrúpedes.

Portanto quadrúpedes puladores e quadrúpedes saltadores.

Quando comuniquei a descoberta a Paulo Rónai, notável linguista e grande amigo de Aurélio Buarque de Holanda, Paulo gostou de saber da origem “real” do nome canguru. Mas acrescentou: “Que pena. A outra versão é muito mais bonitinha”. Também acho.

Millôr Fernandes, 26/02/1999, In: <http://www.gravata.com/millor>.

Pode-se inferir do texto que

- (A) as descobertas científicas têm de ser comunicadas aos linguistas.
- (B) os dicionários etimológicos guardam a origem das palavras.**
- (C) os cangurus são quadrúpedes de dois tipos: puladores e saltadores.
- (D) o dicionário Aurélio apresenta tendência religiosa.
- (E) os nativos desconheciam o significado de *canguru*.

Sugestões para melhor desenvolver essa habilidade:

Atividades com textos sobre temas atuais, com espaço para as várias possibilidades de leitura possíveis, permitem desenvolver a interpretação tanto por meio do explícito como do implícito. Trabalhar com textos que evidenciam situações do cotidiano. As informações implícitas exigem que o leitor construa seu sentido por meio de inferências, pois elas não estão claramente presentes no texto. Dessa forma, o leitor necessita observar marcas do texto que o permitam chegar a essa informação, seguindo as pistas do autor para o leitor.

H04 – Identificar o tema de um texto

O tema é o eixo sobre o qual o texto se estrutura. A percepção do tema responde a uma questão essencial para a leitura: “O texto trata de quê?” Em muitos textos, o tema não vem explicitamente marcado, mas deve ser percebido pelo leitor quando identifica a função dos recursos utilizados, como o uso de figuras de linguagem, de exemplos, de uma determinada organização argumentativa, entre outros.

A habilidade que pode ser avaliada por meio deste descritor refere-se ao reconhecimento pelo aluno do assunto principal do texto, ou seja, à diferença do que trata o texto. Para que o aluno identifique o tema, é necessário que relacione as diferentes informações para construir o sentido global do texto.

Essa habilidade é avaliada por meio de um texto para o qual é solicitado, de forma direta, que o aluno identifique o tema ou o assunto principal do texto.

Exemplo de item da habilidade H04 para o Ensino Fundamental I:

Chapeuzinho Amarelo

Era a Chapeuzinho amarelo
Amarelada de medo.
Tinha medo de tudo, aquela Chapeuzinho.
Já não ria.
Em festa não aparecia.
Não subia escada
nem descia.
Não estava resfriada,
mas tossia.
Ouvia conto de fada e estremecia.
Não brincava mais de nada,
nem amarelinha.
Tinha medo de trovão.
Minhoca, pra ela, era cobra.
E nunca apanhava sol,
porque tinha medo de sombra.
Não ia pra fora pra não se sujar.
Não tomava banho pra não descolar.
Não falava nada pra não engasgar.
Não ficava em pé com medo de cair.
Então vivia parada,
Deitada, mas sem dormir,
Com medo de pesadelo.

HOLLANDA, Chico Buarque de. In: *Literatura comentada*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

O texto trata de uma menina que

- (A) brincava de amarelinha.
- (B) gostava de festas.
- (C) subia e descia escadas.
- (D) tinha medo de tudo.**

Exemplo de item da habilidade H04 para o Ensino Fundamental II:

A PARANOIA DO CORPO

Em geral, a melhor maneira de resolver a insatisfação com o físico é cuidar da parte emocional.

Letícia de Castro

Não é fácil parecer com Katie Holmes, a musa do seriado preferido dos *teens*, Dawson's Creek ou com os galãs musculosos do seriado Malhação. Mas os jovens bem que tentam. Nunca se cuidou tanto do corpo nessa faixa etária como hoje. A Runner, uma grande rede de academias de ginástica, com 23 000 alunos espalhados em nove unidades na cidade de São Paulo, viu o público adolescente crescer mais que o adulto nos últimos cinco anos. "Acho que a academia é para os jovens de hoje o que foi a discoteca para a geração dos anos 70", acredita José Otávio Marfará, sócio de outra academia paulistana, a Reebok Sports Club. "É o lugar de confraternização, de diversão."

É saudável preocupar-se com o físico. Na adolescência, no entanto, essa preocupação costuma ser excessiva. É a chamada paranoia do corpo. Alguns exemplos. Nunca houve uma oferta tão grande de produtos de beleza destinados a adolescentes. Hoje em dia é possível resolver a maior parte dos problemas de estrias, celulite e espinhas com a ajuda da ciência. Por isso, a tentação de exagerar nos medicamentos é grande. "A garota tem a mania de recorrer aos

remédios que os amigos estão usando, e muitas vezes eles não são indicados para seu tipo de pele”, diz a dermatologista Lara Yoshinaga, de São Paulo, que atende adolescentes em seu consultório. São cada vez mais frequentes os casos de meninas que procuram um cirurgião plástico em busca da solução de problemas que poderiam ser resolvidos facilmente com ginástica, cremes ou mesmo com o crescimento normal. Nunca houve também tantos casos de anorexia e bulimia. “Há dez anos essas doenças eram consideradas raríssimas. Hoje constituem quase um caso de saúde pública”, avalia o psiquiatra Táci Cordás, da Universidade de São Paulo.

É claro que existem variedades de calvície, obesidade ou doenças de pele que realmente precisam de tratamento continuado. Na maioria das vezes, no entanto, a paranoia do corpo é apenas isso: paranoia. Para curá-la, a melhor maneira é tratar da mente. Nesse processo, a autoestima é fundamental. “É preciso fazer uma análise objetiva e descobrir seus pontos fortes. Todo mundo tem uma parte do corpo que acha mais bonita”, sugere a psicóloga paulista Ceres Alves de Araújo, especialista em crescimento. Um dia, o *teen* acorda e percebe que aqueles problemas físicos que pareciam insolúveis desapareceram como num passe de mágica. Em geral, não foi o corpo que mudou. Foi a cabeça. Quando começa a se aceitar e resolve as questões emocionais básicas, o adolescente dá o primeiro passo para se tornar um adulto.

CASTRO, Letícia de. *Revista Veja*. Jovens. Setembro/2001, p. 56.

A ideia CENTRAL do texto é

- (A) a preocupação do jovem com o físico.
- (B) as doenças raras que atacam os jovens.
- (C) os diversos produtos de beleza para jovens.
- (D) o uso exagerado de remédios pelos jovens.

Exemplo de item da habilidade H04 para o Ensino Médio:

RETRATO

*Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.*

*Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.*

*Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida
a minha face?*

Cecília Meireles: poesia, por Darcy Damasceno. Rio de Janeiro: Agir, 1974. p. 19-20.

O tema do texto é

- (A) a consciência súbita sobre o envelhecimento.
- (B) a decepção por encontrar-se já fragilizada.
- (C) a falta de alternativa face ao envelhecimento.
- (D) a recordação de uma época de juventude.
- (E) a revolta diante do espelho.

Sugestões para melhor desenvolver essa habilidade:

Cabe aos professores trabalhar em um nível de atividade que ultrapasse a superfície do texto, conduzindo o aluno a estabelecer relações entre as informações explícitas e implícitas, a fim de que ele faça inferências textuais e elabore uma síntese do texto. Ou seja, o aluno considera o texto como um todo, mas prende-se ao eixo no qual o texto é estruturado. Os textos informativos são excelentes para se desenvolver essa habilidade. Pode ser também trabalhada a habilidade por meio de tirinhas, propagandas, rótulos etc., em que o professor pode discutir também as diferentes possibilidades de interpretações apresentadas por esses gêneros.

H05 – Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato

É comum, sobretudo em textos dissertativos, que, a respeito de determinados fatos, algumas opiniões sejam emitidas. Ser capaz de localizar a referência aos fatos, distinguindo-a das opiniões relacionadas a eles, representa uma condição de leitura eficaz.

Um item que avalie essa habilidade deve apoiar-se em um material que contenha um fato e uma opinião sobre ele, a fim de poder estimar a capacidade do aluno para fazer tal distinção.

Há, neste item, a intenção de que o aluno identifique uma opinião sobre um fato apresentado. É importante que ele tenha uma visão global do texto e do que está sendo solicitado no enunciado do item para perceber que a opinião sobre o fato está bem marcada por meio das falas das personagens, do autor e narrador.

Neste texto, a diferença entre o fato e a opinião relativa a ele está bem marcada, o que facilita a tarefa do aluno.

Exemplo de item da habilidade H05 para o Ensino Fundamental I:

A raposa e as uvas

Num dia quente de verão, a raposa passeava por um pomar. Com sede e calor, sua atenção foi capturada por um cacho de uvas.

“Que delícia”, pensou a raposa, “era disso que eu precisava para adoçar a minha boca”. E, de um salto, a raposa tentou, sem sucesso, alcançar as uvas.

Exausta e frustrada, a raposa afastou-se da videira, dizendo: “Aposto que estas uvas estão verdes.”

Esta fábula ensina que algumas pessoas quando não conseguem o que querem, culpam as circunstâncias.

Fonte: <http://www1.uol.com.br/crianca/fabulas/noflash/raposa.htm>.

A frase que expressa uma opinião é:

- (A) "a raposa passeava por um pomar."
- (B) "sua atenção foi capturada por um cacho de uvas."
- (C) "a raposa afastou-se da videira"
- (D) "Aposto que estas uvas estão verdes"**

Exemplo de item da habilidade H05 para o Ensino Fundamental II:

No mundo dos sinais

Sob o sol de fogo, os mandacarus se erguem, cheios de espinhos.

Mulungus e aroeiras expõem seus galhos queimados e retorcidos, sem folhas, sem flores, sem frutos.

Sinais de seca brava, terrível!

Clareia o dia. O boiadeiro toca o berrante, chamando os companheiros e o gado.

Toque de saída. Toque de estrada.

Lá vão eles, deixando no estradão as marcas de sua passagem.

TV Cultura, Jornal do Telecurso.

A opinião do autor em relação ao fato comentado está em

- (A) “os mandacarus se erguem”
- (B) “aroeiras expõem seus galhos”
- (C) “Sinais de seca brava, terrível!!”**
- (D) “Toque de saída. Toque de entrada”.

Exemplo de item da habilidade H05 para o Ensino Médio:

Não se perca na rede

Paulo D’Amaro

A Internet é o maior arquivo público do mundo. De futebol a física nuclear, de cinema a biologia, de religião a sexo, sempre há centenas de sites sobre qualquer assunto. Mas essa avalanche de informações pode atrapalhar. Como chegar ao que se quer sem perder tempo? É para isso que foram criados os sistemas de busca. Porta de entrada na rede para boa parte dos usuários, eles são um filão tão bom que já existem às centenas também. Qual deles escolher? Depende do seu objetivo de busca.

Há vários tipos. Alguns são genéricos, feitos para uso no mundo todo (Google, por exemplo). Use esse site para pesquisar temas universais. Outros são nacionais ou estrangeiros com versões específicas para o Brasil (Cadê, Yahoo e Altavista). São ideais para achar páginas “com.br”.

Disponível em: <http://galileu.globo.com/edic/116/rep_internet.htm>. Acesso em Julho /2008.

O artigo foi escrito por Paulo D’Amaro. Ele misturou informações e análises do fato. O período que apresenta uma opinião do autor é

- (A) “foram criados sistemas de busca.”
- (B) “essa avalanche de informações pode atrapalhar.”**
- (C) “sempre há centenas de sites sobre qualquer assunto.”
- (D) “A internet é o maior arquivo público do mundo.”
- (E) “Há vários tipos.”

Sugestões para melhor desenvolver essa habilidade:

Sugerimos que o professor, para trabalhar a habilidade de o aluno estabelecer a diferença entre fato e opinião sobre o fato, recorra a gêneros textuais variados, especialmente os que apresentam estrutura narrativa, tais como contos (fragmentos) e crônicas. Os textos argumentativos também se prestam para trabalhar essa habilidade. Entretanto, torna-se necessário trabalhar nos textos as situações criadas por instrumentos gramaticais, como as expressões adverbiais e as denotativas em relações de mera referencialidade textual ou de influência externa de intromissão do locutor/produtor/narrador.

Grupo II – Implicações do Suporte, Gênero e/ou Enunciador na Compreensão do Texto

Este tópico requer dos alunos duas competências básicas, a saber: a interpretação de textos que conjugam duas linguagens – a verbal e a não verbal – e o reconhecimento da finalidade do texto por meio da identificação dos diferentes gêneros textuais como quadrinhos, propagandas, fotos etc.

Para o desenvolvimento dessas competências, tanto o texto escrito quanto as imagens que o acompanham são importantes, na medida em que propiciam ao leitor relacionar informações e compreender em diferentes atividades a construção de significados.

H06 – Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, fotos etc.)

Além do material especificamente linguístico, muitos textos lançam mão de signos ou sinais de outros códigos, de outras linguagens, que, de muitas formas, concorrem para o entendimento global de seu sentido. Articular esses diferentes sinais representa uma habilidade de compreensão de grande significação, sobretudo atualmente, pois são muitos os textos que misturam tais tipos de representação (textos multimodais), fazendo demandas de leitura de elementos não verbais para o entendimento global do texto exposto.

Um item que se destina a avaliar essa habilidade deve ter como estímulo um texto que conjugue diferentes linguagens, com o intuito, no entanto, de o aluno poder articulá-las em razão de um sentido global percebendo a intencionalidade textual.

Para demonstrar essa habilidade, não basta apenas decodificar sinais e símbolos, mas ter a capacidade de perceber a interação entre a imagem e o texto escrito. A integração de imagens e palavras contribui para a formação de novos sentidos do texto.

Exemplo de item da habilidade H06 para Ensino Fundamental I:



Jim Meddick. "Robô". In folha de São Paulo, 27/04/1993.

No 3º quadrinho, a expressão do personagem e sua fala "AHHH!" indica que ele ficou

- (A) acanhado.
- (B) aterrorizado.**
- (C) decepcionado.
- (D) estressado.

Exemplo de item da habilidade H06 para Ensino Fundamental II:

GARFIELD - Jim Davis



Folha de São Paulo, 29/4/2004.

Pela resposta do Garfield, as coisas que acontecem no mundo são

- (A) assustadoras.
- (B) corriqueiras.
- (C) curiosas.
- (D) naturais.

Exemplo de item da habilidade H06 para Ensino Médio:



QUINO. Mafalda inédita. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 42.

A respeito da tirinha da Mafalda, é correto afirmar que ela

- (A) gosta do Natal pelo mesmo motivo de sua amiga.
- (B) pensa em resposta à pergunta da amiga.
- (C) concorda com a forma de pensar de sua amiga.
- (D) e a amiga têm as mesmas opiniões.
- (E) percebe que a amiga não compreendeu sua fala.

Sugestões para melhor desenvolver essa habilidade:

Levando em conta que grande parte dos textos com os quais nos deparamos nas diversas situações sociais de leitura exige que se integre texto escrito e material gráfico para sua compreensão, a multimodalidade, a escola pode contribuir para o desenvolvimento dessa habilidade explorando a integração de múltiplas linguagens como forma de expressão de ideias e sentimentos.

Para trabalhar essa habilidade, o professor deve usar a maior variedade possível de textos desse gênero. Além das revistas em quadrinhos e das tirinhas, pode-se explorar materiais diversos que contenham apoio em recursos gráficos. Esses materiais vão de peças publicitárias e charges de jornais aos textos presentes nos materiais didáticos de outras disciplinas, tais como gráficos, mapas, tabelas, roteiros, propagandas, fotos etc.

H07 – Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros

Todo texto se realiza com uma determinada finalidade, isto é, tem uma função social. Ou seja, tem um propósito interativo específico. Pode pretender, por exemplo, informar ou esclarecer, expor um ponto de vista, refutar uma posição, narrar um acontecimento, fazer uma advertência, persuadir alguém de alguma coisa etc. O entendimento bem sucedido de um texto depende, também, da identificação das intenções pretendidas por esse texto/autor.

Um item relacionado a esse descritor deve incidir, exatamente, sobre as pretensões reconhecíveis para o texto. Elementos linguísticos e outros contextuais funcionam como pistas para a identificação da finalidade pretendida textualmente.

Esse descritor indica a habilidade de o aluno reconhecer, na leitura de gêneros textuais diferenciados a intencionalidade do autor, tais como: informar, convencer, advertir, instruir, explicar, comentar, divertir, solicitar, recomendar etc.

Exemplo de item da habilidade H07 para o Ensino Fundamental I:

EVA FURNARI

EVA FURNARI - Uma das principais figuras da literatura para crianças. Eva Furnari nasceu em Roma (Itália) em 1948 e chegou ao Brasil em 1950, radicando-se em São Paulo. Desde muito jovem, sua atração eram os livros de estampas - e não causa estranhamento algum imaginá-la envolvida com cores, lápis e pincéis, desenhando mundos e personagens para habitá-los.

Suas habilidades criativas encaminham-na, primeiramente, ao universo das Artes Plásticas expondo, em 1971, desenhos e pinturas na Associação dos Amigos do Museu de Arte Moderna, em uma mostra individual. Paralelamente, cursou a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, formando-se no ano de 1976. No entanto, erguer prédios tornou-se pouco atraente quando encontrou a experiência das narrativas visuais.

Iniciou sua carreira como autora e ilustradora, publicando histórias sem texto verbal, isto é, contadas apenas por imagens. Seu primeiro livro foi lançado pela Ática, em 1980, *Cabra-cega*, inaugurando a coleção *Peixe Vivo*, premiada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ.

Ao longo de sua carreira, Eva Furnari recebeu muitos prêmios, entre eles contam o Jabuti de "Melhor Ilustração" - *Trucks* (Ática, 1991), *A bruxa Zelda e os 80 docinhos* (1986) e *Anjinho* (1998) - setes láureas concedidas pela FNLIJ e o Prêmio APCA pelo conjunto de sua obra.

Fonte: <http://lcaracal.imaginaria.cam/autog/rafas/evafurnari/index.html>

A finalidade do texto é

- (A) apresentar dados sobre vendas de livros.
- (B) divulgar os livros de uma autora.
- (C) informar sobre a vida de uma autora.**
- (D) instruir sobre o manuseio de livros.

Exemplo de item da habilidade H07 para o Ensino Fundamental II:

Mente quieta, corpo saudável

A meditação ajuda a controlar a ansiedade e a aliviar a dor? Ao que tudo indica, sim. Nessas duas áreas os cientistas encontraram as maiores evidências da ação terapêutica da meditação, medida em dezenas de pesquisas. Nos últimos 24 anos, só a clínica de redução do

estresse da Universidade de Massachusetts monitorou 14 mil portadores de câncer, Aids, dor crônica e complicações gástricas. Os técnicos descobriram que, submetidos a sessões de meditação que alteraram o foco da sua atenção, os pacientes reduziram o nível de ansiedade e diminuíram ou abandonaram o uso de analgésicos.

Revista Superinteressante, outubro de 2003.

O texto tem por finalidade

- (A) criticar.
- (B) conscientizar.
- (C) denunciar.
- (D) informar.**

Exemplo de item da habilidade H07 para o Ensino Médio:

Qual a origem do doce brigadeiro?

Em 1946, seriam realizadas as primeiras eleições diretas para presidente após os anos do “Estado Novo”, de Getúlio Vargas. O candidato da aliança PTB/PSD, Eurico Gaspar Dutra, venceu com relativa folga. Mas o título de maior originalidade na campanha ficou para as correligionárias do candidato derrotado, Eduardo Gomes (da UDN).

Brigadeiro da Aeronáutica, com pinta de galã, Eduardo Gomes tinha um apoio, digamos, entusiasmado. Para fazer o “corpo-a-corpo” com o eleitorado, senhoras da sociedade saíam às ruas convocando as mulheres a votar em Gomes, com o slogan: “Vote no brigadeiro. Ele é bonito e solteiro”. Não satisfeitas ainda promoviam almoços e chás, nos quais serviam um irresistível docinho coberto com chocolate granulado. Ao qual deram o nome, claro, de brigadeiro.

Almanaque das curiosidades, p. 89.

A finalidade desse gênero de texto é

- (A) propor mudanças.
- (B) refutar um argumento.
- (C) advertir as pessoas.
- (D) trazer uma informação.
- (E) orientar procedimentos.

Sugestões para melhor desenvolver essa habilidade:

É imprescindível que a escola trabalhe com os alunos a leitura de textos de diferentes gêneros, além daqueles incluídos nos materiais didáticos, como notícias, avisos, anúncios, cartas, convites, instruções, propagandas, telefonema, sermão, romance, bilhete, aula expositiva, ata de reunião de condomínio, entre muitos outros, em que é solicitado ao aluno identificar a função social de cada texto, ou seja, o propósito a que se destina.

Grupo III – Relação entre Textos

Este tópico requer que o aluno assuma uma atitude crítica e reflexiva ao reconhecer as diferentes ideias apresentadas sobre o mesmo tema em um único texto ou em textos. O tema se traduz em proposições que se cruzam no interior dos textos lidos ou naquelas encontradas em textos diferentes, mas que apresentam a mesma ideia, assim, o aluno pode ter maior compreensão das intenções de quem escreve, sendo capaz de identificar posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou tema.

As atividades que envolvem a relação entre textos são essenciais para que o aluno construa a habilidade de analisar o modo de tratamento do tema dado pelo autor e as condições de produção, recepção e circulação dos textos.

Essas atividades podem envolver a comparação de textos de diversos gêneros, como os produzidos pelos alunos, os textos extraídos da Internet, de jornais, revistas, livros e textos publicitários, entre outros.

H08 – Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido.

Por meio deste descritor, pode-se avaliar a habilidade do aluno em reconhecer as diferenças entre textos que tratam do mesmo assunto, em função do leitor-alvo, da ideologia, da época em que foi produzido e das suas intenções comunicativas. Por exemplo, historinhas infantis satirizadas em histórias em quadrinhos, ou poesias clássicas utilizadas como recurso para análises críticas de problemas do cotidiano.

Essa habilidade é avaliada por meio da leitura de dois ou mais textos, de mesmo gênero ou de gêneros diferentes, tendo em comum o mesmo tema, para os quais é solicitado o reconhecimento das formas distintas de abordagem. É preciso levar em consideração o destinatário do texto, o modo de pensar, o período em que foi escrito e as suas intenções.

Exemplo de item da habilidade H08 para o Ensino Fundamental I:

Texto I

Os cerrados

Essas terras planas do planalto central escondem muitos riachos, rios e cachoeiras. Na verdade, o cerrado é o berço das águas. Essas águas brotam das nascentes de brejos ou despenham de paredões de pedra. Em várias partes do cerrado brasileiro existem *canyons* com cachoeiras de mais de cem metros de altura!

SALDANHA, P. *Os cerrados*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

Texto II

Os Pantanais

O homem pantaneiro é muito ligado à terra em que vive. Muitos moradores não pretendem sair da região. E não é pra menos: além das paisagens e do mais lindo pôr do sol do Brasil Central, o Pantanal é um santuário de animais selvagens. Um morador do Pantanal do rio Cuiabá, olhando para um bando de aves, voando sobre veados e capivaras, exclamou: “O Pantanal parece com o mundo no primeiro dia da criação.”

SALDANHA, P. *Os pantanais*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.

Os dois textos descrevem

- (A) belezas naturais do Brasil Central.
- (B) animais que habitam os pantanais.
- (C) problemas que afetam os cerrados.
- (D) rios e cachoeiras de duas regiões.

Exemplo de item da habilidade H08 para o Ensino Fundamental II:

Texto I

Sem-proteção

Jovens enfrentam mal a acne, mostra pesquisa

Fernanda Colavitti

Transtorno presente na vida da grande maioria dos adolescentes e jovens, a acne ainda gera muita confusão entre eles, principalmente no que diz respeito ao melhor modo de se livrar dela. E o que mostra uma pesquisa realizada pelo projeto Companheiros Unidos contra a Acne

(Cucas), uma parceria do laboratório Roche e da Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD): Foram entrevistados 9273 estudantes, entre 11 e 19 anos, em colégios particulares de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco, Paraíba, Pará, Paraná, Alagoas, Ceará e Sergipe, dentre os quais 7623 (82%) disseram ter espinhas. O levantamento evidenciou que 64% desses entrevistados nunca foram ao médico em busca de tratamento para espinhas. "Apesar de não ser uma doença grave, a acne compromete a aparência e pode gerar muitas dificuldades ligadas à autoestima e à sociabilidade", diz o dermatologista Samuel Henrique Mandelbaum, presidente da SBD de São Paulo. Outros 43% dos entrevistados disseram ter comprado produtos para a acne sem consultar o dermatologista - as pomadas, automedicação mais frequente, além de não resolverem o problema, podem agravá-lo, já que possuem componentes oleosos que entopem os poros. (...)

Texto II

Perda de Tempo

Os métodos mais usados por adolescentes e jovens brasileiros não resolvem os problemas mais sérios de acne.

23% lavam o rosto várias vezes ao dia
21% usam pomadas e cremes convencionais
5% fazem limpeza de pele
3% usam hidratante
2% evitam simplesmente tocar no local
2% usam sabonete neutro

COLAVITTI, Fernanda – *Revista Veja*, Outubro / 2001, p. 138.

Comparando os dois textos, percebe-se que eles são

- (A) semelhantes.
- (B) divergentes.
- (C) contrários.
- (D) complementares.**

Exemplo de item da habilidade H08 para o Ensino Médio:

Texto I

“Sou completamente a favor da flexibilização das relações trabalhistas, pois a velhíssima legislação brasileira, além de anacrônica, vem comprometendo seriamente a nossa competitividade em nível global.”

Texto II

“É uma falácia dizer que com a eliminação dos direitos trabalhistas se criarão mais empregos. O trabalhador brasileiro já é por demais castigado para suportar mais essa provocação.”

O Povo, 17 abr. 1997.

Os textos acima tratam do mesmo assunto, ou seja, da relação entre patrão e empregado. Os dois se diferenciam, porém, pela abordagem temática. O texto II em relação ao texto I apresenta uma

- (A) ironia.
- (B) semelhança.
- (C) oposição.**
- (D) aceitação.
- (E) confirmação.

Sugestões para melhor desenvolver essa habilidade:

A escola pode favorecer o desenvolvimento da capacidade crítica do aluno a partir da leitura de textos com posições diferentes sobre um mesmo tema, formando leitores mais atentos, seguros e capazes de extrair o fato em meio às opiniões que se formam em torno dele. A habilidade de comparar dois ou mais textos sobre um mesmo tema exige maturidade do aluno e discernimento, proporcionando-lhe maior autonomia para se posicionar e analisar criticamente os argumentos utilizados pelo autor do texto.

As estratégias utilizadas podem ser:

- a) a contraposição da interpretação da realidade a diferentes opiniões;
- b) a inferência das possíveis intenções do autor marcadas no texto;
- c) a identificação das referências intertextuais presentes no texto;
- d) a percepção dos processos de convencimento utilizados pelo autor para atuar sobre o interlocutor/leitor;
- e) a identificação e o repensar dos juízos de valor tanto sócio-ideológicos (preconceituosos ou não) quanto histórico-culturais (inclusive estéticos) associados à linguagem e à língua;
- f) a reafirmação da sua identidade pessoal e social.

H09 – Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou ao mesmo tema.

Diferentemente do que é exposto no descritor anterior, dois ou mais textos que desenvolvem o mesmo tema podem ser confrontados para se procurar perceber os pontos em que tais textos divergem. Também pode acontecer de um único texto apresentar opiniões distintas em relação a um mesmo fato. A habilidade para estabelecer esses pontos divergentes é de grande relevância na vida social de cada um, pois, constantemente, somos submetidos a informações e opiniões distintas acerca de um fato ou de um tema.

O item que se destina a avaliar essa habilidade deve apoiar-se em um, dois ou mais textos diferentes e focalizar os pontos em que esses textos divergem.

A habilidade avaliada por meio deste descritor relaciona-se, pois, à identificação, pelo aluno, das diferentes opiniões emitidas sobre um mesmo fato ou tema. A construção desse conhecimento é um dos principais balizadores de um dos objetivos do ensino da Língua Portuguesa, qual seja, o de capacitar o aluno a analisar criticamente os diferentes discursos, inclusive o próprio, desenvolvendo a capacidade de avaliação dos textos.

Exemplo de item da habilidade H09 para o Ensino Fundamental I:

Esta habilidade não faz parte da matriz de referência do Ensino Fundamental I.

Exemplo de item da habilidade H09 para o Ensino Fundamental II:

Texto 1

Mapa Da Devastação

A organização não governamental SOS Mata Atlântica e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais terminaram mais uma etapa do mapeamento da Mata Atlântica (www.sosmataatlantica.org.br). O estudo iniciado em 1990 usa imagens de satélite para apontar o que restou da floresta que já ocupou 1,3 milhão de km², ou 15% do território brasileiro. O atlas mostra que o Rio de Janeiro continua o campeão da motosserra. Nos últimos 15 anos, sua média anual de desmatamento mais do que dobrou.

Revista Isto É, nº 1648 – 02-05-2001, São Paulo: Ed. Três.

Texto 2

Há qualquer coisa no ar do Rio, além de favelas

Nem só as favelas brotam nos morros cariocas. As encostas cada vez mais povoadas no Rio de Janeiro disfarçam o avanço do reflorestamento na crista das serras, que espalha cerca de 2 milhões de mudas nativas da Mata Atlântica em espaço equivalente a 1.800 gramados do Maracanã. O replantio começou há 13 anos, para conter vertentes ameaçadas de desmoronamento. Fez mais do que isso. Mudou a paisagem. Vista do alto, ângulo que não faz parte do cotidiano de seus habitantes, a cidade aninha-se agora em colinas coroadas por labirintos verdes, formando desenhos em curva de nível, como cafezais.

Revista Época, nº 83. 20-12-1999. Rio de Janeiro – Ed. Globo, p. 9.

Uma declaração do segundo texto que CONTRADIZ o primeiro é

- (A) a mata atlântica está sendo recuperada no Rio de Janeiro.
- (B) as encostas cariocas estão cada vez mais povoadas.
- (C) as favelas continuam surgindo nos morros cariocas.
- (D) o replantio segura encostas ameaçadas de desabamento.

Exemplo de item da habilidade H09 para o Ensino Médio:

Texto I

Tio Pádua

Tio Pádua e tia Marina moravam em Brasília. Foram um dos primeiros. Mudaram-se para lá no final dos anos 50. Quando Dirani, a filha mais velha, fez dezoito anos, ele saiu pelo Brasil afora atrás de um primo pra casar com ela. Encontrou Jairo, que morava em Marília. Estão juntos e felizes até hoje. Jairo e Dirani casaram-se em 1961. Fico pensando se os casamentos arranjados não têm mais chances de dar certo do que os desarranjados.

Ivana Arruda Leite. Tio Pádua. Internet: <http://www.doidivana.zip.net>. Acesso em 07/01/2007.

Texto II

O casamento e o amor na Idade Média (fragmento)

Nos séculos IX e X, as uniões matrimoniais eram constantemente combinadas sem o consentimento da mulher, que, na maioria das vezes, era muito jovem. Sua pouca idade era um dos motivos da falta de importância que os pais davam a sua opinião. Diziam que estavam conseguindo o melhor para ela. Essa total falta de importância dada à opinião da mulher resultava muitas vezes em raptos. Como o consentimento da mulher não era exigido, o raptor garantia o casamento e ela deveria permanecer ligada a ele, o que era bastante difícil, pois os homens não davam importância à fidelidade. Isso acontecia talvez principalmente pelo fato de a mulher não poder exigir nada do homem e de não haver uma conduta moral que proibisse tal ato.

Ingo Muniz Sabage. O casamento e o amor na Idade Média. Internet: <<http://www.milenio.com.br/ingo/ideias/hist/casament.htm>>.

Acesso em 07/01/2007 (com adaptações).

Sobre o “casamento arranjado”, o texto I e o texto II apresentam opiniões

- (A) complementares.
- (B) duvidosas.
- (C) opostas.
- (D) preconceituosas.
- (E) semelhantes.

Sugestões para melhor desenvolver essa habilidade:

Aos professores incumbe oportunizar aos alunos o exercício de comparação de textos que abordem uma mesma temática. O desenvolvimento dessa habilidade ajuda o aluno a perceber-se como um ser autônomo, dotado da capacidade de se posicionar e transformar a realidade, ao inferir as possíveis intenções do autor marcadas no texto e ao identificar referências intertextuais presentes nele.

As atividades que envolvem a relação entre textos são essenciais para que o aluno construa a habilidade de analisar o modo de tratamento do tema dado pelo autor e as condições de produção, recepção e circulação dos textos.

Grupo IV – Coerência e Coesão no Processamento do Texto

O Grupo IV trata dos elementos que constituem a textualidade, ou seja, aqueles elementos que constroem a articulação entre as diversas partes de um texto: a coerência e a coesão. Considerando que a coerência é a lógica entre as ideias expostas no texto, para que exista coerência é necessário que a ideia apresentada se relacione ao todo textual dentro de uma sequência e progressão da tessitura textual.

Para que as ideias estejam bem relacionadas, também é preciso que estejam bem interligadas, bem “unidas” por meio de conectivos adequados, ou seja, com vocábulos que têm a finalidade de ligar palavras, locuções, orações e períodos. Dessa forma, as peças que interligam o texto, como pronomes, conjunções e preposições, promovendo o sentido entre as partes de um texto e por isso são chamadas de coesão textual. Enfatizam-se apenas os pronomes como elementos coesivos. Assim, definiríamos coesão como a organização entre os elementos que articulam as partes de um texto; é a ligação que se estabelece entre os elementos textuais.

As habilidades a serem desenvolvidas pelos descritores que compõem este grupo exigem que o leitor compreenda o texto não como um simples agrupamento de frases justapostas, mas como um conjunto harmonioso em que há laços, interligações, relações entre as suas partes.

A compreensão e a atribuição de sentidos relativos a um texto dependem da adequada interpretação de seus componentes. De acordo com o gênero textual, o leitor tem uma apreensão geral do assunto do texto e da sua tese. Essa apreensão leva a uma percepção da hierarquia entre qual é a ideia principal? Quais são as ideias secundárias? Quais são os argumentos que reforçam uma tese? Quais são os exemplos confirmatórios? Qual a conclusão?

Em relação aos textos narrativos, o leitor necessita identificar os elementos que compõem o texto – tais como o narrador, o ponto de vista, as personagens, o enredo, o tempo, o espaço – e quais são as relações entre eles na construção da narrativa.

H10 – Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto.

As habilidades que podem ser avaliadas por este descritor relacionam-se ao reconhecimento da função dos elementos que dão coesão ao texto. Dessa forma, eles poderão identificar quais palavras estão sendo substituídas e/ou repetidas para facilitar a continuidade do texto e a compreensão do sentido. Essa habilidade é avaliada por meio de um texto no qual é necessário que o aluno identifique relações entre as partes e as informações do texto como um todo.

Para estabelecer relações entre as partes textuais é preciso que o aluno procure entender, após a leitura do texto, o seu desenvolvimento e as suas identificações que podem aparecer pelo uso do pronome (substitui o nome ou representa) ou de um sinônimo (que é semelhante a palavra repetida).

Exemplo de item da habilidade H10 para o Ensino Fundamental I:

O hábito da leitura

“A criança é o pai do homem”. A frase, do poeta inglês William Wordsworth, ensina que o adulto conserva e amplia qualidades e defeitos que adquiriu quando criança. Tudo que se torna um hábito dificilmente é deixado. Assim, a leitura poderia ser uma mania prazerosa, um passatempo.

Você, coleguinha, pode descobrir várias coisas, viajar por vários lugares, conhecer várias pessoas, e adquirir muitas experiências enquanto lê um livro, jornal, gibi, revista, cartazes de rua e até bula de remédio. Dia 25 de janeiro foi o dia do Carteiro. Ele leva ao mundo inteiro várias notícias, intimações, saudades, respostas, mas tudo isso só existe por causa do hábito da leitura. E aí, vamos participar de um projeto de leitura?

Correio Braziliense, Brasília, 31 de janeiro de 2004. p.7.

No trecho “Ele leva ao mundo inteiro várias notícias...”, a palavra sublinhada refere-se ao

- (A) carteiro.
- (B) jornal.
- (C) livro.
- (D) poeta.

Exemplo de item da habilidade H10 para o Ensino Fundamental II:

Eu tenho um sonho

Eu tenho um sonho
lutar pelos direitos dos homens
Eu tenho um sonho
tornar nosso mundo verde e limpinho
Eu tenho um sonho
de boa educação para as crianças
Eu tenho um sonho
de voar livre como um passarinho

Eu tenho um sonho
ter amigos de todas raças
Eu tenho um sonho
que o mundo viva em paz
e em parte alguma haja guerra
Eu tenho um sonho
Acabar com a pobreza na Terra

Eu tenho um sonho
Eu tenho um monte de sonhos...
Quero que todos se realizem
Mas como?
Marchemos de mãos dadas
e ombro a ombro
Para que os sonhos de todos
se realizem!

SHRESTHA, Urjana. Eu tenho um sonho. In: *Jovens do mundo inteiro*.
Todos temos direitos: um livro de direitos humanos. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2000. p.10.

No verso “Quero que todos se realizem” o termo sublinhado refere-se a

- (A) amigos.

- (B) direitos.
- (C) homens.
- (D) sonhos.**

Exemplo de item da habilidade H10 para o Ensino Médio:

Sermão do Mandato

O primeiro remédio que dizíamos, é o tempo. Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a colunas de mármore, quanto mais a corações de cera? São as afeições como as vidas, que não há mais certo de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circunferência, que tanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os Antigos sabiamente pintaram o amor menino; porque não há amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afrouxa-lhe o arco, com que já não atira; embota-lhe as setas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que voa e foge. A razão natural de toda esta diferença, é porque o tempo tira a novidade às cousas, descobre-lhe defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais amor? O mesmo amor é a causa de não amar, e o de ter amado muito, de amar menos.

VIEIRA, Antônio. Sermão do Mandato. In: *Sermões*. 8. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1980.

Em "...para não serem as mesmas..." (l.12), a expressão destacada refere-se a

- (A) afeições.
- (B) asas.
- (C) cousas.**
- (D) linhas.
- (E) setas.

Sugestões para melhor desenvolver essa habilidade:

Partindo do nível de acertos apresentados pelos alunos neste item, parece adequado que o professor desenvolva mais atividades voltadas para a reconstrução textual. Devemos considerar as especificidades dos tipos e gêneros textuais, tomando os textos lidos como objeto de estudo, sempre que possível, em situações reais de uso.

Nas atividades de leitura em sala de sala, também é relevante reconstruirmos com os alunos a linha de organização textual seguida pelo autor, destacando as expressões que estabelecem as relações parte/todo e as ideias que o texto traz. Além disso, podemos questionar o percurso de análise promovida pelo aluno, apresentando contra exemplos, auxiliando-o a reconstruir os significados do texto.

H11 – Identificar a tese de um texto

Em geral, um texto dissertativo expõe uma tese, isto é, defende um determinado posicionamento do autor em relação a uma ideia, a uma concepção ou a um fato. A exposição da tese constitui uma estratégia discursiva do autor para mostrar a relevância ou consistência de sua posição e, assim, ganhar a adesão do leitor pela adoção do mesmo conjunto de conclusões.

Um item que avalia essa habilidade deve ter como base um texto dissertativo-argumentativo, no qual uma determinada posição ou ponto de vista são defendidos e propostos como válidos para o leitor.

Este descritor indica a habilidade de o aluno reconhecer o ponto de vista ou a ideia central defendida pelo autor. A tese é uma proposição teórica de intenção persuasiva, apoiada em

argumentos contundentes sobre o assunto abordado; é o ponto de vista autoral na intenção de convencer (persuadir) o leitor.

Exemplo de item da habilidade H11 para o Ensino Fundamental I:

Esta habilidade não faz parte da matriz de referência do Ensino Fundamental I.

Exemplo de item da habilidade H11 para o Ensino Fundamental II:

O ouro da biotecnologia

Até os bebês sabem que o patrimônio natural do Brasil é imenso. Regiões como a Amazônia, o Pantanal e a Mata Atlântica – ou o que restou dela – são invejadas no mundo todo por sua biodiversidade. Até mesmo ecossistemas como o do cerrado e o da caatinga têm mais riqueza de fauna e flora do que se costuma pensar. A quantidade de água doce, madeira, minérios e outros bens naturais é amplamente citada nas escolas, nos jornais e nas conversas. O problema é que tal exaltação ufanista ("Abençoado por Deus e bonito por natureza") é diretamente proporcional à desatenção e ao desconhecimento que ainda vigoram sobre essas riquezas.

Estamos entrando numa era em que, muito mais do que nos tempos coloniais (quando pau-brasil, ouro, borracha etc. eram levados em estado bruto para a Europa), a exploração comercial da natureza deu um salto de intensidade e refinamento. Essa revolução tem um nome: biotecnologia. Com ela, a Amazônia, por exemplo, deixará em breve de ser uma enorme fonte "potencial" de alimentos, cosméticos, remédios e outros subprodutos: ela o será de fato – e de forma sustentável. Outro exemplo: os créditos de carbono, que terão de ser comprados do Brasil por países que poluem mais do que podem, poderão significar forte entrada de divisas.

Com sua pesquisa científica carente, indefinição quanto à legislação e dificuldades nas questões de patenteamento, o Brasil não consegue transformar essa riqueza natural em riqueza financeira. Diversos produtos autóctones, como o cupuaçu, já foram registrados por estrangeiros – que nos obrigarão a pagar pelo uso de um bem original daqui, caso queiramos (e saibamos) produzir algo em escala com ele. Além disso, a biopirataria segue crescente. Até mesmo os índios deixam que plantas e animais sejam levados ilegalmente para o exterior, onde provavelmente serão vendidos a peso de ouro. Resumo da questão: ou o Brasil acorda onde provavelmente serão vendidos a peso de ouro. Resumo da questão: ou o Brasil acorda para a nova realidade econômica global, ou continuará perdendo dinheiro como fruta no chão.

Daniel Piza. *O Estado de S. Paulo*.

O texto defende a tese de que

- (A) a Amazônia é fonte "potencial" de riquezas.
- (B) as plantas e os animais são levados ilegalmente.
- (C) o Brasil desconhece o valor de seus bens naturais.**
- (D) os bens naturais são citados na escola.

Exemplo de item da habilidade H11 para o Ensino Médio:

O teatro da etiqueta

No século XV, quando se instalavam os Estados nacionais e a monarquia absoluta na Europa, não havia sequer garfos e colheres nas mesas de refeição: cada comensal trazia sua faca para cortar um naco da carne – e, em caso de briga, para cortar o vizinho. Nessa Europa bárbara, que começava a sair da Idade Média, em que nem os nobres sabiam escrever, o poder do rei devia se afirmar de todas as maneiras aos olhos de seus súditos como uma espécie de teatro. Nesse contexto surge a etiqueta, marcando momento a momento o espetáculo da realeza: só para servir o vinho ao monarca havia um ritual que durava até dez minutos.

Quando Luís XV, que reinou na França de 1715 a 1774, passou a usar lenço não como simples peça de vestuário, mas para limpar o nariz, ninguém mais na corte de Versalhes ousou assoar-se com os dedos, como era costume. Mas todas essas regras, embora servissem para diferenciar a nobreza dos demais, não tinham a petulância que a etiqueta adquiriu depois. Os

nobres usavam as boas maneiras com naturalidade, para marcar uma diferença política que já existia. E representavam esse teatro da mesma forma para todos. Depois da Revolução Francesa, as pessoas começam a aprender etiqueta para ascender socialmente. Daí por que ela passou a ser usada de forma desigual – só na hora de lidar com os poderosos.

Revista Superinteressante, junho 1988, nº 6, ano 02.

Nesse texto, o autor defende a tese de que

- (A) a etiqueta mudou, mas continua associada aos interesses do poder.
- (B) a etiqueta sempre foi um teatro apresentado pela realeza.
- (C) a etiqueta tinha uma finalidade democrática antigamente.
- (D) as classes sociais se utilizam da etiqueta desde o século XV.
- (E) as pessoas evoluíram a etiqueta para descomplicá-la.

Sugestões para melhor desenvolver essa habilidade:

A exposição da tese constitui uma estratégia discursiva do autor para mostrar a relevância ou consistência de sua posição e, assim, ganhar a adesão do leitor pela adoção do mesmo conjunto de conclusões.

A diversidade de convívio com gêneros e com suportes é uma das diretrizes da pedagogia de leitura na atualidade.

O professor deve trabalhar, em sala de aula, com textos argumentativos para que os alunos tenham a oportunidade de desenvolver habilidades de identificar as teses e os argumentos utilizados pelos autores para sustentá-las. Essa tarefa exige que o leitor reconheça o ponto de vista que está sendo defendido. O grau de dificuldade dessa tarefa será maior se um mesmo texto apresentar mais de uma tese.

H12 – Estabelecer a relação entre a tese e os argumentos oferecidos para sustentá-la.

Expor uma tese, naturalmente, exige a apresentação de argumentos que a fundamentem. Ou seja, os argumentos apresentados funcionam como razões, ou como fundamentos de que a tese defendida tem sentido e consistência. Nas práticas sociais que envolvem a proposição de um certo posicionamento ou ponto de vista, a estratégia de oferecer argumentos – não por acaso chamada de argumentação – é um recurso de primeira importância.

Um item relacionado a esse descritor deve levar o aluno a identificar, em uma passagem de caráter argumentativo, as razões oferecidas em defesa do posicionamento assumido pelo autor.

Pretende-se, com este descritor, que o leitor identifique os argumentos utilizados pelo autor na construção de um texto argumentativo. Essa tarefa exige que o leitor, primeiramente, reconheça o ponto de vista que está sendo defendido e relacione os argumentos usados para sustentá-lo.

Exemplo de item da habilidade H12 para o Fundamental I:

Esta habilidade não faz parte da matriz de referência para o Ensino Fundamental I.

Exemplo de item da habilidade H12 para o Ensino Fundamental II:

O namoro na adolescência

Um namoro, para acontecer de forma positiva, precisa de vários ingredientes: a começar pela família, que não seja muito rígida e atrasada nos seus valores, seja conversável, e, ao mesmo tempo, tenha limites muito claros de comportamento. O adolescente precisa disto, para se sentir seguro. O outro aspecto tem a ver com o próprio adolescente e suas condições internas, que determinarão suas necessidades e a própria escolha. São fatores inconscientes, que fazem com

que a Mariazinha se encante com o jeito tímido do João e não dê pelota para o herói da turma, o Mário. Aspectos situacionais, como a relação harmoniosa ou não entre os pais do adolescente, também influenciarão o seu namoro. Um relacionamento em que um dos parceiros vem de um lar em crise, é de saída, dose de leão para o outro, que passa a ser utilizado como anteparo de todas as dores e frustrações. Geralmente, esta carga é demais para o outro parceiro, que também enfrenta suas crises pelas próprias condições de adolescente. Entrar em contato com a outra pessoa, senti-la, ouvi-la, depender dela afetivamente e, ao mesmo tempo, não massacrá-la de exigências, e não ter medo de se entregar, é tarefa difícil em qualquer idade. Mas é assim que começa este aprendizado de relacionar-se afetivamente e que vai durar a vida toda.

SUPLICY, Marta. *A condição da mulher*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Para um namoro acontecer de forma positiva, o adolescente precisa do apoio da família. O argumento que defende essa ideia é

- (A) a família é o anteparo das frustrações.
- (B) a família tem uma relação harmoniosa.
- (C) o adolescente segue o exemplo da família.
- (D) o apoio da família dá segurança ao jovem.**

Exemplo de item da habilidade H12 para o Ensino Médio:

A língua está viva

Ivana Traversim

Na gramática, como muitos sabem e outros nem tanto, existe a exceção da exceção. Isso não quer dizer que vale tudo na hora de falar ou escrever. Há normas sobre as quais não podemos passar, mas existem também as preferências de determinado autor – regras que não são regras, apenas opções. De vez em quando aparece alguém querendo fazer dessas escolhas uma regra. Geralmente são os que não estão bem inteirados da língua e buscam soluções rápidas nos guias práticos de redação. Nada contra. O problema é julgar inquestionáveis as informações que esses manuais contêm, esquecendo-se de que eles estão, na maioria dos casos, sendo práticos – deixando para as gramáticas a explicação dos fundamentos da língua portuguesa.

(...)

Com informação, vocabulário e o auxílio da gramática, você tem plenas condições de escrever um bom texto. Mas, antes de se aventurar, considere quem vai ler o que você escreveu. A galera da faculdade, o pessoal da empresa ou a turma da balada? As linguagens são diferentes.

Afinal, a língua está viva, renovando-se sem parar, circulando em todos os lugares, em todos os momentos do seu dia. Estar antenado, ir no embalo, baixar um arquivo, clicar no ícone – mais que expressões – são maneiras de se inserir num grupo, de socializar-se.

Você S/A, jun. 2003.

A tese da dinamicidade da língua comprova-se pelo fato de que

- (A) as regras gramaticais podem transformar-se em exceção.
- (B) a gramática permite que as regras se tornem opções.
- (C) a língua se manifesta em variados contextos e situações.**
- (D) os manuais de redação são práticos para criar ideias.
- (E) é possível buscar soluções práticas na hora de escrever

Sugestões para melhor desenvolver essa habilidade:

O professor deve trabalhar, em sala de aula, com textos argumentativos para que os alunos tenham a oportunidade de desenvolver habilidades de identificar as teses e os argumentos utilizados pelos autores para sustentá-las. Essa tarefa exige que o leitor, primeiramente, reconheça o ponto de vista que está sendo defendido para depois relacionar os argumentos usados para sustentá-lo. O grau de dificuldade dessa tarefa será maior, se um mesmo texto apresentar mais de uma tese.

H13 – Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto

Se um texto é uma rede de relações, um “tecido” em que diferentes fios se articulam, nem todos “os fios” têm a mesma importância para o seu entendimento global. Tudo não pode ser percebido, portanto, como tendo igual relevância. Ou seja, há uma espécie de hierarquia entre as informações ou ideias apresentadas, de modo que umas convergem para o núcleo principal do texto, enquanto outras são apenas informações adicionais, acessórias, que apenas ilustram ou exemplificam o que está sendo dito. Perceber essa hierarquia das informações, dos argumentos presentes em um texto constitui uma habilidade fundamental para a constituição de um leitor crítico, maduro e proficiente.

Um item voltado para a avaliação dessa habilidade deve levar o aluno a distinguir, entre uma série de segmentos, aqueles que constituem elementos principais ou secundários do texto. É comum, entre os alunos, confundir “partes secundárias” do texto com a “parte principal”. A construção dessa competência é muito importante para desenvolver a habilidade de resumir textos.

Exemplo de item da habilidade H13 para o Ensino Fundamental I:

Esta habilidade não faz parte da matriz de referência do Ensino Fundamental I.

Exemplo de item da habilidade H13 para o Ensino Fundamental II:

Animais no espaço

Vários animais viajaram pelo espaço como astronautas.

Os russos já usaram cachorros em suas experiências. Eles têm o sistema cardíaco parecido com o dos seres humanos. Estudando o que acontece com eles, os cientistas descobrem quais problemas podem acontecer com as pessoas.

A cadela Laika, tripulante da Sputnik-2, foi o primeiro ser vivo a ir ao espaço, em novembro de 1957, quatro anos antes do primeiro homem, o astronauta Gagarin.

Os norte-americanos gostam de fazer experiências científicas espaciais com macacos, pois o corpo deles se parece com o humano. O chimpanzé é o preferido porque é inteligente e convive melhor com o homem do que as outras espécies de macacos. Ele aprende a comer alimentos sintéticos e não se incomoda com a roupa espacial.

Além disso, os macacos são treinados e podem fazer tarefas a bordo, como acionar os comandos das naves, quando as luzes coloridas acendem no painel, por exemplo.

Enos foi o mais famoso macaco a viajar para o espaço, em novembro de 1961, a bordo da nave Mercury/Atlas 5. A nave de Enos teve problemas, mas ele voltou são e salvo, depois de ter trabalhado direitinho. Seu único erro foi ter comido muito depressa as pastilhas de banana durante as refeições.

Folha de São Paulo, 26 de janeiro de 1996.

No texto “Animais no espaço”, uma das informações principais é

- (A) “A cadela Laika (...) foi o primeiro ser vivo a ir ao espaço”.
- (B) “Os russos já usavam cachorros em suas experiências”.
- (C) “Vários animais viajaram pelo espaço como astronautas”.

(D) “Enos foi o mais famoso macaco a viajar para o espaço”.

Exemplo de item da habilidade H13 para o Ensino Médio:

A sombra do meio-dia

A *Sombra do Meio-Dia* é o belo título de um romance lançado recentemente, de autoria do diplomata Sérgio Danese. O livro trata da glória (efêmera) e da desgraça (duradoura) de um *ghost-writer*, ou redator-fantasma – aquele que escreve discursos para outros. A glória do *ghost-writer* de Danese adveio do dinheiro e da ascensão profissional e social que lhe proporcionaram os serviços prestados ao patrão – um ricoço feito senador e ministro, ilimitado nas ambições e limitado nos escrúpulos como soem ser as figuras de sua laia. A desgraça, da sufocação de seu talento literário, ou daquilo que gostaria que fosse talento literário, posto a serviço de outrem, e ainda mais um outrem como aquele. As exigências do patrão, aos poucos, tornam-se acachapantes. Não são apenas discursos que ele encomenda. É uma carta de amor a uma bela que deseja como amante. Ou um conto, com que acrescentar, às delícias do dinheiro e do poder, a glória literária. Nosso escritor de aluguel vai se exaurindo. É a própria personalidade que lhe vai sendo sugada pelo insaciável senhorio. Na forma de palavras, frases e parágrafos, é a alma que põe em continuada venda.

Roberto Pompeu de Toledo, *Revista VEJA*, ed.1843, 3 de março de 2004, Ensaio p. 110.

O fragmento que contém a informação principal do texto é

- (A) “A Sombra do Meio-Dia [...] diplomata Sérgio Danese.”
- (B) “O livro trata da glória (efêmera) e da desgraça (duradoura) de um ghostwriter.”**
- (C) “Não são apenas discursos que ele encomenda.”
- (D) “Nosso escritor de aluguel vai se exaurindo.”
- (E) “Na forma de palavras [...] é a alma que põe em continuada venda.”

Sugestões para melhor desenvolver essa habilidade:

Essa habilidade é característica, principalmente, de textos informativos e argumentativos. Dada a importância dessa habilidade para a compreensão das partes constitutivas do texto, sugere-se ao professor que, além de levar os alunos a se familiarizarem com esses textos, trabalhe efetivamente o desenvolvimento dessa habilidade por meio de outras práticas, tais como a elaboração de resumos, de esquemas, de quadros sinóticos etc.

H14 – Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa

Toda narrativa obedece a um esquema de constituição, de organização, que, salvo algumas alterações, compreende as seguintes partes:

I) **Introdução ou Apresentação** – corresponde ao momento inicial da narrativa, marcado por um estado de **equilíbrio**, em que tudo parece conformar-se à normalidade. Do ponto de vista da construção da narrativa, nesta parte, são indicadas as **circunstâncias** da história, ou seja, o **local e o tempo** em que decorrerá a ação e são apresentada(s) a(s) personagem(ns) principais (**os protagonistas**); tal apresentação se dá por meio de **elementos descritivos** (físicos, psicológicos, morais e outros). Cria-se, assim, **um cenário e um tempo** para os personagens iniciarem suas ações; já se pode antecipar alguma direção para o enredo da narrativa. É, portanto, o segmento **da ordem existente**.

II) **Desenvolvimento e Complicação** – corresponde ao bloco em que se sucedem os acontecimentos, numa determinada ordem e com a intervenção do(s) protagonistas. Corresponde, ainda, ao bloco em que se instala o **conflito**, a **complicação**, ou a **quebra** daquele equilíbrio inicial, com a intervenção opositora do(s) **antagonista(s)** – (personagem(ns) que, de

alguma forma, tenta(m) impedir o protagonista de realizar seus projetos, normalmente positivos). É, portanto, o segmento da **ordem perturbada**.

III) **Clímax** – corresponde ao bloco em que a narrativa **chega ao momento crítico**, ou seja, ao momento em que se viabiliza o desfecho da narrativa.

IV) **Desfecho ou desenlace** – corresponde ao segmento em que se dá a **resolução do conflito**. Dentro dos padrões convencionais, em geral, a narrativa acaba com um desfecho favorável. Daí, o tradicional “**final feliz**”. Esse último bloco é o segmento da **ordem restabelecida**.

Um item vinculado a esse descritor deve levar o aluno a identificar um desses elementos constitutivos da estrutura da narrativa. Evidentemente, o texto utilizado deve ser do tipo narrativo.

Exemplo de item da habilidade H14 para o Ensino Fundamental I:

O rato do mato e o rato da cidade

Um ratinho da cidade foi uma vez convidado para ir à casa de um rato do campo. Vendo que seu companheiro vivia pobremente de raízes e ervas, o rato da cidade convidou-o a ir morar com ele:

— Tenho muita pena da pobreza em que você vive — disse.

— Venha morar comigo na cidade e você verá como lá a vida é mais fácil.

Lá se foram os dois para a cidade, onde se acomodaram numa casa rica e bonita.

Foram logo à despensa e estavam muito bem, se empanturrando de comidas fartas e gostosas, quando entrou uma pessoa com dois gatos, que pareceram enormes ao ratinho do campo.

Os dois ratos correram espavoridos para se esconder.

— Eu vou para o meu campo — disse o rato do campo quando o perigo passou.

— Prefiro minhas raízes e ervas na calma, às suas comidas gostosas com todo esse susto.

MORAL: Mais vale magro no mato que gordo na boca do gato.

*Alfabetização: livro do aluno 2ª ed. rev. e atual. / Ana Rosa Abreu... [et al.]
Brasília: FUNDESCOLA/SEF-MEC, 2001. 4 vol. : p. 60 v. 3*

O problema do rato do mato terminou quando ele

- (A) descobriu a despensa da casa.
- (B) se empanturrou de comida.
- (C) se escondeu dos ratos.
- (D) decidiu voltar para o mato.**

Exemplo de item da habilidade H14 para o Ensino Fundamental II:

Urubus e Sabiás

Tudo aconteceu numa terra distante, no tempo em que os bichos falavam... Os urubus, aves por natureza becadadas, mas sem grandes dotes para o canto, decidiram que, mesmo contra a natureza eles haveriam de se tornar grandes cantores. E para isto fundaram escolas e importaram professores, gargarejaram do-ré-mi-fá, mandaram imprimir diplomas e fizeram competições entre si, para ver quais deles seriam os mais importantes e teriam a permissão para mandar nos outros. Foi assim que eles organizaram concursos e se deram nomes pomposos, e o sonho de cada urubuzinho, instrutor em início de carreira, era se tornar um respeitável urubu titular, a quem todos chamam por Vossa Excelência.

Tudo ia muito bem até que a doce tranquilidade da hierarquia dos urubus foi estremecida. A floresta foi invadida por bandos de pintassilgos, tagarelas, que brincavam com os canários e faziam serenatas com os sabiás... Os velhos urubus entortaram o bico, o rancor encrespou a testa, e eles convocaram pintassilgos, sabiás e canários para um inquérito.

“— Onde estão os documentos de seus concursos?” E as pobres aves se olharam perplexas, porque nunca haviam imaginado que tais coisas houvesse. Não haviam passado por escolas de canto, porque o canto nascera com elas. E nunca apresentaram um diploma para provar que sabiam cantar, mas cantavam, simplesmente...

— Não, assim não pode ser. Cantar sem a titulação devida é um desrespeito à ordem.

E os urubus, em uníssono, expulsaram da floresta os passarinhos que cantavam sem alvarás...

MORAL: Em terra de urubus diplomados não se ouve canto de sabiá.

ALVES, Rubem. *Estórias de Quem gosta de Ensinar*. São Paulo: Ars Poética, 1985, p.81-82.

No contexto, o que gera o conflito é

- (A) a competição para eleger o melhor urubu.
- (B) a escola para formar aves cantoras.
- (C) o concurso de canto para conferir diplomas.
- (D) o desejo dos urubus de aprender a cantar.**

Exemplo de item da habilidade H14 para o Ensino Médio:

O Mato

Veio o vento frio, e depois o temporal noturno, e depois da lenta chuva que passou toda a manhã caindo e ainda voltou algumas vezes durante o dia, a cidade entardeceu em brumas. Então o homem esqueceu o trabalho e as promissórias, esqueceu a condução e o telefone e o asfalto, e saiu andando lentamente por aquele morro coberto de um mato viçoso, perto de sua casa. O capim cheio de água molhava seu sapato e as pernas da calça; o mato escurecia sem vaga-lumes nem grilos.

Pôs a mão no tronco de uma árvore pequena, sacudiu um pouco, e recebeu nos cabelos e na cara as gotas de água como se fosse uma bênção. Ali perto mesmo a cidade murmurava, estava com seus ruídos vespertinos, ranger de bondes, buzinar impaciente de carros, vozes indistintas; mas ele via apenas algumas árvores, um canto de mato, uma pedra escura. Ali perto, dentro de uma casa fechada, um telefone batia, silenciava, batia outra vez, interminável, paciente, melancólico. Alguém, com certeza já sem esperança, insistia em querer falar com alguém.

Por um instante o homem voltou seu pensamento para a cidade e sua vida. Aquele telefone tocando em vão era um dos milhões de atos falhados da vida urbana. Pensou no desgaste nervoso dessa vida, nos desencontros, nas incertezas, no jogo de ambições e vaidades, na procura de amor e de importância, na caça ao dinheiro e aos prazeres. Ainda bem que de todas as grandes cidades do mundo o rio é a única a permitir a evasão fácil para o mar e a floresta. Ele estava ali num desses limites entre a cidade dos homens e a natureza pura; ainda pensava em seus problemas urbanos - mas um camaleão correu de súbito, um passarinho piou triste em algum ramo, e o homem ficou atento àquela humilde vida animal e também à vida silenciosa e úmida das árvores, e à pedra escura, com sua pele de musgo e seu misterioso coração mineral.

ARRIGUCCI, Jr. *Os melhores contos de Rubem Braga*. São Paulo: Editora Global Ltda, 1985.

No texto, o elemento que gera a história narrada é

- (A) a preocupação do homem com os problemas alheios.
- (B) a proximidade entre a casa do homem e o morro com mato viçoso.
- (C) o desejo do homem de buscar alento próximo da natureza.**
- (D) o toque insistente do telefone em uma casa fechada e silenciosa.
- (E) os ruídos vespertinos da cidade, com seus murmúrios constantes.

Sugestões para melhor desenvolver essa habilidade:

Cabe aos professores utilizarem textos clássicos com narrativas, poemas, crônicas – para que os alunos se familiarizem com as construções sintáticas e recursos estilísticos característicos de épocas diferentes. Com esses textos, o trabalho deve centrar-se na identificação dos elementos que constituem a narrativa, explorando cada elemento que a constrói em suas particularidades e no seu todo.

H15 – Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto

Em geral, os fatos se sucedem numa ordem de causa e consequência, ou de motivação e efeito. Estabelecer esse nexos constitui um recurso significativo para a apreensão dos sentidos do texto, sobretudo quando estão em jogo relações lógicas ou argumentativas.

O propósito do item ligado a esse descritor é, portanto, solicitar do aluno que ele identifique os elementos que, no texto, estão na interdependência de causa e consequência. As informações textuais são organizadas durante o desenvolvimento do texto.

Por meio deste descritor, pode-se avaliar a habilidade do aluno em identificar o motivo pelo qual os fatos são apresentados no texto, ou seja, o reconhecimento de como as relações entre os elementos organizam-se de forma que um torna-se o resultado do outro. Entende-se como causa/consequência todas as relações entre os elementos que se organizam de tal forma que um é resultado do outro.

Exemplo de item da habilidade H15 para o Ensino Fundamental I:

A raposa e as uvas

Uma raposa passou por baixo de uma parreira carregada de lindas uvas. Ficou logo com muita vontade de apanhar as uvas para comer.

Deu muitos saltos, tentou subir na parreira, mas não conseguiu.

Depois de muito tentar foi-se embora, dizendo:

— Eu nem estou ligando para as uvas. Elas estão verdes mesmo...

ROCHA, Ruth. *Fábula de Esopo*. São Paulo, FTD, 1992.

O motivo por que a raposa não conseguiu apanhar as uvas foi que

(A) as uvas ainda estavam verdes.

(B) a parreira era muito alta.

(C) a raposa não quis subir na parreira.

(D) as uvas eram poucas.

Exemplo de item da habilidade H15 para o Ensino Fundamental II:

O homem que entrou pelo cano

Abriu a torneira e entrou pelo cano. A princípio incomodava-o a estreiteza do tubo. Depois se acostumou. E, com a água, foi seguindo. Andou quilômetros. Aqui e ali ouvia barulhos familiares. Vez ou outra um desvio, era uma seção que terminava em torneira.

Vários dias foi rodando, até que tudo se tornou monótono. O cano por dentro não era interessante. No primeiro desvio, entrou. Vozes de mulher. Uma criança brincava. Ficou na torneira, à espera que abrissem. Então percebeu que as engrenagens giravam e caiu numa pia. À sua volta era um branco imenso, uma água límpida. E a cara da menina aparecia redonda e grande, a olhá-lo interessada. Ela gritou: “Mãe, tem um homem dentro da pia”.

Não obteve resposta. Esperou, tudo quieto. A menina se cansou, abriu o tampão e ele desceu pelo esgoto.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Cadeiras Proibidas*. São Paulo: Global, 1988. p. 89.

O homem desviou-se de sua trajetória porque

- (A) ouviu muitos barulhos familiares.
- (B) já estava “viajando” há vários dias.
- (C) ficou desinteressado pela “viagem”.**
- (D) percebeu que havia uma torneira.

Exemplo de item da habilidade H15 para o Ensino Médio:

O Quiromante

Há muitos anos atrás, havia um rapaz cigano que, nas horas vagas, ficava lendo as linhas das mãos das pessoas.

O pai dele, que era muito austero no que dizia respeito à tradição cigana de somente as mulheres lerem as mãos, dizia sempre para ele não fazer isso, que não era ofício de homem, que fosse fazer tachos, tocar música, comerciar cavalos.

E o jovem cigano teimava em ser quiromante. Até que um dia ele foi ler a sorte de uma pessoa e, quando ela se virou de frente, ele viu, assustado, que ela não tinha mãos.

A partir daí, abandonou a quiromancia.

PEREIRA, Cristina da Costa. *Lendas e histórias ciganas*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

O trecho “A partir daí, abandonou a quiromancia” (l. 8) apresenta, com relação ao que foi dito no parágrafo anterior, o sentido de

- (A) comparação.
- (B) condição.
- (C) consequência.**
- (D) finalidade.
- (E) oposição.

Sugestões para melhor desenvolver essa habilidade:

Para trabalhar as relações de causa e consequência, o professor pode se valer de textos verbais de gêneros variados, em que os alunos possam reconhecer as múltiplas relações que contribuem para dar ao texto coerência e coesão. As notícias de jornais, por exemplo, são excelentes para trabalhar essa habilidade, tendo em vista que, nesse tipo de gênero textual, há sempre a explicitação de um fato, das consequências que provoca e das causas que lhe deram origem.

H16 – Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios etc.

Em todo texto de maior extensão, aparecem expressões conectoras – sejam conjunções, preposições, advérbios e respectivas locuções – que criam e sinalizam relações semânticas de diferentes naturezas. Entre as mais comuns, podemos citar as relações de causalidade, de comparação, de concessão, de tempo, de condição, de adição, de oposição etc. Reconhecer o tipo de relação semântica estabelecida por esses elementos de conexão é uma habilidade fundamental para a apreensão da coerência do texto.

Um item voltado para o reconhecimento de tais relações deve focalizar as expressões sinalizadoras e seu valor semântico, sejam conjunções, preposições ou locuções adverbiais.

Com este item, pretendemos avaliar a habilidade do aluno em perceber a coerência textual, partindo da identificação dos recursos coesivos e de sua função textual. No texto a seguir, enfatizamos a relação lógico-discursiva das conjunções.

Exemplo de item da habilidade H16 para o Ensino Fundamental I:

Pepita a piaba

Lá no fundo do rio, vivia Pepita: uma piaba miudinha.
Mas Pepita não gostava de ser assim.
Ela queria ser grande... bem grandona...
Tomou pílulas de vitamina... Fez ginástica de peixe... Mas nada...
Continuava miudinha.
– O que é isso? Uma rede?
Uma rede no rio! Os pescadores!
Ai, ai, ai... Foi um corre-corre... Foi um nada-nada...
Mas... muitos peixes ficaram presos na rede.
E Pepita?
Pepita escapou... Ela nadou, nadou pra bem longe dali!

CONTIJO, Solange A. Fonseca. *Pepita a piaba*. Coleção Miguilim. São Paulo: Nacional, 2004.

No trecho “Lá no fundo do rio, vivia Pepita” (linha 1), a expressão sublinhada dá ideia de

- (A) causa.
- (B) explicação.
- (C) lugar.**
- (D) tempo.

Exemplo de item da habilidade H16 para o Ensino Fundamental II:

As enchentes de minha infância

Sim, nossa casa era muito bonita, verde, com uma tamareira junto à varanda, mas eu invejava os que moravam do outro lado da rua, onde as casas dão fundos para o rio. Como a casa dos Martins, como a casa dos Leão, que depois foi dos Medeiros, depois de nossa tia, casa com varanda fresquinha dando para o rio.

Quando começavam as chuvas a gente ia toda manhã lá no quintal deles ver até onde chegara a enchente. As águas barrentas subiam primeiro até a altura da cerca dos fundos, depois às bananeiras, vinham subindo o quintal, entravam pelo porão. Mais de uma vez, no meio da noite, o volume do rio cresceu tanto que a família defronte teve medo.

Então vinham todos dormir em nossa casa. Isso para nós era uma festa, aquela faina de arrumar camas nas salas, aquela intimidade improvisada e alegre. Parecia que as pessoas ficavam todas contentes, riam muito; como se fazia café e se tomava café tarde da noite! E às vezes o rio atravessava a rua, se tomava café tarde da noite! E às vezes o rio atravessava a rua, entrava pelo nosso porão, e me lembro que nós, os meninos, torcíamos para ele subir mais e mais. Sim, éramos a favor da enchente, ficávamos tristes de manhãzinha quando, mal saltando da cama, íamos correndo para ver que o rio baixara um palmo – aquilo era uma traição, uma fraqueza do Itapemirim. Às vezes chegava alguém a cavalo, dizia que lá, para cima do Castelo, tinha caído chuva muita, anunciava águas nas cabeceiras, então dormíamos sonhando que a enchente ia outra vez crescer, queríamos sempre que aquela fosse a maior de todas as enchentes.

BRAGA, Rubem. *Ai de ti, Copacabana*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962. p. 157.

Que função desempenha a expressão destacada no texto “... o volume do rio cresceu tanto que a família defronte teve medo” (2º parágrafo)

- (A) adição de ideias.
- (B) comparação entre dois fatos.
- (C) consequência de um fato.**

(D) finalidade de um fato enunciado.

Exemplo de item da habilidade H16 para o Ensino Médio:

Câncer

As novas frentes de ataque

A ciência chega finalmente à fase de atacar o mal pela raiz sem efeito colateral.

A luta contra o câncer teve grandes vitórias nas últimas décadas do século 20, mas deve-se admitir que houve também muitas esperanças de cura não concretizadas. Após sucessivas promessas de terapias revolucionárias, o século 21 começou com a notícia de uma droga comprovadamente capaz de bloquear pela raiz a gênese de células tumorais. Ela foi anunciada em maio deste ano, na cidade de San Francisco, no EUA, em uma reunião com a presença de cerca de 26 mil médicos e pesquisadores. A genética, que já vinha sendo usada contra o câncer em diagnósticos e avaliações de risco, conseguiu, pela primeira vez, realizar o sonho das drogas “inteligentes”: impedir a formação de tumores. Com essas drogas, será possível combater a doença sem debilitar o organismo, como ocorre na radioterapia e na quimioterapia convencional. O próximo passo é assegurar que as células cancerosas não se tornem resistentes à medicação. São, portanto, várias frentes de ataque. Além das mais de 400 drogas em testes, aposta-se no que já vinha dando certo, como a prevenção e o diagnóstico precoce.

Revista Galileu. Julho de 2001, p. 41.

O conectivo “portanto” estabelece com as ideias que o antecedem uma relação de

- (A) adversidade.
- (B) conclusão.**
- (C) causa.
- (D) comparação.
- (E) finalidade.

Sugestões para melhor desenvolver essa habilidade:

Para desenvolver essa habilidade, o professor pode se valer de textos de gêneros variados, a fim de trabalhar as relações lógico-discursivas, mostrando aos alunos a importância de reconhecer que todo texto se constrói a partir de múltiplas relações de sentido que se estabelecem entre os enunciados que compõem o texto. As notícias de jornais, por exemplo, os textos argumentativos, os textos informativos são excelentes para trabalhar essa habilidade.

Grupo V – Relações entre Recursos Expressivos e Efeitos de Sentido

Em diferentes gêneros textuais, tais como a propaganda, os recursos expressivos são largamente utilizados. Os poemas também se valem desses recursos, exigindo atenção redobrada e sensibilidade do leitor para perceber os efeitos de sentido subjacentes ao texto.

Vale destacar que os sinais de pontuação e outros mecanismos de notação, como o itálico, o negrito, a caixa alta e o tamanho da fonte podem expressar sentidos variados. O ponto de exclamação, por exemplo, nem sempre expressa surpresa. Faz-se necessário, portanto, que o leitor, ao explorar o texto, perceba como esses elementos constroem a significação, na situação comunicativa em que se apresentam.

H17 – Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados

A forma como as palavras são usadas ou a quebra na regularidade de seus usos constituem recursos que, intencionalmente, são mobilizados para produzir no interlocutor certos efeitos de sentido. Entre tais efeitos, são comuns os efeitos de ironia ou aqueles outros que provocam humor ou outro tipo de impacto. Para que a pretensão do autor tenha sucesso, é preciso que o interlocutor reconheça tais efeitos. Por exemplo, na ironia, o ouvinte ou leitor devem

entender que o que é dito corresponde, na verdade, ao contrário do que é explicitamente afirmado.

A ironia é o efeito de contraste proposital entre o que se diz e o que se pensa ou faz, obtendo, assim, um efeito crítico ou humorístico. O humor provoca impacto de riso no leitor.

Um item relacionado a essa habilidade deve ter como base textos em que tais efeitos se manifestem (como anedotas, charges, tiras etc.) e deve levar o aluno a reconhecer quais expressões ou outros recursos criaram os efeitos em jogo. Os elementos podem ser uma pontuação, alguma notação ou ainda expressões.

Por meio deste descritor, pode-se avaliar a habilidade do aluno em reconhecer os efeitos de ironia ou humor causados por expressões diferenciadas utilizadas no texto pelo autor ou, ainda, pela utilização de pontuação e notações. No caso deste item, o que se pretende é que o aluno reconheça o fato que provocou o efeito de ironia no texto.

Exemplo de item da habilidade H17 para o Ensino Fundamental I:

Continho

Era uma vez um menino triste, magro e barrigudinho. Na soalheira danada de meio-dia, ele estava sentado na poeira do caminho, imaginando bobagem, quando passou um vigário a cavalo.

- Você, aí, menino, para onde vai essa estrada?
- Ela não vai não: nós é que vamos nela.
- Engraçadinho duma figa! Como você se chama?
- Eu não me chamo, não, os outros é que me chamam de Zé.

MENDES CAMPOS, Paulo. *Para gostar de ler*. Crônicas. São Paulo: Ática, 1996, v.1. p. 76.

Há traço de humor no trecho

- (A) “Era uma vez um menino triste, magro”.
- (B) “ele estava sentado na poeira do caminho”.
- (C) “quando passou um vigário”.
- (D) “Ela não vai não: nós é que vamos nela”.

Exemplo de item da habilidade H17 para o Ensino Fundamental II:



Ciça. *O Pato no formigueiro*. Rio de Janeiro: Codecri. vol. 2.

O que torna o texto engraçado é que

- (A) a aluna é uma formiga.
- (B) a aluna faz uma pechincha.
- (C) a professora dá um castigo.
- (D) a professora fala “XIS” e “CÊ AGÁ”.

Exemplo de item da habilidade H17 para o Ensino Médio:

Prova falsa

Quem teve a ideia foi o padrinho da caçula — ele me conta. Trouxe o cachorro de presente e logo a família inteira se apaixonou pelo bicho. Ele até que não é contra isso de se ter um animalzinho em casa, desde que seja obediente e com um mínimo de educação.

— Mas o cachorro era um chato — desabafou.

Desses cachorrinhos de caça, cheios de nhenhém, que comem comidinha especial, precisam de muitos cuidados, enfim, um chato de galocha. E, como se isto não bastasse, implicava com o dono da casa.

— Vivia de rabo abanando para todo mundo, mas quando eu entrava em casa vinha logo com aquele latido fininho e antipático, de cachorro de francesa.

Ainda por cima era puxa-saco. Lembrava certos políticos da oposição, que espinafram o ministro, mas quando estão com o ministro, ficam mais por baixo que tapete de porão. Quando cruzavam num corredor ou qualquer outra dependência da casa, o desgraçado rosnava ameaçador, mas quando a patroa estava perto, abanava o rabinho, fingindo-se seu amigo.

— Quando eu reclamava, dizendo que o cachorro era um cínico, minha mulher brigava comigo, dizendo que nunca houve cachorro fingido e eu é que implicava com o “pobrezinho”.

Num rápido balanço poderia assinalar: o cachorro comeu oito meias suas, roeu a manga de um paletó de casemira inglesa, rasgara diversos livros, não podia ver um pé de sapato que arrastava para locais incríveis. A vida lá em sua casa estava se tornando insuportável. Estava vendo a hora em que se desquitava por causa daquele bicho cretino. Tentou mandá-lo embora umas vinte vezes e era uma choradeira das crianças e uma espinhação da mulher.

— Você é um desalmado — disse ela, uma vez.

Venceu a guerra fria com o cachorro graças à má educação do adversário. O cãozinho começou a fazer pipi onde não devia. Várias vezes exemplado, prosseguiu no feio vício. Fez diversas vezes no tapete da sala. Fez duas na boneca da filha maior. Quatro ou cinco vezes fez nos brinquedos da caçula. E tudo culminou com o pipi que fez em cima do vestido novo de sua mulher.

— Aí mandaram o cachorro embora? — perguntei.

— Mandaram. Mas eu fiz questão de dá-lo de presente a um amigo que adora cachorros. Ele está levando um vidão em sua nova residência.

— Ué... mas você não o detestava? Como é que ainda arranjou essa sopa pra ele?

— Problema de consciência — explicou: O pipi não era dele.

E suspirou cheio de remorso.

PONTE PRETA, Stanislaw. *Para gostar de ler*. Gol de padre e outras crônicas. São Paulo: Ática, 1998. v. 23. p. 24-25.

O que gera humor no texto é o fato de

- (A) a família se apaixonar pelo cachorro.
- (B) a mulher dizer que nunca houve cachorro fingido.
- (C) o cachorro fazer pipi onde não devia.
- (D) o dono da casa achar o cachorro um chato.
- (E) o pipi feito no vestido novo não ser do cachorro.**

Sugestões para melhor desenvolver essa habilidade:

Sugere-se que o professor trabalhe mais, em sala de aula, textos variados que busquem provocar um efeito de humor e ironia, pois, na maioria das vezes, esse resulta do deslocamento do sentido convencional de uma palavra.

É importante chamar a atenção para o fato de que muitas vezes o efeito de humor pode ser resultante de contextos evidenciados pela imagem ou ainda pela combinação das linguagens verbal e não-verbal.

Essa habilidade é avaliada por meio de textos verbais e de textos verbais e não-verbais, sendo muito valorizadas neste descritor atividades com textos de gêneros variados sobre temas atuais, com espaço para várias possibilidades de leituras, como os textos publicitários, as charges, os textos de humor ou letras de músicas, levando o aluno a perceber o sentido irônico ou humorístico do texto, que pode estar representado, por exemplo, por uma expressão verbal inusitada ou por uma expressão facial da personagem. O aluno precisa reconhecer esses efeitos por meio de um trabalho contextualizado.

H18 – Identificar o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações

Entre os recursos de efeito de sentido estão os sinais de pontuação. Além de estarem vinculados intimamente à coerência do texto, esses sinais podem acumular outras funções discursivas, como aquelas ligadas à ênfase, à reformulação ou à justificação de certos segmentos. Nessa perspectiva, a pontuação tem de ser vista muito mais além; isto é, não são simples sinais para separar ou marcar segmentos da superfície do texto.

Um item relativo a essa habilidade deve, portanto, conceder primazia aos efeitos discursivos produzidos por notações como itálico, negrito, caixa alta etc. e pelo uso dos sinais; muito mais, portanto, do que simplesmente a identificação de suas funções na sintaxe da frase.

Com este item, pretendemos avaliar a habilidade de o aluno identificar o efeito provocado no texto pelo uso das aspas, que colabora para a construção do seu sentido global, não se restringindo ao seu aspecto puramente gramatical. Consideremos o item a seguir:

Exemplo de item da habilidade H18 para o Ensino Fundamental I:

Feias, sujas e imbatíveis

As baratas estão na Terra há mais de 200 milhões de anos, sobrevivem tanto no deserto como nos pólos e podem ficar até 30 dias sem comer. Vai encarar?

Férias, sol e praia são alguns dos bons motivos para comemorar a chegada do verão e achar que essa é a melhor estação do ano. E realmente seria, se não fosse por um único detalhe: as baratas. Assim como nós, elas também ficam bem animadas com o calor. Aproveitam a aceleração de seus processos bioquímicos para se reproduzirem mais rápido e, claro, para passearem livremente por todos os cômodos de nossas casas.

Nessa época do ano, as chances de dar de cara com a visitante indesejada, ao acordar durante a noite para beber água ou ir ao banheiro, são três vezes maiores.

Revista *Galileu*. Rio de Janeiro: Globo, Nº 151, Fev. 2004, p.26 (fragmento).

No trecho “Vai encarar?” (linha 2), o ponto de interrogação tem o efeito de

- (A) apresentar.
- (B) avisar.
- (C) desafiar.**
- (D) questionar.

Exemplo de item da habilidade H18 para o Ensino Fundamental II:



Angeli. *Folha de São Paulo*, 25/04/1993.

No terceiro quadrinho, os pontos de exclamação reforçam ideia de

- (A) comoção.
- (B) contentamento.
- (C) desinteresse.**
- (D) surpresa.

Exemplo de item da habilidade H18 para o Ensino Médio:

A culpa é do dono?

A reportagem “Eles estão soltos” (17 de janeiro), sobre os cães da raça pit bull que passeiam livremente pelas praias cariocas, deixou leitores indignados com a defesa que seus criadores fazem de seus animais. Um deles dizia que os cães só se tornam agressivos quando algum movimento os assusta. Sandro Megale Pizzo, de São Carlos, retruca que é difícil saber quais de nossos movimentos “assustariam” um pit bull. De Siegen, na Alemanha, a leitora Regina Castro Schaefer diz que pergunta a si mesma que tipo de gente pode ter como animal de estimação um cachorro que é capaz de matar e desfigurar pessoas.

Revista Veja, Abril. 28/2/2001.

O que sugere o uso de aspas na palavra “assustariam”?

- (A) raiva.
- (B) ironia.**
- (C) medo.
- (D) insegurança.
- (E) ignorância.

Sugestões para melhor desenvolver essa habilidade:

Ao longo do processo de leitura, podemos oferecer aos nossos alunos o contato com gêneros textuais que utilizam largamente recursos, como propagandas, reportagens, quadrinhos, tirinhas, entre outros, orientando-os a perceber e analisar os efeitos de sentido dos sinais de pontuação (travessão, interrogação, exclamação, reticências etc.) e das notações (itálico, negrito, caixa alta, caixa baixa, entre outros) como elementos significativos para construção de sentidos.

H19 – Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão

Se é verdade que nada no texto acontece aleatoriamente, ganha relevo admitir que a seleção de determinada palavra em lugar de uma outra pode responder a uma intenção particular do interlocutor de produzir certo efeito discursivo. Optar por um diminutivo, por exemplo, pode ser um recurso para expressar uma ressalva, para desprestigiar um objeto, como pode, ao contrário, revelar afeto, carinho, aceitação.

Optar por uma palavra estrangeira também tem seus efeitos. Portanto a competência comunicativa inclui a capacidade de não apenas conhecer os significados das palavras, mas, sobretudo, de discernir os efeitos de sentido que suas escolhas proporcionam. Isso nos leva a ultrapassar a simples identificação “do que o outro diz” para perceber “por que ele diz com essa ou aquela palavra”.

Um item destinado a avaliar essa habilidade deve focalizar uma determinada palavra ou expressão e solicitar do aluno o discernimento de por que essa, e não outra palavra ou expressão, foi selecionada.

Com este item, pretendemos avaliar a habilidade do aluno em reconhecer a alteração de significado ou a criação de um determinado termo ou vocábulo, decorrente da escolha do autor. Devemos compreender a seleção vocabular como uma estratégia do autor para que o leitor depreenda seus propósitos. Vejamos o exemplo a seguir:

Exemplo de item da habilidade H19 para o Ensino Fundamental I:

Esta habilidade não faz parte da matriz de referência do Ensino Fundamental I,

Exemplo de item da habilidade H19 para o Ensino Fundamental II:

“Chatear” e “encher”

Um amigo meu me ensina a diferença entre “chatear” e “encher”. Chatear é assim: você telefona para um escritório qualquer da cidade.

— Alô! Quer me chamar por favor o Valdemar?

— Aqui não tem nenhum Valdemar.

Daí a alguns minutos você liga de novo:

— O Valdemar, por obséquio.

— Cavalheiro, aqui não trabalha nenhum Valdemar.

— Mas não é do número tal?

— É, mas aqui nunca teve nenhum Valdemar.

Mais cinco minutos, você liga o mesmo número:

— Por favor, o Valdemar chegou?

— Vê se te manca, palhaço. Já não lhe disse que o diabo desse Valdemar nunca trabalhou aqui?

— Mas ele mesmo me disse que trabalhava aí.

— Não chateia.

Daí a dez minutos, liga de novo.

— Escute uma coisa! O Valdemar não deixou pelo menos um recado? O outro desta vez esquece a presença da datilógrafa e diz coisas impublicáveis.

Até aqui é chatear. Para encher, espere passar mais dez minutos, faça nova ligação:

— Alô! Quem fala? Quem fala aqui é o Valdemar. Alguém telefonou para mim?

CAMPOS, Paulo Mendes. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, v.2, p. 35.

No trecho “Cavalheiro, aqui não trabalha nenhum Valdemar”, o emprego do termo sublinhado sugere que o personagem, no contexto

(A) era gentil.

- (B) era curioso.
- (C) desconhecia a outra pessoa.
- (D) revelava impaciência.**

Exemplo de item da habilidade H19 para o Ensino Médio:

Leite

Vocês que têm mais de 15 anos, se lembram quando a gente comprava leite em garrafa, na leiteria da esquina? (...)

Mas vocês não se lembram de nada, pô! Vai ver nem sabem o que é vaca. Nem o que é leite. Estou falando isso porque agora mesmo peguei um pacote de leite – leite em pacote, imagina, Tereza! – na porta dos fundos e estava escrito que é pasteurizado ou pasterizado, sei lá, tem vitamina, é garantido pela embromatologia, foi enriquecido e o escambau.

Será que isso é mesmo leite? No dicionário diz que leite é outra coisa: “líquido branco, contendo água, proteína, açúcar e sais minerais”. Um alimento pra ninguém botar defeito. O ser humano o usa há mais de 5.000 mil anos. É o único alimento só alimento. A carne serve pro animal andar, a fruta serve para fazer outra fruta, o ovo serve pra fazer outra galinha (...) O leite é só leite. Ou toma ou bota fora.

Esse aqui examinando bem, é só pra botar fora. Tem chumbo, tem benzina, tem mais água do que leite, tem serragem, sou capaz de jurar que nem vaca tem por trás desse negócio.

Depois o pessoal ainda acha estranho que os meninos não gostem de leite. Mas, como não gostam? Não gostam como? Nunca tomaram! Múúúúúú!

Millôr Fernandes. *O Estado de São Paulo*. 22/08/1999.

Ao criar a palavra “embromatologia”, o autor pretendeu ser

- (A) conciso.
- (B) sério.
- (C) formal.
- (D) cordial.
- (E) irônico.**

Sugestões para melhor desenvolver essa habilidade:

Para desenvolvermos essa habilidade, podemos utilizar textos publicitários, literários, entre outros, nos quais sejam explorados recursos expressivos importantes, proporcionando ao aluno a percepção das estratégias utilizadas pelo autor para a ampliação do significado do texto.

Seria desejável que a exploração de outros recursos expressivos (metáforas, ironia, pontuação etc.) acompanhasse, nas atividades em sala de aula, o estudo da construção dos diferentes elementos da narrativa (narrador, personagens, enredo, espaço e tempo).

H20 – Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfosintáticos

As explicações dadas para reconhecer efeitos de sentido, em parte, podem valer para esta habilidade. Ou seja, as escolhas que fazemos para a elaboração de um texto respondem a intenções discursivas específicas, sejam escolhas de palavras, sejam escolhas de estruturas morfológicas ou sintáticas. Assim, não é por acaso que, em certos textos, o autor opta por períodos mais curtos – para dar um efeito de velocidade, por exemplo; ou opta por inversões de segmentos – para surtir certos efeitos de estranhamento, de impacto, de encantamento, afinal (“tinha uma pedra no meio do caminho; no meio do caminho tinha uma pedra”). Ou seja, mais do que identificar a estrutura sintática apresentada, vale discernir sobre o efeito discursivo provocado no leitor.

Um item relativo a essa habilidade deve, pois, conceder primazia aos efeitos discursivos produzidos pela escolha de determinada estrutura morfológica ou sintática. Incide, portanto, sobre os motivos de uma escolha para alcançar certos efeitos. Os recursos ortográficos podem aparecer, por exemplo, no texto como um aumentativo ou diminutivo

Com este item, pretende-se avaliar a habilidade do aluno em identificar o efeito de sentido decorrente das variações relativas aos padrões gramaticais da língua. No texto a seguir, sem explora, como recurso expressivo, a repetição lexical da palavra chuva.

Exemplo de item da habilidade H20 para o Ensino Fundamental I:

Esta habilidade não faz parte da matriz de referência do Ensino Fundamental I,

Exemplo de item da habilidade H20 para o Ensino Fundamental II:

A CHUVA

A chuva derrubou as pontes. A chuva transbordou os rios. A chuva molhou os transeuntes. A chuva encharcou as praças. A chuva enferrujou as máquinas. A chuva enfureceu as marés. A chuva e seu cheiro de terra. A chuva com sua cabeleira. A chuva esburacou as pedras. A chuva alagou a favela. A chuva de canivetes. A chuva enxugou a sede. A chuva anoiteceu de tarde. A chuva e seu brilho prateado. A chuva de retas paralelas sobre a terra curva. A chuva destroçou os guarda-chuvas. A chuva durou muitos dias. A chuva apagou o incêndio. A chuva caiu. A chuva derramou-se. A chuva murmurou meu nome. A chuva ligou o pábrisa. A chuva acendeu os faróis. A chuva tocou a sirene. A chuva com a sua crina. A chuva encheu a piscina. A chuva com as gotas grossas. A chuva de pingos pretos. A chuva açoitando as plantas. A chuva senhora da lama. A chuva sem pena. A chuva apenas. A chuva empenou os móveis. A chuva amarelou os livros. A chuva corroeu as cercas. A chuva e seu baque seco. A chuva e seu ruído de vidro. A chuva inchou o brejo. A chuva pingou pelo teto. A chuva multiplicando insetos. A chuva sobre os varais. A chuva derrubando raios. A chuva acabou a luz. A chuva molhou os cigarros. A chuva mijou no telhado. A chuva regou o gramado. A chuva arrepiou os poros. A chuva fez muitas poças. A chuva secou ao sol.

ANTUNES, Arnaldo. *As coisas*. São Paulo: Iluminuras, 1996.

Todas as frases do texto começam com "a chuva". Esse recurso é utilizado para

- (A) provocar a percepção do ritmo e da sonoridade.
- (B) provocar uma sensação de relaxamento dos sentidos.
- (C) reproduzir exatamente os sons repetitivos da chuva.
- (D) sugerir a intensidade e a continuidade da chuva.**

Exemplo de item da habilidade H20 para o Ensino Médio:

Você não entende nada

Quando eu chego em casa nada me consola
Você está sempre aflita
Com lágrimas nos olhos de cortar cebola
Você é tão bonita

Você traz coca-cola
Eu tomo
Você bota a mesa
Eu como eu como eu como eu como eu como
Você
Não tá entendendo quase nada do que eu digo
Eu quero é ir-me embora

Eu quero dar o fora
E quero que você venha comigo

Eu me sento
Eu fumo
Eu como
Eu não aguento
Você está tão curtida
Eu quero é tocar fogo nesse apartamento
Você não acredita
Traz meu café com suíta
Eu tomo
Bota a sobremesa
Eu como eu como eu como eu como eu como
Você
Tem que saber que eu quero é correr mundo
Correr perigo
Eu quero é ir-me embora
Eu quero dar o fora
E quero que você venha comigo.

VELOSO, Caetano. Literatura Comentada: Você Não Entende Nada. 2 Ed. Nova Cultura. 1998.

A repetição da expressão “eu quero”, em diversos versos, tem por objetivo

- (A) fazer associações de sentido.
- (B) refutar argumentos anteriores.
- (C) detalhar sonhos e pretensões.
- (D) apresentar explicações novas.
- (E) reforçar a expressão dos desejos.**

Sugestões para melhor desenvolver essa habilidade:

As atividades de leitura e de análise linguística possibilitam ao aluno investigar diferentes funções textuais produzidas por um único recurso expressivo e os diferentes efeitos de sentido que podem daí derivar. Temos, muitas vezes, a ideia equivocada de que a repetição de palavras e expressões é um recurso típico de textos produzidos na modalidade oral, que indica falta de maestria no uso da linguagem. O recurso da repetição é, entretanto, estratégia que pode promover múltiplos e vários efeitos (por exemplo, topicalização, sequenciação textual, sonoridade entre outros).

Grupo VI – Variação Linguística

Este grupo refere-se às inúmeras manifestações e possibilidades da fala. No domínio do lar, as pessoas exercem papéis sociais de pai, mãe, filho, avó, tio. Quando observamos um diálogo entre mãe e filho, por exemplo, verificamos características linguísticas que marcam ambos os papéis. As diferenças mais marcantes são intergeracionais (geração mais velha/geração mais nova).

O estudo da variação linguística é, também, essencial para a conscientização linguística do aluno, permitindo que ele construa uma postura não preconceituosa em relação a usos linguísticos distintos dos seus.

É muito importante mostrarmos ao aluno as razões dos diferentes usos, quando é utilizada a linguagem formal, a informal, a técnica ou as linguagens relacionadas aos falantes, como por exemplo, a linguagem dos adolescentes, das pessoas mais velhas.

É necessário transmitirmos ao aluno a noção do valor social que é atribuído a essas variações, sem, no entanto, permitir que ele desvalorize sua realidade ou a de outrem. Essa discussão é fundamental nesse contexto.

H21– Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto

Por meio deste descritor pode-se avaliar a habilidade do aluno em identificar quem fala no texto e a quem ele se destina, essencialmente, por meio da presença de marcas linguísticas (o tipo de vocabulário, o assunto, etc.), evidenciando, também, a importância do domínio das variações linguísticas que estão presentes na nossa sociedade.

Essa habilidade é avaliada em textos nos quais o aluno é solicitado a identificar, o locutor e o interlocutor do texto nos diversos domínios sociais, como também são exploradas as possíveis variações da fala: linguagem rural, urbana, formal, informal, incluindo também as linguagens relacionadas a determinados domínios sociais, como, por exemplo, cerimônias religiosas, escola, clube, etc.

Exemplo de item da habilidade H21 para o Ensino Fundamental I:

Esta habilidade não faz parte da matriz de referência do Ensino Fundamental I,

Exemplo de item da habilidade H21 para o Ensino Fundamental II:

Pressa

Só tenho tempo pras manchetes
no metrô
E o que acontece na novela
Alguém me conta no corredor
Escolho os filmes que eu não
vejo
no elevador
Pelas estrelas que eu encontro
na crítica do leitor
Eu tenho pressa e tanta coisa me interessa
Mas nada tanto assim
Eu me concentro em apostilas
coisa tão normal
Leio os roteiros de viagem
enquanto rola o comercial
Conheço quase o mundo inteiro
por cartão-postal
Eu sei de quase tudo um pouco
e quase tudo mal
Eu tenho pressa e tanta coisa me interessa
mas nada tanto assim

Bruno & Leoni Fortunato. *Greatest Hits '80*. WEA.

Identifica-se termo da linguagem informal em

- (A) “Leio os roteiros de viagem enquanto rola o comercial.”
- (B) “Conheço quase o mundo inteiro por cartão postal!”
- (C) “Eu sei de quase tudo um pouco e quase tudo mal.”
- (D) “Eu tenho pressa e tanta coisa me interessa mas nada tanto assim.”

Exemplo de item da habilidade H21 para o Ensino Médio:

13 de Dezembro

Passei de carro pela Esplanada e vi a multidão. Estranhei aquilo. O motorista me lembrou: “Hoje é 13 de dezembro, Dia de Santa Luzia. A igreja dela está cheia, ela protege os olhos da gente”.

Agradei a informação, mas fiquei inquieto. Bolas, o 13 de dezembro tinha alguma coisa a ver comigo e nada com Santa Luzia e sua eficácia nas doenças que ainda não tenho. O que seria?

Aniversário de um amigo? Uma data inconfessável, que tivesse marcado um relacionamento para o bom ou para o pior?

Não lembrava de nada de importante naquele dia, mas ele piscava dentro de mim. E as horas se passaram iluminadas pelo intermitente piscar da luzinha vermelha dentro de mim. 13 de dezembro! Preciso tomar um desses tonificantes da memória, vivo em parte dela e não posso ter brancos assim, um dia importante e não me lembro por quê.

Somente à noite, quando não era mais 13 de dezembro, ao fechar o livro que estava lendo, de repente a luz parou de piscar e iluminou com nitidez a cena noturna: eu chegando no prédio em que morava, no Leme, a Kombi que saiu dos fundos da garagem, o homem que se aproximou e me avisou que o comandante do 1º Exército queria falar comigo.

Eram 11 horas da noite, estranhei aquele convite, nada tinha a falar com o general Sarmiento e não acreditava que ele tivesse alguma coisa a falar comigo.

Mas o homem insistiu. E outro homem que saíra da Kombi já entrava dentro do meu carro, com uma pequena metralhadora. Naquela mesma hora, a mesma cena se repetia pelo Brasil afora, o governo baixara o AI-5, eu nem ouvira o decreto lido no rádio. Num motel da Barra, eu estivera à toa na vida, e meu amor me chamara e eu não vira a banda passar.

Tantos anos depois, ninguém me chama nem me convida para falar com o comandante do 1º Exército. O País talvez tenha melhorado, mas eu certamente piorei.

CONY, Carlos Heitor. *Folha de São Paulo*. 16/12/2001.

A fala do motorista é exemplo de linguagem

- (A) culta.
- (B) coloquial.**
- (C) vulgar.
- (D) técnica.
- (E) regional.

Sugestões para melhor desenvolver essa habilidade:

O professor deve trabalhar com textos que contenham muitas variantes linguísticas, privilegiando expressões informais, expressões regionais, expressões características de certa faixa etária ou de uma época etc. O trabalho com variação linguística é essencial para o desenvolvimento de uma postura não preconceituosa dos alunos em relação a usos linguísticos distintos dos seus. É importante que o professor mostre aos seus alunos as razões dos diferentes usos linguísticos por diferentes grupos de falantes, para que eles adquiram a noção do valor social atribuído a essas variações. Podemos, também, trabalhar a variação linguística em gravações de áudio e vídeo de textos orais (por exemplo, programas de televisão), dramatização de textos de vários gêneros e em atividades com músicas de estilos variados (regionais, sertanejas, entre outras).

Atividades de análise linguística a partir das quais os alunos possam refletir sobre a interferência dos fatores variados, que se manifestam tanto na modalidade oral como na escrita, favorecem o desenvolvimento desta habilidade. Os fatores que intervêm no uso da língua e provocam tal variação são de ordem geográfica (em função das regiões do país e de seus espaços rurais e urbanos), histórica (o que envolve a época histórica de sua produção), sociológica (tais como classe social ou gênero sexual), do contexto social, entre outros.

Prezado(a) Professor(a),

Leitura e Companhia – Literário é um projeto inovador voltado para o desenvolvimento de competências e habilidades leitoras de seus alunos.

Seu foco é possibilitar o aprimoramento dessas competências e habilidades em diferentes momentos de aprendizagem escolar, por meio da leitura de livros, voltados para o interesse de leitura dos alunos do Ensino Fundamental, Médio e Pré-Vestibular.

Para cada livro selecionado, questões específicas foram construídas de acordo com a matriz de referência do Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB, atendendo aos tópicos previstos no documento, desdobrados em descritores que associam os conteúdos curriculares às competências e habilidades da Língua Portuguesa. Essas questões constituem o grupo de habilidades específicas de cada livro.

Dessa forma, as habilidades são avaliadas de maneira agradável, pois ao longo da leitura, os alunos registram as respostas no *quiz*, também interagindo no fórum, compartilhando sua compreensão com os colegas, demonstrando assim, o domínio da habilidade.

Relatórios de desempenho dos alunos são disponibilizados no portal para que você constate as habilidades desenvolvidas, e, se necessário, escolha formas de *feedback*, concretizando um processo contínuo de avaliação da aprendizagem.

Adotando essa estratégia, inovamos definitivamente a prática pedagógica e a avaliação das habilidades e competências leitoras.

Para que você e seus alunos tenham sucesso, sugerimos que atenda os passos a seguir:

1. Leitura das orientações fornecidas aos alunos.

Leia as orientações que sua escola disponibilizou aos alunos (caso tenha ocorrido). Se julgar necessário, trabalhe com essas orientações em sala de aula. Com certeza será um bom momento para o exercício de leitura.

2. Motivação dos alunos para a leitura do livro.

O Leitura e Companhia – Literário não substitui os projetos de literatura que você já desenvolve regularmente com seus alunos. Portanto, além de ser utilizado neste programa, o livro também poderá ser trabalhado em outros projetos, inclusive naqueles sugeridos pela própria Companhia das Letras.

Como estratégia para contextualizar o livro em foco, sugerimos que o vídeo explicativo da obra, disponível no portal www.leituraecompanhia.com.br, seja objeto de análise e debate em sala de aula. Isso garantirá que os alunos tenham maior interação com o livro, antes de iniciar a leitura.

3. Conhecendo as habilidades leitoras avaliadas.

Os itens produzidos para a avaliação das habilidades leitoras foram construídos a partir da Matriz de Referência do SAEB.

Considerando o texto da obra **“O AMOR NOS TEMPOS DO BLOG”**, foram elaborados itens para esse livro que avaliarão o desenvolvimento das seguintes habilidades:

GRUPO I - Procedimentos de Leitura	
H01	Localizar informações explícitas em um texto.
H03	Inferir uma informação implícita em um texto.
GRUPO III: Relação entre textos	
H09	Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou ao mesmo tema.
GRUPO IV: Coerência e Coesão no processamento de um texto	
H10	Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto.
H11	Identificar a tese de um texto.
H15	Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto.
GRUPO V: Relações entre Recursos Expressivos e Efeitos de Sentido	
H18	Identificar o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações.
H19	Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.
H21	Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

Se você julgar necessário, antes que os alunos iniciem a leitura do livro desenvolva uma aula a fim de exercitar com os alunos itens que utilizem as habilidades avaliadas.

Para esse trabalho, você poderá utilizar o documento “Orientações para o desenvolvimento das habilidades leitoras”, produzido pelo programa Leitura e Companhia, a partir das orientações do INEP, e disponibilizado em PDF no portal, junto aos Manuais.

4. O Fórum.

Os alunos são convidados a participar de um Fórum que pretende estimular o seu posicionamento e compreensão da obra, por meio da seguinte questão:

Na obra *O amor nos tempos do blog*, de Vinicius Campos, “Ariza e Cinderela acreditam na comunicação e no diálogo, pouco importando qual idioma precisarão utilizar, porque os olhos sempre dizem exatamente o que sentimos” (p. 85). Em sua opinião, qual a relevância do diálogo e por que é comum a falta de comunicação entre as pessoas?

5. Utilização do programa como parte da avaliação dos alunos.

É importante lembrar que o Leitura e Companhia – Literário tem como objetivo promover o desenvolvimento das habilidades e competências leitoras por meio de itens de avaliação. Esse diferencial permite que sua prática faça parte das avaliações desenvolvidas regularmente com seus alunos. Se essa for a sua opção, esteja atento para o peso atribuído a essa atividade, pois, se for muito significativo na composição da avaliação, poderá estimular o uso de “mecanismos inadequados” pelos alunos, como, por exemplo, pedir ajuda para responder aos itens, provocando distorções nos resultados e dificultando a intervenção do professor no processo de aprendizagem.

Sugerimos que a avaliação (nota) da atividade de leitura do livro e resposta aos itens inclua três pontos importantes:

- observar o tempo (datas e horários) para respostas aos itens, considerando que cada leitor possui um modo de ler, que deve ser respeitado;
- análise de desempenho do aluno nas respostas (relatório consolidado);
- postagens de participação no Fórum, atendendo ao foco da questão norteadora.

6. Dados das avaliações dos alunos.

Para acessar os dados das avaliações dos alunos, o professor deverá entrar no portal utilizando a senha de administrador fornecida para a escola.

Os dados das avaliações são disponibilizados aos professores em três planilhas (relatórios):

- a) Datas e horários das respostas dos alunos;
- b) Respostas dos alunos;
- c) Desempenho dos alunos (o relatório, inicialmente, mostrará o desempenho geral de cada aluno e o desempenho dos alunos da escola por grupo de habilidades).

Para poder analisar o resultado dos seus alunos de maneira mais significativa, disponibilizaremos o desempenho comparativo entre todos os participantes do Leitura e Companhia – Literário, preservando o sigilo da fonte dos dados.

Note bem, aqueles alunos que não concluírem as atividades solicitadas serão desconsiderados para análise de desempenho individual e/ou da escola, portanto não entrarão no computo das médias.

7. Desenvolvendo as habilidades leitoras.

Encerradas as atividades previstas para cada livro, o professor, com base na análise dos relatórios de desempenho dos alunos, deverá planejar outras atividades para aqueles que

apresentarem baixo rendimento, garantindo assim, o desenvolvimento das habilidades leitoras.

Para esse trabalho, aconselhamos que seja utilizado o documento “Orientações para o desenvolvimento das habilidades leitoras”, já citado.

8. Conhecendo os itens de avaliação da obra em questão:

Competência / Grupo (número)	G1
Habilidade (número)	H1
Assunto	Localizar informações explícitas em um texto.
Nível de Dificuldade (Fácil, Médio ou Difícil)	Fácil
Texto(s) Base (com referência bibliográfica completa)	
<p>Texto I Sem texto base</p> <p>Referência:</p> <p>Texto II</p> <p>Referência:</p> <p>CAMPOS, Vinicius. <i>O amor nos tempos do blog</i>. 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 12.</p>	
Enunciado	
Onde Ariza viu Cinderela pela primeira vez?	
Opções de Resposta	
A	Na biblioteca da escola.
B	Na piscina do clube.
C	No parque de diversões.
D	No restaurante do shopping.
Gabarito	A
Justificativas	
A	Correto, como pode ser comprovado na p. 12, em “post” de Ariza datado de 28/02: “Foi assim: no final da aula fui à biblioteca da escola devolver <i>O amor nos tempos do cólera</i> , um romance que retirei no dia em que fiz a matrícula. [...] Quando me apoiei no balcão e olhei para a sala de estudos, não consegui acreditar: sentada em uma das mesas, encontrei a garota mais linda que já vi”.
B	Errado, já que, conforme comprova a p. 12, Ariza viu Cinderela pela primeira vez na biblioteca da escola.
C	Errado. Ariza viu Cinderela, pela primeira vez, na biblioteca da escola, como comprova seu “post” datado de 28/02 e constante na p. 12.
D	Errado, pois a primeira vez que Ariza viu Cinderela ocorreu na biblioteca da escola, como pode ser lido na p. 12.

Competência / Grupo (número)	G1
Habilidade (número)	H3
Assunto	Inferir informação implícita em um texto.
Nível de Dificuldade (Fácil, Médio ou Difícil)	Média
Texto(s) Base (com referência bibliográfica completa)	
<p>Texto I Sem texto base</p> <p>Referência:</p> <p>Texto II</p> <p>Referência:</p> <p>CAMPOS, Vinicius. <i>O amor nos tempos do blog</i>. 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 12.</p>	
Enunciado	
Ariza tem uma certa relutância em escrever no novo <i>blog</i> . A resistência se deve	
Opções de Resposta	
A	ao fato de descrever como sentiu o amor à primeira vista.
B	a falta de inspiração para escrever no novo espaço virtual.
C	a ausência de assuntos interessantes para narrar aos leitores.
D	ao arrependimento que sentia ao escrever os seus sentimentos.
Gabarito	A
Justificativas	
A	Correto, porque na página Ariza descreve o que sentiu quando viu a menina à primeira vez: “[...] encontrei a garota mais linda que já vi. Ela estava lendo um livro e, às vezes, sorria com uma delicadeza única. Tinha o cabelo liso, que ela tinha colocado atrás das orelhas, a pele branquinha, os lábios rosados e o cabelo castanho-claro, quase loiro”. (p. 12).
B	Errado, pois o menino relutava em escrever como viu e se apaixonou a primeira vista. E indagava se as pessoas que leriam o <i>blog</i> acreditariam no que estaria escrito ali.
C	Errado. O menino tinha um assunto pessoal a escrever e sentia um pouco de vergonha em narrar o que sentiu ao ver aquela menina sentada ali na biblioteca. Inclusive indagava sobre a veracidade do que é narrado nos <i>blogs</i> .
D	Errado, porque Ariza não se arrependia de escrever os seus sentimentos no <i>blog</i> . Ao contrário, era a forma que ele encontrava para se comunicar com as pessoas.

Competência / Grupo (número)	GIV
Habilidade (número)	H10
Assunto	Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto.
Nível de Dificuldade (Fácil, Médio ou Difícil)	Médio
Texto(s) Base (com referência bibliográfica completa)	
<p>Texto I Sem texto base</p> <p>Referência:</p> <p>Texto II</p> <p>Referência:</p> <p>CAMPOS, Vinicius. <i>O amor nos tempos do blog</i>. 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 13.</p>	
Enunciado	
Como Cinderela Virtual chegou ao blog de Ariza em Silêncio?	
Opções de Resposta	
A	A partir de um site de busca.
B	Após perguntar ao próprio Ariza.
C	Graças à informação da bibliotecária.
D	Invadindo o computador de Ariza.
Gabarito	A
Justificativas	
A	Correto, como consta na p. 13: “Eu também não acredito nas coincidências, mas hoje aconteceu uma. Escrevi <i>O amor nos tempos do cólera</i> num site de busca e ele encontrou o seu blog”.
B	Errado, já que Cinderela Virtual encontrou o blog de Ariza em Silêncio a partir de uma pesquisa num site de busca.
C	Errado, pois Cinderela Virtual fez uma pesquisa num site de busca e, então, encontrou o blog de Ariza em Silêncio.
D	Errado, uma vez que o blog de Ariza em Silêncio foi encontrado por Cinderela Virtual a partir de uma pesquisa num site de busca.

Competência / Grupo (número)	G1
Habilidade (número)	H3
Assunto	Inferir uma informação implícita em um texto.
Nível de Dificuldade (Fácil, Médio ou Difícil)	Difícil
Texto(s) Base (com referência bibliográfica completa)	
<p>Texto I</p> <p>Silêncio é costume, necessidade, maneira de viver. Eu não escolhi o silêncio, mas o aceitei e gosto dele. O silêncio está longe de ser algo horrível, pelo menos para mim. O silêncio só me incomoda quando aparece para substituir alguma coisa que deveria estar lá.</p> <p>Na minha casa houve mais silêncios que o comum durante esta semana. E eu sabia que faltava alguma coisa, por isso me incomodou. Mas não tentei fazer nada para mudá-lo, afinal eu sempre soube que os silêncios que não são naturais explodem em algum momento.</p> <p>Referência:</p> <p>CAMPOS, Vinicius. <i>O amor nos tempos do blog</i>. 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 17.</p>	
Enunciado	
<p>Leia o fragmento a seguir e depois responda à questão.</p> <p>Silêncio é costume, necessidade, maneira de viver. Eu não escolhi o silêncio, mas o aceitei e gosto dele. O silêncio está longe de ser algo horrível, pelo menos para mim. O silêncio só me incomoda quando aparece para substituir alguma coisa que deveria estar lá.</p> <p>Na minha casa houve mais silêncios que o comum durante esta semana. E eu sabia que faltava alguma coisa, por isso me incomodou. Mas não tentei fazer nada para mudá-lo, afinal eu sempre soube que os silêncios que não são naturais explodem em algum momento.</p> <p>Referência:</p> <p>CAMPOS, Vinicius. <i>O amor nos tempos do blog</i>. 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 17.</p> <p>Com base no trecho lido é possível depreender que Ariza</p>	
Opções de Resposta	
A	era um garoto muito introvertido e por isto tímido.
B	pouco gostava de ficar sozinho e o silêncio o atrapalhava.

C	tinha uma deficiência física e o silêncio era parte de sua vida.
D	sentia o silêncio como uma forma de mascarar os problemas familiares.
Gabarito	D
Justificativas	
A	Errado, pois não é possível depreender que o silêncio é uma característica de timidez de Ariza.
B	Errado, não é possível depreender pelo texto lido que o menino pouco gostava do silêncio e muito menos que o atrapalhava.
C	Errado, não é possível depreender pela leitura que o silêncio fazia parte da vida dele por ser tratar de uma deficiência física.
D	Correto, como comprovam os trechos: “Na minha casa houve mais silêncios que o comum durante esta semana. E eu sabia que faltava alguma coisa, por isso me incomodou”; “Mas não tentei fazer nada para mudá-lo, afinal eu sempre soube que os silêncios que não são naturais explodem em algum momento”. (p. 17). Também corroborando com esta alternativa o capítulo “Pais calados” (p. 16).

Competência / Grupo (número)	GIII
Habilidade (número)	H15
Assunto	Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto.
Nível de Dificuldade (Fácil, Médio ou Difícil)	Médio
Texto(s) Base (com referência bibliográfica completa)	
<p>Texto I Sem texto base</p> <p>Referência:</p> <p>Texto II</p> <p>Referência:</p> <p>CAMPOS, Vinicius. <i>O amor nos tempos do blog</i>. 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 19.</p>	
Enunciado	
Após a separação dos pais, o relacionamento de Ariza com o pai	
Opções de Resposta	
A	melhorou, pois passaram a ter mais diálogo, seja pela internet ou pessoalmente.
B	piorou, já que o pai arranhou uma nova namorada e, com isso, desapareceu.
C	piorou, porque Ariza não se conformava com o fato de o pai ter saído de casa.
D	se manteve como antes, com pouco diálogo e quase sem afeto.
Gabarito	A
Justificativas	
A	Correto, como pode ser comprovado na p. 19: “Meu pai criou uma conta no Messenger, e por mais estranho que pareça comecei a bater papo com ele pela internet”.
B	Errado, pois o relacionamento de Ariza com o pai melhorou: “Meu pai criou uma conta no Messenger, e por mais estranho que pareça comecei a bater papo com ele pela internet” (p. 19).
C	Errado, uma vez que o relacionamento de Ariza com o pai melhorou: “Meu pai criou uma conta no Messenger, e por mais estranho que pareça comecei a bater papo com ele pela internet” (p. 19).
D	Errado, já que Ariza e o pai passaram a se ter mais contato e diálogo: “Meu pai criou uma conta no Messenger, e por mais estranho que pareça comecei a bater papo com ele pela internet” (p. 19).

Competência / Grupo (número)	GIV
Habilidade (número)	H15
Assunto	Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto.
Nível de Dificuldade (Fácil, Médio ou Difícil)	Difícil
Texto(s) Base (com referência bibliográfica completa)	
<p>Texto I</p> <p>Assim que me aproximei do cinema, eu a vi de longe. Estava mais linda que nunca, sem uniforme, com uma roupa que mostrava bem sua personalidade. Achei estranho ela não estar sozinha, estava conversando com um garoto. Fui me aproximando devagar, e quando estava a alguns metros deles, pude ver o beijo que deram.</p> <p>Referência:</p> <p>CAMPOS, Vinicius. <i>O amor nos tempos do blog</i>. 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 32.</p>	
Enunciado	
<p>Como pode ser explicado o beijo de Cinderela em outro garoto, se a mesma havia combinado um encontro com Ariza na porta do cinema?</p>	
Opções de Resposta	
A	Ariza havia traído Cinderela, que resolveu revidar.
B	Cinderela desejava que Ariza desistisse dela.
C	Cinderela queria provocar ciúme em Ariza.
D	Por um mal entendido, pois não era Cinderela.
Gabarito	D
Justificativas	
A	Errado, pois Ariza e Cinderela nunca haviam namorado. Na verdade, eles nem se conheciam.
B	Errado, porque na verdade foi um mal entendido e não porque ela queria que Ariza desistisse dela.
C	Errado, pois eles nem se conheciam bem. E a cena vista não está relacionada a provocar ciúmes em Ariza.
D	Correto, pois houve um mal entendido. O que Ariza viu na verdade foi a irmã gêmea de Cinderela. Na página 23 há indícios da existência de duas pessoas com personalidades diferentes.

Competência / Grupo (número)	GIV
Habilidade (número)	H11
Assunto	Identificar a tese de um texto.
Nível de Dificuldade (Fácil, Médio ou Difícil)	Fácil
Texto(s) Base (com referência bibliográfica completa)	
<p>Texto I</p> <p>Você ainda não me conhece? Não tem ideia do que está perdendo. Eu sou assim: divina, divertida e popular. Adoro usar roupa de marca e seguir as tendências da moda. Você vai ver nos meus posts que minha vida é uma sequência de flashes e que todas as garotas morrem de vontade de ser exatamente como eu. Mas, coitadas, não é qualquer uma que pode ser uma Diva Total. Ah, uma coisa importante sobre mim: eu nunca perco, tudo é sempre do jeito que eu quero! Viu que fácil?</p> <p>Referência:</p> <p>CAMPOS, Vinicius. <i>O amor nos tempos do blog</i>. 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 35.</p>	
Enunciado	
<p>Deusa Cibernética assim descreve seu perfil no blog:</p> <p>“Você ainda não me conhece? Não tem ideia do que está perdendo. Eu sou assim: divina, divertida e popular. Adoro usar roupa de marca e seguir as tendências da moda. Você vai ver nos meus posts que minha vida é uma sequência de flashes e que todas as garotas morrem de vontade de ser exatamente como eu. Mas, coitadas, não é qualquer uma que pode ser uma Diva Total. Ah, uma coisa importante sobre mim: eu nunca perco, tudo é sempre do jeito que eu quero! Viu que fácil?”</p> <p>Com base em tal perfil, pode-se afirmar que Deusa Cibernética é</p>	
Opções de Resposta	
A	humilde e inteligente.
B	moderna e elegante.
C	prepotente e convencida.
D	serena e amigável.
Gabarito	C
Justificativas	
A	Errado, uma vez que o excerto revela uma personalidade prepotente e convencida.
B	Errado, pois o excerto revela uma personalidade prepotente e convencida.
C	Correto, já que Deusa Cibernética se descreve como ídolo das outras garotas, não aceitando perder.

D	Errado, considerando que o excerto revela uma personalidade prepotente e convencida.
----------	--

Competência / Grupo (número)	GIII
Habilidade (número)	H9
Assunto	Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou ao mesmo tema.
Nível de Dificuldade (Fácil, Médio ou Difícil)	Médio
Texto(s) Base (com referência bibliográfica completa)	
<p>Texto I Sem texto base</p> <p>Referência:</p> <p>Texto II</p> <p>Referência:</p> <p>CAMPOS, Vinicius. <i>O amor nos tempos do blog</i>. 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 47.</p>	
Enunciado	
De acordo com Deusa Cibernética, a diferença entre Pietro e João consistia no fato de que, no começo,	
Opções de Resposta	
A	Pietro era muito bonito, enquanto João se destacava pela feiúra.
B	Pietro era um <i>bad boy</i> , enquanto João era um <i>nerd</i> .
C	Pietro era um <i>nerd</i> , enquanto João era um <i>bad boy</i> .
D	Pietro gostava de estudar, enquanto João preferia jogar futebol.
Gabarito	B
Justificativas	
A	Errado, pois há referência apenas à beleza de Pietro (p. 45), nada sendo referido quanto à de João.
B	Correto, como comprovam as páginas 45 (sobre Pietro: “Perdeu todo o encanto que tinha quando era o <i>bad boy</i> , popular, o sonho de todas as garotas da escola”) e 47 (sobre João: “O João, o <i>nerd</i> , tinha me contado que o garoto pelo qual minha irmã está apaixonada tinha enviado um bilhetinho para ela”).
C	Errado, pois Pietro era um <i>bad boy</i> e João um <i>nerd</i> , como comprovam as páginas 45 e 47.
D	Errado, já que Pietro se interessava por compras, futebol e computador (p. 42), enquanto João era considerado um <i>nerd</i> (p. 47).

Competência / Grupo (número)	GIII
Habilidade (número)	H15
Assunto	Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto.
Nível de Dificuldade (Fácil, Médio ou Difícil)	Difícil
Texto(s) Base (com referência bibliográfica completa)	
<p>Texto I</p> <p>Fico muito feliz por saber que você tem um sentimento especial por mim, mas eu gosto de ser franco. E a verdade é que eu também estou escondendo uma parte dessa história. Por ter sofrido com isso do cinema, acabei reatando o namoro com a Michele. Depois de tudo o que aconteceu, fiquei me sentindo tão enganado e triste que desisti de lutar pelo amor da garota da biblioteca e resolvi ser realista.</p> <p>Referência:</p> <p>CAMPOS, Vinicius. <i>O amor nos tempos do blog</i>. 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 51.</p>	
Enunciado	
<p>Leia o fragmento e depois responda à questão.</p> <p>“Fico muito feliz por saber que você tem um sentimento especial por mim, mas eu gosto de ser franco. E a verdade é que eu também estou escondendo uma parte dessa história. Por ter sofrido com isso do cinema, acabei reatando o namoro com a Michele. Depois de tudo o que aconteceu, fiquei me sentindo tão enganado e triste que desisti de lutar pelo amor da garota da biblioteca e resolvi ser realista.”</p> <p>Qual o sentimento de Cinderela Virtual quando Ariza em Silêncio escreveu no blog que havia reatado com Michele?</p>	
Opções de Resposta	
A	Alegria, já que contribuiu, aconselhando Ariza, para que o casal fizesse as pazes.
B	Indignação, pois não entendia como Ariza podia reatar com Michele se não a amava.
C	Raiva, uma vez que Michele tinha muita importância na vida e no coração de Ariza.
D	Receio, porque Ariza podia, com o tempo, sofrer por manter um relacionamento sem amor.
Gabarito	B
Justificativas	
A	Errado, como comprova o comentário de Cinderela Virtual ao final da p. 51.
B	Correto, como comprova o comentário de Cinderela Virtual ao “post” de Ariza: “Por que você voltou com ela se não a ama? Você diz tanto sobre dizer a

	verdade, ser sincero, mas você não foi cem por cento verdadeiro comigo, e não está sendo verdadeiro com a sua namorada, porque com certeza ela pensa que você gosta dela” (p. 51).
C	Errado, como comprova o comentário de Cinderela Virtual ao final da p. 51.
D	Errado, como comprova o comentário de Cinderela Virtual ao final da p. 51. O sentimento descrito era de indignação e não de receio.

Competência / Grupo (número)	G1
Habilidade (número)	H1
Assunto	Localizar informações explícitas em um texto.
Nível de Dificuldade (Fácil, Médio ou Difícil)	Fácil
Texto(s) Base (com referência bibliográfica completa)	
<p>Texto I Sem texto base</p> <p>Referência:</p> <p>Texto II</p> <p>Referência:</p> <p>CAMPOS, Vinicius. <i>O amor nos tempos do blog</i>. 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 55.</p>	
Enunciado	
Qual o nome da escola onde Ariza em Silêncio, Deusa Cibernética e Cinderela Virtual estudam?	
Opções de Resposta	
A	Bernardino de Campos.
B	Carlos de Campos.
C	Helen Keller.
D	Fernanda Paes Leme.
Gabarito	B
Justificativas	
A	Errado, o que pode ser justificado pela proximidade com o nome da escola que eles estudam, ou seja, Carlos de Campos (p. 55).
B	Correto, como comprova o último perfil da personagem, Cinderela Virtual, em seu respectivo blog (página 55).
C	Errado, pois Helen Keller é o nome da escola onde estudava Ariza em Silêncio antes de mudar para a Carlos de Campos.
D	Errado, pois se trata da atriz preferida de Cinderela Virtual e não o nome da escola que ambas estudavam: Carlos de Campos (p. 55).

Competência / Grupo (número)	GIII
Habilidade (número)	H9
Assunto	Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou ao mesmo tema.
Nível de Dificuldade (Fácil, Médio ou Difícil)	Médio
Texto(s) Base (com referência bibliográfica completa)	
<p>Texto I Sem texto base</p> <p>Referência:</p> <p>Texto II</p> <p>Referência:</p> <p>CAMPOS, Vinicius. <i>O amor nos tempos do blog</i>. 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 65.</p>	
Enunciado	
De que forma Ariza soube que a menina com quem marcara um encontro à porta do cinema não era Cinderela Virtual?	
Opções de Resposta	
A	A partir da visita ao blog de Cinderela, com a leitura de um “post” que revelava o plano da irmã gêmea para atrapalhar o encontro com Ariza.
B	No momento em que Cinderela o abordou na escola e contou as artimanhas da irmã para que o Ariza e Cinderela não se encontrassem.
C	Quando a irmã gêmea confessou, arrependida, que tudo não passava de um plano para afastar Ariza de Cinderela.
D	Quando recebeu uma carta anônima com uma fotografia das irmãs gêmeas informando a maldade de Deusa Cibernética.
Gabarito	A
Justificativas	
A	Correto, como comprova, especialmente, o post “Uma garota que não era eu”, de Cinderela Virtual, presente na p. 65 da obra: “Hoje não fui à biblioteca, mas, para minha surpresa, quando entrei no blog do Ariza, encontrei um texto que dizia que ele estava encantado com a minha beleza. Dizia que tinha me visto e que eu possuía a mesma beleza de sempre, só que com mais força, mais confiança. Sinto que vou ter problemas com a minha irmã de novo, e isso me machuca muito porque eu gosto de verdade desse garoto. [...] Não quero ter que, mais uma vez, para a diversão e maldade dela, perder alguém de quem eu gosto de verdade. Estou com vontade de deixar um comentário no blog do Ariza, mas de uma forma que ele perceba que a garota que ele viu na biblioteca não é

	a mesma dos outros dias”.
B	Errado, já que tal situação não aconteceu e Ariza soube por meio da leitura do post “Uma garota que não era eu” no blog de Cinderela Virtual.
C	Errado, porque a irmã gêmea só reconheceu sua falta no final da narrativa. Ariza soube da troca de identidades ao ler, no blog de Cinderela Virtual, o post “Uma garota que não era eu”.
D	Errado, uma vez que tal situação não aconteceu. Ariza tomou conhecimento da troca de identidades ao ler o post “Uma garota que não era eu” no blog de Cinderela Virtual.

Competência / Grupo (número)	GV
Habilidade (número)	H18
Assunto	Identificar o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações.
Nível de Dificuldade (Fácil, Médio ou Difícil)	Médio
Texto(s) Base (com referência bibliográfica completa)	
<p>Texto I Sem texto base</p> <p>Referência:</p> <p>Texto II</p> <p>Referência:</p> <p>CAMPOS, Vinicius. <i>O amor nos tempos do blog</i>. 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 75.</p>	
Enunciado	
De que forma Ariza e Cinderela se comunicam predominantemente quando estão juntos?	
Opções de Resposta	
A	Pela escrita.
B	Pela fala.
C	Usando o Braille.
D	Usando Libras.
Gabarito	D
Justificativas	
A	Errado, já que Ariza era surdo e Cinderela aprendeu Libras para conversar pessoalmente com ele (p. 75).
B	Errado, já que Ariza era surdo e Cinderela aprendeu Libras para conversar pessoalmente com ele (p. 75).
C	Errado, já que Ariza era surdo (e não cego) e Cinderela aprendeu Libras para conversar pessoalmente com ele (p. 75).
D	Correto, como comprova a p. 75: “Como sou surdo, tive dificuldades para aprender a falar. [...] Quando cheguei bem perto, antes de dizer qualquer coisa, ela me cumprimentou em Libras (Língua Brasileira dos Sinais), a língua que uso com meus amigos surdos. Primeiro eu me assustei. Até perguntei se ela também era surda, mas não, parece que ela decidiu aprender minha língua para a gente poder se comunicar”.

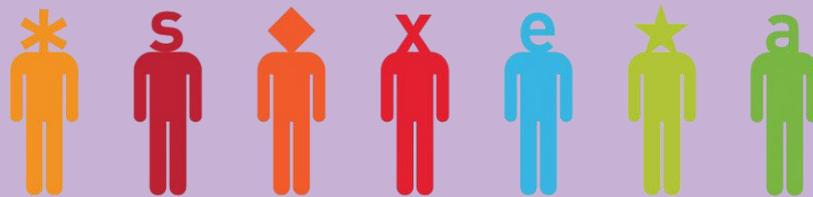
Competência / Grupo (número)	GV
Habilidade (número)	H19
Assunto	Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.
Nível de Dificuldade (Fácil, Médio ou Difícil)	Fácil
Texto(s) Base (com referência bibliográfica completa)	
<p>Texto I Sem texto base</p> <p>Referência:</p> <p>Texto II</p> <p>Referência:</p> <p>CAMPOS, Vinicius. <i>O amor nos tempos do blog</i>. 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 76.</p>	
Enunciado	
Quais os nomes verdadeiros de Ariza em Silêncio e Cinderela Virtual?	
Opções de Resposta	
A	Bernardo e Luz.
B	Gabriel García e Deusa.
C	Bernardo e Deusa.
D	Ariza e Luz.
Gabarito	A
Justificativas	
A	Correto, como consta na p. 70 (“Quando cheguei à biblioteca, vi de longe o Bernardo saindo com um papelzinho nas mãos”) e na p. 76 (“Eu falei para ele que logo o apresentaria a Luz, minha futura namorada”).
B	Errado, pois as personagens se chamam, respectivamente, Bernardo e Luz. Gabriel García era o nome do escritor de <i>Amor nos Tempos do Cólera</i> . Já Deusa é o nome de um dos perfis de um dos <i>blogs</i> .
C	Errado, já que os nomes das personagens são Bernardo e Luz. Deusa é o nome de um dos perfis de um dos <i>blogs</i> .
D	Errado, uma vez que os nomes verdadeiros de Ariza em Silêncio e Cinderela Virtual são, respectivamente, Bernardo e Luz.

Competência / Grupo (número)	GV
Habilidade (número)	H21
Assunto	Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.
Nível de Dificuldade (Fácil, Médio ou Difícil)	Difícil
Texto(s) Base (com referência bibliográfica completa)	
<p>Texto I Sem texto base</p> <p>Referência:</p> <p>Texto II</p> <p>Referência:</p> <p>CAMPOS, Vinicius. <i>O amor nos tempos do blog</i>. 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 85.</p>	
Enunciado	
Por que Ariza e Cinderela, após começarem a namorar, criaram um novo blog?	
Opções de Resposta	
A	Para que Cinderela tivesse mais tempo para estudar para as provas finais.
B	Para que, como um casal, pudessem escrever textos e dialogar com os leitores.
C	Porque Ariza andava cansado e, assim, Cinderela poderia ajudá-lo a escrever.
D	Porque Ariza tinha mais prática na criação e divulgação de blogs.
Gabarito	B
Justificativas	
A	Errado, já que o blog conjunto tinha o objetivo de divulgar que o amor, por mais difícil que possa parecer, é possível (p. 85).
B	Correto, como pode ser comprovado na aba “Nosso Perfil” do “Blog Ariza e Cinderela”: “ <i>Ariza e Cinderela</i> é o blog de um casal que acha que o amor, por mais difícil que pareça, é possível. Um casal que espera poder contar na internet suas experiências e seus bons momentos, sempre reiterando o quanto se gostam” (p. 85).
C	Errado, uma vez que o intuito do blog criado pelos dois era divulgar “que o amor, por mais difícil que pareça, é possível” (p. 85).
D	Errado, porque a criação do blog pelo casal tinha a intenção de divulgar “que o amor, por mais difícil que pareça, é possível” (p. 85).

Competência / Grupo (número)	GIV
Habilidade (número)	H15
Assunto	Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto.
Nível de Dificuldade (Fácil, Médio ou Difícil)	Médio
Texto(s) Base (com referência bibliográfica completa)	
<p>Texto I Sem texto base</p> <p>Referência:</p> <p>Texto II</p> <p>Referência:</p> <p>CAMPOS, Vinicius. <i>O amor nos tempos do blog</i>. 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 87.</p>	
Enunciado	
Após o beijo de João, que mudança sofreu o comportamento da irmã gêmea de Cinderela, a Deusa Cibernética?	
Opções de Resposta	
A	Ficou ainda mais agressiva com as pessoas, sobretudo com os garotos.
B	Ficou incrédula quanto a relacionamentos afetivos, pois não gostou de João.
C	Passou a esnobar as amigas e a irmã, que ainda não tinham namorado.
D	Tornou-se mais compreensiva e amiga, valorizando não só a aparência.
Gabarito	D
Justificativas	
A	Errado, pois o comportamento mudou para melhor, como comprova a p. 87.
B	Errado, já que se apaixonou por João, com quem começou a namorar, como comprova a p. 87.
C	Errado, uma vez que o relacionamento com João a tornou mais doce e compreensiva, como comprova a p. 87.
D	Correto, como comprova a p. 87: “Acho que o amor também chegou ao meu coração. Você se lembra de que quando eu armei esse plano horrível contra vocês o nerd do João me beijou? Pois então, o que ninguém sabia é que eu nunca tinha beijado antes, e gostei tanto do beijo dele que já não me importa mais se ele é nerd. Ontem perguntei se ele queria ser meu namorado, e ele aceitou! Estou tão feliz! Obrigada, irmã, você me fez ver que o amor é mais forte que os preconceitos bobos e que o que importa é como as pessoas são por dentro, e não por fora”.

Desejamos a você e a seus alunos, excelentes aprendizagens leitoras!
Caso persista alguma dúvida, por favor, entre em contato conosco.

Anexo 4



Leitura e Companhia

CATÁLOGO 2015

Ensino Fundamental I
(1º – 5º ano)

Ensino Fundamental II
(6º – 9º ano)

Ensino Médio



Leitura e Companhia

“A leitura nos leva por mundos que nunca existiram nem existirão, por espaços longínquos que nunca visitaremos. É desse mundo diferente, estranho ao nosso, que passamos a ver o mundo em que vivemos de uma outra forma.”

rubem alves

Nossa missão como educadores é propiciar aos nossos alunos contato com mundos diversos, formando leitores competentes, que vão muito além da simples decodificação das palavras. Com esse desafio, a Pearson e a Companhia das Letras se uniram para criar um projeto contemporâneo, com proposta inovadora: **Leitura e Companhia – Literário**.

O projeto tem como objetivos estimular nos alunos a prática da leitura e aproximá-los das obras literárias. Para isso, propõe a leitura do livro impresso paralelamente a atividades interativas na internet.

No portal, especialmente criado, os alunos dos ensinos Fundamental e Médio acessam um vídeo gravado pelo autor do livro, especialista ou editor, comentando sobre a obra; um mural onde podem postar suas impressões sobre a obra ou participar de debates supervisionados pelo professor, além de responder às questões formuladas para avaliar suas habilidades de leitura.

Aos professores, o portal possibilita o acompanhamento on-line de todas as postagens dos alunos, com informações da data e horário de acesso. Os professores podem ainda acessar planilhas com relatórios diagnósticos de desenvolvimento dos alunos nas habilidades leitoras da matriz do SAEB e comparar esses dados com a média de todos os alunos que participam da leitura da mesma obra, inclusive de outras escolas.

Os títulos que integram o **Leitura e Companhia – Literário** têm como base os seguintes critérios:

- altíssima qualidade de projeto gráfico;
- equilíbrio na quantidade de obras entre autores nacionais e estrangeiros;
- reconhecimento de clássicos da literatura brasileira e universal;
- diferentes gêneros literários;
- histórico de sucesso em adoções nas escolas de todo o Brasil.

O projeto prevê o trabalho com uma obra por bimestre, desde o 1º ano do Ensino Fundamental I até a 3ª série do Ensino Médio. É possível adquirir os títulos que interessam ao seu projeto pedagógico separadamente.

Para finalizar, o trabalho com os livros do **Leitura e Companhia – Literário** pode ser desenvolvido em várias disciplinas da grade curricular, conforme as tabelas das páginas a seguir.

Para saber mais sobre o **Leitura e Companhia – Literário**, consulte o portal <www.leituraecompanhia.com.br>.

Ou entre em contato pelo email <leituraecompanhia.literario@pearson.com>.

A experiência de viajar pelas histórias é única, individual e intransferível.

“Livro que te quero lido.”

Boa viagem!

Livros para o Ensino Fundamental:

Ano/Série	Título das obras	Disciplinas que podem ser trabalhadas
1º. Ano	<i>Quero um bicho de estimação</i>	Língua Portuguesa
1º. Ano	<i>Olavo Holofote</i>	Língua Portuguesa e Valores
1º. Ano	<i>Dez patinhos</i>	Língua Portuguesa, Matemática e Arte
1º. Ano	<i>Telefone sem fio</i>	Arte, Língua Portuguesa (leitura de imagens)
1º. Ano	<i>Uma letra puxa a outra</i>	Língua Portuguesa
1º. Ano	<i>Zoo zureta</i>	Arte, Língua Portuguesa
2º. e 3º. Anos	<i>Aviãozinho de papel</i>	Língua Portuguesa
2º. e 3º. Anos	<i>Hocus pocus</i>	Língua Portuguesa e Comportamento
2º. e 3º. Anos	<i>Histórias do Xingu</i>	Língua Portuguesa, História e Geografia
2º. e 3º. Anos	<i>Amigos da onça</i>	Língua Portuguesa (reconto)
2º. e 3º. Anos	<i>A interessante ilha Dukontra</i>	Língua Portuguesa, Matemática (raciocínio lógico) e Arte
2º. e 3º. Anos	<i>Lá vem história</i>	Língua Portuguesa, Geografia
2º. e 3º. Anos	<i>A arca de Noé</i>	Língua Portuguesa, Música
2º. e 3º. Anos	<i>Palavrinha ou palavrão</i>	Língua Portuguesa
2º. e 3º. Anos	<i>BIS</i>	Língua Portuguesa
2º. e 3º. Anos	<i>Que história é essa?</i>	Língua Portuguesa (reconto)
2º. e 3º. Anos	<i>A verdadeira história dos três porquinhos</i>	Língua Portuguesa (reconto)
2º. e 3º. Anos	<i>Virou bicho!</i>	Língua Portuguesa
4º. e 5º. Anos	<i>Chakchuca desapareceu</i>	Língua Portuguesa e Comportamento
4º. e 5º. Anos	<i>O novo final da história</i>	Língua Portuguesa
4º. e 5º. Anos	<i>Ismael e Chopin</i>	Língua Portuguesa e Música
4º. e 5º. Anos	<i>Um domingo na cozinha</i>	Língua Portuguesa, Matemática e Culinária

4º. e 5º. Anos	<i>Minha vida de goleiro</i>	<i>Língua Portuguesa, História e Geografia</i>
4º. e 5º. Anos	<i>Nas ruas do Brás</i>	<i>Língua Portuguesa, História e Geografia</i>
4º. e 5º. Anos	<i>O anel mágico da tia Tarsila</i>	<i>Língua Portuguesa e Arte</i>
4º. e 5º. Anos	<i>Divinas travessuras</i>	<i>Língua Portuguesa, História (mitologia)</i>
4º. e 5º. Anos	<i>Minha querida assombração</i>	<i>Língua Portuguesa (contos de mistério)</i>
4º. e 5º. Anos	<i>João por um fio</i>	<i>Língua Portuguesa e Arte</i>
4º. e 5º. Anos	<i>O gato malhado e a andorinha Sinhá</i>	<i>Língua Portuguesa</i>
4º. e 5º. Anos	<i>Muito barulho por nada</i>	<i>Língua Portuguesa e Teatro</i>
6º. e 7º. Anos	<i>O papiro sagrado</i>	<i>Língua Portuguesa, História e Geografia</i>
6º. e 7º. Anos	<i>Histórias do pai da história</i>	<i>Língua Portuguesa, História e Geografia</i>
6º. e 7º. Anos	<i>Inventores e suas ideias brilhantes</i>	<i>Ciências e História</i>
6º. e 7º. Anos	<i>O império da Amazônia</i>	<i>Língua Portuguesa, História e Geografia</i>
6º. e 7º. Anos	<i>Jogo de escolhas</i>	<i>Língua Portuguesa</i>
6º. e 7º. Anos	<i>Minhas memórias de Lobato</i>	<i>Língua Portuguesa (biografia), História</i>
6º. e 7º. Anos	<i>Ei! Tem alguém aí?</i>	<i>Língua Portuguesa, Filosofia</i>
6º. e 7º. Anos	<i>Grandes aventuras</i>	<i>Língua Portuguesa, Geografia e História</i>
6º. e 7º. Anos	<i>As aventuras de Benjamim: o Muiraquitã</i>	<i>Língua Portuguesa</i>
6º. e 7º. Anos	<i>História de índio</i>	<i>Língua Portuguesa, Geografia e História</i>
6º. e 7º. Anos	<i>Duelo</i>	<i>Língua Portuguesa</i>
6º. e 7º. Anos	<i>O segredo</i>	<i>Língua Portuguesa (contos)</i>
8º. e 9º. Anos	<i>Operação dragão amarelo</i>	<i>Língua Portuguesa, Narrativa de Enigma</i>
8º. e 9º. Anos	<i>O amor nos tempos do blog</i>	<i>Língua Portuguesa e Comportamento</i>
8º. e 9º. Anos	<i>Desenhos de guerra e de amor</i>	<i>Língua Portuguesa</i>
8º. e 9º. Anos	<i>O casamento da lua</i>	<i>Língua Portuguesa (contos)</i>

8º. e 9º. Anos	<i>A órbita dos caracóis</i>	Língua Portuguesa (aventura)
8º. e 9º. Anos	<i>Joaquim e Maria e a estátua de Machado de Assis</i>	Língua Portuguesa (biografia), História
8º. e 9º. Anos	<i>A busca</i>	Língua Portuguesa, Arte (HQ) e História
8º. e 9º. Anos	<i>O livro selvagem</i>	Língua Portuguesa (aventura)
8º. e 9º. Anos	<i>D. João Carioca</i>	Língua Portuguesa, Arte (HQ) e História
8º. e 9º. Anos	<i>Antes do baile verde</i>	Língua Portuguesa (contos)
8º. e 9º. Anos	<i>AvóDezanove e o segredo do soviético</i>	Língua Portuguesa, História e Geografia
8º. e 9º. Anos	<i>O conto da ilha desconhecida</i>	Língua Portuguesa

Livros para o Ensino Médio:

Ensino Médio	<i>Dias e dias</i>	Língua Portuguesa (romance) e História
Ensino Médio	<i>Contos de aprendiz</i>	Língua Portuguesa (contos)
Ensino Médio	<i>A revolução dos bichos</i>	Língua Portuguesa e Sociologia
Ensino Médio	<i>Poesia completa de Alberto Caieiro</i>	Língua Portuguesa (poesia)
Ensino Médio	<i>O segundo tempo</i>	Língua Portuguesa e Comportamento
Ensino Médio	<i>Maus</i>	Língua Portuguesa, História, Geografia, Sociologia e Artes
Ensino Médio	<i>Castro Alves — Um poeta sempre jovem</i>	Língua Portuguesa (biografia), História
Ensino Médio	<i>Memórias do sobrinho do meu tio</i>	Língua Portuguesa
Ensino Médio	<i>A outra volta do parafuso</i>	Língua Portuguesa (novela de mistério)
Ensino Médio	<i>Para viver um grande amor</i>	Língua Portuguesa (poesia)
Ensino Médio	<i>O último voo do flamingo</i>	Língua Portuguesa, História e Geografia
Ensino Médio	<i>Claraboia</i>	Língua Portuguesa (romance)
Ensino Médio	<i>Capitães da areia</i>	Língua Portuguesa, Geografia e Sociologia
Ensino Médio	<i>Papéis avulsos</i>	Língua Portuguesa (contos)
Ensino Médio	<i>1984</i>	Língua Portuguesa (romance), Sociologia
Ensino Médio	<i>Incidente em Antares</i>	Língua Portuguesa (gênero fantástico)
Ensino Médio	<i>Sentimento do mundo</i>	Língua Portuguesa (poesia), História
Ensino Médio	<i>O visconde partido ao meio</i>	Língua Portuguesa (gênero fantástico)



Quero um bicho de estimação – Lauren child

A oportunidade de conviver com um animal é muito benéfica, mas os pais sabem bem que, apesar de terem a ajuda dos pequenos, a responsabilidade pelo bichinho será sua. Por isso, muitas vezes hesitam em atender ao pedido dos filhos.

É exatamente dessa questão que trata Lauren Child, autora da série Charlie e Lola, neste livro sobre uma menina que — adivinhem... — quer um bicho de estimação. Ela tem várias ideias: um leão africano, um polvo, uma ovelha ou um morcego, quem sabe. Mas seus pais e avós não estão nada contentes com as sugestões. Assim, a menina tem de procurar um bichinho de que todo mundo goste, ou seja, que não tenha muito pelo, que não entre em casa, não faça muito barulho e que seja, segundo a vontade do avô, empalhado — e isso não é nada fácil.

Com muita graça e descontração, esta história pode ajudar as famílias que vivem esse dilema — e as que não vivem também — a conversar sobre a escolha de ter ou não um bicho em casa.



Olavo Holofote – Leigh Hodgkinson



Como todo pavão que se preze, Olavo Holofote adora se exibir. Mas as penas não bastam para ele: Olavo quer um livro INTEIRO para si. E luta, ao longo de 32 páginas, para impedir que outros bichos roubem a cena. A situação é complicada: o Urso é famoso demais, o Coelho é fofo demais, o Elefante é grande demais, o Passarinho é engraçado demais, o Lobo está interessado demais em contos de fadas, e o Ratinho é muito legal e prestativo (e já apareceu em mais páginas do que o Olavo gostaria). Assim não dá!

Olavo acaba expulsando todo mundo do SEU livro. Mas é aí que a brincadeira perde a graça: se exibir para si mesmo e ficar sozinho naquela parte escura e assustadora da floresta? Parece que o Olavo aprendeu a sua lição.

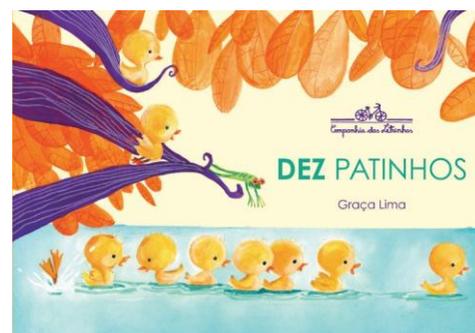
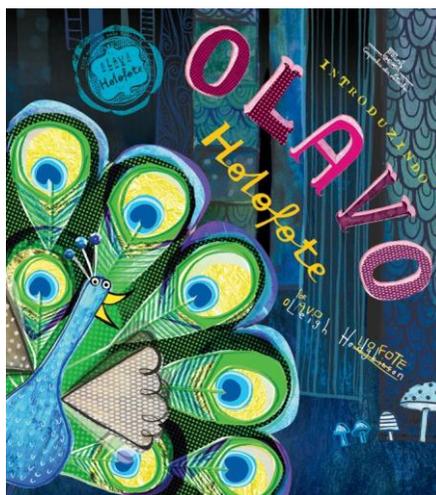
Dez Patinhos – Graça Lima



Escrito e ilustrado pela premiada artista Graça Lima, este livro conta as estripulias de dez patinhos irmãos que não param quietos. A cada dupla de páginas um deles se distrai com alguma coisa e sai de cena. De subtração em subtração, as crianças acompanham o caminho decrescente dos dez primeiros algarismos, em situações divertidas e cheias de movimento.

Escrito em versos curtos e de rima simples, *Dez patinhos* se destina tanto às crianças pequenas, que acompanham a leitura feita pelos pais observando as coloridas ilustrações, quanto àquelas que estão aprendendo a contar.

Prêmio: FNLIJ — Categoria Criança — 2011





telefone sem fio – ilan Brenman erenato Moriconi

Ilan Brenman, autor de muitos livros de sucesso, não tirava da cabeça a cena de um grupo de crianças e adultos falando um no ouvido do outro, ao brincar de telefone sem fio, e as variadas expressões — de curiosidade, alegria, estranheza — que cada um fazia ao ouvir o cochicho. Pensou que essa experiência poderia se transformar em livro. Chamou seu amigo Renato Moriconi, que também é autor de livros infantis, para escrever essa obra a quatro mãos. O resultado é um livro só de imagens com vários personagens inusitados, cochichando um na orelha do outro.

O que cada um estará cochichando ao pé do ouvido só mesmo as crianças poderão dizer.

Prêmio: FNLIJ — O Melhor para a Criança — 2011

zoozureta – Fabrício corsaletti

Como acontece na boa poesia escrita para crianças, os trinta poemas deste *Zoo zureta* são um convite para que os pequenos leitores descubram as surpresas que podem estar escondidas nas palavras usadas no dia a dia.

São poemas curtos, cada um homenageando um animal, nos quais o poeta obtém efeitos de surpresa e extravagância, com os quais a imaginação infantil tanto se diverte.

As ilustrações de Ionit Zilberman são muito originais: verdadeiros cenários, elas compõem uma espécie de teatrinho de marionetes. Em uma caixa vazia, com dois apoios no alto, ela pendura peças — sejam personagens ou objetos —, coloca outros elementos e escolhe os fundos, montando um “palco” para cada poema.

Um livro que desperta nos leitores a alegria e o gosto de rir, destinado tanto às crianças em fase de alfabetização como às maiores — o que não impede que os adultos também se deliciem com ele.

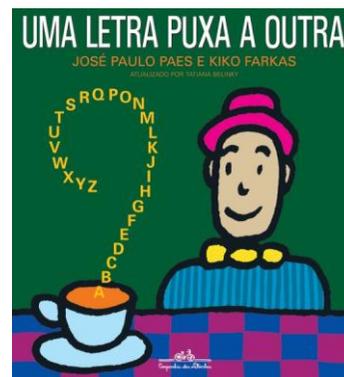
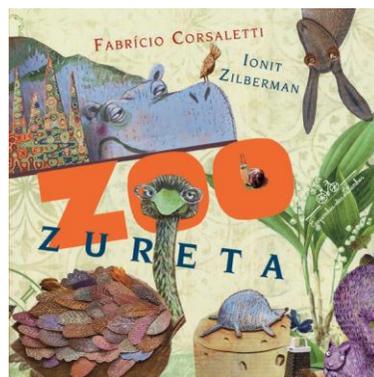
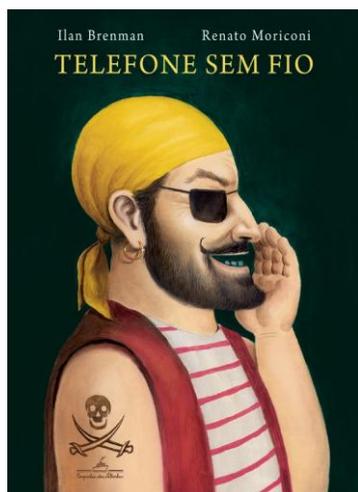


Uma letra puxa a outra – José Paulo Paes

Uma cartilha moderna em que cada letra do alfabeto ganha uma quadrinha, composta com recursos de rima e ritmo que ajudam a memorização. A letra s, por exemplo, é assim: “O sapo saltou na sopa/ de um sujeito que, sem mais papo, / deu-lhe um sopapo e gritou: — Opa!/ Não tomo sopa de sapo!”. As ilustrações seguem de perto o texto. As letras maiúsculas facilitam a leitura.

Prêmios: Prêmio Jabuti — Melhor Produção Editorial Infantil ou Juvenil — 1993

FNLIJ — Categoria Poesia — 1992





aviãozinho de papel – ricardo azevedo

O premiado autor de histórias infantis Ricardo Azevedo conta, em *Aviãozinho de papel*, as peripécias e aventuras de um pequeno avião feito de papel. Entre o início e o fim de sua jornada, o aviãozinho parece passear pelo mundo todo, vendo todas as coisas, conhecendo todas as pessoas e desfrutando, em sua breve vida, das delícias que a Terra oferece.

O próprio autor define o valor simbólico de seu livro: *Aviãozinho de papel* é, como qualquer outro livro, uma garrafa boiando no mar com uma mensagem em seu interior. Escondido numa biblioteca ou numa livraria — um mar de garrafas contendo mensagens secretas —, um dia ele será encontrado, aberto e lido, e terá enfim seu destino completado, revelando “uma ideia, uma lembrança e um sentimento”.

Aviãozinho de papel traz, em suas páginas centrais, uma folha de papel em branco e o convite à criança para que faça seu próprio avião.

Prêmio: Título Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil — FNLJ 1994, categoria criança



hocus Pocus – ionit zilberman e Kiaraterra

Um belo dia, a menina desta história descobriu que com apenas um plic e uma palavra mágica tudo aquilo de que ela gostava poderia de repente aparecer no papel e ficar guardado para sempre. Como? Oras, usando uma máquina fotográfica instantânea.

Escrito pela contadora de histórias Kiara Terra, este livro conta um pouco sobre a infância de quem o ilustrou, a Ionit Zilberman, e sobre todas as descobertas importantes que ela fez nessa fase tão especial na vida de todo mundo. Além de conhecer a máquina fotográfica, ela também aprendeu o que significava “instantâneo”, o que

era o começo das coisas e, principalmente, como era bom, de uma hora para outra, ganhar um pai de presente.

histórias do Xingu – orlando Villas Bôas e cláudio Villas Bôas

Cláudio e Orlando Villas Bôas dedicaram suas vidas aos índios brasileiros. Em 1943, abandonaram a vida na cidade para participar, como trabalhadores braçais, da Expedição Roncador-Xingu, que tinha como objetivo desbravar parte da Amazônia, então considerada desabitada. Desde então lutaram para demarcar suas terras, prestar assistência à saúde e preservar sua cultura. Criaram laços de amizade com mais de vinte povos e, em 1961, ajudaram a fundar o Parque Nacional do Xingu.

Conheceram mais do que ninguém a cultura dos xinguanos, e narram aqui nove histórias assim como as ouviram. São contos que falam do imaginário desses grupos, de seus costumes, crenças e cosmologia.

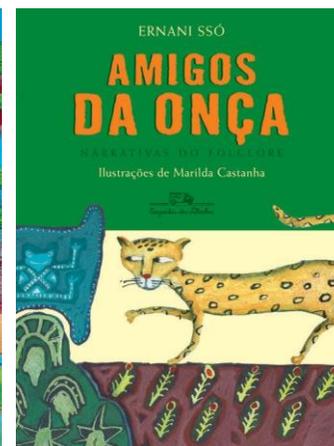
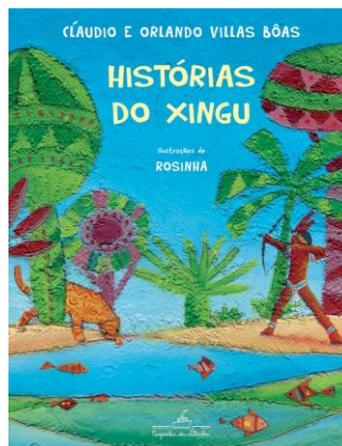
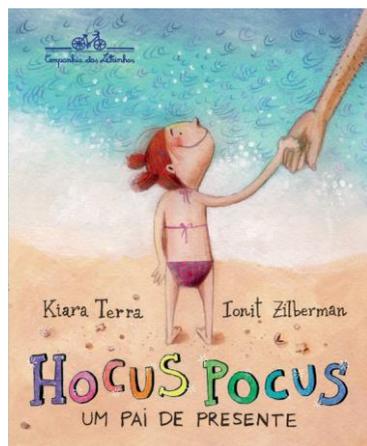
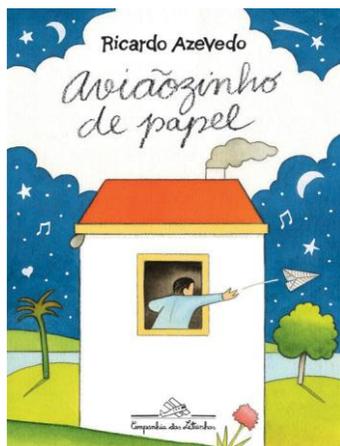
Uma extensa introdução da antropóloga Betty Mindlin dá mais detalhes sobre a história dos irmãos Villas Bôas e dos índios do Alto Xingu.



amigos da onça – ernani ssó

Desde o início dos tempos, os homens se reconhecem e perpetuam sua passagem pelo mundo através de histórias que são contadas de geração a geração. As fábulas e lendas, por exemplo, são dotadas de caráter universal e guardam uma função pedagógica e moralizante. Quando a narrativa termina, a mensagem permanece e se inscreve na experiência dos ouvintes ou dos leitores em formação.

Em *Amigos da onça*, Ernani Ssó reúne onze histórias do folclore popular, nas quais o protagonista é a onça. As histórias são escritas numa cadência própria da oralidade, como se estivessem sendo contadas ao pé de uma



fogueira, em noite de inverno, como ensina a tradição da bicharada.

Nelas conhecemos a “burrice” da onça. Ela se julga muito mais forte e poderosa que a maioria dos animais — e é! —, mas não é tão rápida no raciocínio. Pobre dela; a verdade é que nas histórias é malvada, traiçoeira... e burra, muito burra.



a interessante ilha dukontra – Marcelo cipis

Em Dukontra o tempo anda para trás, e as frutas, quando amadurecem, caem para cima. Lá, o fino é usar um sapato só e vários chapéus. Em Dukontra, a sombra da figura é a figura da sombra, e os carros, evidentemente, estão virados (os que não estão andam de marcha a ré).

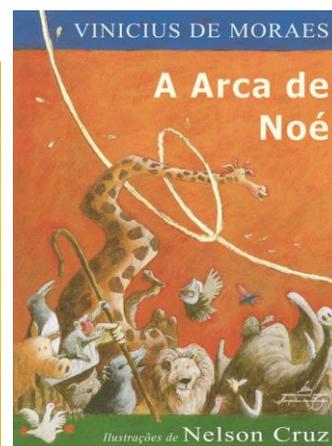
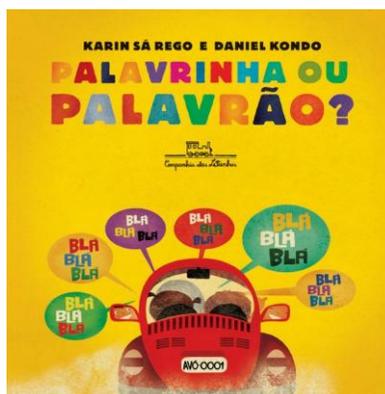
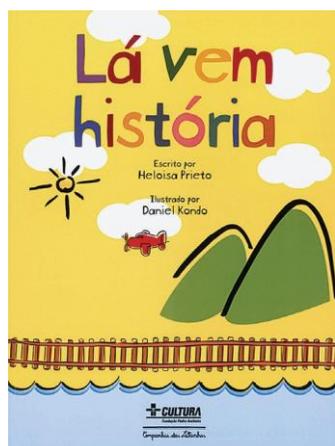
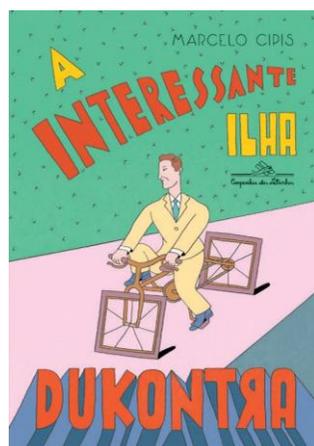
Em mais um livro todo ilustrado, Marcelo Cipis brinca com a ordem, aproveitando para virar tudo do avesso — e o leitor entra na brincadeira, convidado a criar suas próprias maluquices.



Lá vem história – heloisa Prieto

Em cada página deste livro, uma das histórias que já encantaram na telinha da tv Cultura. Macunaíma, Sherazade e o Negrinho do Pastoreio são alguns dos heróis que levarão as crianças pelo mundo afora. São histórias para conhecer o mundo: valentes samurais no Japão; no polo Norte, ursos que viram estrela; na Austrália, os imensos homens-gatos, monstros muito estranhos. Heloisa Prieto organizou essas narrativas em blocos. Uma viagem através da imaginação de outros povos, através dos sonhos de crianças que viveram em outras épocas.

Prêmio: FNLIJ — Categoria Criança — 1997



Palavrinha ou palavrão? – Karin Sá rego e daniel Kondo



Quando Nina e Théo acordam de manhã, o dia já começa repleto dos mais diversos sons: a campainha do despertador, os latidos do cachorro, o rangido da porta do banheiro, a água caindo do chuveiro, o pão tostadinho sendo mastigado...

Escrito em versos rimados e cheios de humor, o texto de Karin Sá Rego destaca esses barulhinhos que fazem parte do dia a dia de todos nós e que são representados por meio das onomatopeias. Assim, acompanhamos uma manhã na vida de Nina, que termina com uma divertida aula de português, em que a garota aprende — e os leitores também — o que significa essa comprida palavra da língua portuguesa.

Complementando a narrativa, o livro traz ainda as coloridas ilustrações de Daniel Kondo, que ocupam a página inteira.

a arca de Noé – Vinicius de Moraes

Crianças e adultos sabem de cor alguns dos poemas infantis de Vinicius de Moraes, graças ao ritmo inteligente e bem-humorado dos seus versos. As deliciosas versões musicais de *A arca de Noé* são exemplo dessa simpatia que o poeta conquistou entre pequenos e grandes leitores.

Os discos *A arca de Noé 1* (1980) e *A arca de Noé 2* (1981) traziam composições como “O pato”, “A casa”, “O gato”, “O pinguim” e “São Francisco”, que se tornaram famosas nas vozes de Chico Buarque, Milton Nascimento, Toquinho, Marina Lima e Ney Matogrosso, entre outros intérpretes.

Agora o livro *A arca de Noé* ganha nova edição, com todos os 32 poemas da edição original, publicada pela Companhia das Letrinhas pela primeira vez em 1993. Ilustrações assinadas por Nelson Cruz compõem a reedição desse clássico infantil.





Bis – ricardoda Cunha Lima

Quarto livro do autor dedicado à poesia — e às crianças —, neste *Bis* treze poemas tratam dos mais variados temas: vontades esquisitas (como a de querer “entrar para fora e sair para dentro”), casamentos inusitados, um bruxo que bagunça uma feira de ciência ao dar vida aos objetos e uma cama que engole gente (e que fornece uma boa desculpa naqueles dias em que não dá vontade de levantar), entre outras situações divertidas. Há ainda um poema visual sobre um mapa do tesouro.

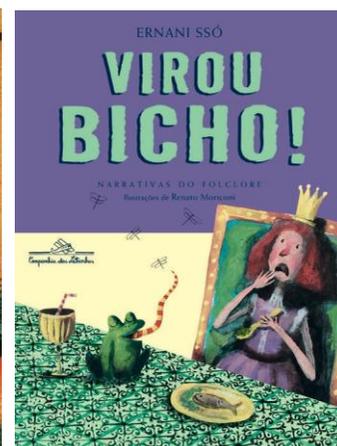
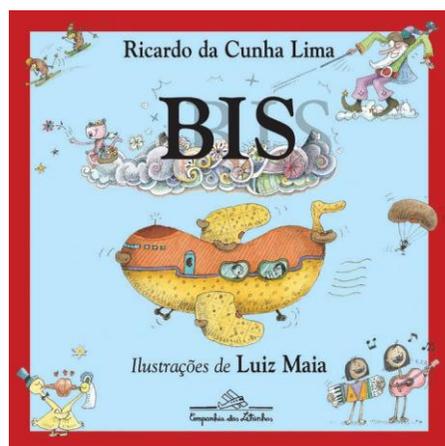
Como nos outros volumes, o autor explica, em um apêndice, a diferença entre prosa e poesia, e fala sobre alguns dos principais conceitos do gênero poesia, como verso, estrofe, ritmo, verso branco, musicalidade. Assim, o leitor aprende não só a ler poesia, como também é incentivado a criar os seus próprios poemas.

Que história é essa? – Flavio de Souza



Nessa homenagem aos personagens secundários dos contos de fadas, quem narra a história da Bela Adormecida é um dragão que come salsichas. A história de Chapeuzinho Vermelho é contada pelo caçador. O livro foi construído um pouco à maneira dos jogos eletrônicos: se o leitor entrar na história de Cinderela por uma porta “errada”, vai olhar a mesma história pelos olhos do lagarto que se transformou em criado de libré: tudo muda, mas a essência da história permanece inalterada.

Prêmio: FNLIJ — Categoria Criança — Prêmio Revelação Ilustrador — 1995



a verdadeira história dos três porquinhos! – Jon scieszka



Será que a história dos três porquinhos ocorreu daquele jeito mesmo? Dando a palavra ao lobo, que naturalmente narra os acontecimentos do seu ponto de vista, Jon Scieszka consegue reforçar a “veracidade” da história original, contar uma história nova e engraçada e dar às crianças oportunidade para demonstrar que compreendem muito bem as coisas.

Virou bicho! – ernani ssó



Pesquisas antropológicas recentes vêm insistindo na ideia de que os ameríndios possuíam um estatuto original: entre eles não existiria uma diferenciação entre humanos e animais. É isso que conta a variada mitologia desses povos: haveria um estado de coisas em que os corpos, os nomes, as almas e as ações apareceriam misturadas desde o início dos tempos.

Bem, nós não costumamos partilhar dessa continuidade metafísica entre homens e animais — como lembra Ernani Ssó, na apresentação de *Virou bicho!*: “Para nós, os homens são homens e a natureza é natureza, com as árvores e os animais. Nós aqui e ela lá”. No entanto, há inúmeros relatos do folclore mundial em que princesas e príncipes são transformados em bichos.

É verdade que isso aparece como uma maldição terrível, e em nossas histórias os mocinhos e mocinhas lutam loucamente para voltar a ser gente. De fato, entre nós a mistura não é tão tranquila, e os dilemas são outros. Quem sabe as sete histórias deste livro — assim como as várias outras do mesmo rol — não estejam nos dando uma dica: que aprendamos a lidar com a fera que há em nós e com a fera que há nos outros.



chakchuca desapareceu – Galia oz

Chakchuca é o nome de um prato africano, feito com tomates, ovos e pimenta — e muito apreciado por uma cachorrinha malhada, que um dia apareceu no prédio de uma menina chamada Iuli. Ela acabou virando a dona do bichinho mas, depois de apenas duas semanas, Chakchuca desapareceu sem mais nem menos, deixando a menina na maior aflição.

Quem poderia ajudar Iuli a desvendar esse grande mistério? Quem sabe a Efi, que é uma ótima amiga, embora viva no mundo da lua; ou talvez o Ofek, que às vezes fala algumas coisas difíceis de se ouvir, mas é um bom companheiro; ou ainda o Aviv, que nasceu num caminhão que ia para a Antártida (segundo a história que ele conta). Iuli imagina que o sumiço tenha alguma ligação com um menino maldoso da sua classe chamado Dotan, que jurou se vingar dela por ter sido denunciado para a professora no dia do sumiço da cachorrinha.



o novo final da história – Mirna Pinsky

A turma toda joga queimada no quintal, mas Suzanne tem dever de casa para fazer: escolher um livro, lê-lo do começo ao fim e resumi-lo no caderno.

A garota vai até a biblioteca e percebe que um livro menor dará menos trabalho e acaba levando para casa *Amor de beija-flor*, a história do beija-flor Jaquito.

Envolvida pela narrativa, Suzanne descobre que faltavam as páginas finais do livro. Para resolver o problema, ela passa a se corresponder com o autor por e-mail. Ele não consegue um exemplar completo para lhe oferecer. Suzanne então começa a imaginar o final da história e percebe que não precisa mais do livro. Nenhum final poderia ser tão maravilhoso como o seu.

O novo final da história intercala a correspondência da garota com o autor de *Amor de beija-flor*, trechos da história de Jaquito e a história da própria Suzanne. Mirna Pinsky constrói uma narrativa que ressalta a importância da imaginação no ato da leitura e o papel fundamental do leitor na criação das histórias.

ismaele chopin – Miguel sousa tavares

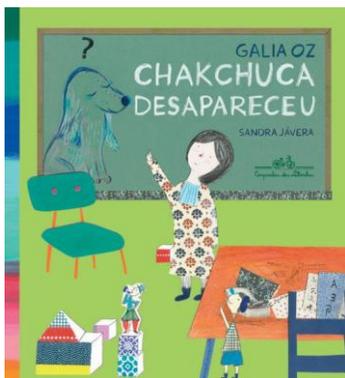
Ismael é um coelho muito sabido: entre seus 52 irmãos, foi o único escolhido pelo pai para aprender os segredos do bosque. Juntos, os dois passam os dias a se aventurar pelos cantos da floresta, observando animais e plantas e aprendendo segredos sobre um outro mundo: o pai de Ismael conhece a língua dos homens e a ensina ao filho, aconselhando que ele tenha cuidado com eles. Mal sabia o velho coelho que isso levaria ao início de uma grande amizade.

É que Chopin, o compositor, havia se refugiado numa casa bem perto do bosque, pois estava muito doente, e passava a noite sentado ao piano tocando suas composições. Atraído pela música, Ismael vai se aproximando cada vez mais até que um dia, sem se dar conta, o coelhinho acaba iniciando uma conversa com o músico. Desse encontro inicial vai surgir uma forte amizade, que mostrará, para o pequeno leitor, a força da música, arte capaz de unir personagens tão singulares e díspares quanto um coelho e um dos maiores compositores de todos os tempos.

Um domingo na cozinha – daniel Kondo e Lycia Kattan

Para os pais de Tom, Lola e Leo, os domingos eram sinônimo de trabalho: quando finalmente tinham conseguido arrumar a bagunça do café da manhã, já era hora de preparar o almoço, e nunca sobrava tempo para os programas em família. Mas aquele seria um domingo especial; afinal, era o primeiro dia de S.A.N.D.R.O. (ou Super Auto New-Design Rare Overcooking machine) como robô-chef da casa.

Acontece que o primeiro prato feito por aquela “revolução culinária”, segundo o comercial da tevê, não ficou lá muito saboroso — nem o segundo nem o terceiro nem o quarto... Apesar da decepção, as crianças acabaram arregaçando as mangas para ajudar os pais e descobriram receitas deliciosas e divertidas (que aparecem ao final do livro) e que não precisavam da ajuda de nenhum robô!





Minha vida de goleiro – Luiz schwarcz

Como sugere o título do livro, esta narrativa está centrada numa paixão que é a mesma de muitos meninos: o futebol. Luiz, o menino sem irmãos, espalhava na mesa da sala seus times de futebol de botão e, com a força da imaginação, representava todos os papéis necessários a uma grande partida. No início, queria ser centroavante, mas um dia descobriu que tinha vocação para goleiro. O livro conta essa passagem. E conta também como um pediatra quase aniquila a carreira de um promissor futebolista.

Ao mesmo tempo, Luiz Schwarcz narra passagens da história de seus avós e seus pais, que, como tantas famílias judaicas, vieram para a América fugindo do nazismo. Ele explica esse entrelaçamento temático: “Neste livro eles [os pais e avós] foram os meus jogadores de botão. Com a diferença de que eu não os comandava. Sua vida e a minha memória ditaram o ritmo do jogo”.

Prêmio: FNLIJ — Categoria Informativo — 1999

Nas ruas do Brás – drauzio Varella



O médico Drauzio Varella, autor de *Estação Carandiru*, neto de imigrantes espanhóis e portugueses, relembra alguns episódios de quando brincava e brigava nas ruas do Brás, o bairro de São Paulo onde se criou. Drauzio conta algumas coisas que hoje soam estranhas. Por exemplo: só quando já estava com seis anos é que foi ao médico pela primeira vez. Mais estranho ainda parece o tratamento prescrito pelo doutor: “Receitou injeções de penicilina, trinta dias de repouso absoluto na cama e um regime alimentar inacreditável: seis dias sem comer, dos quais os três primeiros sem beber”. Drauzio teve experiências que hoje seriam impossíveis, mas, de certa forma, foi um menino igualzinho aos de agora: a maneira como as crianças sentem as alegrias e as tristezas não mudou nada.

o anel mágico da tia tarsila – tarsila do amaral



Esse livro não foi escrito pela Tarsila pintora modernista, mas por sua sobrinha, que tem o mesmo nome. Em

O anel mágico da tia Tarsila, ela mistura realidade e ficção para apresentar, de maneira atraente às crianças, a vida e a obra de uma das maiores artistas brasileiras.

Na história, ao colocar o anel que herdou da tia, Tarsilinha a encontra em diferentes momentos: brincando na fazenda onde passou a infância; estudando no colégio de freiras; em Paris, aluna de Fernand Léger; depois, casada com Oswald de Andrade... Nas diversas passagens, Tarsila aparece trabalhando em seus quadros mais famosos, que ocupam páginas inteiras do livro.

Ao final, uma cronologia esmiúça a vida da pintora e apresenta outras das suas obras mais importantes. Um retrato único, feito por quem conviveu afetivamente não só com a própria Tarsila do Amaral como com seus quadros.

divinas travessuras – heloisa Prieto



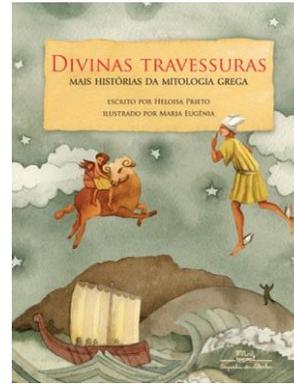
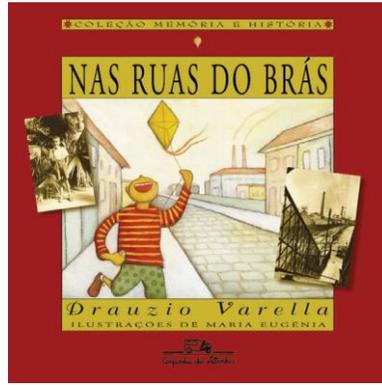
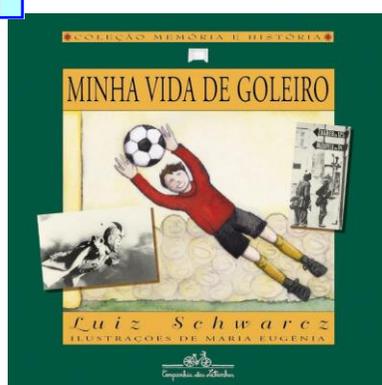
Depois das *Divinas aventuras*, em que alguns deuses da mitologia grega contam suas histórias, das *Divinas desventuras*, narradas por Cronos, o deus do tempo, agora é a vez de Hermes, o deus da trapaça, contar as suas preferidas — que são repletas de travessuras, é claro. Muito arteiro, ele fala sobre o dia em que roubou os novilhos de seu irmão Apolo; sobre quando ajudou, com sua tamanha esperteza, seu tataraneto Odisseu a vencer o gigante Polifemo, entre demais peripécias.

São histórias que ensinam sobre a mitologia grega e seus deuses — como o poderoso Zeus e a vingativa Hera, entre outros —, em um tom divertido e próximo do leitor, por conta da narrativa do faceiro Hermes. Ao final, um glossário apresenta a vida dos principais personagens do livro.

João por um fio – roger Mello



João é filho de pescador e dorme sob uma colcha costurada à mão. À noite, depois que ele se deita, os pensamentos rodam soltos: conchas, rios, girinos, redes de pesca, cantigas, cordilheiras, panos, caseados, terremotos. Roger Mello, vencedor do prêmio suíço Espace-Enfants 2002 e do Jabuti, entre outros, nos convida para um mergulho nos



sonhos e medos que preenchem a noite do menino João. Texto primoroso e ilustrações belíssimas, inspiradas nas tramas dos bordados brasileiros.

Prêmio: FNLIJ — Categoria Criança — 2005

Minha querida assombração – reginaldo Prandi



O sociólogo Paulo chega em casa com uma grande novidade para os filhos Francisco, Rita, Fernando e Luísa: iriam passar uma semana numa fazenda antiga do interior.

Na Fazenda Velha, em Três Córregos, a família é recebida pela proprietária, dona Santa. Além de nadar no riacho, correr atrás dos bezerros e subir numa grande figueira, as crianças ouvem histórias de arrepiar contadas à noite pela anfitriã. De repente, coisas estranhas começam a acontecer, envolvendo a todos numa trama do outro mundo.

Tendo as tradições caipiras como pano de fundo, *Minha querida assombração* se compõe de dois planos: a história principal, ou conto-moldura, é narrada em terceira pessoa e descreve a vida na fazenda; já as histórias de assombração são contadas em verso por dona Santa.

Reginaldo Prandi passou a infância na cidade de Potirendaba, interior de São Paulo, onde ouvia histórias de terror contadas por sua avó paterna, Josefina. Além das ilustrações de Rodrigo Rosa, o livro traz também imagens do álbum de fotografia do autor.

o Gato Malhado e a andorinha sinhá – Jorge amado



O temperamento do Gato Malhado não era nada bom: bastava aparecer no parque para todos fugirem às pressas. E ele não se importava mesmo com os outros, ia tocando a vida com a indiferença habitual. Até que, chegada certa primavera, o Gato nota que a Andorinha Sinhá não tem receio nenhum dele.

Foi o suficiente para que dali nascesse a amizade dos dois, que se aprofunda com o tempo. No outono, os

bichos já viam o Gato com outros olhos, achando que talvez ele não fosse tão ruim e perigoso, uma vez que passara toda a primavera e o verão sem aprontar. Durante esse tempo, até soneto o Gato escreveu. E confessou à Andorinha: “Se eu não fosse um gato, te pediria para casares comigo”. Mas o amor entre os dois é proibido, não só porque o Gato é visto com desconfiança, mas também porque a Andorinha está prometida ao Rouxinol.

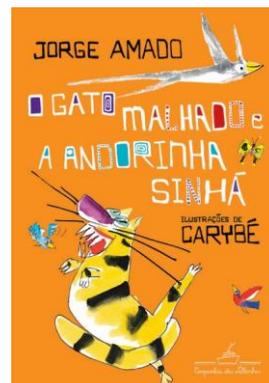
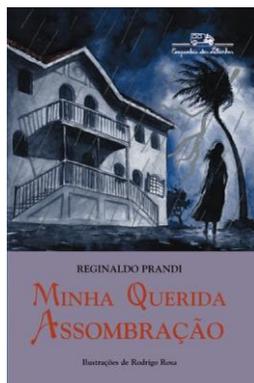
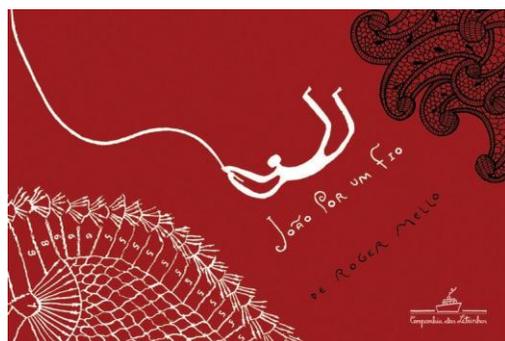
Jorge Amado colheu a história desse amor impossível de uma trova do poeta Estêvão da Escuna — que a costumava recitar no Mercado das Sete Portas, em Salvador — e a colocou no papel com o tom fabular dos contos infantojuvenis em 1948, quando vivia em Paris. Não era uma história para ser publicada em livro, mas um presente para o filho, João Jorge, que completava um ano de idade. Guardado entre as coisas do menino, o texto só foi reencontrado em 1976. João Jorge entregou então a narrativa a Carybé, que ilustrou as páginas datilografadas. Jorge Amado deu-se por vencido: o livro foi publicado no mesmo ano.

O texto foi adaptado mais tarde para teatro e balé. Esta nova edição preserva as ilustrações magníficas de Carybé, que foram inseridas em novo projeto gráfico de Kiko Farkas. A escritora Tatiana Belinky, grande fã de Jorge Amado assim como deste livro, foi convidada para escrever o posfácio.

Muito barulho por nada – andrew Matthews

Nesta adaptação em prosa de uma das mais famosas comédias de Shakespeare, dois casais estão às voltas com as confusões em que seus corações lhes metem: Cláudio ama Hero, mas desiste de se casar com a moça por acreditar, erroneamente, que ela é infiel; Benedito e Beatriz precisam ser vítimas de uma complicada trama para perceberem que estão perdidamente apaixonados um pelo outro. Felizmente, no final tudo fica bem.

Esta edição ainda inclui um prefácio de Ernani Ssó e dois posfácios: um sobre a origem da história e como Shakespeare se apropriou dela; e outro que trata das dúvidas em torno da identidade do grande dramaturgo inglês.



o papiro sagrado – aude Gros de Beler



A escrita em hieróglifos adotada pelos antigos egípcios é certamente a mais bela já desenhada pelo homem, com suas centenas de signos representando fielmente os seres humanos, os animais, as plantas e as coisas. Aqui, o leitor conhecerá essa escrita graças à história de um papiro sagrado, presente de um faraó aos antepassados de Marirê.

Como está velho e já não consegue mais ler à luz da lamparina a óleo, Marirê chama o filho e faz como fez seu próprio pai: lhe dá esse rolo antigo, todo empoeirado, o único livro que teve na vida. Nele estão registradas importantes narrativas da mitologia egípcia sobre o início dos tempos. São histórias da chamada Idade de Ouro, em que deuses egípcios e homens coabitavam na Terra para o bem e para o mal, repletas de segredos da humanidade que só os iniciados podem conhecer.

histórias do pai da história – ilan Brenman



Antigamente, a única forma de saber o que acontecia pelo mundo era ouvindo os contadores de histórias, viajantes de plantão que, na volta para sua terra natal, relatavam o que viam — e um pouquinho do que não viam — para as pessoas. Isso até Heródoto, um geógrafo e historiador grego nascido em 484 a.C., reunir tudo aquilo que presenciou e ouviu falar em suas muitas jornadas em um grande livro chamado *Histórias*, permitindo que todos tivessem acesso a informações sobre o resto do planeta sempre que quisessem.

Neste livro, escrito muito tempo depois por Ilan Brenman, outro grande narrador, há alguns dos escritos mais interessantes — e divertidos — que Heródoto nos deixou e curiosidades sobre essa figura tão importante para a humanidade.

inventores e suas ideias brilhantes – dr. Mike Goldsmith



A vida hoje é infinitamente diferente daquela dos nossos ancestrais da pré-história, e isso graças a pessoas curiosas e engenhosas que gastaram muito tempo estudando e criando coisas: os inventores. Neste livro, conhecemos a história de dez homens e suas invenções: Arquimedes e as roldanas, máquinas de guerra e o sistema solar; Leonardo da Vinci, suas máquinas voadoras e seus submarinos; James Watt e os motores a vapor; George Stephenson, as locomotivas, ferrovias e lâmpadas; Thomas Edison, a lâmpada e o toca-discos; Alexander Graham Bell, o telefone e os gravadores de som; os irmãos Wright e suas máquinas de voar; Guglielmo Marconi, seus sistemas de antena e as transmissões de rádio; John Logie Baird, a televisão em cores e em 3-D.

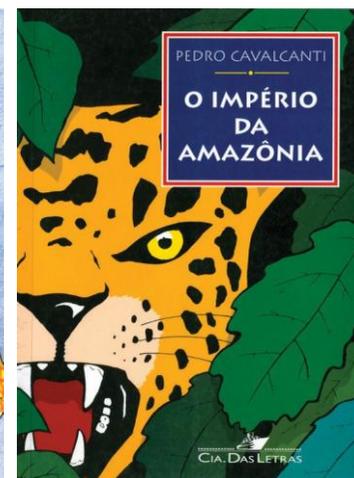
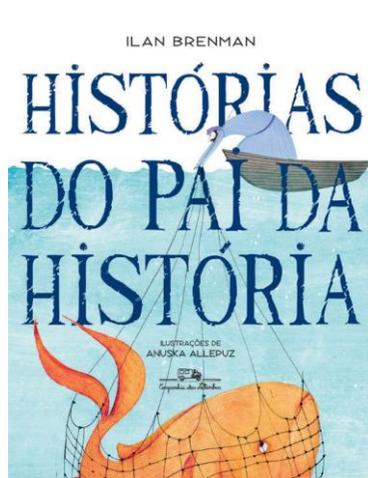
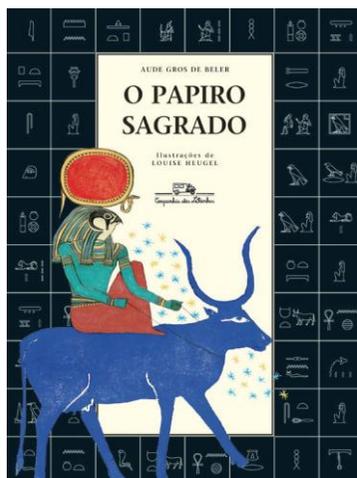
Ao apresentar curiosidades sobre a vida e a obra de cada um deles, por meio de textos divertidos e pequenas tiras de história em quadrinhos, o livro não só explica de que modo foram inventadas todas essas engenhocas como também fala sobre a época em que viveram esses homens, abarcando diferentes disciplinas, como ciências e história.

o império da amazônia – Pedro cavalcanti



Dizem que no coração selvagem da Amazônia, junto ao córrego do Sumidouro, atrás da serra da Perdição, a civilização maia ainda não morreu. Lá estaria escondido o império fundado há séculos por sobreviventes maias que se desgarraram em meio à tormenta da conquista espanhola. Sem qualquer contato com a nossa civilização, teriam persistido em sua brilhante tradição de arquitetos e astrônomos, bem como em seus estranhos ritos de sacrifícios humanos.

Lenda ou realidade? A única maneira de saber era indo até lá.



Jogo de escolhas – reginaldo Prandi



Em *Minha querida assombração*, livro lançado em 2003, Paulo e seus quatro filhos — Francisco, Rita, Fernando e Luísa — passam uma semana em uma fazenda antiga do interior de São Paulo. Além de nadar no riacho e subir em figueiras, as crianças ouvem histórias de arrear contadas à noite pela dona da fazenda.

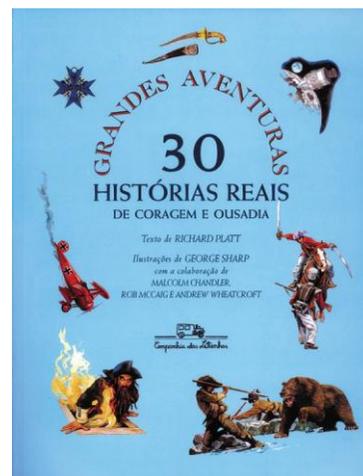
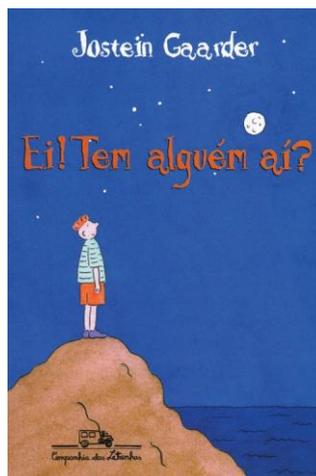
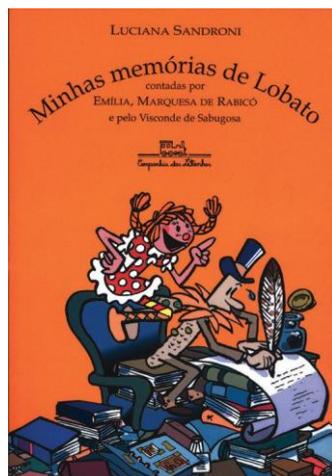
A cada história, as crianças deparam com uma série de questões difíceis: como se camuflam os mais diferentes tipos de preconceito; como se deve encarar o lado menos nobre dos sentimentos humanos; como lidar com a dimensão mágica do mundo em oposição à racionalidade da vida moderna; como enfrentar aspectos indesejáveis do comportamento humano — essas são algumas das discussões que as seis narrativas lidas pelas crianças suscitam.

Os quatro irmãos sempre têm muito sobre o que falar quando as histórias chegam ao fim, e alguns dos temas discutidos são aprofundados em um glossário, ao final do livro. Além das ilustrações de Rodrigo Rosa, o livro traz um álbum de fotografias.

Minhas memórias de Lobato – Luciana sandroni



Monteiro Lobato é um fenômeno editorial raras vezes superado no Brasil. Em 1941, por exemplo, as tiragens de suas obras já alcançavam um milhão de exemplares. Era o autor mais vendido na América Latina. Sua literatura para adultos anda esquecida, mas a infantil continua a conquistar leitores de sucessivas gerações. Emília, Pedrinho e Narizinho são tão conhecidos que parecem pertencer ao domínio público. Nesse livro é o próprio Monteiro Lobato quem se transforma em objeto das “memórias” de Emília e de seu ajudante, o Visconde de Sabugosa. O que eles fazem é uma biografia para



crianças, numa linguagem ao mesmo tempo séria e lúdica que o próprio Lobato aprovaria.

Prêmios: Prêmio Jabuti — Literatura Infantojuvenil — 1998

FNLJ — Prêmio Ofélia Fontes — O melhor para a Criança — 1997

ei!temalguém aí? – Jostein Gaarder

Essa é a história de um menino de oito anos que vai ganhar um irmãozinho. Enquanto espera os pais voltarem da maternidade, ele recebe a visita de Mika, uma espécie de pequeno príncipe que parece de outro planeta. Os dois são muito diferentes, mas são muito parecidos também. Passam 24 horas juntos e conversam sobre temas interessantes como a origem da vida, os princípios da evolução e a extinção dos dinossauros. Quando Mika vai embora e os pais voltam com o bebê, o irmão mais velho sabe, de algum modo, que sua casa tem espaço para o novo habitante.

Prêmio: FNLJ — Categoria Tradução/Jovem — 1997

Grandes aventuras – richard Platt

Grandes aventuras apresenta a história de trinta pessoas que se recusaram a incluir a palavra *impossível* em seu vocabulário — entre eles, o viking Leif Eriksson (que no ano mil navegou da Groenlândia ao Canadá), os descobridores Cristóvão Colombo e James Cook, o proscrito Alexander Selkirk e a ladra Moll Frith (que inspiraram, respectivamente, os romances *Robinson Crusoe* e *Moll Flanders*, de Daniel Defoe), o temível pirata Barba-Negra, o naturalista alemão Alexander von Humboldt, os aviadores Charles Lindbergh e Amelia Earhart e o astronauta Yuri Gagarin. Desenhos, fotos, mapas e quadros com informações de apoio completam a edição.



as aventuras de Benjamim: o Muiraquitã
–camila Franco, Marcela Catunda
e Blandina Franco



O *Muiraquitã* narra a viagem de Benjamim em busca do pai desaparecido na floresta. Mata adentro, o garoto terá de enfrentar uma terrível tribo de canibais — os goiázis. Para isso, vai se aliar a criaturas do folclore brasileiro e do imaginário da floresta: o Curupira, que agora usa tênis e come hambúrguer; a Filha das Águas, que adora uma revista de celebridades; o Menino-Boto, que é louco por sushi e pudim de leite; e um pajé desastrado.

O livro brinca com algumas lendas brasileiras. Acrescentando elementos da vida contemporânea aos personagens tradicionais do folclore, insere a cultura nacional numa grande aventura infantojuvenil.

histórias de índio – daniel Munduruku



Na primeira parte, este livro traz um conto da cultura munduruku. “O menino que não sabia sonhar” fala de Kaxi, um garoto como outro qualquer, exceto pelo fato de o pajé tê-lo escolhido como seu sucessor. Para ser iniciado nos segredos da pajelança, o pajé lhe ensina que é preciso sonhar, pois nos sonhos residem os grandes mistérios da vida. Aqui, talvez pela primeira vez no Brasil, a cultura indígena é apresentada do ponto de vista de um dos seus integrantes. Em seguida, o autor relata com bom humor suas experiências no “mundo dos brancos” e comenta a situação dos povos indígenas no Brasil. A edição inclui desenhos de crianças indígenas e fotos de aldeias mundurukus.

o segredo e outras histórias de descoberta
–Lygia Fagundes Telles

Escritos por Lygia Fagundes Telles em fases distintas de sua carreira, os cinco contos reunidos nesta coletânea têm

em comum o ponto de vista de uma criança ou de um adolescente. Seja o narrador menina ou menino, seja o tema a descoberta do amor ou a frustração perante um segredo de família, as crianças que figuram no livro não têm nome próprio, tampouco se caracterizam por uma faixa etária específica.

O que as une é a experiência transformadora do amadurecimento, das situações aparentemente banais que se desdobram e se aprofundam e as fazem experimentar a perda de ilusões.

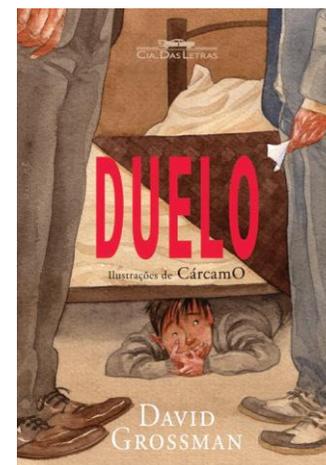
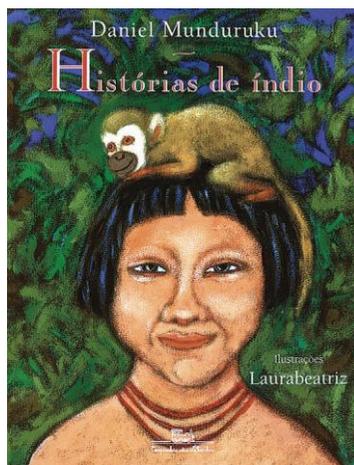
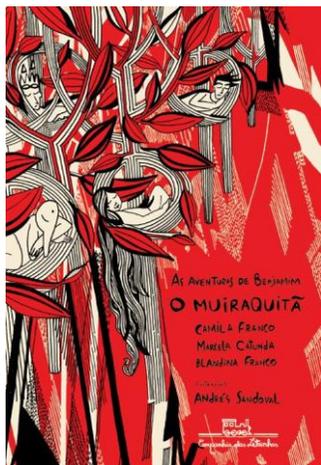
Em “Herbarium”, o conto que abre a coletânea, a menina do interior apaixonou-se pelo primo mais velho, que chega da cidade grande e lá se hospeda para recuperar-se de uma doença misteriosa. Diante de um sentimento tão profundo e até então desconhecido, sua vida se transforma.

“O segredo”, conto que dá nome ao livro, relata em primeira pessoa o encontro de uma menina, filha do delegado, com “as mulheres da Rua da Viúva, aquelas donas que a gente via de longe com a mesma curiosidade assustada com que víamos os leprosos”. O conto que encerra a coletânea, “A rosa verde”, trata o tema da morte com naturalidade e delicadeza, e tomamos contato, aos poucos, com a imensa tristeza que invade a protagonista.

duelo – david Grossman

Já adulto, David resolve contar uma situação arriscada em que se envolveu quando tinha apenas doze anos e vivia em Jerusalém. Seu melhor amigo então é Heinrich Rosenthal, um senhor de setenta anos, que conheceu num asilo de idosos. Um dia, o senhor Rosenthal recebe uma carta de um velho rival, que o acusa de ter roubado uma inestimável pintura. Para tornar a situação ainda mais complicada, o acusador não aceita nada menos que um duelo — dos verdadeiros, com pistola — para o acerto de contas.

Mesmo não tendo roubado a pintura, o senhor Rosenthal sente que deve respeitar o código de honra



de sua juventude e enfrentar o duelo. Disposto a impedir o confronto, o menino precisa descobrir quem roubou o quadro e por quê; para isso, deve juntar as peças de uma história de amor iniciada muitos anos antes.

Ao recordar a história, David se pergunta se ela realmente teria acontecido. Será que foi em Jerusalém? Será que ele ficou mesmo bem no meio de duas pistolas prontas a atirar? *Duelo* indaga, o tempo todo, sobre a tênue fronteira entre a realidade e os acontecimentos narrados na história. Existirá de fato alguma fronteira?

Mas uma coisa fica clara: quando terminamos de ler *Duelo*, queremos muito acreditar que essa fronteira não existe, que tudo o que é relatado no livro, todo esse episódio de amor, ciúme e medo, de fato ocorreu.

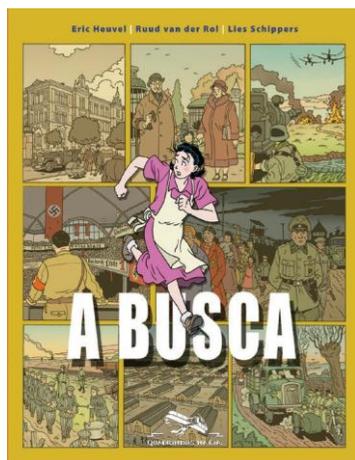
a busca – eric heuvel, ruud Van der rol, Lies schippers



Em 1933, Hitler subiu ao poder e iniciou uma caçada implacável aos judeus. Com apenas dezesseis anos, Esther é bruscamente separada de seus pais e refugia-se em uma fazenda no sul da Holanda. Muitos anos depois, em companhia do filho e do neto, Esther visita o lugar que lhe serviu de esconderijo e conta, pela primeira vez, as atrocidades que ela presenciou e viveu durante o Holocausto. Para a protagonista de *A busca*, remexer o passado é uma forma de encerrar esse capítulo de sua história, ao mesmo tempo que tenta descobrir o que aconteceu aos seus pais, amigos e ao homem que arriscou a vida para abrigar dezenas de famílias judias em sua fazenda.

Sem perder de vista que se trata de um livro juvenil, *A busca* é um abrangente panorama da perseguição nazista e de como as ideias de um homem afetaram de modo tão brutal a vida de milhões de pessoas.

A busca foi publicado originalmente pela instituição holandesa Anne Frank House. À edição brasileira foi acrescido um posfácio do jornalista e escritor Gilberto Dimenstein.



Felipe, Tino e Carolina são três irmãos que, além de adorarem balas, têm uma agência de detetives. Quando entram em férias, são convidados pelo tio para visitar seu castelo, e assim que chegam lá deparam com um enigma: o desaparecimento de uma moeda rara. Mas, ao contrário dos romances de mistérios comuns, desta vez quem tem de solucionar o caso é o próprio leitor. A cada capítulo, pistas são deixadas nas ilustrações que, combinadas com as informações relatadas pelos personagens durante a história, apontam para o próximo passo da investigação.

Em uma brincadeira que mistura observação, raciocínio e aventura, é preciso coletar pistas, juntar os fatos e, com a ajuda da Turma do Alcaçuz desvendar o crime. (É melhor ter cuidado, já que nem sempre as pessoas falam a verdade...) Um quebra-cabeça diferente, que só pode ser montado pelo verdadeiro detetive da história: o leitor.

o amor nos tempos do blog – Vinicius campos

Ariza tem treze anos, acabou de chegar à nova escola e já está perdidamente apaixonado. Para expressar o seu amor, além de tudo o que vive e sente, ele decide escrever um blog, “porque escrever [...] é a única maneira que encontrou para fazer com que os outros o escutem”. Lá, ele pode falar livremente sobre a garota de sorriso encantador que encontrou na biblioteca da escola, quando ia devolver *O amor nos tempos do cólera*, sua leitura de férias de que tanto gostou.

Assim começa a trama de *O amor nos tempos do blog*, um romance que se constrói de blog em blog, em que, depois de muitos desencontros, três histórias se cruzam, culminando em um final surpreendente.



operação dragão amarelo – Julian Press



desenhos de guerra e de amor – Flávio de Souza

Imagine dois diários escritos por pessoas completamente diferentes — mas sobre os mesmos acontecimentos. Um é o de Gabriel, adolescente revoltado com a chatice e a estupidez do mundo à sua volta; tudo o que ele escreve e desenha no seu caderno é feroz e azedo. O outro diário é o de Isabel, sua colega de ônibus escolar, menina sensível que gosta de flores e sonha em se casar; os desenhos e comentários que faz são líricos e doces.

Nos mistérios e reviravoltas que permeiam o romance — como a enigmática história da mãe de Isabel e o tesouro perdido do avô morto de Gabriel —, percebemos como os mesmos fatos são compreendidos de formas diferentes por um e por outro. Onde está a verdade? Visões de mundo tão distintas podem ser conciliadas? Desvendar essa questão é a grande aventura de *Desenhos de guerra e de amor*.

Prêmio: Título Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil — FNLIJ 2001, categoria jovem.

o casamento da Lua – Vários autores



Nesta antologia, há meninas que vivem paixões platônicas por primos mais velhos; adolescentes que se encontram e se desencontram ao longo da vida movendo-se pelo sentimento que têm um pelo outro; mulheres que só aceitam se casar à beira da morte; meninas inocentes que se apaixonam por vigaristas descompromissados; paixões que evidenciam questões raciais; meninos que amam pássaros; um homem que é louco pelo nome de uma

mulher; uma certa Lua que se apaixonou perdidamente pelo planeta Terra e se torna cada vez mais pálida e avoadada; amores frustrados pela timidez, entre demais suspiros e taquicardias.

Durante a leitura deste livro, abra o coração e acompanhe as narrativas de estilos variados, escute as vozes de grandes autores — Machado de Assis, Lima Barreto, Vinicius de Moraes e Milton Hatoum, entre outros — e identifique o maior sentimento do mundo nos mais diferentes lugares.

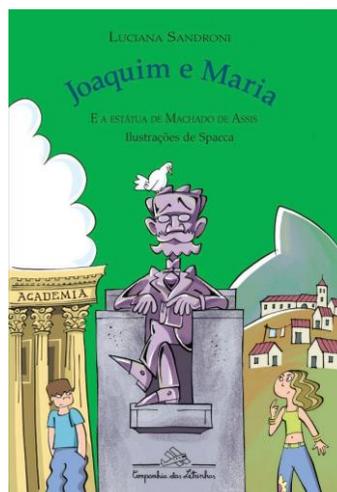
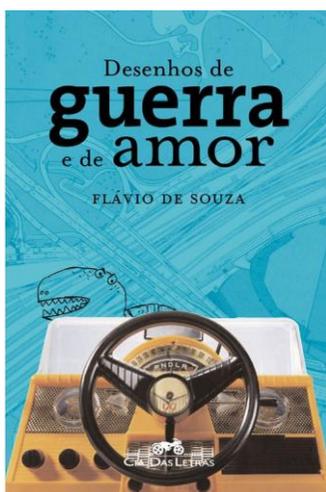
Joaquim e Maria e a estátua de Machado de Assis – Luciana Sandroni



Depois de *Minhas memórias de Lobato* e *O Mário que não era de Andrade*, Luciana Sandroni dedica esse livro a Machado de Assis. Ambientado no Rio de Janeiro e tendo uma estátua como protagonista, *Joaquim e Maria e a estátua de Machado de Assis* percorre os principais fatos da vida do autor em forma de biografia romanceada.

A história começa na Academia Brasileira de Letras por ocasião de uma visita escolar. Joaquim e Maria são jovens estudantes que deparam com a estátua do bruxo do Cosme Velho e se surpreendem quando ela ganha vida e propõe a eles um passeio pelo Rio de Janeiro.

Dona de uma memória prodigiosa e profunda conhecedora da obra de Machado de Assis — pois dava escapadelas à noite até a biblioteca, quando não havia mais ninguém por perto —, a estátua conduz Joaquim e Maria pelos lugares onde o escritor ambientou suas obras. Ora contando fatos da vida do autor, ora lembrando uma rua, uma praça, um bairro carioca, a estátua rememora também outras grandes figuras da literatura nacional, como Carlos Drummond de Andrade e José de Alencar.



Conhecido como o “tormento dos biógrafos”, pois muitas passagens de sua vida ainda não foram totalmente esclarecidas, Machado é retratado de modo criterioso pela autora, que reproduz o que é consenso entre os estudiosos, mas também deixa claro quando as opiniões dos especialistas divergem. Como nos livros anteriores, Luciana Sandroni apresenta de modo acessível para o jovem leitor a vida e a obra de um grande escritor brasileiro.

Prêmio: FNLIJ — Categoria Jovem — 2010

o órbita dos caracóis – reinaldo Moraes



Juliana é uma linda garota paulistana, fanática por escargots e computadores de última geração, que tem a maré mansa de sua existência perturbada por um assassinato. Já seu namorado, o bioquímico Tota, se empenha em desvendar uma sucessão misteriosa de mortes por intoxicação alimentar. Ele tenta elucidar o mistério que une elementos aparentemente desconexos: a morte de um desconhecido numa ruela do centro, refinados caracóis franceses e a órbita de um satélite.

Não é apenas o casal apaixonado que corre risco: os mais de dez milhões de habitantes de São Paulo estão sob a ameaça de um desastre nuclear e do ataque de superbactérias. O destino da cidade acaba nas mãos de Juliana, do carequinha Tota e de seu melhor amigo, o topetudo Morimoto.

A órbita dos caracóis é uma viagem vertiginosa e hilariante, escrita por um dos autores mais originais da literatura brasileira moderna. Com seu narrador refinado, ligeiramente machadiano, o autor transforma a leitura num exercício inteligente e prazeroso.

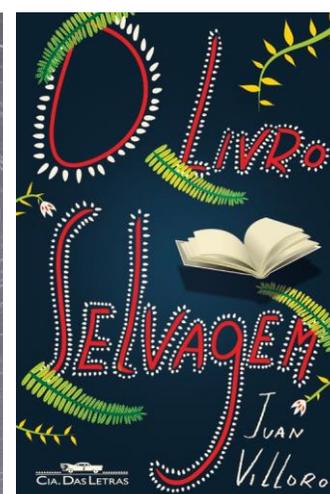
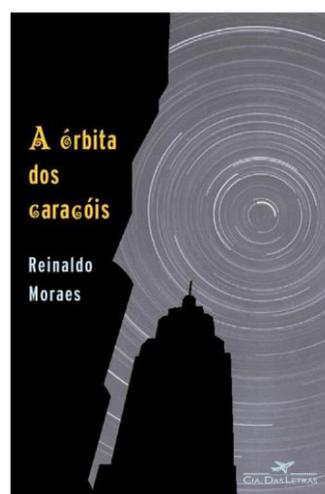
o livro selvagem – Juan Villoro

Juan tem treze anos e já planejou as próximas férias: quer ficar em casa e passar os dias brincando e aproveitando o sol do verão. Mas sua família está passando por uma situação difícil. Os pais acabaram de se divorciar e, tentando se adaptar à nova vida, sua mãe decide que precisa passar alguns dias sozinha.

Juan, então, tem de ir para a casa do tio Tito, um sujeito um tanto excêntrico, que ama os livros mais que tudo e tem estantes espalhadas por todos os cantos da casa. Tito detesta telefone e tudo que possa atrapalhar suas leituras, e como companhia aceita apenas os três gatos e a cozinheira.

No entanto, ele adora Juan, que considera um leitor especial. Tito acha que o menino descobre muito mais coisas naquilo que lê do que os outros. E tem um plano: vai pedir a ajuda do sobrinho para encontrar uma obra singular entre as milhares que tem em sua casa, chamada “O livro selvagem”, que nunca foi lida por ninguém e que guarda um segredo destinado àquele que a encontrar. Mas por que o livro resiste à leitura? E por que Juan é o único capaz de desvendar seus mistérios?

Nessa busca, entre livros, leituras e a convivência com o tio e com Catalina, a menina que trabalha na farmácia em frente da casa de seu tio, Juan vai descobrindo um pouco mais sobre si mesmo e sobre a relação da literatura com as experiências que vivemos cotidianamente.





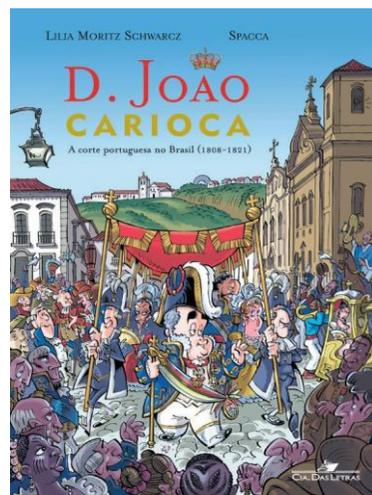
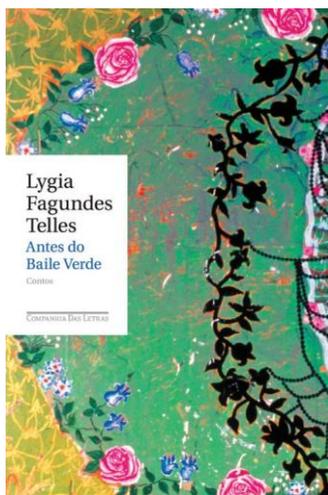
antes do baile verde – Lygia Fagundes Telles

Reunião de narrativas escritas entre 1949 e 1969, *Antes do baile verde* é considerado por muitos críticos o livro de contos literariamente mais bem-sucedido de Lygia Fagundes Telles.

As situações narradas são as mais diversas. Em “A Caçada”, um homem fica a tal ponto intrigado com uma velha tapeçaria encontrada num antiquário que acaba por mergulhar na cena retratada na peça, como se tivesse participado dela numa outra vida ou numa outra dimensão. Já no macabro “Venha Ver o Pôr do Sol”, um rapaz leva sua ex-namorada a um jazigo de família abandonado. Conflitos amorosos também são tema de “Apenas um Saxofone”, “Um Chá Bem Forte e Três Xícaras”, “O Jardim Selvagem” e “As Pérolas”. Mas o enfoque é sempre diverso e surpreendente. Em “O Menino”, por exemplo, uma infidelidade conjugal é observada de modo oblíquo pelos olhos de um garoto que vai ao cinema com a mãe.

Mas o escopo humano e literário de Lygia não se restringe aos dramas de casais. “Natal na Barca” é uma pequena parábola, com final epifânico. “Meia-noite em Ponto em Xangai” é o balanço que uma prima-dona da ópera faz de sua vida solitária e vazia. Em “O Moço do Saxofone”, um motorista de caminhão hesita em ir para a cama com uma mulher casada numa pensão de beira de estrada. Em “A Janela”, um louco visita um bordel dizendo que é a casa onde seu filho morreu.

Com sua prosa segura e elegante, alternando com desenvoltura gêneros e vozes narrativas, a autora expõe aqui no mais alto grau sua capacidade de seduzir e emocionar o leitor.



d. João carioca – a corte portuguesa no Brasil (1808-1821) – Lilia Moritz Schwarcz e Spacca

Há quem diga que d. João gostou tanto do Brasil que por aqui foi ficando. Mesmo depois que os franceses foram expulsos de Portugal, que aconteceu o Congresso de Viena, que a paz foi decretada e a guerra chegou ao fim, o príncipe português preferiu não voltar a ocupar o seu trono em Portugal. Na nova capital do Império, sediada no Rio de Janeiro, o príncipe regente reproduziu a pesada estrutura portuguesa, criou instituições e escolas, fundou jornais e o Banco do Brasil. Além do mais, encontrou um belo lugar para morar — a Quinta da Boa Vista —, onde ficava, sobretudo, apartado da esposa, Carlota Joaquina, que vivia em Botafogo.

D. João se esqueceu da guerra, sarou da gota e aproveitou o clima e as frutas dos trópicos. Acomodou-se de tal maneira que virou um “João carioca” — personagem popular de nossa história e cuja passagem pelo Brasil completou duzentos anos em 2008. Para lembrar dessa data especial, o cartunista Spacca e a historiadora Lilia Moritz Schwarcz narram a aventura da casa real que atravessa o oceano e pela primeira vez governa um império a partir de sua colônia americana.

O livro reconta essa história usando a linguagem dos quadrinhos, elaborada a partir de extensa pesquisa, não só documental e historiográfica, como fielmente pautada na iconografia da época. A obra traz ainda uma bibliografia sobre o tema, uma cronologia que ajuda a entender os fatos no calor da hora e inclui uma galeria de esboços preliminares e estudos de personagens, cenários e vestimentas. D. João nunca foi tão brasileiro!





avódezanove e o segredo do soviético – ondjaki

A PraiaDoBispo é um bairro tranquilo de Luanda: o VelhoPescador cuida de sua rede, o VendedorDeGasolina espera um cliente que nunca chega, AvóAgnette e AvóCatarina conversam com a vizinha e ralham com os miúdos. As obras de um mausoléu, porém, transformam e ameaçam o cotidiano: soldados soviéticos comandam os trabalhos de construção do monumento, e o projeto de revitalização do local ameaça desalojar os moradores.

As crianças da PraiaDoBispo assistem a tudo com seus olhos inocentes mas agudos, e divertem-se com as brincadeiras de rua e com a presença extravagante dos estrangeiros. Elas começam a desconfiar que os “lagostas azuis”, como chamam os soviéticos, podem estar tramando algo confidencial. Mas o segredo do soviético pode ter a ver com outras coisas: a enorme quantidade de sal grosso encontrada no depósito da construção, os pássaros de plumagens coloridas mantidos presos em gaiolas ou a dinamite estocada nos barracões do canteiro das obras.

AvóDezanove e o segredo dosoviético é um romance que ultrapassa o horizonte histórico e biográfico para resultar num relato ficcional amparado na poesia da imaginação, no humor inocente da infância e na linguagem que combina o sabor da oralidade do português angolano ao talento narrativo de um jovem escritor africano.

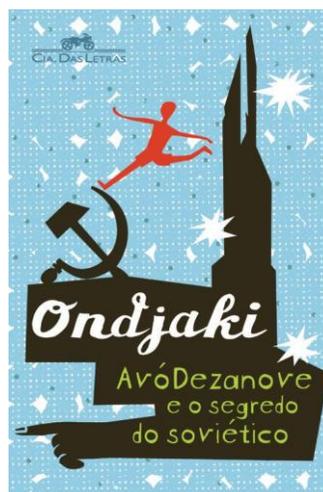
o conto da ilha desconhecida – José saramago

Um homem vai ao rei e lhe pede um barco para viajar até uma ilha desconhecida. O rei lhe pergunta como pode saber que essa ilha existe, já que é desconhecida. O homem argumenta que assim são todas as ilhas até que alguém desembarque nelas.

Este pequeno conto de José Saramago pode ser lido como uma parábola do sonho realizado, isto é, como um canto de otimismo em que a vontade ou a obstinação fazem a fantasia ancorar em porto seguro. Antes, entretanto, ela é submetida a uma série de embates com o *status quo*, com o estado consolidado das coisas, como se da resistência às adversidades viesse o mérito e do mérito nascesse o direito à concretização. Entre desejar um barco e tê-lo pronto para partir, o viajante vai de certo modo alterando a ideia que faz de uma ilha desconhecida e de como alcançá-la, e essa flexibilidade com certeza o torna mais apto a obter o que sonhou.

“... Que é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não saímos de nós...” , lemos a certa altura. Nesse movimento de tomar distância para conhecer está gravado o olhar crítico de José Saramago, cujo otimismo parece alimentado por raízes que entram no chão profundamente.

Inédito em livro, *O conto da ilha desconhecida* é ilustrado por oito aquarelas de Arthur Luiz Piza.



dias e dias – ana miranda



A narrativa de Ana Miranda combina história e ficção para contar uma história sobre o amor, os costumes provincianos no interior do Brasil durante o século XIX, a descoberta da cultura indígena, a beleza da poesia e os mistérios da sensibilidade.

No romance, Feliciano toma conhecimento da vida íntima de Gonçalves Dias por meio das cartas enviadas pelo poeta a seu grande amigo Alexandre Teófilo de Carvalho Leal. Mostradas a Feliciano por Maria Luíza, esposa de Teófilo, as cartas registram muitas das questões existenciais do poeta. Feliciano descreve de forma emocionante a paixão que as cartas alimentam, e seu relato revela refinamentos da alma feminina. A trama tecida pela autora faz com que o leitor se identifique com Feliciano, uma mulher que desvenda o que sente por meio da escrita e da memória.

Antonio Gonçalves Dias (1823-64) é o principal nome da poesia romântica brasileira. Com uma narrativa clara e simples, reproduzindo a linguagem do romantismo, Ana Miranda leva o leitor a uma viagem de encantamento linguístico e conhecimento histórico.

contos de aprendiz – carlos drummond de andrade



Drummond não escreveu muitos contos ao longo de sua carreira. Daí a importância de um livro como este *Contos de aprendiz*. Publicado originalmente em 1951, o livro seria a primeira investida em larga escala do autor numa obra de ficção. Antes, publicara a pequena novela “O gerente” (que faz parte do volume) em uma modesta edição.

Os temas dos quinze contos giram praticamente na mesma órbita de grande parte da poesia do autor: o memorialismo, o relato da vida acanhada no interior do Brasil do início do século XX, a observação do cotidiano

mais miúdo, uma ironia gentil, a observação — despida de qualquer sentimentalismo — da inevitável passagem do tempo. Tudo arranjado com delicadeza e inteligência.

a revolução dos bichos – George Orwell



Escrita em plena Segunda Guerra Mundial e publicada em 1945 depois de ter sido rejeitada por várias editoras, essa pequena narrativa causou desconforto ao satirizar ferozmente a ditadura stalinista numa época em que os soviéticos ainda eram aliados do Ocidente na luta contra o eixo nazifascista.

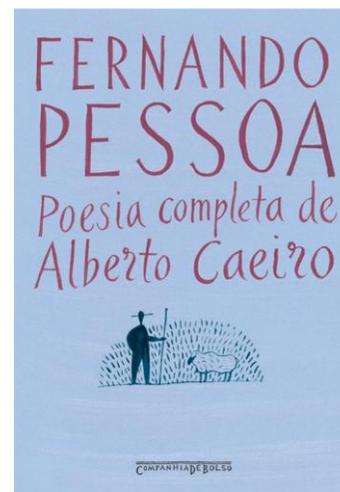
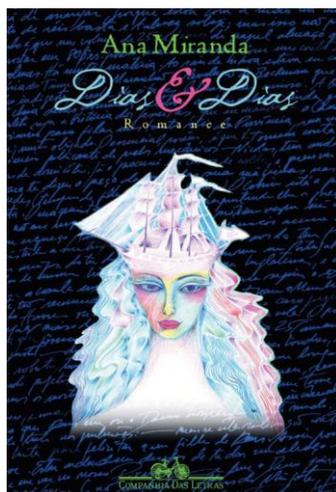
De fato, são claras as referências: o despótico Napoleão seria Stálin, o banido Bola-de-Neve seria Trotsky, e os eventos políticos — expurgos, instituição de um estado policial, deturpação tendenciosa da História — mimetizam os que estavam em curso na União Soviética.

Depois das profundas transformações políticas que mudaram a fisionomia do planeta nas últimas décadas, a pequena obra-prima de Orwell pode ser vista sem o viés ideológico reducionista. Mais de sessenta anos depois de escrita, ela mantém o viço e o brilho de uma alegoria perene sobre as fraquezas humanas que levam à corrosão dos grandes projetos de revolução política.

Poesia completa de alberto caeiro – Fernando Pessoa



Esta reunião da poesia de Alberto Caeiro, “o guardador de rebanhos”, integra a coleção de obras de Fernando Pessoa publicada pela Companhia das Letras, sempre com texto estabelecido por grandes especialistas. Aqui o trabalho de edição crítica ficou a cargo de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, autores também dos dois ensaios que integram o livro. Para Martins, de todos os heterônimos criados por Fernando Pessoa, Caeiro talvez seja o que corresponda a um “esforço de arquitetura” mais bem-



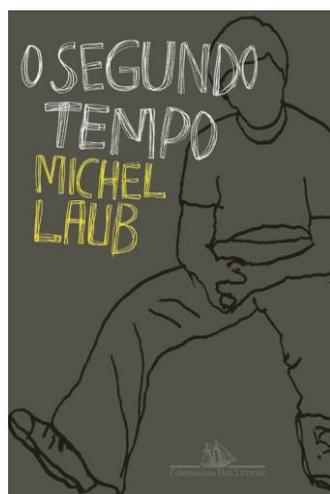
-sucedido. Uma das três partes de sua obra, *O pastor amoroso*, “mostra-o em tudo contrário ao que se deseja e se projeta nas outras duas”, enquanto *O guardador de rebanhos* e os *Poemas inconjuntos* contêm poemas “em que a personagem surge sob iluminações imprevistas, revelando aspectos que contradizem o seu ideal de Si-Mesmo e lhe conferem verossimilhança ficcional”. Em Caeiro há uma “ciência espontânea”, um “misticismo materialista” e uma “simplicidade complexa” — “atributos paradoxais que servem para intensificar e tornar crível a sua extraordinária singularidade”.

o segundo tempo – Michel Laub



No dia 12 de fevereiro de 1989, Grêmio e Internacional entraram no gramado do estádio Beira-Rio, em Porto Alegre, para aquele que ficou conhecido como o mais importante confronto da história do esporte gaúcho — o chamado Gre-Nal do século. Na arquibancada, um garoto de quinze anos divide-se entre a atenção aos lances do campo e um dilema: dar ou não a Bruno, o irmão caçula ao seu lado, a notícia que vai mudar radicalmente a vida de ambos.

Desde as primeiras linhas, este breve e original romance deixa claro que não trata propriamente de futebol, mas de suas relações com o universo dos afetos. Falar do que aconteceu numa partida real, sequência construída com os instrumentos às vezes inconfiáveis da memória, é refletir ficcionalmente sobre uma experiência íntima. Assim, as descrições do pique de um centroavante ou do giro de corpo de um ponteiro direito, com as consequentes reações entre os torcedores, ganham ressonância no caminho percorrido pelo protagonista: inicialmente acuado pelos segredos terríveis que guarda — envolvendo o pai, a mãe e a desintegração iminente de sua família —, ele decide enfrentá-los à medida que mudam as expectativas quanto ao resultado do jogo.



Maus – art spiegelman

Maus (“rato”, em alemão) é a história de Vladek Spiegelman, judeu polonês que sobreviveu ao campo de concentração de Auschwitz, narrada por ele próprio ao filho Art. O livro é considerado um clássico contemporâneo das histórias em quadrinhos. Foi publicado em duas partes, a primeira em 1986 e a segunda em 1991. No ano seguinte, o livro ganhou o prestigioso prêmio Pulitzer de literatura.

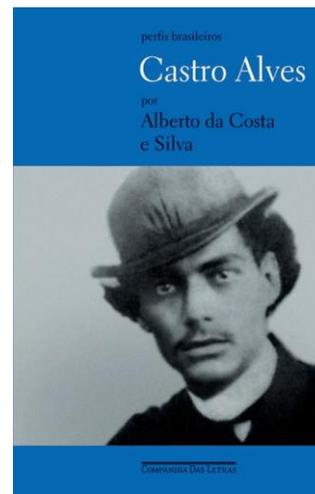
A obra é um sucesso estrondoso de público e de crítica. Desde que foi lançada, tem sido objeto de estudos e análises de especialistas de diversas áreas — história, literatura, artes e psicologia.

Nas tiras, os judeus são desenhados como ratos e os nazistas ganham feições de gatos; poloneses não judeus são porcos e americanos, cachorros. Esse recurso, aliado à ausência de cor dos quadrinhos, reflete o espírito do livro: trata-se de um relato incisivo e perturbador, que evidencia a brutalidade da catástrofe do Holocausto.

castro alves – alberto da costa e silva

O livro de Alberto da Costa e Silva sobre Castro Alves é um misto de perfil ensaístico e crítica literária. Ele busca não só compor o desenho biográfico do poeta da abolição como também definir seu lugar na literatura e na história nacional. O ponto de partida do perfil é a escravidão, que dava base à vida brasileira. O ponto de chegada é também a escravidão, mas dessa vez abolida. Entre os dois pontos está a curta trajetória de Castro Alves, que morreu com apenas 24 anos e, no entanto, teve papel importantíssimo na libertação dos escravos e na crítica ao sistema de uma forma geral.

A revolta de Castro Alves foi principalmente moral. Ainda muito moço ele definiu seu credo republicano,



libertário e, sobretudo, adotou o papel de inimigo da escravidão. Sentia o “borbulhar do gênio”, queria ser grande poeta. Mas não poeta em abstrato, e sim poeta político.

O engajamento de Castro Alves dá origem a uma poesia fascinante e arrebatadora. Mas ainda mais interessante é o fato de os escravos da sua literatura serem sobretudo resultado de um imaginário romântico, que dialogou com modelos africanos distantes da nossa realidade. À la Byron, o poeta tinha muito de *performer*: maquiava-se, empoava as faces e pintava os lábios para, com aparência febril, ir às tavernas e teatros declamar sua poesia.

Memórias do sobrinho de meu tio – Joaquim Manuel de Macedo

“O diabo é que em política no século XIX quem fecha uma porta abre outra, e quando não quer abrir, às vezes o povo arromba”, observa o debochado e autocomplacente narrador de *Memórias do sobrinho de meu tio*, romance de Joaquim Manuel de Macedo escrito entre os anos 1867 e 1868. Fraude eleitoral, jornalistas a mando de poderosos e alianças espúrias são alguns dos temas da prosa leve desta sátira política.

O sr. F., narrador destas memórias, herda uma pequena fortuna, logo acrescida pelos outros tantos contos de réis de sua prima Chiquinha, com quem se casa. Juntos, os dois empreendem uma busca voraz por mais dinheiro e poder, este último representado pela eleição de F. a presidente de província (hoje o equivalente a governador). No meio do caminho, conchavos, amizades interesseiras e lances rocambolescos que parecem exemplificar a interpretação do crítico Antonio Candido sobre a obra

de Macedo, que apresentaria duas tendências: o realismo e o tom folhetinesco.

Egoísta, anárquico e paradoxalmente um moralista, o protagonista parece antecipar as vestes do conto “Teoria do medalhão”, de Machado de Assis, em que a busca de poder e prestígio no Brasil parece estar acima de tudo, inclusive e principalmente da honestidade.

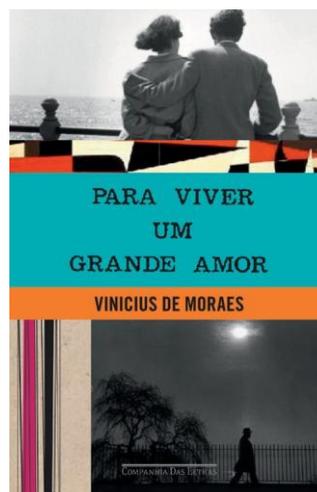
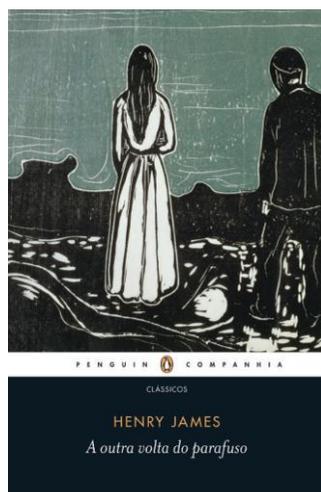
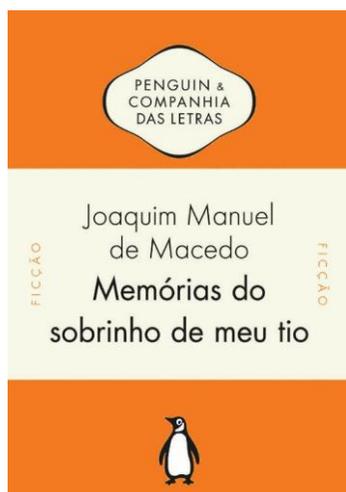
a outra volta do parafuso – Henry James

A outra volta do parafuso conta a história da jovem filha de um pároco que, iniciando-se na carreira de professora, aceita se mudar para a propriedade de Bly, em Essex, arredores de Londres. Seu patrão é tio e tutor de duas crianças, Flora e Miles, cujos pais morreram na Índia, e deseja que a narradora (que não é nomeada) seja a governanta da casa de Bly. Ao chegar a Essex, a jovem logo percebe que duas aparições, atribuídas a antigos criados já mortos, assombram a casa. O triunfo íntimo da protagonista, mais que desvendar o mistério de Bly, consiste em vencer o silêncio imposto pela diferença de condição social entre ela e seus pequenos alunos.

Desde que foi publicada, sucessivas gerações de leitores, críticos e artistas têm se inspirado na maestria narrativa desta novela, cuja tradução de Paulo Henriques Britto reconstituiu com precisão a elegante contundência do original inglês.

Para viver um grande amor – Vinicius de Moraes

Pode-se dizer deste livro que ele é um clássico moderno. Publicado pela primeira vez em 1962, seu público leitor só fez crescer desde então. O título — *Para viver um*



grande amor — parece exercer sobre nós um grande fascínio. Vinicius de Moraes não decepciona seu leitor. E talvez devêssemos acrescentar: ele nunca nos decepciona, alçando-nos, ao contrário, além de nossas expectativas.

Para viver um grande amor estrutura-se de modo singular: alterna poesia e prosa. As crônicas guardam as marcas típicas do gênero, como a observação aguda do cotidiano e a linguagem despojada. Mas, além disso, conforme o próprio Vinicius, “há, para o leitor que se der ao trabalho de percorrê-las em sua integridade, uma unidade evidente que as enfeixa: a do grande amor”. Quanto aos poemas, encontram-se, aqui, exemplares de grande força expressiva, como o impactante “Carta aos ‘Puros’”. Os poemas não raro tomam para si a tarefa da crônica e, então, surgem experiências como os bem-humorados “Feijoada à minha moda” e “Olhe aqui, Mr. Buster” ou o seco e dramático “Blues para Emmett Louis Till”.

claraboia – José saramago

Primavera de 1952. Um prédio de seis apartamentos numa rua modesta de Lisboa é o cenário principal das histórias simultâneas que compõem este romance da juventude de José Saramago. Os dramas cotidianos dos moradores — donas de casa, funcionários remediados, trabalhadores manuais — tecem uma trama multifacetada, repleta de elementos do consagrado estilo da maturidade do escritor, em especial a maestria dos diálogos e o poder de observação psicológica.

No início da década de 1950, Saramago já não era um nome desconhecido na cena literária portuguesa. Em 5 de janeiro de 1953, ele finalizava o datiloscrito de um livro de mais de trezentas páginas. O novo romance, encaminhado para publicação a uma editora lisboeta por um amigo jornalista, acabaria esquecido em uma gaveta. O original

nunca foi devolvido ao seu autor, que também não recebeu resposta. Na década de 1980, o já consagrado José Saramago foi contactado pela mesma editora para publicar *Claraboia*. A mágoa pela falta de resposta na juventude levou-o a declarar que não desejaria ver o romance editado em vida, deixando para seus herdeiros a decisão sobre o que fazer com o livro. Construído com perfeito domínio do espaço narrativo, as inquestionáveis qualidades deste romance justificam plenamente a opção de trazê-lo a público.

o último voo do flamingo – Mia couto

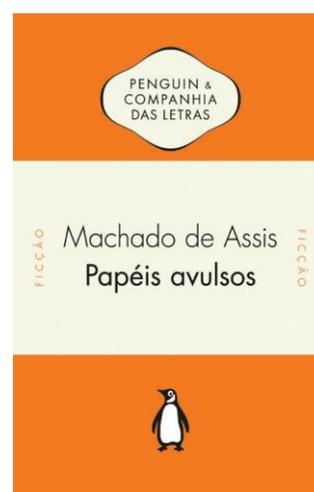
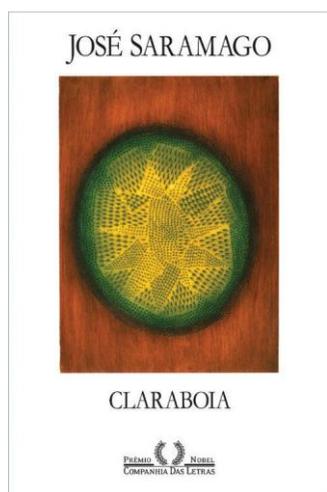
Mia Couto é um dos escritores africanos de maior destaque da atualidade. *O último voo do flamingo*, publicado originalmente em 2000, é seu quarto romance, e foi lançado quando Moçambique comemorava 25 anos de independência de Portugal.

Depois de um longo tempo de guerra civil, soldados das Nações Unidas estão em Moçambique para acompanhar o processo de paz. O romance narra estranhos acontecimentos de uma pequena vila imaginária, Tizangara, ao sul do país, onde militares da ONU começam a explodir subitamente.

O autor elabora uma crítica ácida aos semeadores da guerra e da miséria, mas também uma história em que poesia e esperança dependem da capacidade narrativa de contar a própria história com vozes africanas autênticas. Só elas sabem que o voo do flamingo faz o sol voltar a brilhar depois de um período de trevas e opressão.

Papéis avulsos – Machado de assis

Papéis avulsos, primeiro livro de contos publicado por Machado de Assis (1839-1908) após o lançamento de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), é integralmente composto por momentos antológicos da ficção curta



brasileira. De “O alienista”, um dos mais famosos contos do autor, a “O espelho”, cujo enredo psicológico tem fascinado sucessivas gerações de leitores e escritores (inclusive Guimarães Rosa, que escreveu um conto homônimo como “resposta”), este livro concentra alguns dos melhores personagens e situações do criador de *Dom Casmurro*.

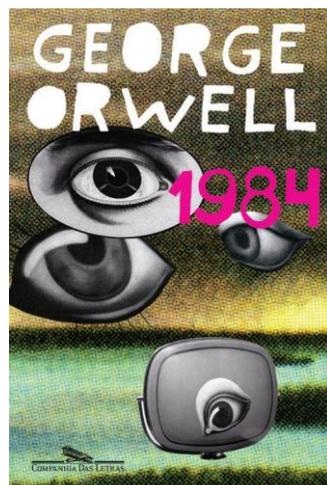
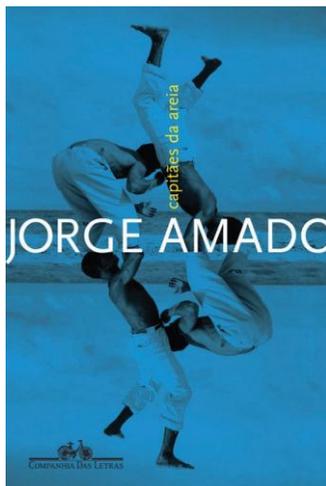
Com introdução de John Gledson e notas de Hélio Guimarães, esta edição foi baseada na primeira edição do livro, única em vida do autor, e traz um pequeno texto introdutório de “Na arca”, que Machado cortou quando publicou o conto em livro. Segundo Gledson, embora a unidade das histórias não seja à primeira vista evidente, textos tão dissimilares como “Teoria do medalhão” e “A sereníssima república” se entrelaçam do ponto de vista histórico. Além disso, são uma exploração multifacetada e irônica da situação do Brasil e dos brasileiros, no momento em que o autor tinha achado sua verdadeira voz.

capitães da areia – Jorge Amado



Desde o seu lançamento, em 1937, *Capitães da Areia* causou escândalo: inúmeros exemplares do livro foram queimados em praça pública, por determinação do Estado Novo. Ao longo de sete décadas a narrativa não perdeu viço nem atualidade, pelo contrário: a vida urbana dos meninos pobres e infratores ganhou contornos trágicos e urgentes.

Várias gerações de brasileiros sofreram o impacto e a sedução desses meninos que moram num trapiche abandonado no areal do cais de Salvador, vivendo à margem das convenções sociais. Verdadeiro romance de formação, o livro nos torna íntimos de suas pequenas criaturas, cada uma delas com suas carências e suas ambições: do líder Pedro Bala ao religioso Pirulito, do ressentido e cruel Sem-Pernas ao aprendiz de cafetão Gato, do sensato Professor ao rústico sertanejo Volta Seca. Com a força envolvente da sua prosa, Jorge Amado nos



aproxima desses garotos e nos contagia com seu intenso desejo de liberdade.

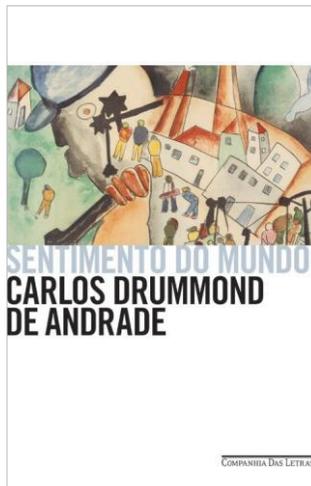
1984 – George Orwell

Winston, herói de *1984*, último romance de George Orwell, vive aprisionado na engrenagem totalitária de uma sociedade completamente dominada pelo Estado, onde tudo é feito coletivamente, mas cada qual vive sozinho. Ninguém escapa à vigilância do Grande Irmão, a mais famosa personificação literária de um poder cínico e cruel ao infinito, além de vazio de sentido histórico. De fato, a ideologia do Partido dominante em Oceânia não visa nada de coisa alguma para ninguém, no presente ou no futuro. O'Brien, hierarca do Partido, é quem explica a Winston que “só nos interessa o poder em si. Nem riqueza, nem luxo, nem vida longa, nem felicidade: só o poder pelo poder, poder puro”.

Quando foi publicada em 1949, poucos meses antes da morte do autor, essa assustadora distopia datada de forma arbitrária num futuro perigosamente próximo logo experimentaria um imenso sucesso de público. Seus principais ingredientes — um homem sozinho desafiando uma tremenda ditadura; sexo furtivo e libertador; horrores letais — atraíram leitores de todas as idades, à esquerda e à direita do espectro político, com maior ou menor grau de instrução. À parte isso, a escrita translúcida de George Orwell, os personagens fortes, traçados a carvão por um vigoroso desenhista de personalidades, a trama seca e crua e o tom de sátira sombria garantiram a entrada precoce de *1984* no restrito panteão dos grandes clássicos modernos.

sentimento do mundo – Carlos Drummond de Andrade

Publicado em 1940, *Sentimento do mundo* permanece, tantos anos depois, ainda um dos livros mais celebrados



da carreira de Drummond. Não é para menos: o livro enfileira poemas clássicos como “Sentimento do mundo”, “Confidência do Itabirano”, “Poema da necessidade” — é possível que versos do livro inteiro tenham sido impressos no inconsciente literário brasileiro, tamanha é sua repercussão até hoje.

Já estabelecido no Rio e observando o mundo (e a si mesmo) de uma perspectiva urbana, o Drummond de *Sentimento do mundo* oscila entre diversos polos: cidade \times interior, atualidade \times memórias, eu \times mundo. Perfeita depuração dos livros anteriores, este é um verdadeiro marco — e como se isso não bastasse, é o livro que prepara o terreno para nada menos do que *A rosa do povo* (1945). Por isso a ênfase, ao longo de todo o livro, na vida presente.

incidente em antares – erico Verissimo

Em dezembro de 1963, uma sexta-feira 13, a matriarca Quitéria Campolargo arregala os olhos em sua tumba, imaginando estar frente a frente com o Criador. Mas logo descobre que está do lado de fora do cemitério da cidade de Antares, junto com outros seis cadáveres, mortos-vivos como ela, todos insepultos.

Uma greve geral na cidade, à qual até os coveiros aderiram, impede o enterro dos mortos. Que fazer? Os distintos defuntos, já em putrefação, resolvem reivindicar o direito de serem enterrados — do contrário, ameaçam assombrar a cidade. Seguem pelas ruas e casas, descobrindo vilanias e denunciando mazelas. O mau cheiro exalado por seus corpos espelha a podridão moral que ronda a cidade.

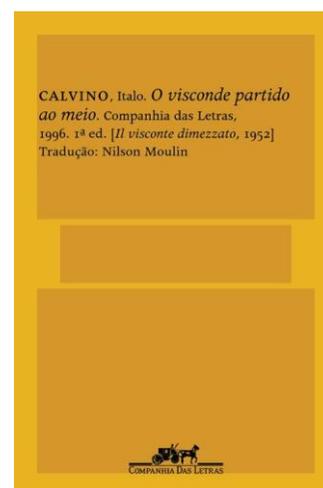
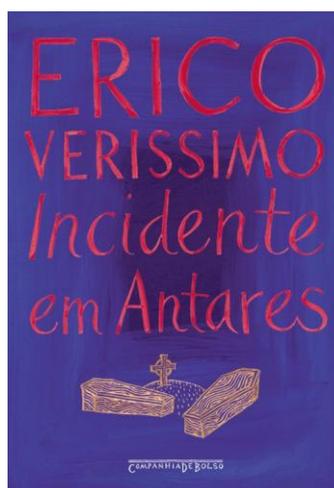
Em *Incidente em Antares*, Erico Verissimo faz uma sátira política contundente e hilariante que, mesmo lançada em 1971, em plena ditadura militar, não teve receio de abordar temas como tortura, corrupção e mandonismo.



o visconde partido ao meio – italo calvino

O visconde partido ao meio, publicado originalmente em 1952, veio a compor com *O cavaleiro inexistente* e *O barão nas árvores* uma trilogia a que Italo Calvino (1923-85) chamou de *Os nossos antepassados*, uma espécie de árvore genealógica do homem contemporâneo, alienado, dividido, incompleto. É a história de Medardo di Terralba, o voluntarioso visconde que, na defesa da cristandade contra os turcos, leva um tiro de canhão no peito, mas sobrevive, ficando absurdamente partido ao meio. A metade direita atormentada pela maldade, e a esquerda, pela bondade. “Ainda bem que a bala de canhão dividiu-o apenas em dois”, comentam aliviadas suas vítimas.

Prêmio: Prêmio Jabuti — Melhor Produção Editorial de Obra em Coleção — 1993



editora schwarcz s.a.
rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — são Paulo — sP
telefone: (11) 3707 3500
Fax: (11) 3707 3501

www.leituraecompanhia.com.br
www.companhiadasletras.com.br
leituraecompanhia.literario@pearson.com

PEARSON

Anexo 5

BASE PARA ESTUDO Nível Fundamental

MATRIZ DE REFERÊNCIA DO SISTEMA NACIONAL DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA – SAEB

As **Matrizes de Referência do Saeb** orientam o processo de construção de provas e dos itens que as compõem. Elas traduzem a associação entre os conteúdos praticados nas escolas brasileiras do ensino fundamental, as competências cognitivas e as habilidades utilizadas pelos alunos no processo da construção do conhecimento.

Essas competências são traduzidas objetivamente em termos de diversas habilidades, evidenciadas pelas respostas dos alunos aos itens da prova.

Dessa maneira, as Matrizes de Referência do Saeb priorizam a avaliação de conteúdos na perspectiva das competências e habilidades neles implícitas, tendo como base as Diretrizes Curriculares Nacionais e a nova LDB.

Matriz de Referência para Língua Portuguesa

A matriz de referência que norteia as provas de Língua Portuguesa do Saeb está estruturada sobre o FOCO LEITURA, que requer a competência de apreender o texto como construção de conhecimento em diferentes níveis de compreensão, análise e interpretação. Sendo assim, a prova de Língua Portuguesa, cujo foco é a leitura, tem por objetivo verificar se os alunos são capazes de apreender o texto como construção de conhecimento em diferentes níveis de compreensão, análise e interpretação.

Matriz de Referência de Língua Portuguesa* Tópicos e seus Descritores – 8ª Série do Ensino Fundamental	
I. Procedimentos de Leitura	
D1	Localizar informações explícitas em um texto.
D3	Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.
D4	Inferir uma informação implícita em um texto.
D6	Identificar o tema de um texto.
D14	Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato.
II. Implicações do Suporte, do Gênero e/ou do Enunciador na Compreensão do Texto	
D5	Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, foto, etc.).
D12	Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros.
III. Relação entre Textos	
D20	Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições daquelas em que será recebido.
D21	Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou ao mesmo tema.
IV. Coerência e Coesão no Processamento do Texto	
D2	Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto.
D7	Identificar a tese de um texto.
D8	Estabelecer relação entre a tese e os argumentos oferecidos para sustentá-la.
D9	Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto.
D10	Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa.
D11	Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto.
D15	Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios, etc.
V. Relações entre Recursos Expressivos e Efeitos de Sentido	
D16	Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados.
D17	Reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações.
D18	Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.
D19	Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfosintáticos.
VI. Variação Linguística	
D13	Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

Anexo 6



O AMOR NOS TEMPOS DO BLOG VINICIUS CAMPOS O AMOR NOS TEMPOS DO BLOG

Na obra *O amor nos tempos do blog*, de Vinicius Campos, “Ariza e Cinderela acreditam na comunicação e no diálogo, pouco importando qual idioma precisarão utilizar, porque os olhos sempre dizem exatamente o que sentimos” (p. 85). Em sua opinião, qual a relevância do diálogo e por que é comum a falta de comunicação entre as pessoas?

Postar comentário

Aluno(a) 20/02 (107_dias atrás)

Responder

Na minha opinião a falta de comunicação entre as pessoas é por causa da internet, pois elas conversam tanto em chats e blogs que quando se encontram pessoalmente não tem assuntos para conversar e debater. A internet pode ser boa mas se você não saber usá-la no tempo correto não se comunicara pessoalmente com as pessoas. Assim fazendo você ficar só com amigos virtuais.

Aluno(a) 22/02 (106 dias atrás)

Responder

Na minha opinião, o diálogo é importante independentemente da maneira como for empregado, pois ele proporciona a resolução de problemas e a comunicação entre as pessoas. Um dos graves problemas que atrapalha essa comunicação é o uso excessivo da internet, que aproxima, virtualmente, pessoas distantes e distancia aquelas que estão próximas de nós, principalmente nossos familiares.

Aluno(a) 22/02 (105 dias atrás)

Responder

Na minha opinião, o diálogo é muito importante, pois com ele expressamos nossos sentimentos, não importa a maneira de como a comunicação é feita, o que realmente importa é você compartilhar suas idéias, com outras pessoas. Hoje em dia, é muito comum a falta de diálogo. Principalmente, pelo fato de que as pessoas tem mais liberdade na Internet, distanciando a comunicação, que hoje é pouco valorizada

Aluno(a) 23/02 (104 dias atrás)

Responder

Na minha opinião é muito importante o dialogo entre as pessoas pois assim podemos conhecê-las melhor. É comum a falta de comunicação com as pessoas porque hoje em dia, os adultos e adolescentes se comunicam mais pela internet.

Aluno(a) 23/02 (104 dias atrás)

Responder

Na minha opinião, o diálogo é fundamental na vida das pessoas , pois desta forma conhecemos melhores as pessoas, expressamos o que estamos sentindo. A falta de comunicação se deve ao fato: da tecnologia. Com sua evolução as pessoas se comunicam através dos celulares e computadores, sendo possível mandar mensagens a longas distancias. Há também os chats, onde eles podem conversar e trocas ideias.

Aluno(a) 24/02 (104 dias atrás)

Responder

Na minha opinião,a internet é um meio ótimo para se comunicar,mas precisamos saber quando utiliza-la,devemos ter consciência do que escrever.As pessoas conversam pouco pois a correria do dia a dia e até mesmo a própria internet as impedem de parar para dizer um simples oi.

Aluno(a) 24/02 (104 dias atrás)

Responder

A falta de comunicação das pessoas pode acontecer por vários motivos, como timidez, preguiça, ou por terem olhos apenas ao celular, ou até mesmo por não querer conversar

Aluno(a) 24/02 (104 dias atrás)

Responder

O diálogo entre as pessoas para mim é muito importante,ele nos permite conhecimento sobre as pessoas e até mesmo aprendizagens passadas de um para outro;atualmente há uma falta de diálogo principalmente pelo fato do avanço tecnológico,pois na maioria das vezes é mais facil dizer algo pela internet do que olho no olho.

Aluno(a) 24/02 (103 dias atrás)

<http://www.leituraecompanhia.com.br/Forum>

⋮
Responder

Na minha opinião,o dialogo e fundamental.

Aluno(a) 24/02 (103 dias atrás)

Responder

Em minha opinião ,o diálogo é bastante importante entre as pessoas. A falta de comunicação entre as pessoas, muito deriva do uso de tecnologias, (como :chats ,redes sociais ,entre outros) em excesso;o que diminui significativamente a comunicação pessoalmente. Essas tecnologias são benéficas ,mas temos de saber usa-las de maneira correta, e diferenciar os amigos reais dos virtuais.

Aluno(a) 25/02 (102 dias atrás)

Responder

O diálogo é muito importante em nossa vida, pois com ele podemos trocar opiniões e expressar sentimentos. A falta de comunicação é comum, porque na maioria das vezes somos arrogantes, achamos o nosso assunto mais importante e não damos atenção ao que o outro diz, ou pensamos que certa informação não era necessária, como ocorrido no livro, quando Luz não contou que havia uma irmã gêmea.

Aluno(a) 25/02 (102 dias atrás)

Responder

Gostei de ver, turma! Também concordo que a a internet, ao mesmo tempo que nos aproxima de pessoas que estão distantes, também nos distancia de quem está próximo. Porém, esse não é o único motivo de as pessoas não se comunicarem. Reflitam em outras situações do cotidiano; você desejou "bom dia" ao porteiro, hoje? Já falou para aquele seu amigo(a) que você está arrependido e pediu desculpas? etc

Aluno(a) 27/03 (102 dias atrás)

Bom a vida e a sociedade é ^vívida'' com base no diálogo e achei tbm muito interessante e legal o livro q todos deveriam ler ,pois é uma lição de vida que pessoas nao sabem deveriam aprender , e constantemente estou aprendendo LIBRAS (língua brasileira de sinais) e agora sem a metade e também a vinda do XXXXXX para o XXXXX foi uma aula tao dinamica , divertida a melhor aula que tive no ano.obg

Aluno(a) 25/02 (102 dias atrás)

Responder

Em minha opinião, o diálogo é essencial, devemos sempre conversar, expor o que pensamos, e sabendo também, ouvir o outro. Pelo diálogo nos expressamos e compartilhamos nossas idéias. É muito comum essa comunicação ser feita pela internet pois varia pessoas se sentem mais a vontade, em não estar conversando olho no olho.

Aluno(a) 25/02 (102 dias atrás)

Responder

⋮
As pessoas hoje em dia não se comunicam mais por diálogo e sim por via internet !!

Aluno(a) 21/04 (102 dias atrás)

Responder
eai blz?

Aluno(a) /02 (102 dias atrás)

Responder

gostei do livro um romance com muito suspense

Aluno(a) 25/02 (102 dias atrás)

Responder

Em uma sociedade cada vez mais cercada por tecnologia, na qual estamos reféns de aplicativos e redes sociais, a falta de comunicação é cada vez maior entre as pessoas. Por ser mais rápido, por conseguir expressar certas coisas que teríamos vergonha pessoalmente... Hoje a tecnologia faz parte do mundo !

Aluno(a) 26/02 (101 dias atrás)

Responder

Eu acho que hoje em dia não é mais comum o diálogo entre as pessoas porque a muita tecnologia e as pessoas se comunicam só por ela

Aluno(a) 26/02 (101 dias atrás)

Responder

Na minha opinião é muito importante o diálogo com pessoas, porque nos conhecemos o jeito dela como ela é que as vezes você não pode ver isso pela internet e hoje em dia elas estão comunicando por redes sociais .

Aluno(a) 26/02 (101 dias atrás)

Responder

Na minha opinião, o diálogo não é só importante como uma necessidade. Todos os dias, dialogamos entre si, seja pelo cheiro, pela expressão facial, pela fala, escrita, etc. Observei em alguns outros comentários que dizem que a internet e a tecnologia atrapalham na comunicação. Eu acho (na minha opinião, é claro.) que a tecnologia não

Aluno(a) 26/02 (101 dias atrás)

Responder

*...pois um dos principais benefícios da tecnologia é justamente a comunicação tanto na curta quanto à longa distância, seja por chats, chamadas de vídeos ou chamadas telefônicas. A tecnologia não só auxilia na comunicação como ajuda no intercruzamento de culturas. Pense da seguinte maneira, se não fosse pela tecnologia Ariza e Cinderela nunca teriam ficado juntos. Correto?

Aluno(a) 26/02 (101 dias atrás)

Responder

Desculpem•me pelos erros ortográficos,não consegui corrigir depois de postá•los

Aluno(a) 27/02 (101 dias atrás)

Kkk ta no forum agora

Aluno(a) 26/02 (101 dias atrás)

Responder

adorei o livro.....Mostra uma historia de amor sobre a internet o que não sai do nosso dia•a•dia

Aluno(a) 27/02 (101 dias atrás)

Responder

Na minha opinião o dialogo e muito importante, mas agora com whatsapp, fecebook e mais a comunicação entre familias, amigos diminuiu bastante! Dialogue em libras mesmo sendo com pessoas mudas, surdas isso as deixam alegres!

Aluno(a) 27/02 (101 dias atrás)

Responder

O livro é muito bom e interessante conta se sobre uma história de amor que tem muitos mistérios por ai e muito bom esse livro ele e ?????

Aluno(a) 28/02 (100 dias atrás)

Responder

Na minha opinião o diálogo é a interação entre dois ou mais indivíduos, sendo muito importante para expressar opiniões e também um forma de evitar brigas, discussões, mas ele está muito ausente, pois com o avanço da tecnologia famílias estão se afastando, onde a maioria das vezes, quando há o diálogo ele é feito por meios

tecnológicos.

Aluno(a) 28/02 (99 dias atrás)

Responder

o dialogo é importante , pois ele proporciona uma forma de fala algo importante , mas tem muitas pessoas que só conseguem desabafar pelos seus blogs , sites , que quando se encontrar pessoalmente ficam sem assuntos.
professora: Sandra Miralda

Aluno(a) 01/03 (99 dias atrás)

Responder

Na minha opinião , o diálogo é muito importante,independente de como seja .Com ele expressamos sentimentos e compartilhamos nossas ideias.Algumas pessoas se expressão melhor pela internet ,mas com o uso excessivo acabam esquecendo o contato físico

Aluno(a) 01/03 (99 dias atrás)

Responder

Na minha opinião o diálogo é importante, pois através dele nós expressamos nossos sentimentos e nossas ideias, um diálogo ocorre em qualquer situação, ele pode ocorrer por gestos e fala .

Aluno(a) 03/03 (97 dias atrás)

Responder

Na minha opinião,o dialogo e muito importante pois permite que possamos compreender o que o outro sente ou quer nos dizer,independente da maneira em que é feito.Hoje em dia há menos diálogos devido a falta de tempo e de paciência.

Aluno(a) 04/03 (95 dias atrás)

Responder

Na minha opinião o dialogo é muito importante na vida das pessoas ,pois imagine um casal que não dialoga, ele deve ser vago, triste e solitário, como a família de Bernardo. Hoje em dia a falta de comunicação está presente ,pois as pessoas ficam somente em redes sociais e telefones, se comunicando com as outras por "uma janelinha" .

Aluno(a) 04/03 (95 dias atrás)

Responder

O diálogo entre as pessoas é muito importante para que cada vez mais aprendamos novas palavras, novos destinos, e, novos sentimentos!

Aluno(a) 04/03 (95 dias atrás)

Responder

⋮

Na minha opinião,o diálogo é importante, pois expressamos os nossos sentimento, mas tem que toar cuidado pois quando são mal interpretado.Mas nossos dias de hoje e muito difícil não usar o diálogo

Aluno(a) 05/03 (95 dias atrás)

Responder

O diálogo é importante porque constrói a base para vivermos civilizadamente. Hoje em dia a falta de diálogo é muito comum sendo que as pessoas estão se isolando cada vez mais com a criação das redes sociais. Observamos a importância do diálogo na dificuldade de convivência daqueles que não falam à mesma língua pois, é com o diálogo que expressamos nossas opiniões e conhecemos as opiniões dos outros

Aluno(a) 05/03 (95 dias atrás)

Responder

O diálogo,na minha opinião,é fato preponderante nas relações sociais;tendo em vista que é através dele que podemos conhecer o outro e passar a ter afeto,conhecendo e firmando a verdadeira amizade.Contudo,a falta de diálogo hoje é bastante "comum",em virtude das redes sociais,que nos proporciona facilidade de acesso e rapidez em virtude da falta de tempo;podendo afetar a formação de ser humano.

Aluno(a) 05/03 (94 dias atrás)

Responder

Na minha opinião o dialogo é muito importante para expressar seus sentimentos e opiniões,a internet atrapalha o dialogo entre as pessoas pessoalmente pois só escrevem em chats e bate•papos,dificultando saber como a pessoa é de verdade.

Aluno(a) 05/03 (94 dias atrás)

Responder

Na minha opinião o dialogo é muito importante, pois aprendemos a nos comunicar melhor,conhecer novas pessoas,e lógico melhorar nossa fala.A internet também é muito boa pois temos as redes sociais como facebook, whatsapp, instagram.So que podemos conhecer pessoas mas que podem tentar nos usar.E distancia a comunicação.

Aluno(a) 05/03 (94 dias atrás)

Responder

No meu ponto de vista, o diálogo é essencial no dia a dia, para nos interagir, conversar e nos expressar. Hoje em dia não há mais comunicação uns com os outros pois as pessoas se comunicam muito em redes sociais e se abrem mais, como no Facebook e Whats app e que em minha opinião está muito errado e deveria ser mudado.

Aluno(a) 05/03 (94 dias atrás)
Responder

Na minha opinião a internet facilita a comunicação em longa distancia, já em curta distancia pode atrapalhar a comunicação com os pais e familiares.

Aluno(a) 05/03 (94 dias atrás)
Responder

Na minha opinião a comunicação é essencial, pois sem ela como iríamos nos comunicar? Na maioria das vezes a falta de comunicação é causada pela internet, por isso devemos usa-la a nosso favor. Se não houver comunicação no mundo, as pessoas não criarão laços tanto familiares quanto nas amizades, sendo assim, devemos interagir mais com as pessoas.

Aluno(a) 05/03 (94 dias atrás)
Responder

Na minha opinião a internet modificou a convivência das pessoas , porque elas não saem de casa para nada e só ficam conectados . Também ficamos mais informado sobre oque acontece no dia a dia

Aluno(a) 06/03 (94 dias atrás)
Responder

Na minha opinião, é muito importante a comunicação, pois aproxima as pessoas. a internet por exemplo é um ótimo meio de comunicação, porém existem pessoas que se aproveitam disso e aquelas que confiam de mais em redes sociais podem ser vítimas dessas pessoas. Portanto devemos nos preocupar mais em amigos fora da internet do que os virtuais!

Aluno(a) 06/03 (94 dias atrás)
Responder

Na minha opinião é muito importante a comunicação, pois aproxima pessoas. A internet por exemplo, é um ótimo meio de comunicação porém tem que saber ser usado. Então é melhor se dá preferencia a amigos reais do que aos virtuais!

Aluno(a) (94 dias atrás)
Responder

Na minha opinião o dialogo e muito importante e um modo de compreensão e um modo de expressar os sentimento, não importa a forma que seja.

Aluno(a) 06/03 (94 dias atrás)

Responder

O dialogo e muito importante para expressar os sentimentos, não importa como. Nos dias atuais e mais utilizado nas redes sociais

Aluno(a) 06/03 (94 dias atrás)

Responder

Na minha opinião o dialogo é sempre muito importante,e eu acho que a internet tem causado muita falta de comunicação,pois quando estamos com nossos amigos nós não conversamos com eles e sim,só ficamos conectados com os nossos amigos virtuais.

Aluno(a) 06/03 (93 dias atrás)

Responder

Em minha opinião, a internet facilitou muito a comunicação das pessoas no dia a dia, porém, distanciou as pessoas na convivência e na interação social, pois com a internet temos mais liberdade para falar e às vezes conversar pessoalmente com alguém pode até parecer mais complicado porque acabamos ficando tão acostumados com os chats que quando vamos nos falar pessoalmente ficamos tímidos.

Aluno(a) 06/03 (93 dias atrás)

Responder

Na minha opinião, o diálogo é muito importante, e ocorre muito a falta de comunicação, pois os jovens usam mais a internet e não se conhecem muito bem, e a internet nos desaproximam daquelas pessoas que estão do nosso lado, e nos aproxima daquela que está muito longe, talvez até em outro país.

Aluno(a) 06/03 (93 dias atrás)

Responder

Na minha opinião,o dialogo é fundamental ,essencial. Fico muito triste em pensar que as pessoas pararam de se encontrar para discutir, debater e conversar tudo de modo saudável; um dos motivos é a internete, muito trabalho entre outros.

Aluno(a) 09/03 (90 dias atrás)

Responder

Na minhã opinião o dialogo é essencial para mostrar meus sentimentos minhas expressões,entretanto as redes sociais podem acabar acabando com o diálogo e o relacionamento da pessoa

Aluno(a) 15/03 (84 dias atrás)

Responder

oie

Aluno(a) 15/03 (84 dias atrás)

Responder

na minha opniao o dialogo e mt importante e acho q a tecnologia atrapalha um pouco isso.

Aluno(a) 22/03 (78 dias atrás)

Te achei kkkkkk

Aluno(a) 15/03 (84 dias atrás)

Responder

zzz

Aluno(a) 16/03 (83 dias atrás)

Responder

Pois hoje em dia as pessoas acham mais fácil conversar com as outras pela internet, do que falar frente a frente.

Aluno(a) 16/03 (83 dias atrás)

Responder

Acho que hoje em dia com o acesso facil na internet, as pessoas não procuram conversar umas com as outras, o diálogo é uma ferramenta de interação com as outras pessoas,familia ,e para se relacionar melhor nada como uma boa conversa.

Aluno(a) 17/03 (82 dias atrás)

Responder

Na minha opinião,o diálogo é algo muito importante em todos os lugares,em casa,na escola,no trabalho...A tecnologia nos trouxe muitas vantagens como se comunicar com quem está longe,e muitas desvantagens como afastar quem está por perto.Hoje em dia somos capazes de expressar nossos sentimentos sem necessariamente nos identificar,porém temos que tomar o extremo cuidado com o que postamos e falamos.

Aluno(a) 18/03 (82 dias atrás)
Responder

Em minha opinião

Aluno(a) 18/03 (81 dias atrás)
Responder

Na minha opinião o diálogo é fundamental e muito importante

Aluno(a) 22/03 (78 dias atrás)
Responder

Agradeço muito a escola por ter me proporcionado ler esta maravilha. Fiquei impressionada com a questão do diálogo entre eles e fiquei muito feliz com o final, com certeza levarei essa história na minha mente para o resto da minha vida e também indicarei o livro para o máximo de pessoas que puder!!

Aluno(a) 23/03 (76 dias atrás)
Responder

O diálogo garante a comunicação entre as pessoas e gera reflexão sobre assuntos que estão rondando o mundo. É comum a falta de comunicação porquê em certas ocasiões a pessoa sente vergonha ou faz parte da sua cultura ou porquê não se sente bem se comunicando com estranhos.

Aluno(a) 23/03 (76 dias atrás)
Responder

a internet mudou a convivência das pessoas , porque elas não saem de casa para nada e só ficam conectados em computadores ou apps de celular . Também ficamos mais informado sobre oque acontece no dia a dia

Aluno(a) 24/03 (76 dias atrás)
Responder

O diálogo é importante porque nele nós podemos observar a reação dos outros durante a conversa, o que é impossível quando nos comunicamos por meio de aparelhos eletrônicos.

Aluno(a) 24/03 (75 dias atrás)
Responder

Em minha opinião é importantíssimo o diálogo, pois é ele que estabelece laços (mesmo sendo os mais simples ou irrelevantes) ou qualquer relação ente uns com os outros. Penso que a falta de comunicação hoje é comum pelo fato das pessoas estarem se fechando para a sociedade , não vejo que isso ocorre apenas por conta da internet , ao contrário ela pode até ajudar, porém não deveria ser o unico meio

Aluno(a) 25/03 (74 dias atrás)

Responder

Quando comecei a ler o livro achei meio chato e comecei a desconfiar da cinderella(ninguém acha um blog assim tão fácil) quando a irma gêmea do mal beijou o João na frente do ariza achei ela uma merda, mas depois descobri tudo e vi como a cinderella é muito fofa. Resumindo eu adorei o livro

Aluno(a) 25/03 (74 dias atrás)

Continuando, eu realmente achei que o dialogo entre eles não é importante, pois quando vc realmente ama a alguem vc não precisa conversar com ela

Paulo Eduardo Lima Moreira 26/03 (74 dias atrás)

Responder

Na minha opinião o diálogo é muito importante, hoje em dia falta um pouco dele por causa da internet.

Aluno(a) 01/04 (68 dias atrás)

Responder

O uso excessivo da tecnologia, fez com que as pessoas parassem de dialogar umas com as outras, e é através da comunicação, que os seres humanos e os animais partilham diferentes informações entre si, tornando o ato de comunicar uma atividade essencial para a vida em sociedade. Assim a comunicação é de importância vital, sendo uma ferramenta de desenvolvimento e interação para a vida.

Aluno(a) 02/04 (67 dias atrás)

Responder

O livro "O amor nos tempos do blog" retrata um amor entre um garoto e uma garota que se viam na biblioteca, porém, se apaixonam um pelo outro mas tem vergonha de dizer. Com isso eles se falavam sem saber pelo blog, ate que se descobrem e ele descobre que ele e surdo ela aprende libras para se comunicar e acabam juntos. Amei esse livro.....

Aluno(a) 04/04 (65 dias atrás)

Responder

otimo o livro, e preciso ter dialogo e comunicacao.o principal e o respeito...

04/04 (65 dias atrás)

Ok

Aluno(a) 05/04 (64 dias atrás)

[Responder](#)

O diálogo é muito importante, pois sem ele não sabemos o que passa com o nosso(a) companheiro(a) ou amigo(a). O diálogo é tudo em uma família e no dia a dia das pessoas.

Aluno(a) 06/04 (63 dias atrás)

[Responder](#)

woooow daora lek

Aluno(a) 06/04 (62 dias atrás)

[Responder](#)

O livro é maravilhoso, principalmente a forma a qual foi feito, com páginas de diversas cores e o melhor a forma de um blog em livro, Ariza e sua paixão foi maravilhoso.

Aluno(a) 09/04 (60 dias atrás)

[Responder](#)

gostei muito do livro!!!!

Aluno(a) 12/04 (57 dias atrás)

[Responder](#)

Acho que o diálogo é necessário para que haja uma mínima concordância entre as partes, e atualmente as pessoas deixam de dialogar por várias razões, que vão desde a personalidade da própria até as circunstâncias.

Aluno(a) 15/04 (53 dias atrás)

[Responder](#)

na minha opinião o dialogo é muito importante

Aluno(a) 17/04 (52 dias atrás)

Responder

eu ainda estou lendo, mas estou achando muito legal

Aluno(a) 17/04 (52 dias atrás)

Responder

a comunicação é muito importante, por causa dela sabemos mais da pessoa. Quando não há comunicação fica difícil de saber o que a pessoa quer ou o que exatamente está pensando, mas não é impossível conviver sem ela, só é expressar bem seus sentimentos

Aluno(a) 18/04 (50 dias atrás)

Mas qual a sua opinião sobre o questionamento feito?

Aluno(a) 18/04 (50 dias atrás)

Mas qual a sua opinião sobre o questionamento feito?

Aluno(a) 17/04 (52 dias atrás)

Responder

como se constroem muitas historias de amor hoje em dia.

Aluno(a) 17/04 (52 dias atrás)

Responder

O diálogo é sempre importante para a gente nos comunicarmos. É comum a falta de comunicação das pessoas pois cada um tem sua forma de comunicar-se seja no celular em LIBRAS ou em braile etc.

Aluno(a) 18/04 (51 dias atrás)

Responder

gostei do livro e na minha opinião o dialogo é muito importante

Aluno(a) 18/04 (50 dias atrás)

Por quê?

Aluno(a) 18/04 (51 dias atrás)

Responder

O diálogo é essencial, pois é por meio dele que se resolve uma boa parte dos conflitos e problemas pessoais. Eu acho que as pessoas estão se afastando e deixando de se comunicar por conta dos seus preconceitos individuais.

Aluno(a) 18/04 (51 dias atrás)

Responder

Na minha opinião, o diálogo é importante independentemente da maneira como for empregado, pois ele proporciona a resolução de problemas e a comunicação entre as pessoas. Um dos graves problemas que atrapalha essa comunicação é o uso excessivo da internet, que aproxima, virtualmente, pessoas distantes e distancia aquelas que estão próximas de nós, principalmente nossos familiares.

Aluno(a) 18/04 (50 dias atrás)

Responder

Na minha opinião o diálogo é muito importante para conhecermos melhor as pessoas. Atualmente o preconceito e o uso excessivo de Internet é o que provoca a falta de diálogo.

Aluno(a) 18/04 (50 dias atrás)

Responder

Achei uma historia bonita e interessante alem de conter um drama apos o plano da irma mas gostei que tudo acabou bem

Aluno(a) 18/04 (50 dias atrás)

Sobre o questionamento feito, gostaria de saber sua opinião.

Aluno(a) 18/04 (50 dias atrás)

Sobre o questionamento feito, gostaria de saber sua opinião.

Aluno(a) 18/04 (50 dias atrás)

Em minha opinião, o livro aborda temas importantes e bons para serem discutidos. Porém não só mostra isso, mas também este livro expõe como os adolescentes reagem à situações da vida real, como amar e passar pelos traumas

de separação dos pais, que esta tudo bem explícito no livro. Da essas e outras características, que fazem com que esse livro seja muito bom e importante para várias pessoas.

Aluno(a) 18/04 (50 dias atrás)

Responder

Em minha opinião, o livro aborda temas importantes e bons para serem discutidos. Porém não só mostra isso, mas também este livro expõe como os adolescentes reagem à situações da vida real, como amar e passar pelos trauma de separação dos pais, que esta tudo bem explícito no livro. Da essas e outras características, que fazem com que esse livro seja muito bom e importante para várias pessoas.

Aluno(a) 18/04 (50 dias atrás)

A comunicação foi importante?

Aluno(a) 20/04 (48 dias atrás)

Mostrando também, é claro, presença indispensável, de se reconhecer a grande importância do diálogo, pois graças a sua presença, várias coisas puderam acontecer, ao desenrolar da história.

Aluno(a) 18/04 (50 dias atrás)

Responder

Gostei muito do livro,foi um dos melhores que eu já li,mostra como o diálogo é importante,fala sobre a paixão do adolescente,e como ele reagiu com a separação dos seus pais,fatos importantes para serem divulgados

Aluno(a) 18/04 (50 dias atrás)

Responder

Amei ! , muito legal , e mostra também que nós não devemos ter algum tipo de preconceito só porque o garoto é 'SURDO'

Aluno(a) 18/04 (50 dias atrás)

Responder

O diálogo é essencial , pois mostra a comunicação do garoto surdo com a menina que é normal . A forma que eles se Apaixonam sabendo que um é diferente do outro . É muito legal ! , eu Amei , uns dos melhores livros que já li !

Aluno(a) 18/04 (50 dias atrás)

Responder

Na minha opinião, o dialogo e importante pois com ele problemas são resolvidos. Para mim uma das coisas que causa a falta de comunicação e a internet

Aluno(a) 18/04 (50 dias atrás)

Responder

Eu gostei muito do livro e adorei o final

Aluno(a) 19/04 (50 dias atrás)

Responder

O diálogo na minha opinião, é muito importante, pois passamos a conhecer melhor o outro e podemos ver como as pessoas realmente são por dentro, seu modo de pensar, etc. As pessoas estão deixando de se comunicar como antes não só por causa da timidez, mas na minha opinião, também por causa da tecnologia, ela ajuda a aproximar as pessoas que estão longe, mas afastam as que estão perto. Beijos..

Aluno(a) 22/04 (49 dias atrás)

XXXXXX filozofou

Aluno(a) 19/04 (49 dias atrás)

Responder

na minha opinião, eu acho o diálogo muito importante porque é quando nós expressamos nossas opiniões e nossos sentimentos. A falta de comunicação hoje em dia é gerada pelo uso constante da internet ou não queremos ouvir as opiniões das outras pessoas.

Aluno(a) 19/04 (49 dias atrás)

Responder

O livro é muito bom! demais :D

Aluno(a) 22/04 (47 dias atrás)

Responder

a importancia de fala com outras pessoas nao leva o fato de deixar de lado as que um problema ou uma deficiencia a pessoa deve a valiar como a pessoa é por dentro. obrigado.

Aluno(a) 23/04 (45 dias atrás)

Responder

um dialogo, uma conversa e fundamental para viver em sociedade

Aluno(a) 23/04 (45 dias atrás)

Responder

Na minha opinião,o diálogo é muito importante,pois com ele podemos nos comunicar,expressar nossos sentimentos,opiniões,entres outros. A internet que acaba nos aproximando de quem está longe e nos afastando de quem está perto e a timidez são alguns dos fatores que acabam prejudicando uma boa comunicação. No livro,a Cinderela Virtual começa a aprender LIBRAS para se comunicar com Ariza que é surdo.

Aluno(a) 23/04 (45 dias atrás)

Responder

A COMUNICAÇÃO É FUNDAMENTAL PARA A VIDA DAS PESSOAS. A FALTA DE COMUNICAÇÃO PODE SER CAUSADA PELA TECNOLOGIA QUE AS PESSOAS ESTÃO MANDANDO MENSAGENS EM VEZ DE TEREM UMA BOA CONVERSA

Aluno(a) 29/04 (40 dias atrás)

Responder

Livro legal, gostei

Aluno(a) 29/04 (40 dias atrás)

Responder

eu ainda nao li o livro mas espero que seja legal e nao tao infantil!

Aluno(a) 29/04 (40 dias atrás)

Responder

Ainda não li mas parece ser bem interessante

Aluno(a) 29/04 (40 dias atrás)

Responder

e legal

Aluno(a) 29/04 (40 dias atrás)

Responder

Na minha opinião, o diálogo é importante

Aluno(a) 29/04 (40 dias atrás)

Responder

Na minha opinião o dialogo é fundamental.

Aluno(a) 29/04 (40 dias atrás)

Responder

Eu gostei deste livro

Aluno(a) 29/04 (40 dias atrás)

'EU GOSTEI DESTE LIVRO' KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK

Aluno(a) 29/04 (40 dias atrás)

Responder

Na minha opinião, o dialogo é muito importante.

Aluno(a) 30/04 (38 dias atrás)

Respoer

Eu estou amando poder ler um livro assim, poucas paginas porem um ensino muito bom já já acabo o livro e leio mais uma vez. É viciante é muito bom..

Aluno(a) 01/05 (37 dias atrás)

Responder

Resposta à pergunta > Não acho que o diálogo não seja relevante em quaisquer que sejam as situações. Na minha opinião, apenas os olhos, um olhar, que seja, dependente de qual for o caso, não basta, quero dizer, é necessário algo mais para "complementar". No caso de Ariza e Cinderela, um de ambos possui deficiência visual, e nesse caso o diálogo é sumo em relação à um olhar, apenas. Continua...

Aluno(a) 01/05 (37 dias atrás)

Responder

Correção em relação ao comentário anterior: deficiência auditiva e não visual.

Aluno(a) 01/05 (37 dias atrás)

Responder

Continuação > Em relação à falta de comunicação, diálogo entre as pessoas, podemos citar vários pontos, como, por exemplo, • o que eu acho que é a principal ideologia do livro em relação à pergunta • são as redes sociais, no caso os blogs, o que foi uma ferramenta de grande valia, levando em conta a deficiência da personagem. Também é válida a dificuldade de transparecer o que se quer, os anseios.

Aluno(a) 04/05 (35 dias atrás)

Responder

comecei a ler o livro agora mas por enquanto ta muito bom o livro!

Aluno(a) 05/05 (33 dias atrás)

Responder

Eu acredito que o diálogo é o que nos torna mais humanos, sem o diálogo n teríamos vida, e nem acesso ao prazer do conhecimento, não faríamos questionamentos sobre a vida e tudo aquilo ao nosso redor, acredito que sem o diálogo não seríamos nós mesmos, mas a falta dele pode se caracterizar como um problema relacionado a diversos fatores, e o uso dele pode ser a solução pra tds os nossos problemas

Aluno(a) 05/05 (33 dias atrás)

Responder

Ótimo comentário Layse, muito bem colocado os fatores decorrentes do livro .

Aluno(a) 05/05 (33 dias atrás)

Responder

O livro é muito interessante

Aluno(a) 06/05 (32 dias atrás)

Responder

Eu gostei muito esse livro é muito bom.

Aluno(a) 07/05 (32 dias atrás)

Responder

Acho o diálogo essencial ... e também é sempre bom poder compartilhar com os outros sobre como você está ,etc...

Aluno(a)

07/05 (31 dias atrás)

Responder

Na minha opinião o dialogo é muito importante em qualquer relação, mais em determinadas situações não existe dialogo. Não sei mas pode ser por vergonha ou varias outras situações.

Aluno(a) 10/05 (29 dias atrás)

Responder

Adorei ...

Aluno(a) 10/05 (28 dias atrás)

Responder

achei muito bom o livro

Aluno(a) 11/05 (27 dias atrás)

Responder

Adorei o livro, recomendo!^•^

Aluno(a) 14/05 (24 dias atrás)

Responder

O livro é bom...

Aluno(a) 17/05 (21 dias atrás)

Responder

Muito bom

Aluno(a) 18/05 (20 dias atrás)

Responder

Na minha opinião, o diálogo algo muito importante pois nos ajuda a resolver problemas, desabar, contar novidades. Mas isso vem sendo esquecido de certa forma, pois as pessoas nos tempos atuais acabam utilizando as mais diversas redes sociais e resumem bastante a história com uma certa preguiça de contar o texto na íntegra. Deixando a comunicação oral de lado.

Aluno(a) 18/05 (20 dias atrás)

Responder

amei o livro , realmente é muito bom

Aluno(a) 19/05 (20 dias atrás)

Responder

Por acharem que só podem dizer oi as pessoas ricas ou que conhecem, a comunicação serve para que as pessoas se falem uma com as outras, mesmo que não a conheçam, ou cumprimentar uma pessoa que você não goste, cumprimentando as outras pessoas você se torna mais gentil e mais educado.

Aluno(a) 20/05 (18 dias atrás)

Responder

eu achei muito legal, livro interessante

Aluno(a) 20/05 (18 dias atrás)

Responder

O livro é muito bom, e se destaca mais ainda por ser um tema moderno. :D

Aluno(a) 21/05 (18 dias atrás)

Responder

na minha opinião, o livro poderia ter uma história mais real, mas gostei do jeito que o autor abordou o tema da felicidade mesmo quando se tem uma deficiência física.

Aluno(a) 25/05 (13 dias atrás)

Responder

Sinceramente, eu gostei muito do livro, leitura fácil e simples, sobre o romance de um adolescente surdo e uma garota comum, recomendo!

Aluno(a) 27/05 (12 dias atrás)

Responder

Na minha opinião a falta de comunicação entre as pessoas é por conta da timidez, ou até mesmo por medo porque hoje faz medo uma pessoa chegar até a outra pessoa e conversar se ela não sabe quem ela é e o que ela faz.

Aluno(a) 27/05 (12 dias atrás)

Responder

Na minha opinião o diálogo é muito importante pois nós podemos saber mais sobre as outras pessoas

Aluno(a) 27/05 (11 dias atrás)

Responder

Na minha opinião o diálogo é fundamental.

Aluno(a) 29/05 (9 dias atrás)

Responder

Olá, eu acredito que o diálogo hoje em dia não é tão frequente por causa da tecnologia que está muito avançada. Hoje em dia, as pessoas preferem se comunicar através do celular, que justamente é o mais prático, ou seja, o mundo gira em torno da praticidade e da tecnologia. Adorei o livro !

Aluno(a) 29/05 (9 dias atrás)

Responder

O diálogo é necessário, não importa como, conversa nos ajuda a resolver nossos problemas e acertar nossas diferenças.

Aluno(a) 31/05 (7 dias atrás)

Responder

Ótimo livro, pois mostra q devemos dialogar cada vez mais com cada um de nós, espero encontrar outro livro como esse...

Aluno(a) 02/06 (5 dias atrás)

Responder

Gostei muito do livro, e na minha opinião o diálogo é muito importante.

Aluno(a) 04/06 (3 dias atrás)

Responder

o dialogo entre pessoas é muito importante para conhecermos uns aos outros independentemente da língua ou expressão que vamos usa-la, oque acontece hoje em dia é que as pessoas não tem mais um dialogo como antes ! , dificilmente conversam entre frente a frente ; sempre é por redes sociais e com certeza eu sou esse tipo de pessoa , e isso acaba atrapalhando muito na interação entre as pessoas .

Aluno(a) 04/06 (3 dias atrás)

Responder

O livro é ótimo , rápido, mas uma historia muito bem contada , falando um pouco sobre a superação de ariza e cinderela em relação a comunicação entre os dois .

Aluno(a) 06/06 (1 dias atrás)

Responder

o diálogo é importante , pois assim conhecemos melhor a pessoa e corremos menos risco de magoa-la. A falta de diálogo pode ser por conta da timidez, medo, insegurança etc

Aluno(a) 07/06 (20 horas atrás)

Responder

gostei do livro pois fala de cituações em que os adolescentes vivenciam

Aluno(a) 07/06 (18 horas atrás)

Responder

gostei do livro

Aluno(a) 07/06

Responder

muito bom, mas a melhor ideia que o livro nos dá é sobre ignorar os preconceitos, e mostra que as coisas não são movidas pela vaidade e pelas aparências, superando o amor sobre todas as outras coisas, onde o caráter da pessoa destaca-se predominantemente.

Aluno(a) 08/06

Oi Pueri Domus, estou aguardando vocês por aqui. Vejam a questão proposta sobre o trecho da página 85 do livro e vamos interagir e construir sentidos. Até mais tarde com muitas participações .

Aluno(a) 08/06

Qualquer forma de diálogo é inteiramente importante no dia a dia das pessoas, e a falta desse diálogo anda prejudicando muito a sociedade nos dias de hoje e para mim, a causa disso, é a globalização pois as pessoas não querem ter trabalho de ficar falando, se ele pode digitar por trás de uma tela, podendo ser verdadeiro em sua fala ou não :)

Aluno(a) 08/06

Na página 85 fala sobre o blog que Ariza e Cinderela criaram juntos. A pergunta, se me lembro bem, falava sobre o objetivo deles com isso. Eu achei muito interessante quando diz "Ariza e Cinderela acreditam na comunicação e no diálogo, pouco importando qual idioma precisarão utilizar...", mostrando que muito mais que palavras, o verdadeiro dialogo envolve interação e sentimento.

Aluno(a) 08/06

Assim, Cinderela e Ariza superam as "barreiras" de sua comunicação, e conseguem se comunicar, não só entre si, mas com todos, podendo expressar o que pensam, sendo utilizado o blog, por exemplo, para isso.

Aluno(a) 08/06

o Diálogo está presente em momentos, podendo ser " interpretado " por vários conceitos.O idioma,ou como vai ser apresentado o diálogo não importa,pois é algo no qual se envolve sentimento,amizade,participação de pessoas e entre outros. Como representado no livro o BLOG como um exemplo de diálogo.

Aluno(a) 08/06

A falta de comunicação pessoalmente ou seja pessoa frente a frente sem aparelhos de conversas, é por que pessoas então optam em usar acessos eletrônicos que não precisam de tempo para ver pessoalmente que seria bem mais improvável . A comunicação está sempre presente por que muitos jovens andam "viciados" em seus celulares,então não podemos afirma que esta desaparecendo a comunicação em si

Aluno(a) 08/06

O dialogo é muito importante em qualquer relacionamento, seja um relacionamento escolar, familiar, de companheirismo, de amigos, de colegas, enfim, para vivermos em sociedade e termos um bom convivio, acredito que o dialogo seja uma das coisas mais importantes! Sabendo que não conseguimos viver sem nos relacionar, a comunicação ou o dialogo acaba sendo primordial em nossas vidas

Aluno(a) 09/06

Acredito que seja comum a falta de comunicação por conta de se acomodarem ou até mesmo se limitarem ao seu espaço. Hoje em dia podemos nos comunicar com facilidade com pessoas que estão perto ou distantes. Como o livro mesmo diz, não existe apenas a fala para nos comunicar, nos entender. Simples olhares podem transmitir inúmeras coisas. Não são idiomas diferentes que irão te prender de se comunica

Aluno(a) 09/06

Noara, quando falei que as pessoas se limitam a seus espaços foi querendo dizer que nos acomodamos sempre ao mais fácil. Por exemplo, deixar de conversar com alguém simplesmente porque essa tal pessoa fala outra língua, concordo que daria um pouco mais de trabalho para se comunicar, mas mesmo com dificuldades é possível sim se comunicar, e as pessoas, por estarem acomodadas, nem tentam outras {..}

Aluno(a) 10/06
OI NOARA

Aluno(a) 13/06

peço perdão noara mas não consigo acessar o outro fórum

Aluno(a) 13/06

Noara, um exemplo de como está afastando é várias pessoas juntas em um local mas todas elas vendo coisas em celulares, dificultando a interação entre elas , abçs!!

Aluno(a) 14/06

{..} formas de se comunicar. Algumas outras formas seria com gestos, olhares, toques, imagens, videos, entre outros

Aluno(a) 14/06

Concordo XXXXX, a revolução tecnológica nos trouxe inúmeras possibilidades de comunicação. Mas gostaria de entender melhor sua posição quando afirma que as pessoas se limitam muito ao seu espaço. Poderia me apresentar um exemplo(sou lerda mesmo!!! para entender.). E para você, qual a relevância do diálogo entre as pessoas e qual forma de diálogo? abraços

Aluno(a) 09/06

Concordo Bruna, a revolução tecnológica nos trouxe inúmeras possibilidades de comunicação. Mas gostaria de entender melhor sua posição quando afirma que as pessoas se limitam muito ao seu espaço. Poderia me apresentar um exemplo(sou lerda mesmo!!! para entender.). E para você, qual a relevância do diálogo entre as pessoas e qual forma de diálogo? abraços

Aluno(a) 09/06

Qual forma de diálogo? O que seria diálogo aqui?

Aluno(a) 09/06

Apresenta uma forma de diálogo que está presente em algum momento que para você é super importante.
Abraços

Aluno(a) 09/06

Oi Guilherme, apresenta um exemplo de como a comunicação está desaparecendo da sociedade e como isso pode prejudicar o relacionamento das pessoas. abraços

Aluno(a) 09/06

Isso mesmoXXXXX, diálogo envolve acima de tudo interação, essa é a palavra chave desse conceito. Que outros aspectos dessa obra te chamaram atenção? vamos conversando.

Aluno(a) 09/06

O diálogo é importante por conta de que através dele podemos expressar o que sentimos e interagir com as pessoas que convivemos, não só através da fala, mas até dos sinais, como o livro mostra. As pessoas começaram a se comunicar menos desde que a tecnologia surgiu e acabou diminuindo a distância entre elas, mas que, ao mesmo tempo, permitiu que se comunicassem mais no mundo virtual que no real.

Aluno(a) 09/06

eu creio que a comunicação não está desaparecendo em nossa sociedade,só esta almentando,estamos em constante comunicação,por meio da tv ,internet,propagandas,etc.mas as vezes acho que algumas pessoas que se comunicam pela internet e redes sociais exageram um pouco e acabam se afastando das pessoas a sua volta,e quase não se comunicam pessoalmente só pelo celular ,e isso as afasta.

Aluno(a) 23/06

eu acho que a falta de comunicação não esta em falta hoje em dia ,apenas as pessoas estao deixando de se falar pessoalmente e substituindo seu dialogo por um meio de comunicação,as novas tecnologias,mas não deixam de se comunicar

devo dizer o que é dialogo no livro,o que é dialogo para mim,e qual a importancia do dialogo?

Aluno(a) 24/06

preciso de ajuda

Aluno(a) 24/06

Socorro

Aluno(a) 24/06

o livro é muito interessante

Aluno(a) 25/06

mo brisaa

Aluno(a) 25/06

Com corda

Aluno(a) 25/06

duhsuah

Aluno(a) 25/06

oi sergio

Aluno(a) 26/06
oi lindao

/ **Aluno(a)** 26/06
Gays

Aluno(a) 26/06

XXXXX, vamos beber agua?

Aluno(a) 26/06

So tomo suco

Aluno(a) 26/06

Ngm me responde, sou alone

Aluno(a) 26/06

Eae glr

Aluno(a) 26/06

oi XXXXXX oq vc acho dessa obra ?

Aluno(a) 26/06

Oi eu nao sou o XXXXXXXX, mas acredito que essa obra é muito legal e importante pois é muito boa!!! bjs

Aluno(a) 26/06

Ooi XXXXXXXX achei essa obra muito legal

Aluno(a) 26/06

o que voce achou xxxxxxxx?

Aluno(a) 26/06

nao sou XXXXXXXX mas achei legal

Aluno(a) 26/06

oi XXXXXXXX penso q essa obra e muito legal e interessante ... ela e uma obra boa pois vc tenq pensar pra entender ela

Anexo 7

Leitura: Sujeitos em construção

	Bolsa Couro Tiracolo Ellus Mi...	Bolsa Couro Tiracolo Ellus Mi...
	R\$ 449,90	R\$ 449,90
	<input type="button" value="Clique"/>	<input type="button" value="Clique"/>

O Amor Nos Tempos do Blog

O Amor Nos Tempos do Blog

por **Participante F** em Qua Jun 10, 2015 9:13 pm

Vamos começar a discutir!



Participante F



Re: O Amor Nos Tempos do Blog

por **Admin** em Qua Jun 10, 2015 9:22 pm

Na obra O amor nos tempos do blog, de Vinicius Campos, "Ariza e Cinderela acreditam na comunicação e no diálogo, pouco importando qual idioma precisarão utilizar, porque os olhos sempre dizem exatamente o que sentimos" (p. 85). Em sua opinião, qual a relevância do diálogo e por que é comum a falta de comunicação entre as pessoas?



Admin



Re: O Amor Nos Tempos do Blog

por **Participante A** em Sab Jun 13, 2015 2:42 am

A globalização pode ter influência direta nisso pq crianças, jovens e até adultos estão preferindo a interação virtual fazendo assim, as pessoas se afastarem diminuindo os diálogos entre si , bjinhos ♥



Participante A



Re: O Amor Nos Tempos do Blog

por **Participante D** em Sab Jun 13, 2015 7:22 am

Gostei muito da obra, achei muito interessante e até mesmo um pouco confusa essa questão do dialogo e da comunicação, ainda não entendi muito bem HAHAH Desculpa, noara! Mas entao, creio que comunicamos e dialogamos a todo momento com um simples olhar, por mensagens, por toques, por gestos enfim, há muitas formas de nos comunicarmos, não precisamos nos limitar a fala! E pelo meu ponto de vista, o livro tenta mostrar essa ideia de várias formas de nos comunicarmos.

Em relação a as pessoas a falta de comunicação entre as pessoas, talvez seja porque simplesmente nos acostumamos a fazer sempre o mais simples, sabe? Nos acomodamos demais em nossas vidas e talvez seja bem mais comodo cada um viver sua vida, seu mundinho sem precisar se preocupar em se comunicar de uma forma diferente com as pessoas.

Enfim, adorei ler essa obra, achei muito interessante o modo que o autor consegue passar uma mensagem super fofa de um modo tão simples e fácil de se entender!

Beijos



Participante D



Re: O Amor Nos Tempos do Blog

por **Participante B** em Sab Jun 13, 2015 7:46 pm

Assim como eu disse no outro fórum, acredito que o diálogo muito mais que conversa, que a fala, (como discutimos na aula) envolve sentimento, expressões e tudo mais.

Mesmo que o diálogo frente a frente, de pessoa pra pessoa, seja importante, as outras maneiras de se comunicar também são. Hoje a falta de comunicação é comum porque nos limitamos demais a celulares e coisas do tipo, além de o tempo ser mais corrido, desse modo não damos tanta importância a interação, que envolve comunicação e é algo essencial pra nós. No livro falam sobre o silêncio, mas Ariza e Cinderela não deixam de se comunicar, seja pelo blog ou por LIBRAS, por diferentes maneiras de comunicação.

Também gostei bastante do livro e espero ter conseguido me expressar, boa sorte com seu trabalho Noara! "Kisses" hahahah



Participante B



Re: O Amor Nos Tempos do Blog

por **Participante E** em Dom Jun 14, 2015 12:59 am

gostei do livro sim,ja li varios melhores mas esse e legal.a historia nao me cativou tanto mas gostei muito do assunto das comunicacao ,e legal ele abordar as formas de linguagem e dialogo diferentes ai,as libras e tudo.tambem mostra pra mim q nao e porque vc e diferente e nao consege se comunicar como os outros que vc nao pode er um dialogo com eles e expresar seus sentimentos. sorry nono pelos erros de port mas to com pregisa de arrumar



Participante E



Re: O Amor Nos Tempos do Blog

por **Participante E** em Dom Jun 14, 2015 1:02 am

boa sort com seu trabalho noara,q vc va bem,desculpe nao pude entrar ontem agora consegui



Participante E



Participante A escreveu:

A globalização pode ter influência direta nisso pq crianças, jovens e até adultos estão preferindo a interação virtual fazendo assim, as pessoas se afastarem diminuindo os diálogos entre si , bjinhos ♥

Querido amigo **Participante A**, achei muito interessante sua ideia, mas você nao acha que uma boa conversa virtual tambem pode ser interessante? Concordo que atualmente a globalização está muito presente em nossas vidas e, na minha opinião, isso pode ser um ponto positivo, pois assim podemos conhecer pessoas de diversas culturas! Um beijo!



Participante D



Re: O Amor Nos Tempos do Blog

por **Participante A** em Ter Jun 16, 2015 4:32 pm

Primeiramente,colegas . Concordo, deusa mas uma conversa pessoalmente pode ter muitas emoções, BJS



Participante A



Re: O Amor Nos Tempos do Blog

por **Participante D** em Ter Jun 16, 2015 4:35 pm

Participante F escreveu:

Vamos começar a discutir!

Oi, amigo Participante F! Vamos discutir sim... Você gostou do livro? Eu adorei! Se você fosse a irmã da cinderela (luz), você faria a mesma coisa ou ajudaria ela com o menino? Achou certo o que ela fez? Você julga as pessoas pela aparência normalmente? Como cinderela falava, "kisses"!



Participante D

Re: O Amor Nos Tempos do Blog

por **Participante D** em Ter Jun 16, 2015 4:36 pm

Participante A escreveu:

Primeiramente, **colegas** Concordo, deusa mas uma conversa pessoalmente pode ter muitas emoções, **BJS**

Seu ponto de vista é interessante! beijos





por **Admin** em Ter 23 Jun 2015 - 16:21

Participante A escreveu:

A globalização pode ter influência direta nisso pq crianças, jovens e até adultos estão preferindo a interação virtual fazendo assim, as pessoas se afastarem diminuindo os diálogos entre si , bjinhos ♥

Oi **Participante A**,

então o que vocês compreendem por globalização?

A comunicação virtual também é uma forma de interação e pode ser muito positiva para estabelecer comunicação, inclusive a comunicação global.

O que acham de refletirmos e até pesquisarmos mais sobre esse aspecto da comunicação através das novas tecnologias?

Beijos.



Admin

Re: O Amor Nos Tempos do Blog

por **JParticipante G** de Camargo em Ter Jun 23, 2015 4:24 pm

O diálogo é importante pois através dele podemos dizer o que sentimos e nos relacionar com as outras pessoas, seja pessoalmente ou pelo celular. Hoje em dia esse diálogo tradicional está aos poucos sendo substituído pelos avanços da tecnologia, que faz com que as pessoas se comuniquem menos ou simplesmente apenas virtualmente.



Participante G



Re: O Amor Nos Tempos do Blog

por **Admin** em Ter Jun 23, 2015 4:25 pm

Participante B escreveu:

Assim como eu disse no outro fórum, acredito que o diálogo muito mais que conversa, que a fala, (como discutimos na aula) envolve sentimento, expressões e tudo mais.

Mesmo que o diálogo frente a frente, de pessoa pra pessoa, seja importante, as outras maneiras de se comunicar também são. Hoje a falta de comunicação é comum porque nos limitamos demais a celulares e coisas do tipo, além de o tempo ser mais corrido, desse modo não damos tanta importância a interação, que envolve comunicação e é algo essencial pra nós. No livro falam sobre o silêncio, mas Ariza e Cinderela não deixam de se comunicar, seja pelo blog ou por LIBRAS, por diferentes maneiras de comunicação. Também gostei bastante do livro e espero ter conseguido me expressar! "Kisses" hahahah

Participante B,

você mesma coloca que as formas de comunicação são diversas, portanto, falar ao celular, na internet também podem ser formas de comunicação. Você participou muito, só se contradiz um pouco neste aspecto que apresentei.



Re: O Amor Nos Tempos do Blog

por **Admin** em Ter Jun 23, 2015 4:27 pm

Pessoal, vamos esquentar essa discussão?

O que vocês estão compreendendo, à partir da obra, sobre diálogo e comunicação?



Admin



Re: O Amor Nos Tempos do Blog

por **Participante D** em Ter Jun 23, 2015 4:34 pm

Admin escreveu:

Participante A escreveu:

A globalização pode ter influência direta nisso pq crianças, jovens e até adultos estão preferindo a interação virtual fazendo assim, as pessoas se afastarem diminuindo os diálogos entre si , bjinhos ♥

Oi Participante A,

então o que vocês compreendem por globalização?

A comunicação virtual também é uma forma de interação e pode ser ser muito positiva para estabelecer comunicação, inclusive a comunicação global.

O que acham de refletirmos e até pesquisarmos mais sobre esse aspecto da comunicação através das novas tecnologias?

Beijos.

Concordo com você, Noara! E olha, eu dei uma olhada e achei um site que fala os pontos negativos e positivos de se comunicar através da internet, achei muito interessante isso... Lá dizia assim "Pontos positivos: Ficou mais fácil falar com os parentes e amigos que moram longe; arrumar emprego; saber o que está acontecendo no mundo todo;

estudarem e até mesmo trabalhar usando o computador" Estava refletindo sobre isso e achei estranho o do "arrumar emprego", isso tem haver com comunicar-se? Fiquei com

Forumeiros

Compartilhe:

Login Registrar

visitam a família, preferindo pegar o telefone e ligar; não sentam mais para almoçarem juntas, pois estão vendo televisão; tem gente que usa o telefone para passar trote; usa o computador para roubar os outros. O celular muito perto do corpo faz mal para a saúde." Concordo com a maioria das coisas, mas creio que neste caso, eles estavam falando de usar em excesso, e afinal, o que em excesso não faz mal? hahaha

Aqui o link do site: <http://turma202cejm.blogspot.com.br/2006/09/meios-de-comunicacao-pontos-positivos-e.html>

Beijos



Participante D



Re: O Amor Nos Tempos do Blog

por **Participante E** Qua Jun 24, 2015 2:26 am

afinal, quem é vc admin?



Participante E



Re: O Amor Nos Tempos do Blog

por **Participante B** em Qui Jun 25, 2015 12:27 am

Admin escreveu:

Luiza V. Poletto escreveu:

Assim como eu disse no outro fórum, acredito que o diálogo muito mais que conversa, que a fala, (como discutimos na aula) envolve sentimento, expressões e tudo mais. Mesmo que o diálogo frente a frente, de pessoa pra pessoa, seja importante, as outras maneiras de se comunicar também são. Hoje a falta de comunicação é comum porque nos limitamos demais a celulares e coisas do tipo,

além de o tempo ser mais corrido, desse modo não damos tanta importância a interação, que envolve comunicação e é algo essencial pra nós. No livro falam blog ou por LIBRAS, por diferentes maneiras de comunicação. Também gostei bastante do livro e espero ter conseguido me expressar, boa sorte com seu trabalho Noara! "Kisses" hahahah

Participante B,
você mesma coloca que as formas de comunicação são diversas, portanto, falar ao celular, na internet também podem ser formas de comunicação. Você participou muito, só se contradiz um pouco neste aspecto que apresentei.

Realmente Noara! Desculpa mas estava um pouco confusa nesse negócio de diálogo e comunicação, agora sim acho que estou entendendo.



Participante B



Re: O Amor Nos Tempos do Blog

por **Participante D** em Qui Jun 25, 2015 12:36 am

Participante D escreveu:

Admin escreveu:

Participante A escreveu:

A globalização pode ter influência direta nisso pq crianças, jovens e até adultos estão preferindo a interação virtual fazendo assim, as pessoas se afastarem diminuindo os diálogos entre si , bjinhos ♥

Oi Participante A,
então o que vocês compreendem por globalização?
A comunicação virtual também é uma forma de interação e pode ser ser muito positiva para estabelecer comunicação, inclusive a comunicação global.
O que acham de refletirmos e até pesquisarmos mais sobre esse aspecto da comunicação através das novas tecnologias?
Beijos.

Concordo com você, Noara! E olha, eu dei uma olhada e achei um site que fala os pontos negativos e positivos de se comunicar através da internet, achei muito interessante isso... Lá dizia assim "Pontos positivos: Ficou mais fácil falar com os parentes e amigos que moram longe; arrumar emprego; saber o que está acontecendo no mundo todo; estudarem e até mesmo trabalhar usando o computador" Estava refletindo sobre isso e achei estranho o do "arrumar emprego", isso tem haver com comunicar-se? Fiquei com está duvida! E também falava dos pontos negativos "Muitas pessoas se acomodam e não visitam a família, preferindo pegar o telefone e ligar; não sentam mais para almoçarem juntas, pois estão vendo televisão; tem gente que usa o telefone para passar trote; usa o computador para roubar os outros. O celular muito

Forumeiros

Login Registrar

perto do corpo faz mal para a saúde." Concordo com a maioria das coisas, mas creio que neste caso, eles estavam falando de usar em excesso, e afinal, o que em excesso

Aqui o link do site: <http://turma202cejm.blogspot.com.br/2006/09/meios•de•comunicacao•pontos•positivos•e.html>

Beijos

Re: O Amor Nos Tempos do Blog

por **Participante B** em Qui Jun 25, 2015 00:36 am

Achei muito interessante sua pesquisa **Participante D**, e realmente tudo tem seu lado positivo e negativo. Eu entendo por globalização tudo que busca tornar o mundo mais "global", mais unido, que quebra as barreiras por assim dizer, de modo que tudo que é globalizado é mundial. Isso pode ser por meio dessas novas formas de comunicação, ou até mesmo por meios de transportes evoluídos por exemplo, que fazem o mundo parecer tão pequeno.

No caso da globalização pelos meios de comunicação, isso nos possibilita entrar em contato com quase todos os pontos do planeta sem sair do lugar, tendo diálogos bem



diferentes!
Beijos

Participante B



Re: O Amor Nos Tempos do Blog

por **Participante B** em Qui Jun 25, 2015 12:52 am

Guilherme Zen escreveu:

Primeiramente, colegas . Concordo, deusa mas uma conversa pessoalmente pode ter muitas emoções, BJS

Nisso eu concordo com você! Mesmo que as novas formas de comunicação nos permitam "quebrar barreiras" e ter diferenciados diálogos, a conversa cara a cara nos permite ver as emoções das pessoas com quem nos comunicamos e não há como esconder! Isso diferentemente de um diálogo online onde é bem mais mais fácil fingir ser o que não é. Ta ai um ponto negativo da globalização, se não se tiver o devido cuidado pode até ser perigoso!

Bjsss



Participante B



Forumeiros

Compartilhe :

Login Registrar

por **Participante E** em Qua Out 07, 2015 2:57 am

oi noara tenho umas perguntas sobre o menino do pijama listrado.o pavel apos derramar vinho no pai do bruno foi esfaqueado ou espancado pelo cap.kotler??ele era judeu né?? ele foi assassinado depois disso??o furia era o fuhrer(hitler)né??o que acontece com o pai do bruno no fim da obra???ele foi levado ou o que?? vc vai entrar aqui no forum durrante as ferias??eu vou .espero q vc entre e me responda,e q batamos muito papo kkkkk



Participante E



Re: O Amor Nos Tempos do Blog

por **Participante E** em Qua Out 07, 2015 2:57 am

oi nono

Re: O Amor Nos Tempos do Blog

por **Participante E** em Qua Out 07, 2015 2:58 am

vamos começar logo a discutir o caçador de pipas



Men



Participante E

:



Re: O Amor Nos Tempos do Blog

por Conteúdo patrocinado Hoje à(s) 12:01 pm

Ads by zattini.com.br



TÊNIS MIZUNO WAVE PROPHE...

O Tênis Mizuno Wave Prophecy Lamborghini foi criado em parceria com a famosa fabricante italiana de autom...

R\$ 999,90

COMPRAR

BOLSA CAPODARTE MATELA...

Perfeita para os dias que pedem praticidade, a Bolsa Capodarte Matelassê Transversal pode ser usad...

~~R\$ 240~~ R\$ 144

COMPRAR

CHAVEIRO JORGE BISCHOFF...

O Chaveiro Jorge Bischoff Bolsinha Tachas é a escolha certa para quem busca um acessório criativo para com...

~~R\$ 199~~ R\$ 159,20

COMPRAR

BOLSA COLCCI TRANSVERSA...

A Bolsa Colcci Transversal Alça Corrente Monograma é a escolha certa para quem busca um modelo prático p...

~~R\$ 209,90~~ R\$ 179

COMPRAR

Conteúdo patrocinado

■ Tópicos similares

- » [A Sombra do Fim dos Tempos \(Crônica Oficial\)](#)
- » [Ausente por uns tempos.](#)
- » [Quem É O Maior Pokémon De Todos Os Tempos](#)
- » [Fanfic Amor Proibido](#)
- » [ORAÇÃO DE SÃO CIPRIANO PRA AMANSAR E TRAZER AMOR DE VOLTA](#)

Ir para: Ir

PERMISSÃO DESTE FÓRUM:

Você **não pode** responder aos tópicos neste fórum

[Início](#)

[Fazer fórum](#) | [© phpBB](#) | [Fórum grátis de ajuda](#) | [Fale conosco](#) | [Assinalar uma queixa](#) | [Criar um fórum](#)

Anexo 8

Descobrir

Português

[Iniciar sessão \(/login?nextUrl=https://www.wattpad.com/home\)](/login?nextUrl=https://www.wattpad.com/home)

Ficção científica |

Seja qual for a sua preferência, é tudo gratuito no Wattpad, a maior comunidade de leitores e escritores do mundo.

Continuar

 Continuar

ou

Username is required.

Nome de utilizador

Email

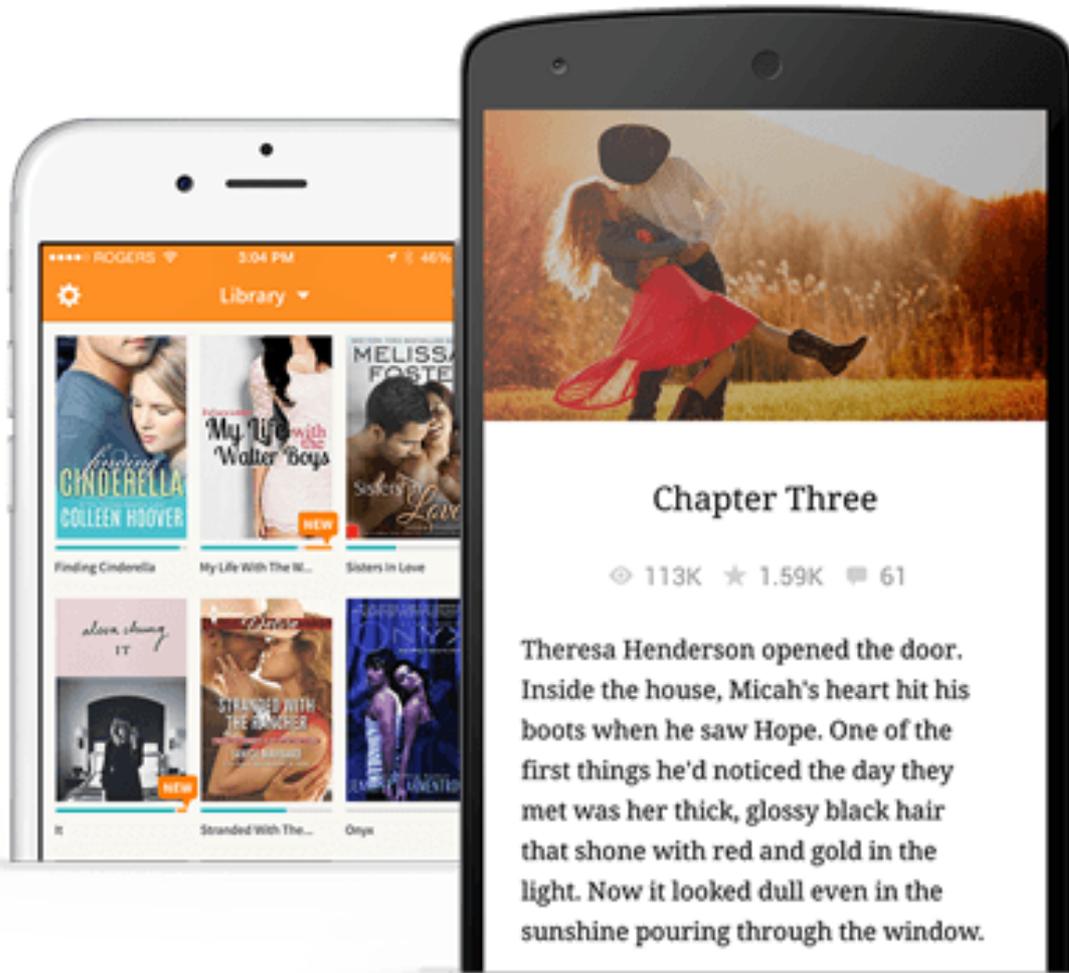
Palavra-passe

Iniciar a leitura

Já é utilizador do Wattpad? Iniciar sessão (/login?nextUrl=https://www.wattpad.com/home)

Concordo com as [Condições do serviço \(/terms\)](/terms) e [Política de privacidade \(/privacy\)](/privacy) do Wattpad.



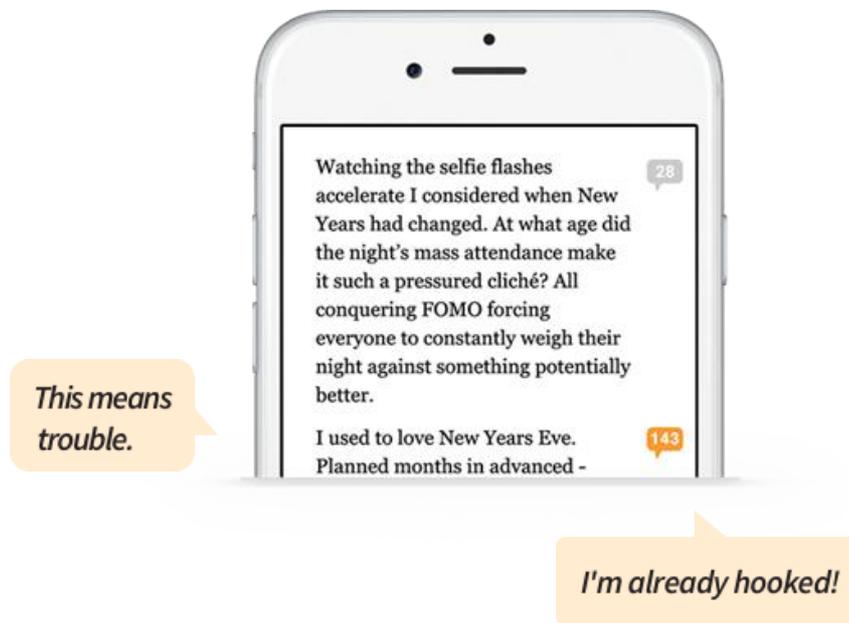


Leia no seu telefone, em qualquer lugar

O Wattpad tem todas as histórias de que precisa, e tornamos a leitura mais fácil — dentro do seu telefone. Seja online ou offline, pode ler sem percalços e sem se preocupar em baixar PDFs.

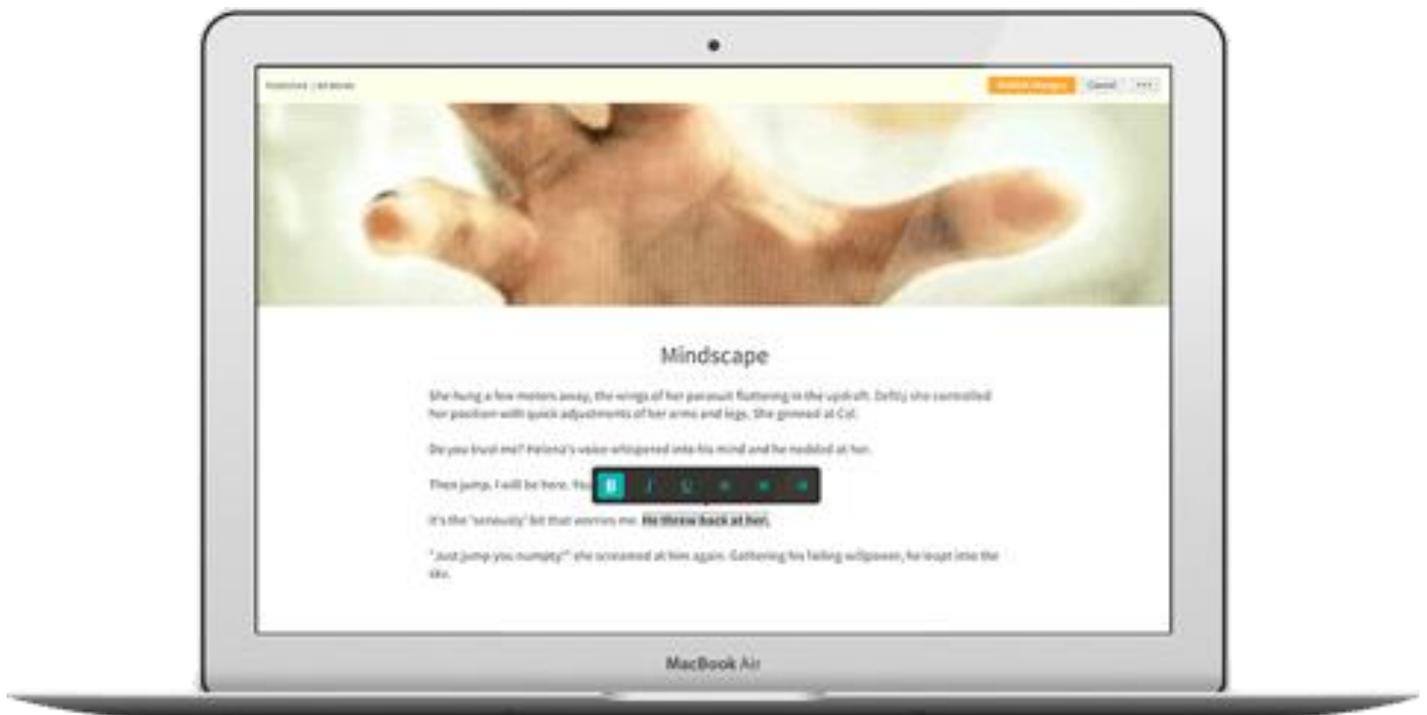
What? I can't believe it.

I'm in tears.



Seja parte da experiência

Veja como outros reagem àquela reviravolta inusitada. Os comentários inline no Wattpad permitem compartilhar impressões e interagir com a história enquanto está a ler.



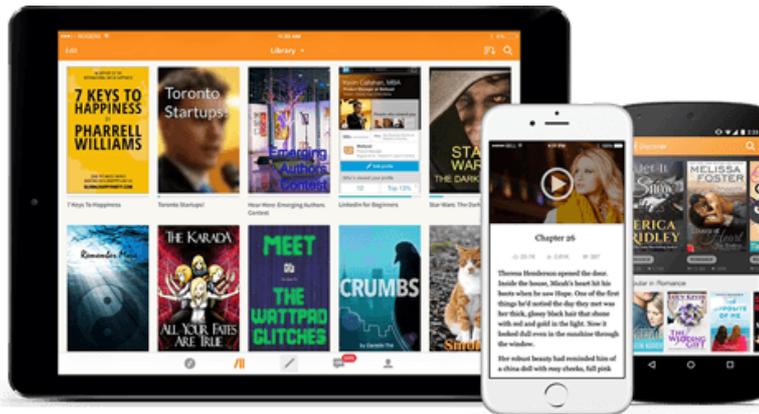
Experimente ser autortambém

Seja qual for a história que quiser contar, há um leitor à sua espera no Wattpad. De ficção científica a romance, a sua história pode ser o próximo grande sucesso.

Iniciar a leitura

Leve o Wat pad consigo

Leia e escreva em qualquer lugar, mesmo online.



([https://play.google.com/store/apps/details?](https://play.google.com/store/apps/details?id=wp.wattpad&referrer=utm_source%3Dwattpad%26utm_medium%3Dhomepage)

[id=wp.wattpad&referrer=utm_source%3Dwattpad%26utm_medium%3Dhomepage\)](https://play.google.com/store/apps/details?id=wp.wattpad&referrer=utm_source%3Dwattpad%26utm_medium%3Dhomepage)



([https://itunes.apple.com/app/free-books-wattpad-ebook-reader/id306310789\)](https://itunes.apple.com/app/free-books-wattpad-ebook-reader/id306310789)



([https://www.microsoft.com/store/apps/9nblggh6gm17\)](https://www.microsoft.com/store/apps/9nblggh6gm17)

[Quem somos \(/about\)](#)

[Escritores \(/writers\)](#)

[Empregos \(/jobs\)](#)

[Diretório \(/go/directory\)](#)

[Negócios \(http://business.wattpad.com\)](http://business.wattpad.com)

[Imprensa \(/press\)](#)

[Termos \(/terms\)](#)

(<https://facebook.com/wattpad>)

(<https://twitter.com/wattpad>)

Anexo 9



DESENCANTADA
O ESPERADO NOVO LIVRO DA SÉRIE
PERDIDA, DE CARINA RISSI.






Junte-se à maior rede social para leitores do Brasil.
Este é um lugar criado para quem ama ler. Descubra novos livros, autores, editoras e amigos.

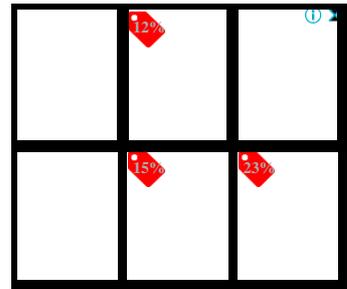
Cadastre-se! É grátis (/lo

(/usuario/4421254) (/usuario/4850555) (/usuario/5156124) (/usuario/5156123-laila.silva) — rose.marculina, trick.fremas, via.margareth)



(/cortesia/detalhes/3350) (/cortesia/detalhes/3355) (/cortesia/detalhes/3367) (/cortesia/detalhes/3369) (/cortesia/detalhes/3352)
Sorteio de milhares de cortesias
Seja um dos primeiros a ler os principais lançamentos editoriais

Participar dos sorteios (/cortesia/finalizando)



PUBLICIDADE (/midiaKitV)

Últimos lançamentos

ver mais (/livro/lançamentos)



(/wild-cards-9-758352) (/a-mente-influente-76138) (/engano-irresistivel-754346) (/operacao-red-sparrow-377325) (/it-girl-758050) (/imperio-das-tormentas-682969) (/uma-proposta-e-75749)

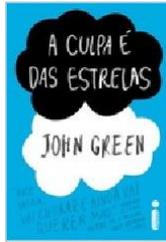
WISH - SHOPPING MADE FUN
em promoção hoje Descontos atuais de 50% a 90%

Mais procurados de hoje

ver mais (/livro/lista/)



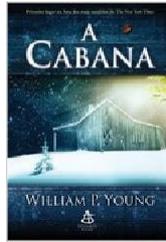
(/o-pequeno-principe-693ed56597.html)



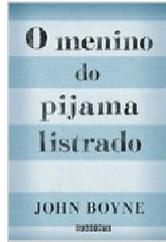
(/a-culpa-e-das-estrelas-347555ed277187.html)



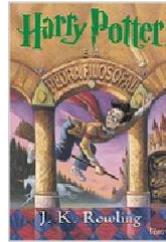
(/a-menina-que-roubava-livros-7ed268782.html)



(/a-cabana-57ed777.html)



(/o-menino-do-pijama-listrado-101ed408901.html)



(/harry-potter-e-a-pedra-filosofal-108ed323291.html)



(/harry-potter-e-o-calice-de-fogo-355ed469.html)

As melhores editoras



Livros em destaque

[ver mais \(/livro/destaques\)](#)[\(/a-forma-da-agua-744361ed747277.html\)](#)**A Forma da Água***Guillermo del Toro, Daniel Kraus*

A história de Guillermo del Toro que deu origem ao filme vencedor do Leão de Ouro no Festival de Veneza, recordista de indicações ao Globo de Ouro e um dos mais cotados na corrida do Oscar 2018. Richard Strickland é um oficial do governo...

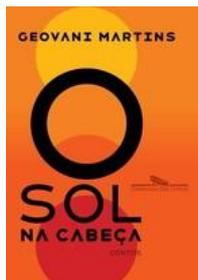
1 capítulo
(<https://goo.gl/kv9h1Y>)
comprar

(<http://amzn.to/2D6mMxT>)
O sol na cabeça

Geovani Martins

Em O sol na cabeça, Geovani Martins narra a infância e a adolescência de garotos para quem às angústias e dificuldades inerentes à idade soma-se a violência de crescer no lado menos favorecido da "Cidade partida", o Rio de Janeiro das prime...

comprar
(<http://amzn.to/2Fjn3U1>)

[\(/o-sol-na-cabeca-753037ed756332.html\)](#)

Curtir Página

Seja o primeiro de seus amigos a curtir isso.

[FAQ \(/ajuda/faq\)](#)[Quem Somos \(/inicio/quem_somos\)](#)[Blog \(/blog.skoob.com.br/\)](#)[Cadastro de livros \(/acervo/adicionar/\)](#)[Cadastro de autores \(/autor/chechar/\)](#)[Downloads \(/downloads/\)](#)[Fale Conosco \(/ajuda/faq\)](#)[\(/www.facebook.com/skoobnews\)](https://www.facebook.com/skoobnews)[\(/www.youtube.com/user/skoobne\)](https://www.youtube.com/user/skoobne)[\(/twitter.com/skoobnews\)](https://twitter.com/skoobnews)[\(/instagram.com/skoobnews\)](https://instagram.com/skoobnews)[\(/plus.google.com/1062710370069\)](https://plus.google.com/1062710370069)

Baixe nosso app



([https://itunes.apple.com/br/app/skoob/id904670263?](https://itunes.apple.com/br/app/skoob/id904670263?l=pt&ls=1&mt=8)



[l=pt&ls=1&mt=8\)](https://play.google.com/store/apps/details?id=com.gaudium.skoob&hl=pt_BR)

([https://play.google.com/store/apps/details?](https://play.google.com/store/apps/details?id=com.gaudium.skoob&hl=pt_BR)

[id=com.gaudium.skoob&hl=pt_BR\)](https://play.google.com/store/apps/details?id=com.gaudium.skoob&hl=pt_BR)

[Livros \(/livro/lista/\)](#)

[Autores \(/autor/recentes/\)](#)

[Editoras \(/editoras/\)](#)

[Leitores \(/usuario/lista/\)](#)

[Grupos \(/grupo/atualizados/\)](#)

[Trocas \(/plus/\)](#)

[Cortêsias \(/cortesia/\)](#)

[Lançamentos \(/livro/lançamentos/\)](#)

[Top Mais \(/livro/top_mais/lidos/\)](#)

[Meta de Leitura 2018 \(/meta/ano/2018/\)](#)

CAPÍTULO REVENDO O PASSADO

O regresso das colhedoras,
Jules Breton, 1859 (óleo
sobre tela 90 × 176 cm,
Museu d'Orsay).



Arquivo/PDEA

NARRATIVA DE FICÇÃO: ROMANCE

O romance, como você já estudou no 7^o ano, é uma narrativa de ficção, de autoria definida, que conta uma experiência humana em linguagem literária. Apresenta um enredo complexo e envolve várias personagens, em um tempo e espaço determinados.

Continuando a tratar do tema da unidade, “Memória”, neste capítulo você vai voltar a estudar o romance e seus elementos constitutivos:

- o **narrador** e o **foco narrativo** correspondente, ou seja, a perspectiva de onde o narrador – de primeira ou de terceira pessoa – se coloca para contar os fatos;
- a **ação** e o **enredo**, isto é, a sequência dos acontecimentos narrados que forma uma história;
- as **personagens**, principais (protagonistas) ou secundárias (coadjuvantes), que participam da história, vivem os fatos narrados;
- o **espaço**, constituído pelos ambientes e lugares onde se passam os fatos;
- o **tempo**, relativo tanto à época em que ocorrem os acontecimentos narrados (o tempo da narrativa) como à duração deles.

Você já aprendeu que o romance distribui seus episódios em **capítulos**, apresentando acontecimentos, personagens, reflexões etc.

Você já leu algum romance em que o narrador, situado no presente, conta sua vida passada?

O romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, que você lerá em paralelo ao estudo aqui realizado, tem 160 capítulos e marcou o início do **Realismo** na literatura brasileira. Em 1880, foi publicado em folhetim na *Revista Brasileira* e, em 1881, editado em livro.

Realismo

Tendência artística do século XIX que privilegiava a representação exata da natureza, dos homens e da sociedade. Os artistas realistas pretendiam mostrar uma nova visão do mundo, oposta ao excesso de imaginação e ao lirismo românticos. Preocupados com a verdade, suas obras observam e analisam a realidade social, buscando relacionar o comportamento humano às causas biológicas e sociais que o condicionam.

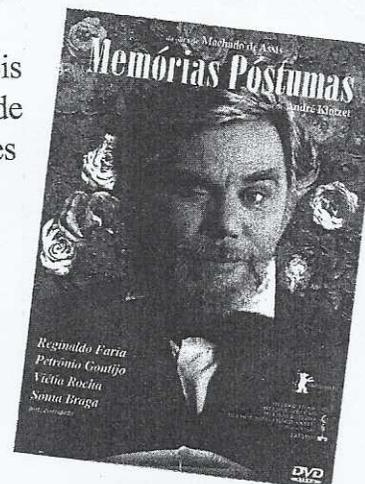
TEXTOS & CONTEXTO



Machado de Assis consagrou-se por sua visão de mundo particular e por seu estilo inigualável. Entre as características mais frequentes das obras machadianas encontram-se a interrupção da narrativa para “conversar” com o leitor e o caráter universal de seus temas – a essência e a aparência, o caráter relativo da moral humana, as convenções sociais e os impulsos interiores, a normalidade e a loucura, o ciúme, a crueldade, as fraquezas e as contradições humanas.

Mestre da ironia e do humor negro, ele revela em seus textos uma visão desencantada da vida e dos seres humanos e, em uma postura pessimista, desmascara o cinismo, a hipocrisia, o egoísmo e o interesse camuflados pelas convenções sociais. Cuida da caracterização detalhada das personagens, intercalando a narrativa com descrições e reflexões sobre os motivos que levam as personagens a agir de determinada maneira.

Neste capítulo, vamos ler e analisar alguns trechos desse romance. Os dois primeiros textos constituem o início do livro: Brás Cubas expõe os objetivos de sua obra e narra sua morte. Os outros relatam episódios de sua vida: os amores da juventude e da vida adulta e o reencontro com um colega de escola.



Texto 1. Ao leitor

Vamos, então, localizar no livro *Memórias póstumas de Brás Cubas* o prólogo, isto é, o prefácio, texto breve que antecede uma obra escrita e que serve para apresentá-la ao leitor. Observe que ele está explicitamente dirigido ao leitor.

1. Quais são a finalidade e o conteúdo do texto introdutório (prólogo) desse romance?

2. Que característica do narrador-personagem sobressai com a citação de Stendhal, Sterne, Xavier de Maistre, famosos escritores da época?

3. “Escrevi-a com a pena da galhota e a tinta da melancolia.”

a) Ao confessar isso ao leitor, o que pretende o narrador?

b) Qual a figura de linguagem presente nessa frase do texto?

4. "...a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual."

a) A palavra *romance* tem o mesmo sentido nas duas vezes em que aparece nessa passagem do texto 1?

b) Explique, agora, o sentido mais geral dessa passagem.

5. A última frase do texto revela preocupação do narrador com a aprovação da obra pelo leitor? Justifique.

6. De acordo com o narrador, as características desse romance o recomendariam ao leitor? Justifique com passagens do prólogo. Diga se essa afirmação é sincera ou se se trata de um truque.

Texto 2. Óbito do autor

O romance memorialista *Memórias póstumas de Brás Cubas* é a autobiografia ficcional do protagonista-narrador. Depois de morto, ele revê sua vida: os amores da juventude; a viagem de estudos à Europa; a morte da mãe; o frustrado noivado com Virgília; o reencontro com ela, anos depois, casada com Lobo Neves; o encontro com o filósofo-louco Quincas Borba, amigo de infância e criador da teoria do Humanitismo; as aspirações políticas; a pneumonia e a morte.

Uma das características dos romances memorialistas é a ausência de linearidade da narrativa, isto é, há inversões na ordem cronológica dos acontecimentos, pois a história segue o fluxo da memória, da consciência. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, na época em que foi escrito, representou uma inovação: um narrador “defunto” contando a própria vida de forma não linear.

Agora, vamos localizar e ler no livro o capítulo I, “Óbito do autor”.

1. O narrador-personagem diz ter optado por iniciar o romance pelo fim, isto é, por sua morte.

a) Qual a justificativa dele para isso?

b) Em sua opinião, há **ironia** nesse modo de iniciar a escrita das memórias? Justifique.

c) Há outras passagens no capítulo em que se percebe ironia?

2. Explique o sentido da frase: “...eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor”.

3. Observe que o narrador continua a dirigir-se explicitamente ao leitor. Transcreva passagens que confirmem isso.

Ironia

Sugere sentido diferente do que a palavra ou expressão costuma significar; decorre do contexto.

4. O narrador continua também a explicitar sua falta de modéstia ao estabelecer nova comparação com outros escritores?

5. Nesse texto, aparecem outras personagens do romance. Quais são elas? A que finalidade serve a omissão do nome de uma delas?

6. O tempo e o espaço estão marcados nesse capítulo? Justifique.

7. Há no texto outra passagem relativa à descrição de ambientes: “Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa ideia no discurso que proferiu à beira de minha cova”.

a) Que tipo de ambiente é descrito nesse trecho?

b) Qual o efeito de sentido provocado pela repetição dos adjetivos *triste* e *constante*?

c) Observe: “chovia uma chuvinha miúda” = “peneirava”. Qual a relação de similaridade presente nessas expressões? Que figura de linguagem existe aí?

8. Por tratar-se de foco narrativo em primeira pessoa, o romance tem passagens intimistas, reflexivas. Exemplifique e justifique.
-
-
-

Texto 3. Marcela: o primeiro amor

“Tinha dezessete anos; pungia-me um **buçozinho** que eu forcejava por trazer a bigode. Os olhos, vivos e resolutos, eram a minha feição verdadeiramente máscula. Como ostentasse certa arrogância, não se distinguia bem se era uma criança com **fumos** de homem, se um homem com ares de menino. [...]

Sim, eu era esse **garção** bonito, **airoso**, abastado; e facilmente se imagina que mais de uma dama inclinou diante de mim a fronte pensativa, ou levantou para mim os olhos cobiçosos. De todas porém a que me cativou logo foi uma...

uma... não sei se diga; este livro é **casto**, ao menos na intenção; na intenção é castíssimo. Mas vá lá;

ou se há de dizer tudo ou nada. A que me cativou foi uma dama espanhola, Marcela, a ‘linda Marcela’, como lhe chamavam os rapazes do tempo. [...]

Era boa moça, **lépida**, sem escrúpulos, um pouco tolhida pela **austeridade** do tempo, que lhe não permitia arrastar pelas ruas os seus **estouvamentos** e **berlindas**; luxuosa, impaciente, amiga de dinheiro e de rapazes. [...]

Era meu o universo; mas, ai triste! não o era de graça. Foi-me preciso **coligir** dinheiro, multiplicá-lo, inventá-lo. [...]

Assim foi que um dia, como eu lhe não pudesse dar certo colar, que ela vira num joalheiro, retorquiu-me que era um simples gracejo, que o nosso amor não precisava de tão vulgar estímulo.

– Não lhe perdoo, se você fizer de mim essa triste ideia, concluiu ameaçando-me com o dedo.



Glossário

Buçozinho: penugem acima do lábio superior.

Fumos: maneiras jactantes, presunçosas; ostentação.

Garção: homem jovem; moço.

Airoso: elegante, esbelto.

Casto: puro, inocente.

Lépida: risonha, jovial, alegre.

Austeridade: seriedade.

Estouvamento: ação própria de quem é leviano, sem juízo, imprudente.

Berlindas: jogos infantis.

Coligir: juntar, reunir.

Glossário

Momo: representação mímica; careta, trejeito.

Marquesa: espécie de sofá com assento de palhinha.

E logo, súbita como um passarinho, espalmou as mãos, cingiu-me com elas o rosto, puxou-me a si e fez um trejeito gracioso, um **momo** de criança. Depois, reclinada na **marquesa**, continuou a falar daquilo, com simplicidade e franqueza. Jamais consentiria que lhe comprassem os afetos. [...]

No dia seguinte levei-lhe o colar que havia recusado.

– Para te lembrares de mim, quando nos separarmos, disse eu.

Marcela teve primeiro um silêncio indignado; depois fez um gesto magnífico: tentou atirar o colar à rua. Eu retive-lhe o braço; pedi-lhe muito que não me fizesse tal desfeita, que ficasse com a joia. Sorriu e ficou.

[...]

Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis, nada menos. Meu pai, logo que teve a aragem dos onze contos, sobressaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raias de um capricho juvenil.

– Desta vez, disse ele, vais para a Europa; vais cursar uma Universidade, provavelmente Coimbra; quero-te para homem sério e não para arruador e gatuno. E como eu fizesse um gesto de espanto: – Gatuno, sim senhor; não é outra cousa um filho que me faz isto...”

Assis, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 38-43, caps. XIV, XV e XVII.

1. Observe a caracterização que o narrador-personagem faz de si mesmo no primeiro parágrafo do texto 3. O modo como age com Marcela é coerente com esses traços? Justifique.

2. Leia as passagens a seguir e explique como se cria por meio delas, aos poucos, uma imagem de Marcela.

a) “...lépida, sem escrúpulos, um pouco tolhida pela austeridade do tempo...”

b) “...amiga de dinheiro e de rapazes.”

c) “Era meu o universo; mas, ai triste! não o era de graça.”

d) “...fez um gesto magnífico: tentou atirar o colar à rua.”

e) “...amou-me durante quinze meses e onze contos de réis, nada menos.”

3. Em sua opinião, nesse romance Marcela é uma personagem principal (protagonista) ou secundária (coadjuvante)? Justifique.

4. “De todas porém a que me cativou logo foi uma... uma... não sei se diga; este livro é casto, ao menos na intenção; na intenção é castíssimo.”

a) O que indicam as reticências e a repetição de *uma* nessa passagem?

b) Em sua opinião, há ironia nessa passagem? Justifique.

5. A atitude do pai também é demonstrativa de seu modo de ser? Exemplifique e explique.

6. Transcreva em seu caderno as passagens do texto 3, conforme o que se pede.

a) Discurso direto, grifando os verbos de dizer.

b) Discurso indireto.

Em Foco

1) Reescreva em seu caderno o texto 3 alterando o foco narrativo para a 3ª pessoa.

2) Comente os efeitos provocados pelas transformações realizadas.

3) Sobre quais classes de palavras recaíram as alterações realizadas no texto 3?

